

MACIEL MONTEIRO

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Biobibliografia dos Patronos

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

❧ MACIEL MONTEIRO

❧ MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Israel Souza Lima



Rio de Janeiro 2012

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Diretoria 2012

Presidente: *Ana Maria Machado*
Secretário Geral: *Geraldo Holanda Cavalcanti*
Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*
Segundo-Secretário: *Marco Lucchesi*
Diretor Tesoureiro: *Evanildo Bechara*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Alfredo Bosi
Antonio Carlos Secchin
Ivan Junqueira

Produção editorial

Monique Mendes

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Marcelo Duque Estrada

Catálogo na fonte:
Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

L732 Lima, Israel Souza, 1924-.
Biobibliografia dos patronos : Maciel Monteiro e Manuel Antônio
de Almeida / Israel Souza Lima. - Rio de Janeiro : Academia Brasileira de
Letras, 2012.

378 p. : fac-síms. ; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto ; v. 15).

ISBN 978-85-7440-249-9

1. Maciel Monteiro, 1804-1868. 2. Almeida, Manuel Antônio de, 1831-
1861. 3. Escritores brasileiros – Biobibliografia. I. Título. II. Série.

CDD 016.B869

Aos jornalistas e escritores
José Ramos Tinhorão e Ubiratan Machado,
pela preciosa colaboração,
os agradecimentos do autor deste trabalho.

Sumário

CADEIRA N.º 27 – Maciel Monteiro

Síntese cronológica	15
Siglas e abreviaturas utilizadas.....	25
Obras de Apoio	31
Obras e opúsculos editados	53
Textos esparsos em outras obras, antologias e periódicos.....	67
Poesias vertidos para outros idiomas	III
Traduções , Fac-símiles e retratos	135
Fortuna crítica.....	155
Fundador e sucessores.....	161

CADEIRA N.º 28 – Manuel Antônio de Almeida

Síntese cronológica	181
Siglas e abreviaturas utilizadas.....	189
Obras de Apoio	195
Obras e opúsculos editados	217
Adaptação para teatro, cinema e televisão.....	307

Textos esparsos em outras obras, antologias e periódicos.....	319
Textos vertidos para outros idiomas	331
Obras de outros autores traduzidas.....	337
Fac-símiles	353
Fortuna crítica.....	359
Fundador e sucessores.....	365

 MACIEL MONTEIRO

Cadeira n.º 27



ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO

*Jerusalém, Jerusalém,
que matas os profetas, e
apedrejas os que te são enviados!
Quantas vezes quis eu ajuntar
os teus filhos, como a galinha
ajunta os seus pintos debaixo
das asas, e tu não quiseste!*

Evangelho de S. Mateus, 23:37

“Cabe-nos aqui fortalecer uma revisão que Sílvio Romero tinha indicado em sua História: o introdutor do Romantismo no Brasil, não foi, na realidade, o Magalhães dos *Suspiros poéticos*, mas o quase desconhecido Maciel Monteiro, o maior vulto do período de transição, se não o considerarmos, como é realmente, o primeiro romântico do Brasil, na ordem cronológica”. [...] “E note-se que se Maciel Monteiro é anterior a Gonçalves de Magalhães, vistas as coisas pelo lado cronológico, pelo lado poético é dezenas de vezes superior ao celebrado autor dos *Suspiros poéticos*”.

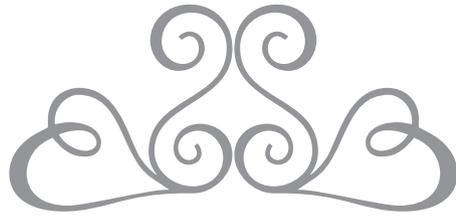
WILSON MARTINS (1921-2010)

Interpretações, 1946,

pp. 277-278.

Depoimento de um contemporâneo: “Deliberando seguir a carreira diplomática partiu em 1853 para Lisboa, em cuja corte foi acreditado como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil. Durante a sua vida diplomática sempre gozou das mais subidas e significativas honras, respeito e consideração. Grandes foram os serviços prestados pelo conselheiro Maciel Monteiro à sua pátria nessa difícil e melindrosa missão, especializando-se os que prestou contra a numerosa quadrilha de moedeiros falsos, que de Lisboa infestavam o Brasil, e por cujo serviço teve em remuneração o título de Barão de Itamaracá, com as honras de grandeza. Maciel Monteiro não só era grande e eloquente orador, médico distinto, político consumado e habilíssimo diplomata, como também elegante, maviioso, e inspirado poeta”.

Francisco Augusto Pereira da Costa
(1851-1924) – *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*,
Recife, 1882, p. 159.



Síntese Cronológica



SÍNTESE CRONOLÓGICA

1804

Aos 30 de abril, no arrabalde do Poço da Panela, na cidade do Recife (PE), nasce Antônio Peregrino Maciel Monteiro, futuro 2.º Barão de Itamaracá (1860), filho do então capitão comandante agregado dos auxiliares da Capitania de Pernambuco Manuel Francisco Maciel Monteiro, formado em Direito aos 20 de outubro de 1779, e em Matemática, aos 14 de outubro de 1780, pela Universidade de Coimbra (e não em 1784 como informam alguns biógrafos), e de d. Manuela Lins de Melo. Era sobrinho pelo lado paterno do 1.º Barão de Itamaracá (1843) Tomás Antônio Maciel Monteiro (também filho de Antônio Francisco Monteiro, irmão de seu pai), que igualmente, cursou a Universidade de Coimbra, formando-se em Matemática aos 15 de outubro de 1803; em Filosofia, aos 17 de outubro de 1803; em Direito, aos 23 de outubro de 1804. Foi deputado por Pernambuco em 1826-1829, e, como Vice-Presidente da Província, substituiu ao então Presidente Francisco do Rego Barros (1802-1870), de 14 de outubro a 3 de novembro do 1840.

1811

Antônio Peregrino, aos sete anos, cursa as primeiras letras com o professor Máximo Pereira dos Passos, no Recife. Depois, faz os preparatórios na cidade de Olinda, de onde saiu preparado para matricular-se em cursos superiores.

1818

Com apenas 14 anos de idade, é nomeado alferes da guarda de honra do governador e capitão-general Luís do Rego Barreto.

1823

Aos 23 de maio, embarca para a França, matriculando-se na Universidade de Paris. Aos 16 de novembro de 1824, recebe o grau de Bacharel em Letras. Aos 8 de abril de 1826, o de Bacharel em Ciências.

1829

Aos 11 dias de maio, perante a Congregação da Faculdade de Medicina de Paris, apresenta e defende a tese de doutoramento *DISSERTATION sur la nature, les symptomes de l'inflammation de l'arachnoïde, et son rapport avec l'encéphalite*, obtendo, assim, o título de Doutor em Medicina.

De posse do diploma, aos 29 de setembro do mesmo ano, contando 25 anos de idade, retorna ao Recife (PE).

1830

Aos 30 de agosto, é eleito sócio correspondente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, instalada solenemente aos 24 de abril do mesmo ano. A partir de 1835, passou a se chamar Academia Imperial de Medicina, e hoje, Academia Nacional de Medicina.

Por essa época, o Dr. Maciel Monteiro já clinicava no Recife.

1831

Consta ter sido nomeado para o cargo de Provedor de Saúde do Porto de Pernambuco, função afeta ao governo municipal.

Aos 2 de junho, é eleito segundo-secretário da recém-criada “Sociedade Patriótica Harmonizadora”, na cidade do Recife, que teve destacada atuação na “Setembrada” (1831), na “Abrilada” (1832), e na “Cabanada (1832-1833).

No dia 7 de Setembro, nas comemorações da Independência do Brasil, em espetáculo de gala no Teatro Público do Recife, é

cantado em cena aberta o “Hino ao 7 de Setembro” (*Quão risonho no horizonte*), composto especialmente para essa solenidade, letra de Maciel Monteiro e música do maestro José Lima. Esse hino foi publicado pelo Diário de Pernambuco, N.º 196, de 14 de setembro do mesmo ano.

1832

Aos 7 de fevereiro, no Recife, casa-se com a senhorinha Ana Martins, pernambucana, que veio a falecer em 13 de agosto de 1872, no Recife, quando já viviam separados há longo tempo.

Participa de uma comissão médica nomeada pelo então presidente da Província (Tomás Xavier Garcia de Almeida, 1792-1870), para fazer frente a uma suspeita de casos de cólera-morbo.

1834

É eleito Deputado à Assembleia Geral Legislativa, pela Província de Pernambuco, na 3.ª legislatura (1834-1837).

1837

Ao ser organizado o primeiro Gabinete do Partido Conservador, a 19 de setembro; sob a regência de Pedro de Araújo Lima (1793-1870), futuro Marquês de Olinda, Maciel Monteiro, com apenas 33 anos de idade, é o escolhido para Ministro dos Negócios Estrangeiros. Ao cair o Gabinete, aos 16 de abril de 1839, Maciel Monteiro reassume sua cadeira de deputado, na 4.ª legislatura.

1838

Publicação do *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros* apresentado à Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinária

de 1838, datado de maio desse ano, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1838, 28 p.

É novamente eleito à Assembleia Geral Legislativa, pela Província de Pernambuco, na 4.^a legislatura, período de 03-05-1838 a 21-II-1841.

1839

Na Sessão de 16 de março, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, é lida carta de Maciel Monteiro aceitando o título de Sócio Correspondente que lhe fora oferecido, provavelmente na sessão de 01-12-1838, e ato contínuo, considerado empossado.

Aos 20 de novembro, assume o cargo de Diretor do Curso Jurídico de Olinda (PE), nomeado que fôra pelo Regente Pedro de Araújo Lima, futuro Marquês de Olinda (1854), por Decreto de 18 de junho desse mesmo ano, permanecendo no cargo até 1844. Consta que ao afastar-se dessa função teria confessado ao amigo Autran: “Nasci para viver de amores e não para dirigir estudantes”.

1841

Aos 4 de abril, instala-se no Recife a Sociedade de Medicina de Pernambuco, tendo como um dos fundadores e seu primeiro presidente a Maciel Monteiro.

Aos 17 de julho, é agraciado com o título de “Conselheiro” do Imperador D. Pedro II; no dia seguinte, dia da Sagração e Coroação do Imperador, este lhe outorga a Ordem Imperial do Cruzeiro, no grau de Oficial.

1842

Publicação do *Discurso* recitado pelo Senhor Doutor Antônio Peregrino Maciel Monteiro, Presidente da Sociedade de Medicina

de Pernambuco, no ato da instalação da mesma Sociedade, no dia 4 de abril de 1841, nos *ANAEs* da Medicina Pernambucana, Ano 1.º, N.º 1.º, outubro de 1842, páginas 9-17.

1843

Maciel Monteiro é eleito Deputado pela Província de Pernambuco, na 5.ª Legislatura, período de 01-01-1843 a 24-05-1844.

1845

Convidado para presidir o recém-criado Conselho Geral de Salubridade Pública da Província de Pernambuco, recusa o convite.

1849

Desejando ingressar na carreira diplomática, em carta de 4 de junho recorre ao futuro Marquês de Olinda, de quem já fôra Ministro em 1837-39, porém, nada conseguindo, retorna à política.

1850

É eleito, novamente, Deputado Geral pela Província de Pernambuco, na 8.ª Legislatura, período de 01-01-1850 a 04-09-1852, assumindo a presidência da Câmara dos Deputados.

1851

Em consequência da epidemia de febre amarela que há um ano vinha fazendo muitas vítimas, o Presidente da Província de Pernambuco (Vítor de Oliveira), nomeia uma Comissão Médica presidida por Maciel Monteiro para, imediatamente, tomar as medidas necessárias.

1852

Aos 26 de abril, Maciel Monteiro nomeado Diretor da Instrução Publica de Pernambuco.

Ainda nesse ano, quase ao final da 8.^a Legislatura (1850-1852), assume a Presidência da Assembleia Geral, e se reelege para a seguinte.

1853

É eleito Deputado Geral na 9.^a Legislatura, período de 1853-1855, exercendo o cargo de 3 de maio a 3 de setembro. Por ter sido designado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil em Portugal, em 3 de setembro, deixa a presidência do legislativo, e aos 12 de outubro, embarca para Lisboa, onde permanece até sua morte, em 5 de janeiro de 1868.

1854

É condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, e Comendador da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa, ambas de Portugal.

1855

É agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de São Gregório Magno da Santa Sé, e a Grã-Cruz da Ordem Constantiana das Duas Sicílias.

Pelo Decreto de 14 de março, é condecorado com a Imperial Ordem da Rosa, no grau de Grande Dignitário pelo Imperador D. Pedro II.

Assina a Convenção para a prevenção e repressão do crime de falsificação de moedas e papéis de crédito com o curso legal no Brasil e em Portugal.

1860

Por decreto de 7 de Abril, Maciel Monteiro é agraciado com o título de Barão de Itamaracá. Tornou-se o segundo com esse título, em virtude de seu tio, o magistrado e político Tomás Antônio Maciel Monteiro, falecido em 1847, ter sido o primeiro Barão de Itamaracá (em 11 de setembro de 1843).

1868

No dia 5 de janeiro, às 17 horas e 45 minutos, no Hotel Bragança, em Lisboa, onde residia, falece Maciel Monteiro.

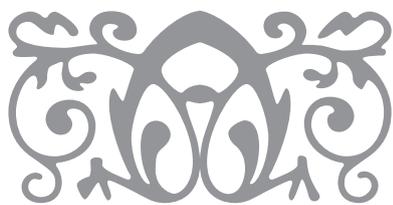
Exercia ali o cargo de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Sua Majestade o Imperador do Brasil junto de Sua Majestade Fidelíssima, o Rei de Portugal. O seu corpo foi embalsamado e o sepultamento deu-se somente no dia 8, às 14 horas, no Cemitério de Nossa Senhora dos Prazeres. Luiz de Castro Sousa, em seu excelente estudo *O Poeta Maciel Monteiro – De Médico a Embaixador*, Recife, 1975, do qual muito nos servimos, à p. 129, assim descreve sua última morada: “Depois de dois anos decorridos, os despojos de Maciel Monteiro são trasladados para Pernambuco, pelo brigue português “Bela Figueirense” que chegou ao Recife a 24 de setembro de 1870. Somente na manhã do dia 1.º de outubro de 1870, pelas 7 horas o féretro desce à terra, no cais da rua da Aurora, transportado por um escaler que ia seguido de outros barcos. Acolhido reverentemente pelo povo, logo a seguir inicia o cortejo acompanhado pela Irmandade do SS. Sacramento até à Matriz da Boa Vista e ali permanece aguardando a conclusão do mausoléu. Após o officio religioso que se procedeu, o poeta Dr. Antônio Rangel de Torres Bandeira [1826-1872] declama uma sentida poesia e depois fala o Dr. Aprígio Justiniano da Silva

Guimarães [1832-1880] em nome de todo o Estado, entregando a Deus a sua alma e à posteridade o seu nome imortal”.

1872

A 6 de dezembro, os restos mortais foram depositados em um belo monumento de mármore, no Cemitério Público, mandado erigir pela Câmara Municipal do Recife, sobre o qual se lê a seguinte inscrição: “À MEMORIA / DO CONSELHEIRO / ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO / 2.º BARÃO DE ITAMARACÁ / MANDOU LEVANTAR ESTE MODESTO / MONUMENTO / A CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE / 24 DE AGOSTO DE / 1872”.

Siglas e Abreviaturas



Utilizadas

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS
PARA REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS
(Ordem cronológica)

- SILVA, Inocêncio Francisco da (1810-1876) – *Dicionário Bibliográfico Português* – Estudos aplicados a Portugal e ao Brasil. Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 + 3 vols. Foi continuado e ampliado por Brito Aranha (1833-1911), a partir do Tomo X (1883). Foi reimpresso em edição fac-similar, em Lisboa, em 1972. Maciel Monteiro encontra-se no Tomo VIII (1867), pp. 268-269.
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves SACRAMENTO (1827-1903) – *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional (e) Imprensa Nacional, 1883-1902, 7 vols. Foi reimpresso pelo Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, em edição fac-similar, em 1970. Maciel Monteiro acha-se no volume I.º (1883), pp. 278-280.
- NEVES, Fernão (pseud. de Fernando Nery, 1885-1948 – *A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS*. Notas e Documentos para a sua História (1896-1940), prefácio de Afrânio Peixoto (1876-1947), Rio de Janeiro, Publicação da Academia Brasileira de Letras, 1940. Maciel Monteiro, p. 167.
- PERDIGÃO, Henrique (1880-1944) – *Dicionário Universal de Literatura* (Biobibliográfico e Cronológico), 2.ª edição, ilustrada, Porto, Edições Lopes da Silva, 1940, p. 255. (A 1.ª ed. é de Barcelos, 1934).

MENEZES, Raimundo de (1903-1984) – *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*, S Paulo, Edição Saraiva, 1969, 5 vols., paginação contínua. Maciel Monteiro, vol. III, pp. 849-850. Na 2.^a edição revista, aumentada e atualizada (sem as ilustrações da 1.^a ed.), em volume único, Maciel Monteiro encontra-se à p. 452.

PARA BIBLIOTECAS CONSULTADAS

- ABL – Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, RJ
- AG – Biblioteca da “Coleção Adyr Guimarães” na Faculdade de Letras, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ
- BMA – Biblioteca “Mário de Andrade”, da Prefeitura de São Paulo
- BN – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ
- IEB – Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP, Cidade Universitária, São Paulo, SP
- IHGB – Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, RJ
- ISL – Biblioteca particular de Israel Souza Lima, organizador deste trabalho, São Paulo, SP
- RGPL – Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ

Obras de Apoio



OBRAS DE APOIO

- ALMEIDA, F. M. Raposo de (Francisco Manuel R. de A., 1817-1886) – *Curso de Literatura Brasileira* – Nona Conferência – Poetas Pernambucanos, *Diário de Pernambuco*, Recife, 6 de fevereiro de 1863.
- ARAÚJO, Carlos da Silva (1894-1976) – *Achegas para um estudo biográfico de um evadido da Medicina* – MACIEL MONTEIRO, “O Homem do Soneto”, Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1953.
- AUTUORI, Luís (1903–) – *Os Quarenta Imortais* (Academia Brasileira de Letras), Rio de Janeiro, (Edição do Autor), 1945, p. 273.
- AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de (1895-1979) – UM SONETO CÉLEBRE – “Maciel Monteiro versus Candiani” posfácio. Separata do N.º 86 da *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, 1976.
- AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente de (1875-1924) – *Efemérides da Academia Brasileira Letras* (Até 1920). Separata da *Revista Academia*, Rio de Janeiro, “Anuário do Brasil”, 1926, pp. 8 e 49. Na edição das *Efemérides* (Atualizada até 1940), publicada em 1942, pp. 9 e 63; na edição de 1972, pp. 8 e 32; na edição do Centenário, 1997, pp. 2 e 37.
- BARBUDA, Pedro Júlio (1853-1937) – *Língua portuguesa* – Quarta Parte – *Literatura Brasileira*, Bahia, Estab. dos Dois Mundos, 1916, pp. 401-403.

_____. *Língua portuguesa – Quinta Parte – Crestomatia*, Bahia, Oficina dos Dois Mundos, 1909, pp. 304-307.

BARRETO, Dantas (Emídio D. B., 1850-1931) – “Maciel Monteiro” – Trabalho lido pelo Sr. Ataulfo de Paiva (1867-1955), na sessão de 19 de agosto de 1920, e publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Vol. VII – Dezembro de 1920, N.º 16, pp. 205-223.

BARROS, Jaime de (J. de B. Gomes, 1908–) – *Poetas do Brasil*, Rio de Janeiro, 1944, p. 61.

BEVILÁQUA, Clóvis (1859-1944) – *História da Faculdade de Direito de Recife*, 2.ª edição, comemorativa do Sesquicentenário da instauração dos cursos jurídicos no Brasil (1827-1977), Brasília, DF, INL, Conselho Federal de Cultura, 1977, pp. 74-76.

BRINCHES, Victor (V. Manuel Fernandes B.) – *Dicionário Biobibliográfico Luso-Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, Brasil / Portugal, 1965, p. 416.

BROCA, Brito (José B. B., 1904-1961) – *Românticos – Pré-Românticos – Ultra-Românticos*, São Paulo, Polis / INL-MEC, Brasília, 1979, pp. 55-58 e 341 Reunião de trabalhos publicados anteriormente.

CALASÃS, Pedro (P. Luziense de Bittencourt C., 1837-1874 – “A. P. Maciel Monteiro”, *Clarim Literário*, Recife, vol. I.º, N.º 8, junho de 1856.

CARLOS DA SILVA ARAUJO

**ACHEGAS
PARA UM ESTUDO BIOGRÁFICO
DE UM EVADIDO DA MEDICINA**

MACIEL MONTEIRO,
«O HOMEM DO SONÊTO»

Trabalho apresentado ao II Congresso
Brasileiro de História da Medicina.

Recife, 19 a 25 de Julho de 1953.

**EDITORA A NOITE
RIO DE JANEIRO
1953**

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO

UM SONETO CÉLEBRE

MACIEL MONTEIRO versus CANDIANI

Posfácio

SEPARATA DO N° 86 DA
REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

São Paulo
1976

CÂMARA, Faelante da (Francisco F. da C., 1862-1909) – “Maciel Monteiro” – Discurso, sem assinatura, acompanhado de retrato, resumo biográfico em nota de pé de página e reprodução de poesias, em *Cultura Acadêmica* – Ciências e Letras, Recife, 25 de dezembro de 1904, Ano I, vol. I, Tomo I, fascículo III, pp. 205-219.

_____. “Maciel Monteiro” Recife. “A Cultura Acadêmica” Editora. 1905.

CÂNDIDO, Antônio (A.C. de Melo e Sousa, 1918-) — “Barão contra visconde”, Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, n.º 18, 19 fev. 1957, p. 4

CARPEAUX, Otto Maria (1900-1978) – *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, MES – Serviço de Documentação, 1951, pp. 77-78. Na 3.ª ed., de 1964, pp.80-81.

CARVALHO, Alfredo de (A. Ferreira de C., 1870-1916) – NOTAS ao volume de *POESIAS* de Maciel Monteiro, Recife, 1905, pp. 161-192.

CARVALHO, Ronald de (1893-1935) – *Pequena História da Literatura Brasileira*, pref. de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1919, p. 209. Na 5.ª ed. revista e aumentada, a última revista pelo Autor, publicada em 1935, p. 213.

CASTELLO, José Aderaldo (1921- 2011) – “Maciel Monteiro”, introdução ao volume de *POESIAS* de Maciel Monteiro, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1962, pp. 7-35 e 190 notas de pé de página, da p. 7 à 123.

- _____. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*, S.Paulo, Editora da Universidade de S.Paulo, 1999, 2 vols. MACIEL MONTEIRO, vol. I, pp. 126, 127 e 453; vol. II, p. 573.
- CAVALHEIRO, Edgard (1911-1958) – PANORAMA DA POESIA BRASILEIRA – Vol. II – *O Romantismo*, Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1959, pp. 3-5.
- COSTA, Pereira da (Francisco Augusto P. da C., 1851-1924) – *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, Recife, Tip. Universal, 1882, pp. 156-165.
- COSTA, Regueira (João Batista R.. C., 1845-1915) – “A Lírica de Maciel Monteiro”, na edição das POESIAS de Maciel Monteiro, Recife, 1905, pp. I a LIV, e em plaquete avulsa no mesmo ano.
- COUTINHO, Afrânio (A. dos Santos C., 1911-2000) – *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Direção de Afrânio Coutinho e J.(osé) Galante de Sousa (1913-1986), Rio de Janeiro, Ministério da Educação – FAE (Fundação de Assistência ao Estudante), 1990, 2 vols., com paginação contínua. MACIEL MONTEIRO encontra-se no volume 2, pp. 929-930. Na 2.^a edição revista, ampliada, atualizada e ilustrada sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho, S.Paulo, Global; Rio de Janeiro, FBN/ABL, 2001, vol. 2, pp. 1099-1101. Verbete de J. Galante de Sousa, da 1.^a ed.
- DEIRÓ, Eunápio (Pedro E. da Silva D., 1829-1909) - “MACIEL MONTEIRO”, *Revista Brasileira*, Midosi, Rio de Janeiro, Tomo VIII, 1881, pp. 411-415.

DICIONARIO BIOGRAPHICO
DE
PERNAMBUCANOS CELEBRES

POR

Francisco Augusto Pereira da Costa

NATURAL DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Não me mandas contar estranha historia ;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.
.....
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum prego do ninho meu paterno.
Cemões.

RECIFE
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua do Imperador n. 50

1882

Regueira Costa

(Da Academia Pernambucana)

A LYRICA

DE

Maciel Monteiro



IMPRESA INDUSTRIAL

Ignacio Nery da Fonseca

Rua Visconde de Itaparica n. 49 e 51—RECIFE

1908

- DÓRIA, Escragnonle (Luís Gastão d'E. D., 1869-1948) – “MACIEL MONTEIRO (30-4-1804)”, *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano XXVI, N.º 19, 2 de maio de 1925, p. 16, acompanhado de fotos.
- FARIA, Alberto (1869-1925) – *Aérides* – Literatura e folclore, Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1918, pp. 195-199.
- FERNANDES, Aníbal – *A Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, número de 7 de setembro de 1921.
- FERREIRA, Luís Pinto (1918-) – *História da Literatura Brasileira*, vol. I, Caruaru (PE), Ed. da Faculdade de Direito de Caruaru, 1981, pp. 224-228 e 238.
- FERREIRA (Sobrinho), Júlio Pires (1868-1930) – “Antônio Peregrino Maciel Monteiro, Barão de Itamaracá”, *Almanaque de Pernambuco* para o Ano de 1899, Recife, 1898, pp. V-XXXVII.
- FLEIUS, Max (1868-1943) – *Recordando* (Casos e perfis), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941, pp. 173-176.
- GALERIA NACIONAL – *Vultos Proeminentes da História Brasileira*, 1.º fasc., editado pelo “Jornal do Brasil”, Rio de Janeiro, 1931, p. 72.
- GAMA, Chichorro da (Antônio Carlos C. da G., 1862-1929) – *Românticos Brasileiros* (Apontamentos sobre alguns), Rio de Janeiro, F. Briguiet & C., Livreiros-Editores, 1927, pp. 7-II.

GIFFONI, O.(rsini) Carneiro (1912-1974) – *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro de Escritores Médicos (1500-1899)*, S.Paulo, Livraria Nobel, 1972, p. 165.

GRIECO, Agrippino (1888-1973) – *Evolução da Poesia Brasileira*, Rio de Janeiro, Ariel, Editora, 1932, pp. 31-32. Na 2.^a edição, Rio de Janeiro, H. Antunes, 1944, pp. 28-29.

GUIMARÃES, Aprígio Justiniano da Silva (1832-1880) – “Galeria do Jornal do Recife – O Conselheiro Maciel Monteiro”, *Jornal do Recife*, N.º 30, 23 de julho de 1859, sob o pseudônimo de AGRIPPA.

_____. *DISCURSOS E DIVERSOS ESCRITOS*, Recife, 1872, pp. 440-442.

GUIMARÃES, Argeu (A. de Segadas Machado G., 1892-1967) – *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro – De Diplomacia, Política Externa e Direito Internacional*, Rio de Janeiro, (Edição do Autor), 1938, p. 233.

_____. *Cafarnaúm*, Rio de Janeiro, Org. “Simões”, 1956, pp. 57, 122 e 139-146.

JORGE, Fernando – “Vinicius de Moraes e Maciel Monteiro eram plagiários?” *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte (MG), Ano 85.º, vol. XLVIII, Abril-Maio-Junho de 2008, pp. 155-158.

LEMONS, Mariano (M. Barbosa de L., 1886-1960), org. – *História Geral da Literatura Pernambucana – Poetas da Academia (Séculos XVI a XX)*, Recife (PE), Ed. da Academia Pernambucana de Letras, 1955, pp. 41-45

- LIMA, Jackson da Silva – *História de Literatura Sergipana*, vol. II, Fase Romântica, Aracaju (SE), FUNDESC – Fundação Estadual de Cultura, 1986, pp. 31, 35, 150, 152 e 529.
- LIRA, Tavares (Augusto T. de L., 1872-1958) – *Instituições Políticas do Império*, introdução de Carlos Tavares de Lira, Brasília (DF), Senado Federal, 1979, pp. 232-233.
- MACEDO, Joaquim Manuel de (1820-1882) – *Ano Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tip. e Lit. do Imperial Instituto Artístico, 1876, 3.º Vol., pp. 95-98, com erro na data de nascimento.
- MACHADO, Ubiratan – *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001, pp. 57-58, 61, 117, 133, 134, 136, 170, 173, 278 e 282.
- MAGALHÃES, Luís – “MACIEL MONTEIRO”, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1950.
- MARTINS, Mário R. (Odrigues) (1903-1968) – *A Evolução da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Outubro, 1945, p. 67.
- MARTINS, Wilson (1921-2010) – *Interpretações* (Ensaio de crítica), Rio de Janeiro, José Olympio, 1946, pp. 277-278.
- MELO, Teixeira de (José Alexandre T. do M., 1833-1907) – *Efemérides Nacionais*, publicadas na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, e reimpressas em 2 volumes. Maciel Monteiro, no Tomo I, pp. 11-12.
- MONTELLO, Josué (1917-2006) – *Anedotário Geral da Academia Brasileira*, 2.ª ed., S.Paulo, Livraria Martins Editora, 1974, pp. 437-438. Na 3.ª edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980, p. 448.

- MONTENEGRO, Olívio (O. Bezerra M., 1896-1962) – *Memórias do Ginásio Pernambucano*, Recife, (Imprensa Oficial.), 1943, pp. I02-I03 e I08.
- MORAIS, Francisco de, org. – *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872)*, Rio de Janeiro, (Ministério da Educação e Saúde – Biblioteca Nacional), Imprensa Nacional, 1943, p. 3I, verbete n.º 195; p. 8I, verbete n.º 365 e p. 185 (Índice).
- MORAIS, Lamartine (José L. M. de Albuquerque, 1936-) – *Dicionário Biobibliográfico de Poetas Pernambucanos*, Recife (PE), FUNDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco), 1993. MACIEL MONTEIRO, que é Patrono da Cadeira n.º 7 da Academia Pernambucana de Letras, cujo fundador é Regueira Costa (João Batista Regueira Costa, 1845-1915), encontra-se às pp. 209-211. Lamartine Morais é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Sua obra é voltada para as áreas didáticas e paradidáticas
- MORAIS FILHO, Melo (Alexandre José de M. M. F., 1844-1919) – *Fatos e Memórias*, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1904 p. 149, revelando-nos também um episódio até hoje pouquíssimo conhecido dos biógrafos de Maciel Monteiro: “Registrando um fato inédito e com relação ao assunto [a constante frequência de escritores à Loja do Chá, de Paula Brito, e aos festivais líricos], asseguramos que sobre o balcão daquela memorável loja escrevera Maciel Monteiro o célebre soneto *Formosa qual píncl em tela fina*, dedicado à cantora Candiani e profusamente espalhado sobre os espectadores [certamente como folha volante] numa noite de delirante entusiasmo”.

Carlotta Augusta Candiani, nasceu em Milão (Itália) em 1820, veio para o Rio de Janeiro em 1843, e aí morreu em 28 de fevereiro de 1890, no bairro de Santa Cruz, então região rural, zona oeste.

Observe-se também que M.M. lhe dedicara ainda outro soneto, escrito em 1850, após uma récita da cantora no Teatro Santa Isabel, do Recife, cujos dois primeiros versos são: *Em que fonte de canto e de doçura / bebeste, ó Candiani, voz divina.*

MOREIRA, Rangel (Jerônimo Silvano R. M., 1888-1936) – “O que tem dado Pernambuco à história da nossa literatura” (Conferência realizada no “Mackenzie College”, em 1912), São Paulo, Empresa Tipográfica Editora “O Pensamento”, s.d. MACIEL MONTEIRO, pp. 16 e 61-63).

MOTA, Fernando de Oliveira (1916-) – *Antologia de Poetas Pernambucanos*, Recife, 1945.

MUNIZ, Artur (1870-1924) – “MACIEL MONTEIRO” – Discurso do orador oficial, na sessão magna de 30 de abril de 1904 da Academia Pernambucana de Letras, publicado as pp. 195-216 do volume de *POESIAS de Maciel Monteiro*, publicado pela Academia Pernambucana de Letras, sob a Direção de J.B. Regueira Costa, Recife, 1905.

NOGUEIRA, Octaciano – e – FIRMO, João Sereno – *Parlamentares do Império* (Obra Comemorativa do Sesquicentenário da Instituição Parlamentar no Brasil), Brasília (DF), Centro Gráfico do Senado Federal, 1973. MACIEL MONTEIRO, às pp. 292-293.

- OLIVEIRA, José Teixeira de (-2004), org. – *Dicionário Brasileiro de Datas Históricas*, 3.^a edição (refundida, ampliada e atualizada), Belo Horizonte / Rio de Janeiro, Editora Itatiaia, 1992, pp. 37, 339 e 806 (Índice). Na 4.^a edição refundida, ampliada e atualizada até 31-12-2000, Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 2002, MACIEL MONTEIRO encontra-se às pp. 47, 545 e 1335 (Índice).
- OMEGNA, Néelson(1903-1987) – “Um pouco da estória dos apelidos” (Doutor Cheirosa), *Correio Popular*, Campinas (SP), 12 de fevereiro de 1976.
- ORICO, Osvaldo (1900-1981) – “O Galã do Segundo Império” (Maciel Monteiro), *O Malho*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1933, p. 13.
- PAIS, José Paulo (1926-1998) – *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, organizado e dirigido por José Paulo Pais e Massaud Moisés, São Paulo, Cultrix, 1967, p. 165. Na 2.^a edição revista, atualizada e ampliada por Massaud Moisés, São Paulo, Cultrix, 1980, p. 276.
- PARANHOS, Haroldo (H. de Freitas P., 1883-) – *História do Romantismo no Brasil*, São Paulo, Edições Cultura Brasileira, (1938), 2 volumes. MACIEL MONTEIRO acha-se no Vol. I, pp. 450-458.
- PEIXOTO, Afrânio (Júlio A.P., 1876-1947) – *Noções de História da Literatura Brasileira*, Francisco Alves, 1931, pp. 220-221.
- _____. *Panorama da Literatura Brasileira*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940, pp. 316-317. É o volume 2 da coleção “Livros do Brasil”.

SENADO FEDERAL

**PARLAMENTARES
DO
IMPÉRIO**

(OBRA COMEMORATIVA DO SESQUICENTENÁRIO
DA INSTITUIÇÃO PARLAMENTAR NO BRASIL)

OCTACIANO NOGUEIRA E JOÃO SERENO FIRMO

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
BRASÍLIA - 1973

PEREIRA, França (Luís de F. P., 1870-1925) - “MACIEL MONTEIRO”,
in Cultura Acadêmica – Ciências e Letras, Recife (PE), 24 de
 junho de 1905, Ano I, Vol. I, Tomo III, fasc. III, pp. 201-
 210.

PIMENTEL, Elpídio (1894-1971) – *Noções de Literatura* (Compêndio
 Didático), Vitória (ES), Tip. do “Correio da Manhã”,
 1918, pp.181-182.

PINHO, Wanderley (José W. de Araújo P., 1890-1967) – *Salões e
 Damas do Segundo Reinado*, São Paulo, Editora Martins, 1942,
 pp. 136-138 e 293-294.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (1919-1992), org – *Poesia
 Romântica – Antologia*, São Paulo, Melhoramentos, 1965,
 pp. 94-97.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS DO BRASIL DE 1808 a 1912 – Publicação
 organizada pelo Primeiro Oficial da Secretaria de Estado
 das Relações Exteriores, Raul Adalberto de Campos
 (1878-1929), com um prefácio do Professor Dr. Sá Viana
 (Manuel Álvaro de Sousa Sá Viana, 1860-1923), Rio de
 Janeiro, Tip. do “Jornal do Comércio” de Rodrigues & C.,
 1913, p. 94, N.º 3, com erro na data de sua morte, que é 5
 de janeiro, em vez de 27 de junho de 1868, como aí está.

Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, vol. 7, Dezembro
 de 1920, N.º 16, pp. 205-223.

RIO BRANCO, BARÃO DO (José Maria da Silva Paranhos Jr., 1845-
 1912) – *Efemérides Brasileiras*, publicação do Instituto
 Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, “em
 conformidade com o manuscrito do autor”, Rio de Janeiro,

(1918), pp. 10 e 255. Na edição publicada pelo Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946, às pp. II, 220, 44I e 657.

ROMERO, Sílvio (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R., 1851-1914) – *História da Literatura Brasileira (1500-1877)*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1888, 2 vols. MACIEL MONTEIRO, Tomo I (1500-1830), pp. 437-455. Na 3.^a edição, aumentada, organizada e prefaciada por seu filho Néelson Roméro (1890-1963), Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, em 5 volumes. Tomo II, p. 254; III, 12, 13-27, 51, 83, 99, 280, 320; V, 231, 232, 269, 425, 428, 437 e 467.

ROMERO, Sílvio – e – RIBEIRO, João (J. Batista R. de Andrade, 1860-1934) – *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, 2.^a edição refundida, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1909, pp. 196 e 483-493.

SILVA, Oliveira e (Francisco O. e S., 1897-) – *Coletânea de Poetas Pernambucanos*, Rio de Janeiro, Editora Minerva, 1951, p.19.

SETTE, Mário (1886-1950) – “MACIEL MONTEIRO”, *Revista Brasileira*, (publicada pela Academia Brasileira de Letras), Rio de Janeiro, Ano VI, Abril de 1948, N.º 20, pp. 87-90.

SOUZA, Luiz de Castro (1924-) – *O Poeta Maciel Monteiro – De Médico a Embaixador (1804-1868)*, Recife, Prefeitura Municipal do Recife – Secretaria de Educação e Cultura – Conselho Municipal de Cultura, 1975.

WANDERLEY PINHO

SALÕES E DAMAS
DO
SEGUNDO REINADO



DESENHOS DE
J. WASTH RODRIGUES

LIVRARIA MARTINS — EDITORA
Rua 15 de Novembro, 135
São Paulo

(1942)

- VAUTHIER, Louis Léger (-) – *Dicionário Íntimo do Engenheiro Vauthier*, prefácio e notas de Gilberto Freyre (1900-1987). Rio de Janeiro, Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940, pp. 77-78.
- VEIGA, Bernardo Saturnino da (1842-1901), org. – *Enciclopédia Popular* (Leituras Úteis), Campanha (MG), Tip. do “Monitor Sul-Mineiro”, 1879, p. 564, que por engano está “654”.
- VERÍSSIMO, José (J. V. Dias de Matos, 1857-1916) – *Renascença* – Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes, Rio de Janeiro, Ano III – Março de 1906, N.º 25, pp. 93-97: “Uma lenda literária” (sobre Maciel Monteiro).
- _____. *História da Literatura Brasileira* (De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908), 1.º Milheiro, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1916.
- No 3.º Milheiro, publicado em 1929 pela mesma editora, p. 238.
- VÍTOR, d’Almeida (Edgar Baiense d’Almeida e Brito e Vítor, 1914-1983) – *Ad Immortalitatem* – Síntese Histórica da Academia Brasileira de Letras. Separata do “Anuário Brasileiro de Literatura” de 1942. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1943. MACIEL MONTEIRO, p. 115.

LUIZ DE CASTRO SOUZA

O POETA
MACIEL MONTEIRO

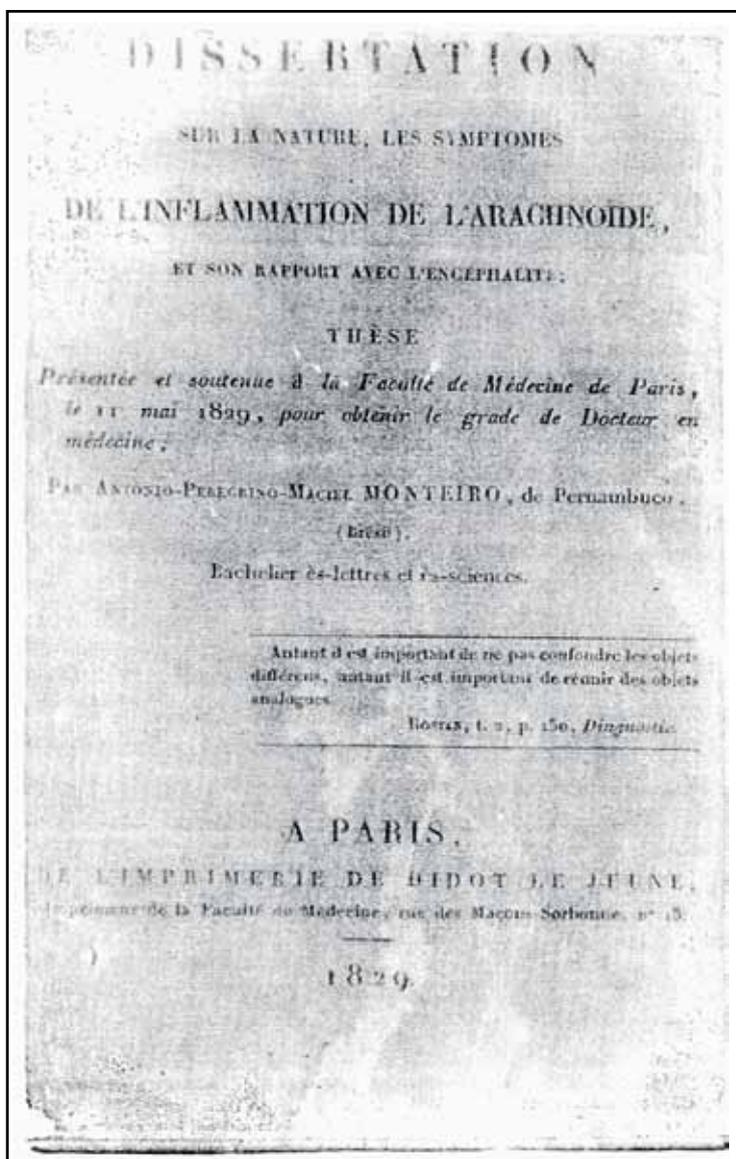
De Médico a Embaixador

1804 - 1868

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA
RECIFE — 1975



*Obras e
Opúsculos
Editados*



Folha de rosto da Tese de Antônio Peregrino Maciel Monteiro

RELATORIO

DA

REPARTIÇÃO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

APRESENTADO

Á

ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA

NA SESSÃO ORDINARIA DE

1838

PELO RESPECTIVO MINISTRO E SECRETARIO
DE ESTADO

*Antonio Peregino Maciel
Monteiro*



RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.

1838.

OBRAS E OPÚSCULOS EDITADOS

DISSERTATION / SUR LA NATURE, LES SYMPTOMES / DE L'INFLAMMATION DE L'ARACHNOÏDE, / ET SON RAPPORT AVEC L'ENCÉPHALITE; / THESE / Présentée et soutenue a la Faculté de Médecine de Paris, / le 11 mai 1829, pour obtenir le grade de Docteur en / médecine / PAR ANTONIO-PEREGRINO-MACIEL MONTEIRO, de Pernambuco. / (Brésil). / Bachelier ès-lettres et ès-sciences. / – / Autant il est important de ne pas confondre les objets / différens, autant il est important de réunir des objets / analogues. / ROSTAN, t. 2, p. 130, *Diagnostic*. / – / A PARIS, / DE L'IMPRIMERIE DE DIDOT LE JEUNE, / Imprimeur de la Faculté de Médecine, rue des Maçons-Sorbonne, n.º 13, / – / 1829. 54 p.

Registros: BLAKE, I.º vol. (1883), p. 278. Luiz de Castro Souza, *O Poeta Maciel Monteiro – De Médico a Embaixador*, 1975, pp. 29-31, descreve-a e comenta, com fotografia da folha de rosto à p. 35.

RELATÓRIO / DA / REPARTIÇÃO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS / APRESENTADO / Á / ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA / NA SESSAO ORDINARIA DE / 1838 / PELO RESPECTIVO MINISTRO E SECRETARIO / DE ESTADO / Antonio Peregrino Maciel / Monteiro / [Brazão do Império] / RIO DE JANEIRO. / NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. / – / 1838.

28 p. 15,8 x 8,6 cm

Pp. 3-20: texto do Relatório datado de maio de 1838, e assinado por *Antonio Peregrino Maciel Monteiro*; pp. 21-28: Relação

das pessoas que compõem a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, dos que compõem o Corpo Diplomático e Consular Brasileiro, residentes nos diversos Estados da Europa e América; Relação das pessoas que compõem as Comissões Mistas estabelecidas nesta Corte, e em Serra Leoa

Maciel Monteiro foi Ministro, no período de 19 de setembro de 1837 a 16 de abril de 1839.

Exemplares: IHGB, 120, 4, 5.

Registros: Sem registro anterior.

Maciel Monteiro / = / Poesias [título em vermelho] / PUBLICADAS SOB A DIRECÇÃO / DE / João Baptista Regueira Costa / e / Alfredo de Carvalho / [dístico da Academia Pernambucana de Letras, em vermelho] / IMPRENSA INDUSTRIAL / Rua Visconde de Itaparica ns. 49 e 51 / RECIFE 1905

2 f. prel. e retr. + LIV p. + 216 p. + 2 f.s.n. 16,2 x 8,2 cm

Capa da brochura, igual; retrato de Maciel Monteiro; f.s.n.: “Homenagem / da / Academia Pernambucana de Letras / e do / Instituto Archeologico e Geographico / Pernambucano / á / Memoria de Maciel Monteiro / no / centenario de seu nascimento em 30 de / Abril de 1904 /”; pp. I a LIV: “A. Lírica de Maciel Monteiro”, por João Batista Regueira Costa; p.s.n. (I): “Biographias / e / Juizos Diversos / = /”; pp. 3-7: “A. P. Maciel Monteiro”, por Pedro de Calasãs (do *Clarim Litterario*, Vol. 1.º, N.º 8, Recife, Junho – 1856); Desenho da “Casa em que nasceu Maciel Monteiro – No Poço da Panela”; pp. 9-14: “Galeria do Jornal do Recife – O Conselheiro Maciel Monteiro” por AGRIPPA (*Jornal do Recife*, n. 30, de 23 do julho de 1859. O artigo é de autoria do Dr. Aprígio

Maciel Monteiro

Poesias

PUBLICADAS SOB A DIRECÇÃO

DE

João Baptista Requeira Costa

e

Alfredo de Carvalho



IMPRESA INDUSTRIAL
Rua Visconde de Itaparica ns. 49 e 51
RECIFE 1905

Justiniano da Silva Guimarães); pp. 15-24: “Curso de Literatura Brasileira – Nona Conferência – Poetas Pernambucanos”, pelo Dr. F. M. Raposo de Almeida (*Diário de Pernambuco*, 6 de fevereiro de 1863); pp. 25-28: “Antonio Peregrino Maciel Monteiro – Barão de Itamaracá”, por Joaquim Manuel de Macedo (*Ano Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1876, vol. 3.º, pp. 95-98); pp. 29-30: “5 de Janeiro de 1868”, por J. A. Teixeira de Melo (das *Efemérides Nacionais*, Rio de Janeiro, 1881, Vol. I, pp. 11-12); pp. 31-35: “Maciel Monteiro”, por Eunápio Deiró (*Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1881, vol. 8.º, pp. 411-415); pp. 36-42: “Antônio Peregrino Maciel Monteiro (2.º Barão de Itamaracá)”, por F. A. Pereira da Costa (*Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, Recife, 1882, pp. 156-165); pp. 43-46: “Antonio Peregrino Maciel Monteiro, 2.º Barão de Itamaracá”, por A. V. Sacramento Blake (*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1883, vol. I.º, pp. 278-280); pp. 47-58: “MACIEL MONTEIRO – 1804-1868”, por Sílvio Romero (*História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1888, pp. 435-455); pp. 59-72: “Antônio Peregrino Maciel Monteiro, Barão de Itamaracá”, por Júlio Pires Ferreira (*Almanaque de Pernambuco Para 1899*, Recife, 1898, pp. V-XXXVII); MACIEL MONTEIRO – reprodução de um retrato a *crayon*, anônimo; p.s.n. (73), ornada: “Poesias Originaes /”; pp. 75-76: I – “Hino ao 7 de Setembro”, datado de “Recife, 1831”, p. 77: II – “Posturas Municipais”, dat. “Recife, 1836”; pp. 78-79: III – “Às Pernambucanas Baronistas” – Cançoneta, dat. “Recife, 1846”; pp. 80-81: IV – “Um Voto” (*Se eu fôra a flor querida, a flor mais bela*), dat.. “Recife, 1846”; pp. 82-83: V – “Aos anos de...” (*Ao nascerdes, Senhora, um astro novo*), Ode, dat. “Recife, 1846”; pp. 85-86: VI – “Amor Ideal” (*Amar, amar um anjo de candura*) s.d.; pp. 87-88: VII – “A uma jovem” (*Eu gosto de ver / uns olhos gentis*) s.d.; pp. 89-90: VIII – “Formosa...” (*Formosa, qual pincel em tela fina*) – Soneto, s.d.; pp. 91-

92: IX – “No Cenotáfio de D. Luísa de França Arcanjo Ferreira” (I – Face Direita do Cenotáfio; II – Face Esquerda do Cenotáfio); dat. “Recife, 1847”; pp. 93-94: X – “A Lília” (*Vi, ó Lília, astro simpático*), s.d.; pp. 95-96: XI – “Soneto” (*Sonhei que, nos teus braços reclinado*), s.d.; pp. 97-99: XII – “Anos de...” (*Eis-me outra vez da Criação no tempo*), dat. “Recife, 1847”; p. 99: XIII – MOTE (*No colo da Anália bela / Só Jove deve deitar-se*), s.d.; pp. 101-103: XIV – “Aos anos de M.elle... – A 20 de Novembro de 1847” (*Nasce a rosa do jardim*) dat. “Recife, 1847”; pp. 105-106: XV – “Soneto” (*Era já posto o sol. A natureza*), s.d.; pp. 107-108: XVI – “R. S. A.” (*Também no bosque / Na selva escura*), s.d.; pp. 109-110: XVII – “Num álbum” – A Mlle.... (*Em nossa alma existe às vezes*), dat. “Recife, 1847”; pp. III: – XVIII – “Num álbum (*O tempo com suas asas*)”, s.d.; pp. 113-115: XIX – “Aos anos de...” – A 25 de março de 1849 (*Troa o canhão terrível, que apregoa*), dat. “Recife, 1849”; p. 117: XX – MOTE (*Deixa beijar-te, meu bem!*) e GLOSA, s.d.; pp. 119-120: XXI – “Aos anos de uma donzela” – Madrigal (*Qu’importa, Filde adorada*), s.d.; pp. 121-122: XXII – “No álbum” da Exm.^a Sr.^a Viscondessa da Boa-Vista, no dia de seus anos, a 4 de novembro de 1850 (*É, Senhora, o vosso Álbum*), dat. “Recife, 1850”; pp. 123-124: XXIII – “Soneto” – *À Candiani* (*Em que fonte de canto e de doçura*), s.d.; pp. 125-127: XXIV – “Amanhã!” (*Extremoso mancebo adorava*), dat. “Rio de Janeiro, 1851”; retrato de Maciel Monteiro; pp. 129-130: XXV – “Um Sonho” – Ao embarque e partida de uma Senhora (*Ela foi-se! E com ela foi minh’alma*) dat. “Rio de Janeiro, 1851”; p. 131: XXVI – “Inspiração súbita” (*Tão só, / Tão bela*), dat. “Recife, 1852”; pp. 133-134 XXVII – “A***... (*Como a brisa aqui sussurra*)”, dat. “Recife, 1852”; pp. 135-136: XXVIII – “Inspiração súbita” – A Rosina Stoltz em uma representação da “Favorita” (*Gênio! Gênio! ... inda mais! Supremo esforço*), dat. “Rio de Janeiro, 1852”;

pp. 137-138: XXIX – “Soneto” (*Não se minera só ouro fulgente*), dat. “Recife, 29 de Novembro de 1852”; p. 139-142: – XXX – “E eu fico!... – Ao meu velho e bom amigo A.J.de M.Falcão (*Ir por estes longos mares*), dat. “Nova Iorque, 7 de Setembro de 1853”; pp. 143-144: XXXI – “O poema *Camões* de Garrett” (*Se o cantor de Camões, em estro ardendo*), s.d.; pp. 145-146: XXXII – “À Rosina Laborda” (*A ‘strela d’alva lá no céu desponta*), s.d., local: Lisboa; p.s.n. (147), ornada: “Traduções Poeticas /”; pp.149-151: XXXIII – “O Lago”, de Lamartine (*Errando, sem cessar, de plaga em plaga*), dat. “1846”; fotografia do Túmulo de Maciel Monteiro no Cemitério de Santo Amaro; pp. 153-154: XXXIV – “À Mademoiselle Michatowska”, de Lamartine (*Vê o cisne no lago a sua imagem*), dat. “1846”- pp. 155-156: XXXV – “invocação”, de Lamartine (*Oh! tu que eu vi surgir neste deserto*), dat. “1847”; pp. 157-158: XXXVI – “O ramo de amendoeira”, de Lamartine (*Tu és, ó haste florida*), dat. “1847”; p.s.n. (159), ornada: “NOTAS /”; pp.161-192: NOTAS às poesias aqui publicadas, por Alfredo de Carvalho; p.s.n. (193): “/ – / DISCURSO / – / pp. 195-216: “MACIEL MONTEIRO” – Discurso do orador oficial, Artur Muniz, na sessão magna de 30 de abril de 1904 da Academia Pernambucana de Letras, no Recife; I f.s.n.: “Corrigenda”; I f.s.n.: ÍNDICE.

Luiz de Castro Souza, *op. cit.*, p. 83, informa que o soneto que se encontra nas pp. 105-106 (*Era já posto o sol. A natureza*) não é de autoria de Maciel Monteiro, e sim, do poeta baiano Antônio Augusto de Mendonça (1830-1880).

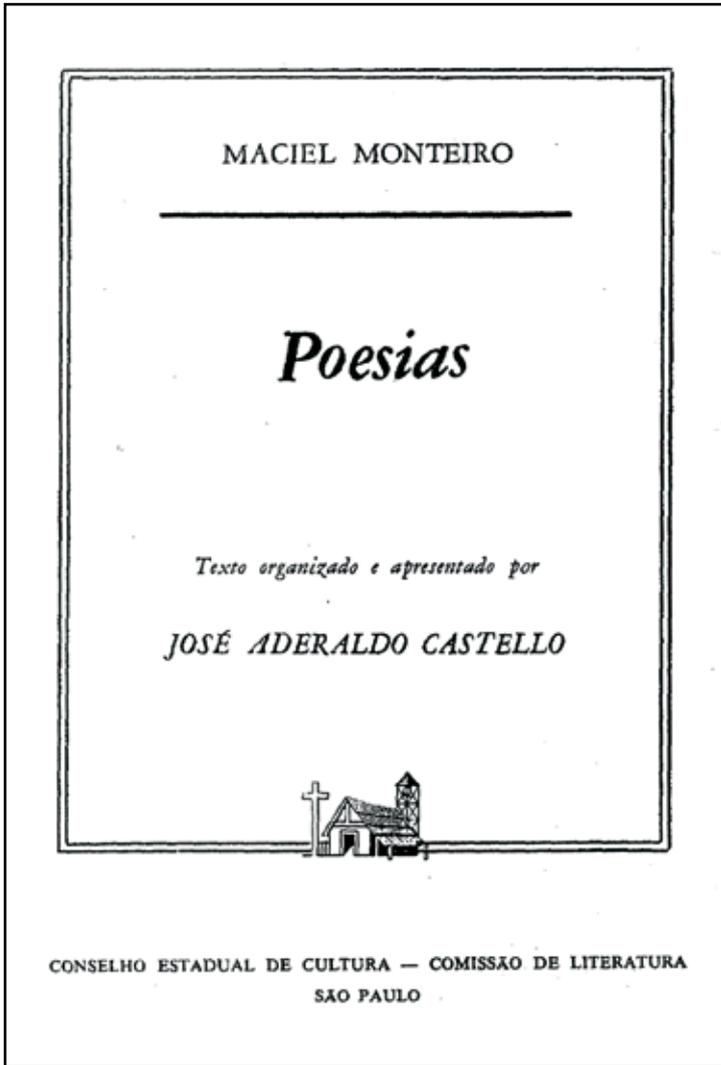
Exemplares: BMA – BN – ISL

Registros: NEVES (1940), p. 167; PERDIGÃO (1940), p. 255; MENEZES (1978), p. 452.

[Dentro de uma cercadura de traço duplo:] MACIEL MONTEIRO / – / Poesias / Texto organizado e apresentado por / JOSÉ ADERALDO CASTELLO / [desenho-padrão da Coleção] / CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA – COMISSÃO DE LITERATURA / SÃO PAULO

132 p. num. + f.final, s.n. 14,4 x 9,0 cm

v.f.r., ao pé: Planejamento gráfico / da coleção e capa de / Edgar Koetz /”; p.s.n. (5): “I Parte – INTRODUÇÃO /”; pp. 7-32: “MACIEL MONTEIRO”, introdução de José Aderaldo Castello, com 65 notas de pé de página; pp. 33-35: BIBLIOGRAFIA; p.s.n. (37): “II Parte – POESIAS /”; pp. 39-41: Apresentação da produção literária de Maciel Monteiro, por José Aderaldo Castello; POESIAS ORIGINAIS – pp. 42-43: I – “Um Sonho” (*Ela foi-sei! E com ela foi minb’alma*); pp. 44-45: 2 – “O poema *Camões* de Garrett” (*Se o cantor de Camões, em estro ardendo*); pp. 46-47: 3 – “Num Álbum” (*Em nossa alma existe às vezes*); pp. 48-50: 4 – “Amanhã” (*Extremoso mancebo, adorava*); pp. 51-53: 5 – “Um voto” (*Se eu fôra a flor querida, a flor mais bela*); pp. 54-56: 6 – “Aos anos de ...” – Ode (*Ao nascerdes, senhora, um astro novo*); p. 57: 7 – “Inspiração súbita” (*Tão só, / tão bela*); pp. 58-59: 8 – “inspiração súbita – A Rosina Stoltz em uma representação da “Favorita” (*Gênio! Gênio! ... inda mais! Supremo esforço*); p. 60: 9 – “A Rosina Laborda (*A ‘strela d’alva lá no céu desponta*); pp. 61-63: 10 – “Aos anos de ... – A 25 de março do 1849” (*Troa o canhão terrível, que apregoa*); pp. 64-65: 11 – “No Álbum” da Exm.^a Sr.^a Viscondessa de Boa-Vista, no dia de seus anos, a 4 de novembro de 1850 (*É, Senhora, o vosso Álbum*); pp. 66-68: 12 – “Aos anos de...” (*Eis-me outra vez da Criação do tempo*); pp. 69-70: 13 – “Aos anos de Mlle...” – A 20 de novembro de 1847 (*Nasce a rosa no jardim*); pp. 71-72: 14 – “R. S. A.” (*Também no bosque, / Na selva escura*); pp. 73-74: 15 – “A uma



Edição impressa em 1962

jovem” (*Eu gosto de ver / uns olhos gentis*); pp. 75-76: 16 – GLOSA (*Vem cá minha companheira*); p. 77: 17 – “Num Álbum” (*O tempo com suas asas*); pp. 78-79: 18 – “Aos anos de uma donzela” – Madrigal (*Qu’importa, Filde adorada*); pp. 80-81: 19 – “No Cenotáfio” de D. Luísa de França Arcanjo Ferreira (1 – Face direita do Cenotáfio (*De greda formada*); 2 – Face esquerda do Cenotáfio (*Qual flor matinal*); pp. 82-85: 20 – “Formosa” – Soneto – (*Formosa, qual pincel em tela fina*), com o texto acompanhado de várias observações; pp. 86: 21 – “Soneto” (*Era já posto o sol. A natureza*). Este soneto não é de Maciel Monteiro; é de Antônio Augusto de Mendonça; pp. 87-88: 22 – “Amor Ideal” (*Amar, amar um anjo de candura*); p. 89: 23 – “Soneto” – À Candiani (*Em que fonte de canto e de doçura*); p. 90: 24 – “Soneto” (*Sonhei que, nos teus braços reclinado*); p. 91: 25 – “A (*Com a brisa aqui sussura*); p. 92: 26 – “A Lília” (*Vi, ó Lília astro simpático*); p. 93: 27 – MOTE (*No colo de Anália bela / Só Jove deve deitar-se*); pp. 94-95: 28 – MOTE (*Deixa beijar-te, meu bem!*); pp. 96-97: 29 – “Aos anos da Exm.^a Sr.^a V. de P. B. (*D’insólito esplendor c’roado Apolo*); pp. 98-101: 30 – “E eu fico!...” (*Ir por estes longos mares*); pp. 102-104: 31 – “Hino ao 7 de Setembro” (*Quão risonho no horizonte*), dat. de “Recife, 1831”; pp. 105-106: 32 – “As Pernambucanas Baronistas” – Cançoneta (*Lindas jovens baronistas!*); p. 107: 33 – “Soneto” (*Não se minere só ouro fulgente*); p. 108: 34 – “Posturas Municipais” – Epigrama (*Se há posturas de galinhas*); POESIAS TRADUZIDAS – p. 109: nota de José Aderaldo Castello sobre as traduções; pp. 110-113: 1 – “O Lago”, de Lamartine (*Errando, sem cessar de plaga em plaga*); pp. 114-116: 2 – “À Mademoiselle Michatowska” (*Vê o cisne no lago a sua imagem*), de Lamartine; pp. 117-118: 3 – “Invocação” (*Oh! tu que eu vi surgir neste deserto*), de Lamartine; pp. 119-120: 14 – “O ramo de amendoeira” (*Tu és, ó haste florida*), de Lamartine. Nesta edição, as poesias originais e traduzidas são acompanhadas de 186 notas de pé de página; o

texto em prosa, a seguir, de 4, totalizando 190. PROSA – pp. 121-122: apresentação da produção em prosa de Maciel Monteiro por José Aderaldo Castello; pp. 123-130: “Discurso sobre a abolição do tráfico negro” (título dado por J.A.C.), datado de “Rio de Janeiro, 10-06-1851”; pp. 131-132: ÍNDICE; f.final, s.n., com a indicação: “Terminou-se a impressão deste livro aos 31 de outubro de 1962”, etc., etc.

Nesta edição foram acrescentadas, em relação à edição de 1905, a GLOSA (n.º 16, pp. 75-76) e AOS ANOS DA EXM.^a SR.^a V. de P. B. (n.º 29, pp. 96-97).

Exemplares: ISL

Registros: MENEZES (1978), p. 452.

*Textos Esparsos
em outras obras,
antologias e
periódicos*



TEXTOS ESPARSOS EM OUTRAS OBRAS, ANTOLOGIAS
E PERIÓDICOS

I. ORIGINAIS:

POESIAS / Oferecidas / Às Senhoras Brasileiras / Por Um Baiano / Paris, / Chez Aillaud, Librairie, / Quai Voltaire, n.º 21. / MDC-CCXXV, Tomo Primeiro, pp. 214-216, datada de 1824: GLOSA (*Vem cá minba companheira / vem triste e mimosa flor, / se tens de Saudade o nome / da Saudade eu tenbo a dor*). A Glosa (*Triste flor, muda expressão*). Esta poesia, que foi resgatada por José Aderaldo Castello na edição paulista das *Poesias* de Maciel Monteiro, em 1962, encontra-se aqui reproduzida em fac-símile.

“Um Baiano” é Domingos Borges de Barros (1779-1855), Barão da Pedra Branca (12-10-1825), Visconde (12-10-1826) e Visconde com honras de grandeza (18-10-1829).

NOVAS / POESIAS / Oferecidas / Às Senhoras Brasileiras / Por Um Baiano / [Vinheta] / Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, / Rua da Quitanda, N.º 77. / 1841.

P. 127: AOS ANOS DA EXM.^a SR.^a V. de P. B. – Soneto Improvisado (*D’insólito esplendor c’roado Apolo*), tendo ao final do texto, a indicação: “Feito e oferecido por A. P. M. M.”

A homenagem aqui é a Sr.^a Viscondessa da Pedra Branca (Luisa Margarida Portugal de Barros).

Também esta poesia, a exemplo da anterior, foi resgatada por José Aderaldo Castello, *op. cit.*, 1962, pp. 96-97. Cf. fac-símile.

MOSAICO POETICO, / POESIAS BRASIEIRAS / [...] / Publicado / Sob os Auspícios de uma Associação, / Por / Emilio Adêt

/ e / Joaquim Norberto de Souza Silva / [ornato] / Rio de Janeiro.
/ Tipografia de Berthe e Haring, Rua do Ouvidor N. 123. -1844

Pp. 157-158: AO DIA 7 DE SETEMBRO (*Quão risonho no horizonte / surge o Deus da claridade!*) datada de 1831. (Por ocasião do festejo que se fez em casa do comendador Borges de Barros, em Paris). Por A. P. Maciel Monteiro.

Regueira Costa, 1905, pp. 75-76, com nota às pp. 165-166, por desconhecer a GLOSA, de 1824, publicada em 1825, afirma que “É incontestavelmente a mais antiga composição poética de Maciel Monteiro chegada aos nossos dias”, concluindo que esse hino encerrou as comemorações do dia 7 de setembro de 1831 no Recife, cantado com música composta pelo Sr. José de Lima.

Essa intrigante indicação “Por ocasião do festejo que se fez em casa do comendador Borges de Barros, em Paris”, sem datá-la, só se encontra nessa publicação. Observe-se que nesse período entre 1822, ano da Independência e 1831, data das comemorações no Recife e publicação da composição no *Diário de Pernambuco*, Maciel Monteiro permaneceu em Paris de maio de 1823 a setembro de 1829. Portanto, em setembro de 1831, o poeta já se encontrava no Recife.

HARPEJOS POÉTICOS, / ou / COLEÇÃO DE POESIAS MODERNAS, / De Diversos Autores / Publicadas por / F. V. da Cunha. / Rio de Janeiro. / Tipografia Comercial de Soares & C.^a / 1849.

Pp. 209-210: AOS ANOS DE (*Ao nascerdes, senhora, um astro novo*), datada de “Pernambuco, 1846”.

MISCELÂNEA POÉTICA / ou / COLEÇÃO / de / POESIAS DIVERSAS / de / AUTORES ESCOLHIDOS / [vinheta] / Rio

de Janeiro / Tip. do Jornal das Senhoras, Rua do Cano N. 165. 1853.

P. 19: SONETO (*Formosa, qual pincel em tela fina*), sem data.

Esta é a mais antiga publicação deste soneto que conhecemos, e com a inversão dos dois últimos versos nas duas quadras, em relação às publicações posteriores. Encontra-se reproduzido na maioria das antologias poéticas, e traduzido para vários idiomas. Jaime de Barros, *Poetas do Brasil*, 1944, p. 61, no primeiro verso, substituiu “pincel” por “pintor”.

BIOGRAFIAS / DE / ALGUNS POETAS, / E / HOMENS ILUSTRES / DA / PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO, / Pelo Comendador / Antônio Joaquim de Melo. / TOMO I. / [ornato] / RECIFE. / Tipografia Universal. / 1856.

Pp. 56-58: AOS ANOS DA [constituição política do Império] em 25 de Março de 1849 (*Troa o canhão terrível, que apregoa*); 58-59: A UMA JOVEM (*Eu gosto de ver / Uns olhos gentis*); 59-60: UM VOTO (*Se eu fora a flor querida, a flor mais bela*); 60-61: AOS ANOS DE... – Ode (*Ao nascerdes, senhora, um astro novo*); 62-63: A M.^c STOLZ EM UMA REPRESENTAÇÃO DA FAVORITA – INSPIRAÇÃO (*Gênio! Gênio!... inda mais! Supremo esforço*); 63-64: AO EMBARQUE, E PARTIDA DE UMA SENHORA. – UM SONHO (*(Ela foi-se! ... E com ela foi minha alma*).

A poesia INSPIRAÇÃO, datada de “Rio de Janeiro, 1852” na edição de 1905, pp. 135-137, e com o título de INSPIRAÇÃO SÚBITA, nasceu da representação da ópera *Favorita*, de Donizetti (Gaetano Donizetti, 1797-1848), em magistral interpretação de Rosina Stoltz (Victoire Noeb Stoltz, Paris, 1815-1903, Paris. Entrou para a ópera de Paris em 1837. Esteve no Rio de Janeiro, em temporada lírica, nos anos 50 do Século XIX).

GRINALDA / DE FLORES POÉTICAS / SELEÇÃO. / [...] / Rio de Janeiro, Publicada e à venda em casa dos Editores / Eduardo & Henrique Laemmert / Rua da Quitanda, 77 / 1857.

P. I: SONETO (*Amar, amar um anjo de candura*); 2: SONETO (*Formosa, qual pincel em tela fina*); 3-4: A UMA SENHORA POLACA (*Vê o cisne no lago sua imagem*); 5-6: O VOTO (*Se eu fora a flor querida, a flor mais linda*); 7-9: AOS ANOS DE (*Eis-me outra vez da Criação no templo*).

A poesia “A uma Senhora Polaca” (pp. 3-4), que aqui foi transcrita sem data nem a indicação de ser tradução, é a mesma que aparecera n’*O Progresso*, de Pernambuco (Recife), Ano I, Tomo I, N.º I, de julho de 1846, pp. 225-226, com o título de “À Mademoiselle Michatowska”, traduzida de Afonso de Lamartine por A. P. Maciel Monteiro. Nas *Lamartineanas*, de 1869, pp. 76-77. O VOTO (pp. 5-6), já fora publicada anteriormente com o título de UM VOTO. O texto desta coletânea está recheado de variantes, em relação aos anteriores.

ALMANACH DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO Para 1859. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, p. 368: SONETO (*Formosa, qual pincel em tela fina*).

MORAIS FILHO, Alexandre José de MELO – *Curso de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1870, p. 273: SONETO (*Formosa qual pincel em tela fina*).

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE PERNAMBUCANOS CÉLEBRES, por Francisco Augusto Pereira da Costa, Recife, Tip. Universal, 1882, pp. 160-161: AOS ANOS DE (*Troa o canhão terrível, que apregoa*); 162: UM SONHO (*Ela foi-se! E com ela foi minh’alma*);

163: SONETO (*Formosa, qual pincel em tela fina*), todas sem data declarada.

II. TRADUZIDAS:

No volume LAMARTINEANAS – Poesias de Affonso de Lamartine Traduzidas por Poetas Brasileiros, Rio do Janeiro, 1869, encontram-se as seguintes traduções de Maciel Monteiro:

“Invocação” (*Ó tu, que eu vi surgir neste deserto*), pp. 1-2; “O Lago” (*Errando, sem parar, de em plaga em plaga*) pp. 20-23; “À Mademoiselle Michatowska” (*Vê o cisne no lago a imagem sua*), pp. 76-77;

“O Ramo da Amendoeira” (*Tu és, ó haste florida*), pp. 107-108.

A grafia desses versos aqui é fiel reprodução do texto nessa coletânea. Em edições posteriores, aparece com algumas alterações.

Luiz de Castro Sousa, em *O Poeta Maciel Monteiro – De Médico a Embaixador*, Recife, 1975, p. 87, transcreve a tradução de “Feuilles d’automne”, de Victor Hugo, datada de 1841, aqui em fac-símile. Foi localizada no Museu Imperial, de Petrópolis, RJ.

“DISCURSO – Recitado pelo Senhor Doutor Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Presidente da *Sociedade de Medicina*, no ato da instalação da mesma Sociedade, no dia 4 do abril de 1841”

Publicadonos “ANAIS da MEDICINA PERNAMBUCANA” – Periódico publicado pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, Redigido por uma Comissão da mesma Sociedade. ANO I.º – N.º I – Outubro de 1842 – Pernambuco: Tipografia de Santos e Companhia, 1842, às pp. 9 a 17.

Os ANAIS da MEDICINA PERNAMBUCANA (1842-1844), foram reeditados em edição fac-similar pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, “Coleção Pernambucana”, vol. X, em 1977, com um Estudo introdutório do Prof. Leduar de Assis Rocha. Possuímos exemplar dessa edição.

Omitido na parte de PROSA do volume de POESIAS de Maciel Monteiro, com texto organizado e apresentado por José Aderaldo Castello, São Paulo, 1962.

Registros: BLAKE, I.º (1883), p. 279

Exemplares: ISL

NOVAS
POESIAS
OFFERECIDAS
ÀS SENHORAS BRASILEIRAS
POR UM BAHIANO.



Rio de Janeiro,
EDUARDO e HENRIQUE LAEMMERT,
Rua da Quitanda, N.º 77.
1841.



ANNO I. NUMERO I.

DISCURSO

Recitado pelo Senhor Doutor Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Presidente da Sociedade de Medicina, no acto da installação da mesma Sociedade, no dia 4 de Abril de 1841.

Senhores! Chamado a este lugar pelos vossos benevolos suffragios para ser o órgão desta Associação na solemnidade da sua inauguração; eu faltaria ao que o dever tem de mais agradável, e a espontaneidade de mais sincero, se por ventura, antes de tudo, vos não testemunhasse os sentimentos do meu profundo reconhecimento por tão assignalada distincção.

Mas se por um lado a nobreza da missão me honra e exalta a grão subido; por outro lado a arduidade da execução me desalenta e abate; pois que devendo repartir por estranhos objectos a applicação da minha escassa intelligencia, e o apoucado fructo das minhas vigílias: muito receio eu (e cumpre confessal-o) que em fim me caiba a má fortuna de ficar áquem do assumpto, que tenho de tratar. Quaesquer porem que fossem as difficuldades e os embaraços da minha actual situação para desempenhar satisfatoriamente a tarefa, que me foi conferida, licito não me fóra, Senhores, recusar tamanha honra, sem incorrer na vossa animadversão; porque em fim, tanto nas fadigas literarias, como em outras quaesquer, o zelo é sempre um titulo valioso para consideração ou benevolencia dos homens justos. Forçado pois a ser breve em uma materia susceptivel aliás do mais amplo desenvolvimento, eu comprehendo assás a necessidade, em que me acho, de expôr desde já o pensamento, e os fins desta Associação: pensamento brilhante e fecundo em resultados felizes para a Sciencia! fins beneficos e vantajosos para o Paiz, e para a humanidade inteira!

Senhores! Quando em um ponto qualquer do Globo os homens votados á cultura das Sciencias e das Artes se reúnem e se associão para, com mais efficacia e proveito, alargar o dominio da intelligencia, e estender a esphera dos conhecimentos humanos; uma tal reunião, uma tal associação

ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA.

é sempre um facto, que occupa a solicitude, e excita as sympathias dos verdadeiros amigos da especie humana; por quanto dirigindo-se aquellas ao aperfeiçoamento do homem intellectual, e estas ao aperfeiçoamento do homem social, do progresso d'umas e d'outras resulta sempre o melhoramento da condição dos homens, ou se considerem singular e isoladamente, ou se considerem collectiva e socialmente.

E como é verdade da mais sensível evidencia, que a cultura das Sciencias depende tanto da sua separação como o seu desenvolvimento e progresso da sua reunião ou incorporação, é indubitavel, que só por meio dos esforços reunidos dos diversos sabios se podem razoavelmente esperar esses resultados gigantescos e extraordinarios, que se tem observado em certas e caracteristicas épocas. Reparai, Senhores, na concatenação em que se achão todos os seres da natureza, em as suas relações, suas dependencias, suas affinidades; observai a correlação de todos os objectos humanos, sua estreiteza, ou natural aproximação, e dizei se essas descobertas maravilhosas, que tem illustrado tantos Estados, e tem mudado tão prodigiosamente a sorte dos Povos, tem sido ou não aperfeiçoadas pelas Associações scientificas, ou antes por esse commercio reciproco e feliz que lhes dá o caracter proprio.

Não he por meio das Associações que o talento promimente auxiliado pelo concurso efficaz de outros talentos, e abrazado no amor da superioridade luta com as difficuldades escabrosas e quasi invenciveis, a fim de sacudir o véo, que encobre os thesouros da natureza, e arrebatá-lhe os importantes segredos da criação? Não é no seio das Associações, que o genio transcendente e admiravel vem receber a aureola gloriosa que lhe é destinada em galardão das suas perseverantes fadigas, e luminosas lucubrações?

Não é por meio das Associações que se tem conseguido dar á verdade o triumpho, que o erro muitas vezes despertára entre as oscillações, e a dubiedade, a que davão lugar muitos phenomenos da Natureza? Não foi do seio de taes Associações que sahio essa precisão espantosa admittida na investigação dos factos naturaes e que nada desprezando para o esclarecimento ou illucidação das materias, foi, por assim dizer, o instrumento das mais assombrosas concepções humanas, muito embora sua primeira revelação pertença ao genio sublime do immortal Descartes? Fallando das Sociedades scientificas, não é o meu fim, Senhores, tratar dessas reuniões

ANNO I. NUMERO I.

famosas da antiguidade, decoradas na brilhante Grecia com o titulo de Academias: porque se bem que um Pythagoras, um Archimedes, e um Aristoteles, que toi sem duvida o mais assombroso genio daquellas épocas remotas, se recommendent á veneração de todos os seculos e Paizes, muitos dos Sabios, que mais resplandecerão em taes reuniões, ou que forão mais celebrados nos panathenios da Grecia, demorãrão mais o progresso das Sciencias pelas suas hypotheses do que lhes ampliãrão o dominio pelas suas descobertas, como judiciosamente observa um estimavel escriptor moderno. E com quanto não seja o meu proposito fazer a historia, determinar a origem, e definir o progresso de taes Sociedades em tempos mais aproximados; todavia não calarei a influencia benigna e mais que muito efficaz, que no estudo das Sciencias exercerão essas modestas reuniões particulares de Geometras, de Physicos, de Naturalistas, e de Medicos, estabelecidas na Italia, na Allemanha, na França, e na Inglaterra, as quaes pela importancia dos seus trabalhos, e celebridade das suas descobertas merecerão no mais alto gráo a protecção do Governo, que as revestio do titulo de Academias, e lhes conferio privilegios da maior relevancia.

Do que acabo de referir, bem que com demasiada brevidade, resulta o conhecimento de um facto importante, e vem a ser que as Sociedades scientificas tem contribuido altamente para o desenvolvimento das sciencias, ao mesmo tempo que tem illustrado os Paizes, em que se estabelecerão. E se das generalidades acima expostas, e que são applicaveis a todos os ramos dos conhecimentos humanos, volverdes, Senhores, as vistas para as Associações Medicas, a fim de ponderar e calcular sua utilidade e vantagem; facil vos será conceber a excellencia dos seus resultados em beneficio da Sociedade em geral; por quanto encaminhando-se a Medicina á conservação da vida do homem, e ao aperfeiçoamento da sua organização, dons effeitos capitaes se tem immediatamente de manifestar em relação á organização das Sociedades, e vem a ser 1.º o estado physico da população; 2.º o seu estado moral e intellectual. Debaixo deste ponto de vista pôde-se dizer com exactidão que a Medicina é de todas as Sciencias a mais social; porque o homem é o primeiro e mais nobre elemento da Sociedade, e a Medicina o considera e comprehende em suas mais importantes e mais amplas relações: do que acabo de ponderar deduz-se naturalmente a necessidade rigorosa de

ANNAES DA MEDICINA FERNAMBUCANA.

aquinoar largamente a Medicina na distribuição da influencia social, ou seja quando se trata de estabelecer direitos, ou seja quando se tem por fim determinar deveres. Porque resultando as faculdades do homem, considerado na sua complexidade, da combinação de seus órgãos, e infinitas modificações da sua maneira de ser physiologica, e as condições do exercicio dos seus direitos sociaes e suas obrigações dependendo destas mesmas modificações organicas; é evidente que todas as considerações relativas a taes direitos e obrigações entrão nos phenomenos physiologicos, que fazem o objecto do estudo da Medicina. E se descendo destas abstracções se considerar a Medicina em as suas multiplices applicações á Sociedade ou antes em as incumbencias, que ella é chamada a desempenhar como elemento social, innumeradas são as hypotheses, em que a sua influencia se releva em prodigiosa escala e amplissimo alcance.

Por quanto sendo a existencia do homem o primeiro e maior objecto dos seus cuidados, e a conservação della o mais sagrado dos seus direitos, ou sendo ella, por assim dizer, o homem mesmo; é palpavel, que illegitimo seria o governo, que na regia publica desconhecesse a obrigação de cuidar com desvelo da saude e da vida da Sociedade (permita-se-me a expressão) physiologica. Daqui resulta o complexo de regras sanitarias conhecidas debaixo da denominação de *Código de Policia Medica*, em cujo aperfeiçoamento trabalham os Sabios e os Governos de todos os Paizes. Nesta grande ordem de questões se inclui tudo quanto é relativo á saude publica, e ao exame das regras legaes, que se observão para melhorar o estado sanitario de qualquer territorio, regulando com acerto a acção dos modificadores geraes da economia animal, a fim de obstar á sua deterioração, e prevenindo a desenvolução ou propagação dos flagellos, que em certas épocas infelizes, e em presença de circumstancias especiaes, e ás vezes inapreciaveis, surgem no meio das populações para alterar a humanidade com as suas scenas de horror e de consternação.

Por outro lado competindo ao Poder Social para prevenção dos attentados feitos aos direitos dos Membros da Associação a faculdade de punir, ou mais exactamente de penalizar, e ao estabelecimento da penalidade ligando-se o estudo e exame de huma multidão de circumstancias physiologicas da maior importancia e valor; é evidente a participação da

ANNO I. NUMERO I.

Medicina em o Direito Criminal, e na organização em geral das Leis penaes.

Reciprocamente referindo-se uma grande ordem de delictos a lesões, ou a phenomenos pathologicos, e dependendo a sua apreciação, para o effeito de se lhes a istar e proporcionar a pena, de profundas averiguações medicas; é indubitavel, que neste caso tambem tem a Sociedade de reclamar os serviços da Medicina á cerca de um ponto que a toca mui de perto.

E se se trata de conferir o exercicio de muitos direitos importantes, como o de possuir, e outros, pois que a existencia dos mesmos depende em muitos casos da possibilidade de o exercer; eis a Medicina intervindo para extremar hypotheses, que seria perigoso confundir, ou estabelecer cathogorias e classes, condições de idade e de sexo, que servem de base aos preceitos legais. E' desta arte que a Lei acautela o perigo, que haveria em conceder toda a liberdade possivel a alguns seres naturalmente imperfeitos, ou alterados em suas faculdades essenciaes pela idade, ou por circumstancias fortuitas, e sempre deploraveis.

Destas considerações, ás quaes aliás se poderia dar maior expansão, deduz-se a influencia da Medicina na Legislação, e da communhão dos seus principios reciprocos resulta o aggregado de regras conhecidas debaixo da denominação de *Medicina Legal*.

Determinada, como fica, e definida a parte essencial, que cabe á Medicina na organização e andamento da Sociedade, o que naturalmente se offerece ao espirito de todos, é a applicação pratica destes principios ao manejo dos negocios administrativos desta Provincia, ou antes, Senhores, a serie de importantes serviços, que se devem esperar do vosso zelo, e patriotismo: desta observação resulta a obrigação, que haveis contrahido com o Paiz de prestar-lhe todas as vossas fadigas, a fim de melhorar o seu estado; o que verdadeiramente constitue o codigo dos vossos deveres. E' neste ponto de vista, que immenso horizonte se desenrola á vossa contemplação! Que campo vastissimo se abre ao vosso exame e observação!

Acompanhadas ainda de todos os meios funestos de devastação e de morte, as epidemias reclamão entre nós toda a vossa attenção e cuidado, ou seja no exame profundo das causas, que as gerão, ou seja na averiguação dos accidentes,

ANNAES DA MEDICINA FERNAMBUCANA.

que a desenvolvem, ou seja na observação dos meios de as destruir; e sendo indubitavel, que taes flagellos quasi nunca tiverão o seu berço debaixo do clima feliz, que habitamos; um dos vossos mais imperiosos deveres (sempre que houver a deplorar a presença de taes epidemias) deverá consistir em estudar-lhes a naturalidade, a fim de que a Authoridade possa por meio de regulamentos adequados vedar a propagação do mal, e os seus horrorosos estragos.

E discorrendo a este respeito, não esquecerei, Senhores, de notar, que o estudo das epidemias foi o motivo principal da criação da antiga Sociedade Real de Medicina da França, que tão celebre se fez pelas suas produções, e que só por si podia tambem ser o fim desta Associação. As causas locais, que em um outro ponto do territorio dão lugar a essas perigosas endemias, que de vez em quando se observão, devem occupar igualmente vossa attenção, para o que muito importa que appliqueis vossos cuidados a determinar as topographias medicas de algumas localidades mais suspeitas; sendo o viciamento do ar em muitos casos, conforme as sábias experiencias do Barão de Humboldt, e de outros sabios, a principal razão de taes phenomenos.

Quanto ás outras circumstancias, que influem mais particularmente na saude de uma collecção qualquer de individuos; a pezar de serem faceis a determinar, nem por isso deixão de ser importantes: neste caso estão a habitação, a alimentação, e a maneira de ser da população, no que toca á sua vida, sua industria, seus habitos, e algumas outras circumstancias. E como não obstante a communhão de certas causas, que obrão indistinctamente sobre os individuos, que habitão o mesmo solo, e respirão o mesmo ar, algumas outras existem mui especiaes, e cuja influencia derivada dos habitos, ou do modo particular de estar, não se estendem além de algumas classes da sociedade; é dever vosso investigar com cuidado as molestias proprias e privativas destas mesmas classes, para minorar-lhes o soffrimento: assim como não deveis perder de vista a educação physica da população, que só submettida ás regras da Hygiene e Gymnastica pôde tornar-se valida, activa, robusta, corajosa e soffredora; caracteres estes, que distinguem todo o Povo amante do trabalho, da industria, e da liberdade. E, Senhores, para regular todas estas hypotheses que o poder municipal é chamado a funcçãoar, apoiado no testemunho da sciencia, e esclarecido pelas suas

ANNO I. NUMERO I.

luzes. E' toinando na mais seria consideração estes principios, que o Governo deve envidar todos os seus esforços a fim de que a educação da infancia, e mesmo da juventude tenha a uniformidade possível, e se revista de uma physionomia commum, como bem o entenderão alguns Legisladores, e tambem o praticarão alguns Governos da antiguidade, que neste ponto, como em muitos outros, derão sobejas provas do saber o mais depurado, da sagacidade a mais acuminosa, da experiencia a mais consummada, e do patriotismo o mais subido. Não entrando no plano que me prescreve a ampla explanação de todas as proposições, que tenho estabelecido nos diversos pontos deste discurso, forçoso é que me eu abstenha de mais longos desenvolvimentos á cerca do presente assumpto; nui especialmente devendo-me eu limitar a excitar vossa attenção para esta ordem de considerações unicamente sem pretender expol-as, ou desenvolvel-as.

No que toca aos meios que a Sociedade tem direito de reclamar de vós para auxiliar a acção da Justiça, e tornar seus effeitos mais certos, mais efficazes e proveitosos; reparaí, Senhores, em toda a importancia e extensão de vossa missão! Reflecti que em uma multidão de circumstancias os interesses mais vitaes e transcendentés da communhão politica vão ser submettidos ao vosso juizo! Mas se a responsabilidade é tremenda, quam brilhante não é a gloria de arredar do collo da innocencia opprimida o instrumento da morte, que a justiça ía sobre elle desfechar, arrastada por testemunhos fallaces, ou por apparencias enganosas! E' neste caso importante, Senhores, isto é, quando se trata de estabelecer as provas pathologicas, ou toxicologicas da culpabilidade, que vós sereis consultado pela Authoridade, destituida dos meios de averiguação, e então o vosso juizo, quando exacto, será um serviço para a humanidade; quando precipitado, uma horrivel jactura, uma irreparavel offensa aos seus direitos. Esclarecidos porem pela tocha da sciencia, e dirigidos pelo criterio proprio da vossa illustração, vós ides, Senhores, encetar uma tarefa, que não póde deixar de produzir os mais vantajosos e saudaveis effeitos; por quanto ou seja nos variados casos toxicologicos agitados ante os Tribunaes, ou seja nas multiplicadas hypotheses de lesões, cuja lethalidade cumpra determinar; ou seja nos desgraçados factos de infanticidio ou aborto; ou seja em fim nas occurrencias frequentes de demencia, alienação e viabilidade do feto; questões estas a que se ligão

ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA.

interesses da mais alta monta em qualquer sociedade policia-
da: em todos estes casos, digo eu, o vosso parecer, o vosso
juizo, dirigindo o Magistrado ou os Julgadores, virá a influir
da maneira a mais directa e terminante no desenlace de por-
fiados pleitos, ou no resultado de complicados processos. E'
sobre tudo, Senhores, debaixo deste ponto de vista, que esta
Associação offerece os seguros penhores da sua utilidade
transcendental; é considerada especialmente nesta relação
interessante, que lhe eu auguro os mais proveitosos resultados;
pois que não cabendo nas fadigas individuaes e esforços sepa-
rados o complemento de observações tão profundas, de ex-
periencias tão importantes, e de pesquisas tão delicadas, só
pelo concurso dos trabalhos, e das fadigas de muitas intelli-
gencias se podem alcançar resultados completos, incontestavel-
mente exactos, e revestidos de todo o respeito que a pre-
sumpção das luzes, e authority da experiencia imprimem
em decisões de tal ordem. Mas não é somente, Senhores,
prestando á authority o auxilio de vossos conhecimentos
nestes assumptos, que tereis occasião de servir ao Paiz e á
humanidade.

Collocados em um vasto theatro para observação de
muitos phenomenos morbidos, proprios da nossa latitude, e
por consequencia mal estudados, ou antes apenas descriptos
nos autores de maior nota ou respeitabilidade, muitas occa-
siões tereis vós de colligir varios factos, observar-lhes as cir-
cunstancias, e estabelecer os caracteres geraes de certas en-
fermidades, que na maior parte dos casos não são senão mo-
dificações do mesmo principio. Desta arte vós enriquecereis
o thesouro da sciencia, e guiados pelos exemplos das outras
Sociedades da mesma natureza em outros Paizes, concilia-
reis com a estima dos sabios, o respeito dos vossos concida-
dãos, e a gratidão da humanidade enferma, para cujo soc-
corro vos achais aqui congregados.

Em fim, Senhores, assim reunidos e ligados pelo vinculo
robusto e suave da confraternidade, vós achareis a doçura da
recompensa mesmo na importancia do trabalho, e trocando
reciprocamente vossas idéas, vossas observações, e vossa ex-
periencia, vós verificareis em vós mesmos o que diz o sabio e
profundo Montaigne, isto é, o mais fructifero exercicio do
nosso espirito é a conferencia.

Terminando o presente discurso, eu julgaria haver mal
desempenhado a tarefa, de que me encarregastes, e mesmo

ANNO I. NUMERO I.

não haver fielmente interpretado vossos sentimentos, se pventura nesta circumstancia solemne, e na effusão dos sentimentos os mais verdadeiros, em nome desta Associação eu não dirigisse votos da mais profunda consideração, e illimitado respeito ao benemerito Cidadão, que até hontem dirigio com illustração, e patriotismo os destinos desta interessantissima Provincia, e sob cujos auspicios teve origem esta Sociedade. Receba pois elle este publico testemunho como um sincero tributo de gratidão e de estima; e se reduzido á condição privada, retirado dos negocios administrativos, e em fim recolhido em si mesmo recordar-se um dia dos serviços importantes, que prestára á Monarchia, á Constituição do Imperio, e a esta Provincia, em cujo engrandecimento trabalhára com tanto proveito e heroismo; cumpre que se não esqueça da protecção efficaz e esclarecida, que prestára ás letras e ás sciencias, por cujo titulo deixará nos annaes desta Associação uma lembrança tão viva e duradoura, quanto será viva e duradoura a saudade, que deixa no coração dos bons e leaes Pernambucanos. Felizmente, Senhores, a Providencia não nos negou em taes circumstancias as doçuras da consolação, e confiando a administração desta Provincia a um Pernambucano patriota, e digno tambem da estima e das sympathias publicas, nos deu por tal facto um valioso documento da futura prosperidade da Patria, particularmente no que respeita ás letras e ás sciencias.

Tendo assim preenchido, bem que imperfeitamente, o programma que me foi confiado, permitti, Senhores, que eu agora me dirija ao respeitavel e sabio Collega nosso, que até hoje ha presidido os nossos trabalhos preparatorios, a fim de agradecer-lhe em nome da Sociedade o zelo com que se houve no desempenho de tal missão; e unindo minha voz particular á desta Associação, eu julgo-me feliz de poder dar-lhe nesta occasião os testemunhos os mais authenticos do respeito e da amizade que lhe consagro por mui variados titulos.

Está installada a Sociedade.

BIOGRAFIAS
DE
ALGUNS POETAS,
E
HOMENS ILLUSTRES
DA
PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

PELO COMENDADOR

Antonio Joaquim de Mello.

—
TOMO I.



RECIFE.
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua do Collegio n.º 18.
1856.

— 56 —

ALGUMAS POESIAS

DO

PERNAMBUCANO

*O Erm. Conelleiro**Antonio Peregrino Maciel Monteiro,*

OFFICIAL DA ORDEM IMPERIAL DO CRUZEIRO,
GRÃO CRUZ DAS DE CRISTO, DE S. GREGÓRIO, E DA MILITAR PORTUGUEZA
DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA,
E MINISTRO DO BRASIL EM LISBOA.

Aos ANOS DA.... em 25 de Março de 1849.

Lyre long temps oisive, éveillez-vous encore!
I se leve, et nos chants le salûront toujours,
Ce jour que son doux nom décore,
Ce jour sacré parmi les jours!

V. Hcoo—Ode.

Trôa o canhão terribil, que apregôa
Os patrios foros em marcial lingoagem: (1)
Eis o dia. Senhora, de pagar-vos
O annuo feudo da minha vassalagem. (2)

Mais uma vez o Astro soberano
Seus dominios correo no firmamento;
Hoje assente em seu throno, ei-lo que espalha
Graças de luz ao vosso nascimento.

(1) Anniversario da Constituição politica do Imperio.

(2) He esta a quarta ou quinta vez que o autor costuma pagar o tributo dos seus toscos versos a Senhora, a quem hoje dedica os presentes.

— 37 —

Balançando-se n'haste voluptuosas,
Quão linda gala trajão hoje as flores!
Dir-se-hia, para gloria de enfeitar-vos,
Qu'orvalhou-as na aurora a mão d'Amores.

As Aves, que na selva a alva saudão
Com seus molles cantares á porfia,
O perfume nas rosas aspirando
Os ares embalsamão de harmonia.

O Sol tem mais fulgor, a flor mais mimos,
A Ave mais doçura em seu trinado;
Ah! como o coração dobrou seu fausto
Neste dia, Senhora, abençoado!

Tudo, tudo obedece á voz do Eterno
Rendendo cultos á belleza tanta!
So o Bardo na lyra, envolto em crepe,
Se emprehende cantar, geme, não canta!

Muda a lyra, na qual sagrei outr'ora
Tantos hymnos de amor á formosura:
Se do prazer dedilho as cordas d'ouro,
Vibrar a corda sinto d'amargura.

Mas ja que em vosso gynecéo risonho
Não pode o canto meu ser hoje ouvido;
Dai, Senhora, que aos echos da alegria
Ao menos se misture um meu gemido.

Ah! se em pomposo altar a Divindade
Insenso, flores, cánticos aceita,
O orar do Infeliz também acolhe
E as lagrimas do Afflicto não recoge.

A mesma urna, que no Tabernaculo
Recebe o ouro farto da Opulencia,
Tambem, modesta aos votos de humildade,
A oblação recolhe da Indigencia.

— 58 —

Pequeno he meu tributo: ei-lo qual posso,
Qual me he dado pagar-vos reverente:
Não he o dom opimo do Opulento,
He sim a escassa offrenda do Indigente.

A' UMA JOVEN.

Eu gosto de ver
Uns olhos gentis :
Mas quando os teus vejo,
Seu doce lampejo,
Me faz tão feliz !...
Meu Deos, como uns olhos,
Uns olhos somente,
Tal fogo derramão
No peito, na mente !

Eu gosto de ver
Um meigo sorriso:
Mas se em ti florece,
Então me parece
Ver o Paraíso.
Ah! Como he possível
Qu'um riso entre tantos,
Aos olhos debuxe
Um Eden de encantos ?

Eu gosto de ver
Feticeiro andar:
Mas se o teu contemplo,
Cuido ver n'um templo
Um Anjo a voar.
Quem verá jamais
Prodigios assim,
Andar uma Virgem
Como um Serafim ?

— 59 —

Eu gosto de ouvir
 Uma voz macia:
 Mas se es tu que fallas,
 No ouvido me inbalas
 Celeste harmonia.
 He isso magia,
 Ou do Ceo favor,
 Fallando, cantares
 Um hymno de amor?

Eia, Fada, ou Anjo!
 Verdade, ou Chimera!
 Anda, falla, ri,
 Que o Mundo sem ti
 Graça não tivera.
 Mas guarda, acautela
 Teus dons, teus primores;
 Que as Brizas das selvas
 Arrancão taes flores. (1)

— —

UM VOTO.

Se eu fora a flor querida, a flor mais bella
 De quantas brilhão no matiz, na gala:
 Se o meu perfume fora mais suave
 Que esse que a rosa no Oriente exhala:

Se em volta a mim os Zefiros traidores
 Sussurrando viessem bafejar-me,
 E com molles blandicias, brandos mimos
 Tentassem da minha haste arrebatár-me:

Se o vario Beija-flor tão feiticeiro,
 Desprezando uma a uma as demais flores,
 Em meu virgíneo delicado seio
 Depozesse seus beijos, seus amores:

(1) Ha aqui uma allusão.

— 60 —

N'um vaso de esmeralda eu não quizera
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo Nababo de Golconda,
Que piza em per'las, topa nos diamantes.

Tão pouco eu cubiçara ornar o seio
Dessa joven Britanica Princeza,
Em quem o brilho do diadema augusto
Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, Senhora, fora o meu desejo
Em vossa fronte tão serena, e bella,
E vedar que em seu vôo o tempo rapido
A aza impura não ouse roçar nella.

Como um raio da vossa formosura
Reflectiria em mim seu fogo santo !
Como a fragrancia dos cabellos vossos
Dera á minha fragrancia novo encanto !

Ahi, como vaidosa eu ostentara
Todo o meu esplendor ! E qual rainha
N'um throno de ouro ousara disputar-me
Minha alta condição, e a gloria minha ?

Mas ja que a flor não sou appetecida
(Que o não consentem fados meus adversos)
Não recuseis, Senhora, a flor silvestre
Que o Bardo vos offrece nestes versos.

-aos ANOS DE...

ODE.

Ao nascerdes, Senhora, um astro novo
Vos inundou de luz, que inda hoje ensina
No fogo desses vossos olhos bellos
Vossa origem divina.

— 61 —

O ar, que respirastes sobre a Terra,
Foi um sopro de Deos embalsamado
Entre as flores gentis, que vos ornavao
O berço abençoado.

Ao ver-vos sua igual no Empyreo os Anjos
Hymnos de amor cantarão nesse dia;
E o que se escuta, se fallaes, he o echo
Da angelica harmonia.

Gerada para o Ceo (que o Ceo somente
Da criação a pompa, e o brilho encerra)
Das mãos do Creador vos escapastes;
Cahistes ca na Terra.

Um Anjo vos seguiu para guardar-vos;
E quaes gemeos um no outro retratado,
Quem pode distinguir o Anjo, que guarda,
Do Anjo, que he guardado?

So um raio do Ceo arde perenne,
Sem que o Tempo lhe apague o fulgor santo:
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós he tudo eterno. E se na fronte
(Tão bella sempre em tempos tão diversos!)
Uma croa murchar-vos, he de certo
A croa dos meus versos.

Dos meus versos? Ah! Não! Que inextinguível
He o incenso queimado á Divindade:
E ao canto, que inspiraes, vós daes, Senhora,
Vossa immortalidade.

—

— 62 —

A M^o. STOLTZ EM UMA REPRESENTAÇÃO DA FAVORITA.

INSPIRAÇÃO.

Genio! Genio!... inda mais! Supremo esforço
 Da mão de Deus no ardor do entusiasmo!
 Es Anjo, ou es Mulher, tu que nos roubas
 Do culto o amor, o extasi do pasmo?

Na pujança do vôo a Aguilá soberba
 Tenta o Céu devassar, exhausta pa'ra:
 Nas azas do lyrismo tu de Jehova
 Ao Templo chegas, e te prostras n'ara.

Abi c'roada de fulgente aureola
 No concerto dos Anjos te misturas;
 E se cantas na Terra, são teus hymnos
 Harmonias, que ouviste nas alturas.—

Abi aspiras o lustral perfume,
 Que das urnas sagradas se evapora:
 Eis porque tua voz parece ungidá
 Dos olóres da flor, que orvalha a Aurora.

Abi do coração na harpa animada
 As cordas descobriste de ouro estreme,
 Que se vibra de amor, atea n'alma
 Paixão, que goza, e sofre, canta, e geme.

Abi o idioma typico aprendeste,
 Que entendem todos e que tudo exprime:
 He assim teu olhar o verbo vivo,
 He teu gesto a linguagem mais sublime.

— 63 —

Mysterio augusto, que do Eterno ao fiat
Surgiste qual visão, que attrahe, fascina;
Se da mulher teu corpo veste a forma,
Arde no genio teu chamma divina.

Mulher, ou Anjo! Cumpre a missão tua!
Seja a crença deleite, a fé doçura:
Toda a terra ame ao Ceo nos seus prodigios,
Adore o Creador na creatura.

AO EMBARQUE, E PARTIDA DE UMA SENHORA.

UM SONHO.

Ella foi-se!... E com ella foi minha alma
Na aza veloz da Briza sussurrante,
Que ufana do thesouro, que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

Voava a Briza, no atrevido rapto
Frisava do Oceano a face liza:
Eu que a Briza acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a Briza!

No horisonte esconder-se anuviado
Eu a vi; e dous pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam:
Eram elles seus olhos lacrimosos!

Pouco, e pouco empanou-se a luz confusa.
Que me sorria lá dos olhos seus;
E d'além ondulando uma Aura amiga
Aos meus ouvidos repetio adeos!

— 64 —

Nada mais via eu, nem mesmo um raio
Fulgir a furto de esperança bella ;
Mas meus olhos illusos descobrião
N'uma amavel visão a imagem della.

Esvaio-se a visão, qual nuvem aurea
Ao bafejar de vespertina aragem ;
Se aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se !... E com ella foi minha alma
Na aza veloz da Briza sussurrante.
Que ufana do thesouro que levava,
la... corria... e como vai distante !



GRINALDA DE FLORES POÉTICAS



DE

PRODUCCOES MODERNAS DOS MELHORES POETAS

BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Entre as quaes traducções de poesias escolhidas do Ingles, allemão,
francês e italiano, com os originaes ao lado

*

DEDICADAS AO BELLO SEXO



RIO DE JANEIRO

PUBLICADA E A VENDA EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1857

GRINALDA

DE

FLORES POETICAS-

SONETO.

Non : je ne rougis plus du feu qui me consume
L'amour est innocent, quand la vertu l'allume.

LAMARTINE.

AMAR, amar um anjo de candura,
De toda a criação a obra prima,
Render-lhe culto que está inda acima
Do culto que a Deos rende a creatura...

Dar-lhe quanto ha no peito de ternura,
E a paixão ennobrece e legitima :
D'alma que ao céu se exalta e se sublima
O perfume votar-lhe em aura pura :

Desejos mil queimar em casta chamma,
E a c'róa do martyrio em premio tardo
Na fronte receber qu'ella orna e enrama :

Eis a religião do pio Bardo,
Eis como, minha Lilia, elle arde, elle ama,
Eis como, minha Lilia, eu amo, eu ardo.

A. P. MACIEL MONTEIRO.

2

SONETO.

FORMOSA, qual pincel em téla fina
 Debuxar jámais pôde, ou nunca ousára;
 Formosa qual no céu jámais brilhára
 Astro gentil, estrella peregrina.

Formosa qual se a propria mão divina
 Lhe alinhára o contorno e a fôrma rara,
 Formosa, qual jámais desabrochára
 Na primavera a rosa purpurina...

Formosa, qual se a natureza e a arte,
 Dando as mãos em seus dons, e em seus labores
 Jámais pôde imitar no todo ou parte.

Mulher celeste, ó anjo de primôres!
 Quem pôde ver-te, sem querer amar-te,
 Quem pôde amar-te, sem morrer d'amores!

A. P. MACIEL MONTEIRO.



3

À UMA SENHORA POLACA.

Vê o cysne no lago sua imagem,
Na propria luz debuxa-se o relampago,
No oceano o céu se vê, Deos no universo,
E nõ porvir o homem.

No porvir?... Desmaiado, frio interprete!...
Espelho baço, qual do Norte os gelos!
Mas seu prisma e fulgor qu'importa ao vate
Se a morte é seu reflexo!

Mas n'um peito sensível contemplar-se
N'uns castos ollhos, que a ternura inflamma
A furto descobrir o olhar amante
Como á noite uma estrella!...

Dizem: no meio das humanas lides
Ha um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a calmaria, a inveja, a sanha,
Tem meu nome um abrigo!

Minha lyra n'um peito vibre ao menos,
Que os meus ais como o céu mudos entende,
Onde a minha voz soa, e alma s'esparge...
Ah! do Bardo eis o premio!

4

Embóra os versos meus no olvido expirem,
 Minha gloria e repouso em ti só vejo;
 Viver mesmo ignorado nos teus sonhos,
 Ter um echo em tua alma!

Discreta testemunha do teu pranto,
 Sentir os ais no peito encarcerados,
 Nas suas emoções, fiel, ter parte,
 Ser chamado em teus labios!

De dia na solidão seguir-te os passos;
 De noite vigiar-te á luz da alampada;
 Sei quem amas, e a sombra com quem sonhas.
 Eis minha eternidade!

A. P. MACIEL MONTEIRO.



O VOTO.

Se eu fôra a flôr querida, a flôr mais linda
De quantas brillão no matiz, na gala,
Se o meu perfume fôra mais suave
Que esse que a rosa no Oriente exhala :

Se em roda a mim os zephyros traidores
Susurrando viessem hafejar-me,
E com molles caricias, brandos mimos
Tentassem da minh' haste arrebatá-me :

Se o vario colibrí tão feiticeiro
Desprezando uma a uma as demais flôres,
Em meu virgineo, delicado seio,
Depuzesse seus beijos, seus amores :

N'um vaso d'esmeralda eu não quizera
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo Nababo de Golconda,
Que pisa em per'las, topa os diamantes :

6

Tão pouco eu cubiçára ornar o seio
 D'essa joven, britannica princeza,
 Em quem o brilho do diadema augusto
 Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, senhora, fôra meu desejo
 Em vossa fronte tão serena e bella,
 E vedar que em seu vôo o tempo rapido
 A aza impura não ouse roçar nella....

Como um raio de vossa formosura
 Reflectiria em mim seu fogo santo!
 Como a fragrancia dos cabellos vossos
 Déra á minha fragrancia novo encanto!

Ahi, como vaidosa eu ostentára
 Todo o meu esplendor! Ah! qual rainha
 N'um throno d'oiro ousára disputar-me
 Minh'alta condição e a gloria minha?...

Mas já que a flôr não sou, que o não consente
 Ferreo-rigor dos fados meus adversos,
 Não recuseis, senhora, o ramalhete
 Que o Bardo vos off'rece nestes versos.

A. P. MACIEL MONTEIRO.

AOS ANNOS DE

Oh ! vous faites rêver le Poète le soir !
 Souvent il songe à vous lors que le ciel noir,
 Quand minuit s'éroule sous ses voiles ;
 Car l'âme du Poète, âme d'ombre et d'amour,
 Est une fleur des nuits, qui s'ouvre après le jour
 Et s'épanouit aux étoiles.

V. Hugo. — (*Feuilles d'automne.*)



BIS-ME outra vez da criação no Templo,
 Adorando, senhora, os seus primores !
 E no altar, que occupais, augusto, esplendido
 Queimando incenso, derramando flôres !

D'harpa d'oiro, em que outr'ora o Rei Psalmista
 Desprendia torrentes de doçura,
 Nos dedos do poeta as cordas vibrão,
 Se canta do que existe a formosura.

A terra tinha flôres, o céu astros,
 O ether era puro, azul o Oceano,
 Tudo estava creado, mas faltava
 O architypo do bello soberano.

8

D'Eva no molde o Creador pensando,
 Novas graças juntou-lhe com destreza....
 Vós nascestes, senhora, e a voz de um anjo
 Taes palavras cantou — Eis a belleza! —

Ether, mar, astro, flôr, tudo eclipsou-se
 Em presença da nova creatura:
 Prendeu-se a terra ao céo, e completou-se
 Do Universo a sublime architectura!

Da especie humana a sphaera comprimida
 Se expandio té a empyrea summidade;
 E na cadêa hierarchica dos seres
 Sois o anel que nos prende á Divindade.

Qual o orvalho da aurora anima a rosa,
 E o frescor e o perfume lhe accrescenta,
 A luz dos seraphins, que em vós reflecte
 Vossa aureola d'encantos aviventa.

Se olhais, raios do céo a terra aclarão;
 Se rides, anjos mil espargem flôres:
 Ao contemplar, senhora, taes prodigios
 Dir-se-hia que por vós Deos sente amores!...

9

Favorita de Deos! Em balde o tempo
Se empenha contra vós em dura guerra;
O sol é sempre no Zenith o mesmo,
A mesma vós sereis sempre na terra.

A. P. MACIEL MONTEIRO.



DE tierna juventud esta es la ofrenda
A la diosa de olimpicas favores,
Palido ramo de inocentes flóres
Sin cultivo nacidas en la senda
Que recorrí en mis dias los mejores.

Marchitar-se, morir es su destino!
Mas si no todas arrebata el viento,
Pueda su aroma penetrante y fino
Distraer de la vida en el camino
A quien agite el alma algun tormento.

CARLOS GUIDO Y SPANO.



MACIEL MONTEIRO

Poesias

Texto organizado e apresentado por

JOSÉ ADERALDO CASTELLO



CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA — COMISSÃO DE LITERATURA
SÃO PAULO

16 — GLOSA (84)

*Vem cá minha companheira
vem triste e mimosa flor,
se tens de Saudade o nome
da Saudade eu tenho a dor.*

Glosa

Triste flor, muda expressão,
do meu cordial segrêdo,
és hipócrita arremêdo
do que sente o coração.
Agreste solo, mansão
de tua estirpe rasteira,
abandona, e vem ligeira,
dentro em meu peito encerrar-te,
com êle identificar-te
vem cá minha companheira.

(84) Esta poesia não se encontra na coletânea de REGUEIRA COSTA. Descobrimo-la na obra de DOMINGOS BORGES DE BARROS, Visconde de Pedra Branca — *Poesias oferecidas às Senhoras Brasileiras*, por um Baiano. Paris, Chez Aillaud, Libraire, MDCCCXXV. Tomo primeiro. Págs. 214-216. — A CONDÊSSA D'OEYNSHAUSEN (Marquesa de Alorna) dedicou a DOMINGOS BORGES DE BARROS, em 1823, uma poesia sobre a "Cançoneta à Saudade"; mais tarde, em 1824, de Paris, MACIEL MONTEIRO enviou também a BORGES DE BARROS uma poesia sobre a mesma quadra.

76

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

No fatal apartamento
do meu céu, Marília amada,
tu interpretas calada
meu letal padecimento.
Vem dar-me neste momento
vivo, animado calor,
vem partilhar minha dor,
meus instantes enlutados;
carpir comigo meus fados
vem triste, e mimosa flor.

Com mera irritab'lidade
partilha dos vegetais
sensações de dor, e ais
exprime, ó flor saudade!
Se animal sensib'lidade
a natura em ti não some,
minha alma qu'amor consome,
tu és, ou és cópia dela;
és a dor que me flagela
se tens de Saudade o nome.

Emblema do desprazer
qu'ausência motiva, e gera,
minha aflita dor, fera
fingida parecez ter.
Melancolia ao te ver
do meu mal cresce o rigor;
se me avista terna flor
dobras tua soledade:
tu te apelas Saudade
da Saudade eu tenho a dor.

(s/ data).

Aí está a origem da poesia em aprêço. (V. ob. cit., págs. 211 e 214.)

29 — AOS ANOS DA EXMA. SRA. V. de P. B.

Sonêto improvisado (118)

D'insólito esplendor c'roadado Apolo,
em a quadra hibernal, fulge no espaço;
do proceloso Noto o férreo laço
já da dextra pendente exhibe Eolo:

de lindas flores exornado o colo,
se ostenta Flora de Favônio ao passo,
e o negro Inverno, de beleza escasso,
demanda os climas do gelado Pólo.

mente dedicada às senhoras, publicada no Recife de 1869-70, sob os auspícios do Dr. Aprígio Guimarães e a direção de José Vicente Meira de Vasconcelos; encontra-se ainda impressa como da lavra de Maciel Monteiro na edição para 1901 do Almanaque de Pernambuco do Dr. Júlio Pires Ferreira a quem foi fornecida pelo mencionado Dr. José Vicente". (V. MACIEL MONTEIRO, *Poesias*, ed. cit., págs. 182-183.)

A impossibilidade presente de examinarmos as poesias de José Eloy Oroni, impede-nos de manifestar definitivamente a nossa opinião.

(118) O presente sonêto (aliás de gosto acentuadamente arcádico), da mesma forma que a poesia número 16, não se encontra na coletânea publicada por REGUEIRA COSTA. Nós o encontramos na obra de DOMINGOS BORGES DE BARROS, Visconde de Pedra Branca — *Novas poesias oferecidas às Senhoras Brasileiras por um Baiano*. Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1841. Pág. 127.

MACIEL MONTEIRO — POESIAS

97

Dia risonho, precursor do gôzo,
que d'alma Primavera o róseo manto
sôbre gelos desdobras portentoso!

Próspero e eterno (se é possível tanto!)
de Marília ao natal prende gostoso
a graça, o riso, o júbilo, o encanto.

Feito e oferecido por A. P. M. M.

(s/ data)

Poesias Vertidas para



Outros Idiomas

POESIAS VERTIDAS PARA OUTROS IDIOMAS

PARA O FRANCÊS:

COSTA, João Batista Regueira (1845-1915) – *Poesias* de Maciel Monteiro, publicadas sob a direção de J.B.R.C. e Alfredo de Carvalho (1879-1916), Recife, Imprensa Industrial, 1905. Pp. 166-167: HINO AO 7 DE SETEMBRO (*Quão risonho no horizonte / surge o Deus da claridade*), aqui HYMNE (*A l'horizon brillant de gloire / Monte le dieu de la clarté*); 171-172: AOS ANOS DE ... – Ode (*Ao nascerdes, senhora, um astro novo*), aqui com o título de ODE (*Lors de votre naissance un astre lumineux*); 172-173: A UMA JOVEM (*Eu gosto de ver / uns olhos gentis*), na versão, com o título de A UNE JEUNE FILLE (*J'aime à voir, ô jeune fille*); 176: Soneto FORMOSA (*Formosa, qual pincel em tela fina*), aqui com o título de SONNET (*Belle, comme jamais sur une toile fine*); 178-179: AOS ANOS DE ... (*Eis-me outra vez da Criação no templo, / Adorando senhora, os seus primores*), aqui com o título de A L'ANNIVERSAIRE D'UNE NAISSANCE (*J'entre encor dans le temple éclatant de splendeurs / De la Création, où son faste j'adore*); 180: SONETO (*Era já posto o sol. A natureza / Em ondas de perfume se banbava*), aqui SONNET (*Le soleil se couchait, et tout enchanteresse / Dans de mollesodeurs la nature ondoyait*); 181-182: AOS ANOS DE ... – A 25 de março de 1849 (*Troa o canhão terrível, que apregoa*) na versão: (*Le martial arirain, que l'on entend gronder*); 187: UM SONHO – Ao embarque e partida de uma Senhora (*Ela foi-se! E com ela foi minb'alma*), aqui com o título de UN REVE (*Elle est partie, hélas! Et mon âme la suit*), em tradução livre do dr. Carlos Porto Carreiro (1865-1932):

ORBAN, VICTOR (1868-1946) – *Littérature Brésilienne*. Préface de M. de Oliveira Lima (1867-1928), Paris, Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, s.d. (1910), precedidas de resumo biográfico (p.43), encontram-se as seguintes versões: SONNET I (*J'ai rêvé que, couché dans tes bras...*). *Sonhei que, nos teus braços reclinados* (1905, pp. 95-96), p. 43 SONNET II (*Le soleil était déjà couché! La nature...*). *Era já posto o sol. A natureza...* (1905, pp. 105-106), pp. 43-44; SONNET III (*Si belle que jamais pinceu n'a pu...*). *Formosa, qual pincel em tela fina* (1905, pp. 89-90), p. 44. *Na Deuxième édition, revue et augmentée*, (1914), a mesma matéria acha-se nas pp. 46-48. Em *Poesie Brésilienne*, Édition du Centenaire de l'Indépendance du Brésil, 1922, pp. 32-33, foi reproduzido apenas o SONNET (*Si belle qu'aucun pinceau ne pût...*). Versão em prosa castigada. O texto das 1.^a e 2.^a edições são os mesmos. Nessa edição de 1922, além da redução da nota biográfica, o texto do soneto sofreu variantes. O SONNET II, p. 43-44, aqui atribuído a Maciel Monteiro, é do poeta baiano Antônio Augusto de Mendonça (1830-1880).

PARA O ESPANHOL:

COSTA, João Batista Regueira – *Poesias de Maciel Monteiro*, 1905. Pp. 174-175, versão do soneto “Formosa” (*Hermosa, de una gracia peregrina / Para un sueño de mármol de Carrara*), pelo poeta chileno D. Clemente Barahona Vega.

CASAS, D. Alvaro de las – *Sonetos Brasileños*. Prologo del Dr. Claudio de Souza. Rio de Janeiro, publicação da Academia Brasileira de Letras, 1938, pp. 21-22: “Hermosa” (*Hermosa cual pincel en tela fina*).

PARA O ITALIANO:

COSTA, João Batista Regueira – *Poesias de Maciel Monteiro*, 1905. P. 175, versão do soneto “Formosa” (*Formosa qual pennello in tela fina / Giammai dipinse, e mai sbozzar non osa*), por F. Marotti.

MIRAGLIA, Tolentino – *Piccola Antologia Poetica Brasiliana – Versioni* – San Paolo – Brasile, 1955, p. 106: SONETTO (*Formosa, qual pittore in tela fina*).

PARA O SUECO:

COSTA, João Batista Regueira – *Poesias de Maciel Monteiro*, 1905. Pp. 176-177, versão do soneto “Formosa” (*Skôn, mera skôn ân nagon âlsklingsdrôm, / som man en konstnâr pa sin duk sett mâla*), pelo poeta escandinavo Gôran Bjorkman (1860-1923).

Segue-se a letra do cantico patriotico re-
produzida por F. A. Pereira da Costa no *Hym-
nario Pernambucano* publicado no *Jornal do
Recife*.

Foi assim traduzido para o francez pelo
Dr. João Baptista Regueira Costa.

H Y M N E

A l'horison brillant de gloire.
Monte le dieu de la clarté :
Réjouissez-vous : la victoire
A couronné la Liberté.

*Sur le Brésil, sur notre âme
Un âge d'or est levé.
Liberté le nord proclame,
Le sud répond : Liberté.*

Aux sons plaintifs de la patrie
Dieu bienveillant s'est éveillé,
En embrasant la tyrannie
Dans le feu de la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

La trahison, que l'on vit naître,
Contre nous en vain a grondé ;
Elle a blessé l'infame traître,
En respectant la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

Dans notre ciel déjà riante
Luit la calme sérénité ;
Dans notre sol, comme une plante,
Fleurit déjà la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

*** 166 ***

La paix seulement fait nos charmes,
Et non le sang humain versé:
De la vertu, non pas des armes
C'est d'où nous vient la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

Contraire aux fers de l'esclavage,
Dont elle hait la cruauté,
De la gloire c'est une image
Notre si douce Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

O Brésil, triomphant progress:
Et marche à ta prospérité;
Le ciel sur toi veille sans cesse,
Il veille sur ta Liberté!

Sur le Brésil, sur notre âme.

ODE

(MACIEL MONTEIRO)

Lors de votre naissance un astre lumineux
 A répandu sur vous un éclat, qui fascine,
 En enseignant encor, au feu de vos beaux yeux,
 Votre source divine.

Ce fut un air nouveau l'air par vous respiré,
 Un doux souffle de Dieu, qui les fleurs embaumèrent,
 Les fleurs, qui vous ornant le berceau bien-aimé,
 De parfums l'inondèrent.

En vous voyant leur soeur, tous les anges d'en haut
 Chantèrent à ce jour des hymnes de louanges;
 Et, lorsque vous parlez, votre voix c'est l'écho
 De ces accords des anges.

Pour le ciel engendrée, où toute la splendeur
 De la Creation se réunit, se serre,
 Vous tombâtes alors des mains du Createur
 Sur le sein de la terre.

Un ange vous suivit: vous ressemblant si bien,
 Ainsi que des jumeaux, ah! si l'on vous regarde,
 Qui saurait distinguer le bel ange gardien
 De cet ange, qu'il garde!

Brille sur vous du ciel un des plus beaux rayons,
 Que le temps rigoureux n'eteint jamais, n'efface:
 C'est pourquoi, pour toujours, les mêmes sont vos dons
 La même votre grâce.

Tout vous est éternel, puisqu'en vous tout vivra,
 Et, si dans votre front, où la beauté rayonne,
 Une couronne un jour se flétrit, ce sera
 De mes vers la couronne.

De mes vers! Non jamais! ah! d'en bas s'envolant,
 L'encens, qu'on brûle à Dieu, le temps ne peut détruire!
 Votre immortalité vous donnera au chant,
 Que votre amour m'inspire!

J. B. REGUEIRA COSTA.

A uma joven

Apparecen primeiramente nas *Biografias de Alguns Poetas* (Vol. I, pp. 58-59); é do Dr. J. B. Regueira Costa a seguinte tradução francesa, publicada no *Diário de Pernambuco*, de 30 de Abril de 1904:

A UNE JEUNE FILLE

(MACIEL MONTEIRO)

J'aime à voir, ô jeune fille,
Un regard de gentis yeux ;
Mais, si pour moi le tien brille,
Je me sens assez heureux !
Comment un regard, mon ange,
Sur le cœur et sur l'esprit
Repend-il l'éclat étrange
D'un feu, qui les éblouit !

J'aime un caressant sourire,
Mais, lorsque je vois le tien,
Il semble qu'à me séduire
Je voie un riant éden !
Se peut-il, ô demoiselle,
Que, sur ta lèvres à fleurir,
Un sourire aux yeux débèle
Un bel éden à s'ouvrir ?

J'aime une charmante allure ;
Mais, quand je te vois marcher,
Un ange je te figure
Dans un temple à s'envoler !
D'où vient qu'une vierge marche,
Et, par un secret destin,
Révèle, dans sa démarche,
L'allure d'un séraphin ?

J'aime une voix aussi tendre,
Aussi douce que le miel :
Mais ta voix me fait entendre
Un suave accord du ciel !
N'est-ce pas une merveille,
Un don du divin séjour,
Que, si tu parles, l'oreille
Croie entendre un chant d'amour ?

Femme, fée, ange, chimère,
Marche ou vole, parle ou ris :
Que sans toi jamais la terre
Ne serait un paradis :
Mais, pour tes grâces exquisas,
Garde-toi des mots flatteurs...
Puisque—des forêts les brises—
Ravisent ces belles fleurs !

J. B. REGUEIRA COSTA.

N'A *Semana*, periodico de ciencias artes e letras que se publicava nesta cidade appareceu, assignada por F. Marotti, a seguinte versão italiana :

Formosa

(MACIEL MONTEIRO)

Formosa qual pennello in tela fina
Giammai dipinse, e mai sbozzar non osa ;
Formosa qual giammai la rubra rosa
Olezzante sbocció e porporina.

Formosa qual se l'alta man Divina
Tracciato avesse forma si vezzosa :
Formosa qual giammai brilló formosa.
In cielo, eguale stella pellegrina.

Formosa qual giammai Natura ed Arte,
Avvinte, in lor perenne lavorio,
Non seppero imitar nemmeno in parte.

Donna divina ! arcangelo diletto !
Chi può vederti, e non sentir desio ?
Chi può adorarti, e non morir di affetto ?

F. MAROTTI.

E' do nosso presado confrade Dr. J. B.
Regueira Costa esta traducção em francez, inédita :

SONNET

Belle, comme jamais sur une toile fine
Un peintre n'a tracé ou n'a jamais osé ;
Belle, comme jamais la rose purpurine
N'est éclose au printemps, que les fleurs ont orné.

Belle, comme si Dieu, d'après son origine,
La forme, le contour en avait aligné ;
Belle, comme jamais l'étoile pèlerine,
L'astre le plus gentil dans le ciel n'a brillé.

Belle comme si l'art, ainsi que la nature,
En imitant les dons de cette créature
N'ont jamais réussi de leur puissant concours :

Femme toute céleste, ô chef-d'œuvre des anges !
Qui vous voit sans aimer tous vos appas étranges ?...
Qui saurait les aimer sans se mourir d'amours ?

J. B. REGUEIRA COSTA.

Formosa qual pincel em téla fina

Este soneto, bellissimo embora eivado de grave erro de concordancia no primeiro terceto, é, sem duvida, a poesia mais popular de Maciel Monteiro.

Attendendo á sua grande popularidade, procuramos conseguir fôsse traduzida em algumas linguas estrangeiras.

A nosso pedido, transmittido por intermedio do illustre belletrista mineiro Dr. Nelson de Senna, foi vertido para o hespanhol pelo eminente poeta chileno D. Clemente Barahona Vega. Eis a traducção inedita :

Hermosa

Version al castellano del magñifico soneto del illustre Baron de Itamaraci, ofrecido, em señal de cariñosa simpatia, a los distinguidos cofrades de Recife.

Hermosa, de uma gracia peregrina
para un sueño de márml de Carrara ;
Hermosa, cual jamas desabrochara
en primavera rosa purpurina.

Hermosa, cual pulidos por divina
mano el suave contorno i forma rara ;
Hermosa, tal que el cielo te ostentara
astro jentil, estrella matutina.

Hermosa, la natura como el arte
agotaron en ti sus esplendores,
con lo mas delicado de su parte.

Oh mujer celestial ! por tus primores,
¿ quién puede verte, sin querer amarte ?
¿ quién puede amarte, sin morir de amores ?

CLEMENTE BARAHONA VEGA.

Eis-me outra vez da Creação no templo

E' do Dr. J. B. Regueira Costa a seguinte
tradução franceza inedita :

A l'anniversaire d'une naissance

(MACIEL MONTEIRO)

J'entre encor dans le temple éclatant de splendeurs
De la Création, où son faste j'adore :
Sur votre riche autel, que la pompe décore,
Je brûle de l'encens et je répands des fleurs.

De la harpe, où jadis la main du roi psalmiste
Des torrents de douceur tirait suavement,
Vibrent les cordes d'or, si le poète amant
Chante aussi la beauté de tout ce qu'il existe.

Le ciel était brillant, la terre fleurissait,
Et l'éther était pur et la mer azurée ;
Toute chose ici-bas était déjà créée,
Mais du beau souverain l'archetype y manquait.

D'Eve alors Dieu rêvant au merveilleux modèle
De nouveaux dons ajoute aux grâces qu'elle unit ;
Vous uilquites, d'en haut la voix d'un ange a dit :
La beauté, la volé, son chef-d'oeuvre c'est elle !

L'éther, l'astre, fleur et l'azur de mers...
Le tout fut éclipsé par cette créature :
La terre est prise au ciel et du vaste univers
L'Eternel acheva la belle architecture.

La sphère des humains se dilata dans peu
Jusque de l'Empyrée au sommet magalifique ;
Et de tous les vivants dans la chaîne hiérarchique
Vous êtes le chaînon qui nous rattache à Dieu.

Ainsi que la rosée anime la corolle
Et l'odeur de la rose, au plus beau des matins,
La clarté, qui sur vous descend des séraphins,
De vos charmes divins anime l'auréole.

Vous regardez, le ciel tout éclairé alentour ;
Vous riez et des fleurs verse la main des anges ;
Ici-bas en voyant ces prodiges étranges,
On dirait que pour vous Dieu s'attendrit d'amour.

Favorite du ciel ! Ah ! qu'importe la guerre
Qu'a votre sexe aimé fait le temps rigoureux ?
Le soleil c'est le même au zénith glorieux :
La même vous serez pour toujours sur la terre !

J. B. REGUEIRA COSTA.

Era já posto o sol. A natureza

Este soneto de Maciel Monteiro foi fornecido ao Dr. Regueira Costa pelo já citado Francisco Pacífico do Amaral; foi assim traduzido para o francez pelo Dr. Regueira Costa.

SONNET

Le soleil se couchait, et toute enchanteresse
 Dans de molles odeurs la nature ondoyait ;
 La rose se penchait et pure au loin brillait
 Quelqu' une de ces fleurs, que le zéphyr caressait.

Un nuage subtil d'une pâle tristesse
 Sur sa face innocente à l'aventure errait ;
 Une scabieuse alors, plus triste, se mêlait
 De ses cheveux d'ébène à la charmante tresse.

Si l'on pouvait la peindre ! Ah ! son front rayonnant
 Était plus bel encor que la lune sortant
 Des ombres de l'orage et dans l'azur levée.

Contre ses yeux brillants je ne me sens pas fort :
 A ses lèvres mon cœur s'envole en doux transport
 Et d'un ardent amour mon âme est inondée.

J. B. REGUEIRA COSTA.

Trôa o canhão terríbil, que apregôa

Pelo Dr. Regueira Costa foi assim traduzida
para o francez :

Le martial airain, que l'on entend gronder,
A la patrie en fête annonce son hommage ;
Voici, voici le jour, où je dois vous payer
Le tribut annuel de mon saint vasseiage.

De nouveau le soleil a dans le firmament
Parcouru son empire en sa vaste carrière ;
Il s'assied aujourd'hui sur son trône puissant,
En répandant pour vous des graces de lumière.

Sur leurs tiges les fleurs étalent mille atours ;
En les voyant ainsi l'on dirait qu'à l'aurore
Les arrosa la main de innocentes amours,
Pour orner votre front, que la beauté décore.

Les oiseaux, en salut à la faible lueur,
Qui si douce descend de cette aube chérie,
Des roses aspirant la très suave odeur
La region des airs embaument d'harmonie.

Le soleil plus d'éclat a dans chaque rayon,
La fleur a plus de grace, en sa vive nuance,
L'oiseau plus de douceur ! Que la Création
La pompe en double au jour de si belle naissance !

Tout à la voix divine est contraint d'obéir,
Et des cultes vous rend la nature animée...
Moi seul, je chante en vain, je ne fais que gemir...
J'ai ma lyre aujourd'hui de long crêpe voilée.

Dans ma lyre, où jadis je tirai tant de fois
De purs hymnes d'amour, si les sons j'en accorde,
En posant du plaisir sur la corde mes doigts,
De l'amertume alors je sens vibrer la corde.

Mais, si mon chant d'amour ne peut être entendu
Dans votre gynécée, éclatant tout de fête,
Qu'a ces échos joyeux puisse être confondu
Un sourd gémissement de l'âme du poète.

Dieu, qui l'encens, les fleurs et les dons précieux
Reçoit dans son autel, plein de pompe et de charmes,
Ecoute en même temps la voix du malheureux
Et ne refuse pas de l'affligé les larmes.

L'urne du Tabernacle, où l'on voit déposé
L'or du riche, que Lui si bienveillant accueille,
Modeste aux vœux ardents, que fait l'humilité,
De l'indigent aussi l'oblation recueille.

Agréé le tribut, que je vous rend soumis ;
De mon culte pour vous la valeur n'est pas grande ;
Où, ce n'est pas le don à l'opulent permis,
Mais c'est de l'indigent la très modeste offrande.

J. B. REGUEIRA COSTA.

Ella foi-se e com ella foi minh'alma

Reza a tradição que estes versos tiveram a origem seguinte. Mantinha o poeta, então no Rio de Janeiro, intriga amorosa com certa senhora de peregrina formosura, esposa de um seu collega de parlamento, deputado por uma provincia nortista, limitrophe da Bahia.

Haviam os dous amantes combinado se encontrarem, uma noite de baile, no palacio do Marquez de Abrantes. Compareceu á festa Maciel Monteiro, radiante de alacres esperanças, quando foi informado de que o marido enganado, sciente da intriga, naquelle mesmo dia regressára, em companhia da infiel consorte, á provincia natal.

Profundamente consternado, o poeta recolheu-se ao vão de uma janella e ali improvisou estes versos, que no dia seguinte foram encontrados, a um canto do salão, escriptos a lapis em meia-folha de papel de carta.

Foi esta mesma senhora, de belleza e volubilidade legendarias, quem inspirou ao bardo sergipano Pedro Calasans o poemeto *Ophenisia*, cujo titulo é caprichoso anagramma do seu nome.

A poesia, alem de numerosas edições, mereceu do nosso confrade Dr. Carlos Porto Carreiro a seguinte traducção franceza, publicada n'*A Provincia*, de 30 de Abril de 1904 :

UN REVE

(MACIEL MONTEIRO)

[Versão livre da poesia

«Ella foi-se, e com ella foi minh'alma...»]

*Homenagem á memoria do poeta no primeiro centenario
do seu nascimento, em 30 de Abril de 1904*

Elle est partie, hélas ! Et mon âme la suit
 Sur l'aile murmurante et folle de la brise
 Qui, fière d'enlever ce beau trésor, s'enfuit
 Et s'envoie et se perd dans la brume indécise.

La brise qui l'emporte -en son élan cruel
 Fait rider la mer calme, uniforme, sereine :
 Je tiens à retenir l'âpre souffle du ciel...
 En vain : de mes soupirs il emprunte l'haleine.

Dans le brouillard lointain, deux seuls points lumineux
 Me montrent le couchant de cette double étoile :
 C'est le divin éclat de ses humides yeux
 Que je recherche encor dans l'azur qui se voile.

Lentement ce regard je le vois se ternir
 Dérobant à mes yeux de riantes merveilles ;
 Seul, du bout de la mer, un suave zéphir
 Vient glisser un adieu plaintif à mes oreilles.

A' l'entour, je ne vois pas même le rayon
 D'un bel espoir briller un moment sur la plage ;
 Mais mon œil qui poursuit sa douce vision
 Fait mon esprit songeur rêver de son image.

L'ombre s'évanouit, comme un nuage d'cr
 Dont la brise du soir détruit la faible trame...
 Si de mes yeux mortels je l'ai perdue, encor
 Je la saurai trouver avec les yeux de l'âme.

Elle est partie, hélas ! Et mon âme la suit
 Sur l'aile murmurante et folle de la brise,
 Qui, fière d'enlever ce cher trésor, s'enfuit
 Et s'envoie et se perd dans la brume indécise.

Abril--1904.

CARLOS PORTO CARREIRO.

Ainda a solicitações nossas dignou-se de
trasladal-a para o sueco o illustre poeta scan-
dinavo Dr. Göran Björkman :

Skön

Skön, mera skön än någon älsklingsdröm,
som man en konstnär på sin duk sett måla :
skön, mera skön, än häckens rosor prala,
da först dem när en varfläkts ljumma ström ;

Skön, som om Skaparn ajälf lagt fadersom
sin hand vid drag, som hvarje täflan tal-a ;
skön, mera skön, än himlens stjärnor strala,
da själen till dem länkar tankens tòm ;

Skön, sa fullkomligt skön, att ej naturen,
om ock med konstens genius sammansvuren,
ett sadant underverk förmatt att dana—

Angel, fran himlen länd till jordens ö,
att se dig är att kärlekslycka ana,
att älska dig är att af kärlek dö.

GÖRAN BJÖRKMAN.

VICTOR ORBAN

LITTÉRATURE BRÉSILIENNE

Préface de M. de OLIVEIRA LIMA

DE L'ACADÉMIE BRÉSILIENNE

TRADUCTION D'ANTONIO FERREIRAS

J. Mano de C. Monteiro

La littérature brésilienne peut être considérée à bon droit comme vraiment nationale : en cette qualité, elle a sa place marquée dans l'ensemble des littératures du monde civilisé ; enfin, ces derniers temps surtout, elle a produit, dans les principaux genres, des œuvres dignes de l'attention des lettrés.

FERDINAND WOLF.

Lello & Irmão, Éditeurs
144, RUA DAS CARMELITAS
PORTO

H. Garnier, Éditeur
109, RUA DO OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

GARNIER FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS

(1910)

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Sonetos Brasileños

traducidos al español

por

D. ALVARO DE LAS CASAS

PROLOGO

del

DR. CLAUDIO DE SOUZA

PRESIDENTE DE LA ACADEMIA



RIO DE JANEIRO

1 9 3 8

SONETOS BRASILEOS ————— 21

MACIEL MONTEIRO
(1804 - 1868)

HERMOSA

Hermosa cual pincel en tela fina
dibujar nunca pudo o nunca osara,
hermosa como nunca se mostrara
la más bonita rosa purpurina.

Hermosa cual si inspiración divina
esculpiera su cuerpo y forma rara,
hermosa cual jamás nunca brillara
astro gentil y estrella peregrina.

22 ————— SONETOS BRASILENOS

Hermosa como nunca ningún arte,
 extremándose en todas sus labores,
 jamás pudo imitar en todo o parte;

mujer celeste, ángel de primores
 ¿quien puede verte sin querer amarte?
 ¿quien puede amarte sin morir de amores?

"Itala Gente dalle molte vite"

Biblioteca di Studi Italiani diretta da G. D. Leoni
San Paolo - Brasile

TOLENTINO MIRAGLIA

PICCOLA ANTOLOGIA
POETICA BRASILIANA

VERSIONI

"Verter assim è criar. As rosas
da América não se tornaram menos
frescas e fragrantes nessa viagem
aos jardins do Mediterrâneo".

Agrippino Grieco

San Paolo - Brasile - 1955

— 106 —

SONETTO

Mael Monteiro

Formosa, qual pittore in tela fina
 Sbózzare mai potè o non osò;
 Formosa come tale mai sbocciò,
 In primavera, rosa porporina.

Formosa, della quale man divina
 La forma ed i contorni modellò;
 Formosa, come mai nel ciel brillò
 Astro gentile, stella peregrina.

Formosa, tale che, natura ed arte,
 Unendo i loro pregi, al cesellare,
 Mai seppero imitar, nel tutto o in parte.

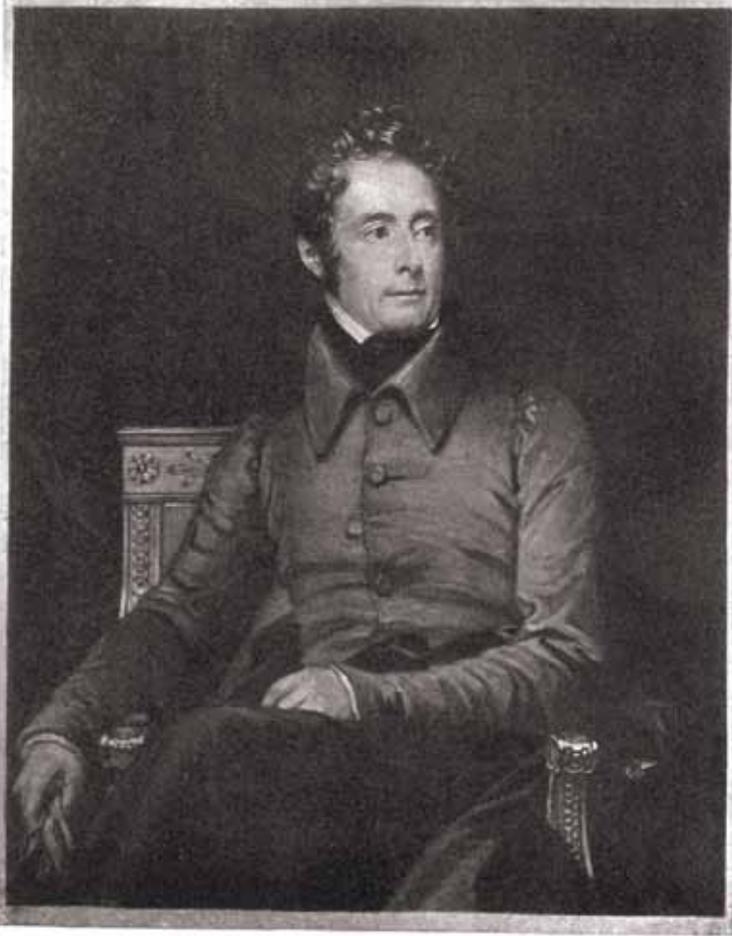
Donna celeste. Oh ! angelo del cuore,
 Chi può vederti e non volerti amare ? !
 Chi può amarti e non morir d'amore ? !



Traduções

Fac-símile

Retratos



LAMARTINE (*Scheffer*)

LAMARTINEANAS

POESIAS

DE

AFFONSO DE LAMARTINE

TRADUZIDAS

POR POETAS BRASILEIROS

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.

(MEDITAÇÃO XV)



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DA CASA IMPERIAL DE
DUPONT & MENDONÇA, EDITORES

75 Rua de Gonçalves Dias 75

—
1869

INVOCAÇÃO.

O' tú, que eu vi surgir n'este deserto,
Habitante do céo, aqui 'strangeira !
O' tú, que aos olhos meus brilhar fizeste
De amor um raio n'esta noite inteira !
Mãe, mostra-te toda, ó maravilha !
Dize teu nome, patria e teu destino.
E's d'aquí da terra filha ?
Ou és um sopro divino ?

- 2 -

Pretendes tú volver ao firmamento?
Ou no luto, na dôr, e na miseria.
Entre nós proseguir teu curso lento?
Seja qual fôr teu nome, patria ou fado,
Ente na terra, ou lá no céu gerado,
Quanto eu viver concede-me o indulto
De te dar meu amor, dar-te meu culto!

Si entre os mortaes findar tua carreira,
Sê meu amparo; e em todos os lugares
Soffre que eu beije a terra que pisares.
Mas si, aos astros voando sobranceira,
Dos anjos na mansão, anjo, pousares;
Na terra, ama-me enquanto n'ella fores,
No céu, troca em lembrança os teus amores!

Maciel Monteiro.

O LAGO.

Errando, sem parar, de plaga em plaga
Da noite eterna o golphão demandando,
Não poderemos nós no mar dos évos
Ancorar um só dia?

O' lago, um anno é findo! e em tuas praias
Tão queridas, que inda *Billa* vêr quizera,
Repara! eis-me hoje só sobre esta penha
Em que a viste sentada!

— 21 —

Assim fremas tu nas cavas rochas;
Assim no embate o seio lhe rompias;
Assim tambem de espuma salpicavas
Os seus pés adorados.

Era noite e em silencio nós vagavamos
O rumor só se ouvia—não te lembras?
Dos remos, que cadentes te tallavam
As harmonicas vagas.

Eis subito das ribas encantadas
Ignoto accento vibra e os écos fére;
A vaga emudeceu; da voz amavel
Cahiram taes palavras:

« Pára, ó tempo, teu vôo l horas proprias,
« Suspendei vosso curso!

« Gostar deixai-nos as delicias rapidas
« Dos nossos bellos dias!

« Não poucos desgraçados vos imploram;
« Correi, correi p'ra elles:

« Levai os dias seus e as suas magoas;
« Esquecei os felizes.

« Mas debalde inda peço alguns instantes;
« O tempo escapa e foge.

« Digo á noite « só mais pausada » e a aurora
« Vem dissipar a noite.

— 22 —

« Amemos, pois, amemos ! fugaz tempo,
 « Eia ! aproveitemo-lo !
 « O homem não tem pósto á idade termo ;
 « Elle corre e passamos ! »

Pois é crível que instantes tão suaves,
 Em que amor de delicias nos inunda,
 Fugam velozes, tempo ingrato, como
 Os dias da desgraça ?

Pois que ! nem seus vestigiós permanecem ?
 Que ! passados já são ! já são perdidos ?
 Nem o tempo, que os deu, que os arrebatá,
 Nol-os dará de novo ?

Nada, passado, eternidade, abysmos !
 Os dias que tragois que é feito delles ?
 E passados por que os deixamos ?
 Que os deixamos, dizeis ?

O' Lago ! ó grutas ! selvas ! mudas rochas !
 Vós que o tempo respeita, ou que remoça,
 D'esta noite guardai, guardai vós todos
 Ao menos a lembrança !

Viva ella em teu repouso, em teus marulhos,
 Bello Lago, e nos teus vergeis risonhos ;
 N'esses rudes penedos, negros troncos
 Que p'ra ti se debruçam !

— 23 —

Viva nas auras que murmuram, fogem,
No crebro estrepitar das tuas praias,
N'esse astro que pratêa as tuas aguas
Com seus molles fulgares!

E a aragem que suspira, a haste que geme,
De teu ar perfumado o alado aroma;
Tudo enfim que se vê, ouve e suspira,
Repitam: Elles amaram!

Maciel Monteiro.

Á M.^{LLE} MICHATOWSKA.

Vê o cysne no lago a imagem sua,
Na propria luz debucha-se o relampago ;
No oceano o céu se vê, Deus no universo.
E no porvir o homem.

No porvir desmaiado e frio intérprete !
Espélho baço, qual do Norte a lympha!
E seu prisma e fulgór que importa ao vate,
Si a sorte é sem reflexo ?

- 77 -

Mas n'um peito sensível contemplar-te,
N'uns castos olhos que a afeição accende ;
Á furto descobrir o olhar amante,
 Como a noite uma estrella !

Dizer: no meio das humanas lides
Há um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a calúnia, a inveja, a sanha,
 Tem meu nome um abrigo !

Minha lyra n'um peito vibra ao menos,
Que os meus ais, como o céo, mudos entende ;
Onde a minha voz sóa, a alma se esparge...
 Ah ! do Bardo eis o premio !

Embora o canto meu no olvido expire ;
Tu és o asylo meu, a gloria minha !
Vivér mesmo ignorado nos teus sonhos,
 Ter um éco em tua alma...

Discreta testemunha do teu pranto,
Sentir-te os ais no peito encarcerados,
Nas tuas emoções fiel ter parte,
 Ser chamado em teus labios...

De dia na soidão seguir-te os passos ;
De noite vigiar-te á luz da alampada ;
Ser quem amas, e a sombra com que sonhas...
 Eis minha eternidade !

Maciel Monteiro.

O RAMO DA AMENDÓEIRA.

Tú és, ó haste florida,
O emblema da formosura!
Como tú, a flôr da vida
Florece e cêe prematura.

Quer colhida em nossa fronte
Ou nas mãos de amor, quer fóra,
Ella escapa folha á folha,
Como o prazer d' hora em hora.

- 108 -

Gosai seus dons transitorios,
Que as auras tentam roubar;
Esgotai no calix ledo
O aroma que vai findar.

A belleza fugitiva
É qual fiór d'alva, que alfim
Em a fronte do conviva
S'esfolha antes do festim.

Um dia cáe, outro se ergue,
A primavera já cessa:
Cada fiór que o vento leva
Nos diz: gosai-a depressa!

E já que tambem as rosas
Soffrem da morte o rigor;
Ao menos não emmureçam
Se não nos labios d'amor.

Maciel Monteiro.

As composições manuscritas de Maciel Monteiro conservadas no Museu Imperial são as seguintes:

1) **O Voto.** Apresenta alguma variação de palavras e está datada como do ano de 1840. Na coletânea de Aderaldo Castello, encontra-se sob o nº 5 e com o título **Um Voto** e datada do Recife, 1846; na seleção de Regueira Costa está com o mesmo título e data, e sob o nº IV.

2) **Aos anos, Da Sra. D. 25 de março de 184..** Não completa o poeta a casa da unidade... Na coletânea de Aderaldo Castello encontra-se a poesia sob o nº 6 e na de Regueira Costa sob o nº V, e intitulada **Aos anos de** No original do poeta aparece mais um verso, incluído antes do antepenúltimo verso e o texto é o seguinte:

"O meigo rouxinol que ao nascer vosso
Cantou, inda hoje canta; e ao frouxo lume
D'aurora as mesmas flores inda inalam
 seu suave perfume".

3) **Aos anos, Da Sra. D. 25 de março de 184..** Igualmente o poeta não completa a casa da unidade. Figura nas coletâneas (Castello nº 10 e Regueira nº XIX) e sob o título **Aos anos de A 25 de março de 1849.** Em nota, no manuscrito, diz o poeta: "Alude o autor ao juramento a Constituição política do Império". Observa-se pouca alteração, apenas algumas palavras trocadas.

4) **Aos anos, Da Sra. D. 25 de março de 184..** Da mesma maneira o poeta não completa a unidade. Figura nas coletâneas (Castello nº 12 e Regueira nº XII) sob o título **Aos anos de** e datada do Recife, 1847... Traz insignificantes variações de palavras.

5) **A uma donzela.** É a mesma composição **Aos anos de Mile A 20 de novembro de 1847** e que consta nas coletâneas de Aderaldo Castello sob o nº 13 e na de Regueira Costa sob o nº XIV. No original do poeta tem algumas varia-

ções de palavras e o último verso que figura nas coletâneas lá não se encontra, porém, no original, existem mais três versos, incluídos no final, que os transcrevemos por serem inéditos:

"Não temor!... qu'importa as graças
Do tempo te esfolha a mão?
Arde na flor ralo eterno
Como em ti cintila? Não.

E esse astro, que desprende-se
Do seio da Divindade,
Não tem encantos sublimes,
Que brilham na eternidade?

Eia! guarda as perfeições
Só desse divino lume;
Que a beleza é qual da flor
Frescor, matiz e perfume".

6) *Amor imaterial*. Figura nas coletâneas (Castello nº 22 e Regueira nº VI) sob outro título *Amor Ideal*. No original traz alterações. No capítulo seguinte será transcrito totalmente, conforme se acha no manuscrito.

7) *Soneto*. É o célebre soneto "Formosa". No capítulo seguinte será transcrito como consta do documento original.

Quanto às traduções, estas são as seguintes, do acervo do Museu Imperial: *O Lago*, A Mlle Michatowska (*Jovem Polaca*) e *Invocação*, todas de Lamartine. E uma outra tradução, até hoje inédita do poeta, "Feuilles d'automne", de autoria de Victor Hugo, que divulgamos pela primeira vez, na íntegra.

A tradução original de *O Lago* de Lamartine (Meditação 13), apresenta profundas alterações comparando-se com as versões conhecidas e se encontra datada por Maciel Monteiro como do ano de 1840. Também no Museu Imperial, de Petrópolis, fomos localizar o belo Album, ricamente confeccionado e encadernado: *O Brasil a Alphonse de Lamartine — 1856*, oferecido ao poeta pela Corte Imperial do Brasil. É confecção do famoso calígrafo e heraldista Luiz Aleixo Boulanger. Trata-se de uma peça artística das mais apreciáveis

**DICCIONARIO
BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ**

**ESTUDOS
DE
INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA**

**APPLICAVES
A PORTUGAL E AO BRASIL**

In docti discant, et ament meminisse periti.

*E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque elles para os outros assim vejam.*

Franca, Cort. 3.ª do It. 4.ª

TOMO OITAVO
(Primeiro do supplemento)

A-B

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL
M DCCC LXVII

(1867)
MACIEL MONTEIRO, pp. 268 - 269

e nela constam as saudações enviadas ao poeta pelo Imperador Dom Pedro II e Imperatriz Dona Tereza Cristina, seguidas das inúmeras senhoras que subscrevem o album. Entre as produções do poeta francês que figuram no album, se encontra a versão de Maciel Monteiro de *O Lago*, porém bem alterada do original existente no Museu. Possivelmente o poeta ia melhorando a tradução, o que vem comprovar que Maciel Monteiro não foi “um improvisador” apenas, como se quer apresentá-lo; ele trabalhava nas suas produções, tanto as originais como as que traduzia. Se melhor não fez, a culpa não lhe cabia...

As versões *A Mademoiselle Michatowska* e *Invocação*, ambas de Lamartine, no original não trazem data e apresentam pouca alteração no texto.

Finalmente, iremos transcrever, na íntegra, a versão de Antônio Peregrino Maciel Monteiro dos versos de Victor Hugo — poeta de sua profunda admiração —, que julgamos permanecer até hoje inéditos, pois não foram relacionados nas coletâneas do nosso poeta.

“Feuilles d'automne” — 24

Mens blanda in corpore blanda

Senhora! Em torno a vós tanta graça esplendece,
Vossa voz é tão pura, transparece
Em vosso andar tão soberano encanto;
Inunda vosso olhar tal simpatia
E em toda vós há não sei que magia
Que o coração penetra, e o ameiga tanto,

Que na noite da vida a penas brilha,
Qual astro juvenil que maravilha,
Um sorriso de vós, que agita, encanta,
Como uma ave das selvas nos alvares
Da aurora, um pensamento só d'amores
Do fundo d'alma se desprende, e cantal

Vós não o ouvís, e o ignorais, Senhora;
Pois do casto pudor mão protetora
Com véu cioso vos envolve, e enlaça;
E nem o anjo, que do Céu baixara
Para guardar-vos, quando vos encara
Cora de pejo do que em vós se passa.

1841



K. Stoltz - Retrato de Sison.

(Cat. Marques de Sison)



Retrato da cantora Candiani por A. Muller.

AUGUSTA CANDIANI

(Desenho de A. Muller)

Fortuna Crítica



FORTUNA CRÍTICA

MACIEL MONTEIRO

Se abriremos o *Biografias de Pernambucanos Célebres*, do mestre Pereira da Costa, saberemos ter esse conterrâneo nascido a 30 de abril de 1804; haver se formado em medicina na Universidade de Paris; clinicado na terra natal onde foi paladino da Sociedade de Medicina Pernambucana, de que veio a ser o primeiro presidente; por Pernambuco mandado à Assembleia Provincial e às Cortes onde, no dizer de Joaquim de Macedo, “nunca faltou a um seu discurso a beleza da forma e todos os seus discursos se afiguravam preparados com trabalhoso esmero”, suposição falsa porquanto a vida mundana levada pelo deputado não lhe consentia ser senão orador de improvisos; nomeia-o o Marquês de Olinda Diretor da Academia de Direito de Olinda; investe-o o Imperador das altas funções de Ministro Extraordinário e Plenipotenciário do Brasil em capitais europeias; recebe o título de 2.º Barão de Itamaracá.

E, embora não fossem poucos os galardões, não eram, tudo: Antônio Peregrino Maciel Monteiro, ou *tout court* Maciel Monteiro, reunia aos seus florões de poeta do seu tempo. Poeta cujos versos andavam na voga dos recitativos de salões ou nos mais discretos de damas que os faziam para regalo íntimo dos ouvidos, tão cheios de sentimento e de lirismo eram os poemas:

Ela foi-se e com ela foi minh'alma
 Na asa veloz da brisa sussurrante
 Que ufana do tesouro que levava
 Ia, corria, e como vai distante!...

No horizonte esconder-se anuviado
Eu a vi; e dous pontos luminosos
Apenas onde ela ia me mostravam:
Eram eles seus olhos lacrimosos.

Esvaiu-se a visão, qual nuvem áurea
Ao bafejar de vespertina aragem;
Se aos olhos eu perdia a imagem sua
No meu peito eu achava a sua imagem.

E boquejava-se a respeito do nome da mulher inspiradora desses versos. “Era Fulana”? – “Sim. Não sabe? O pai mandou-a para a Europa para separá-la dele. Um janota que arrasta a asa a todas as moças... Solteiras e Casadas”. Porém, Maciel Monteiro escrevera outra poesia: um soneto-retrato. E dele apontavam também o original...

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jamais pôde ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochara
Em primavera rosa purpurina.

Formosa, qual se a própria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a forma rara;
Formosa, qual jamais no céu brilhara
Astro gentil, estrela peregrina.

Formosa, qual se a natureza e a arte
 Dando as mãos em seus dons, em seus labores
 Jamais soube imitar no todo, ou parte.

Mulher celeste, ó anjo de primores!
 Quem pode ver-te sem querer amar-te!
 Quem pode amar-te sem morrer de amores!

Homem terrível!... Requentado elegante, cioso dos cortes das casacas, do espelhar dos peitilhos, da persistência dos perfumes, dos penteados impecáveis! “Leão do Norte” em conquistas e galanteios. “Tinha as mãos calosas de afagar saias de seda”! ... Gabolice ou não, um perigo!... Mas um encantador cavalheiro nos salões, nas valsas, nas frases de espírito, nos madrigais...

E vai-se como diplomata para as cortes europeias. Em Lisboa, a 5 de janeiro de 1868, sexagenário, mas impenitente gentleman, morre. Portugal, pelo governo e pela sociedade, presta-lhe homenagem ao corpo embalsamado. O féretro viaja para o seu Pernambuco no brigue lusitano “Bela Figueirense”, denominação do barco a afinar ainda com o eterno culto do morto às belas... No Recife, enquanto no Cemitério de Santo Amaro levantam o mausoléu mandado construir pela Câmara Municipal, levam o ataúde para a Matriz da Boa Vista. Dali a 6 de dezembro de 1872, afinal, transportam-no para a última morada. Quase um lustro decorrera de sua morte.

Algum transeunte, em tempo de tanto gasto do francês, discordaria dessa conclusão noticiaria [referência à notícia da trasladação dos restos mortais publicada no *Diário de Pernambuco*] e por sua conta diria a um companheiro de rua:

Pas d'argent pás de suisses.

O outro, sem querer ficar atrás do conhecimento do idioma de Racine e no sentido do comentário, acrescentaria:

Les morts vont vite.

E ainda não se inventara o automóvel para levá-los.

Mário Sette (1886-1950)
REVISTA BRASILEIRA (da ABL),
Rio de Janeiro,
ANO VI – Abril de 1948,
pp. 87-90.

Fundador



e

Sucessores



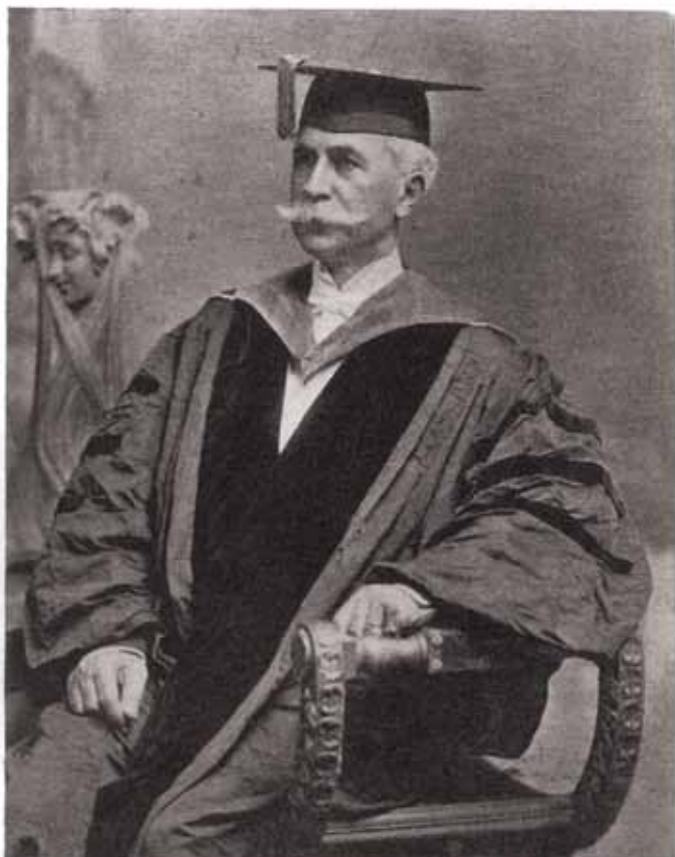


foto Muzio

JOAQUIM NABUCO

FUNDADOR E SUCESSORES

FUNDADOR: JOAQUIM NABUCO – Parlamentar, estadista, diplomata, abolicionista, historiador.

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo filho do conselheiro José Tomas Nabuco de Araújo (1813-1878) e d. Ana Barreto Nabuco de Araújo, nasceu no Recife (PE), aos 19 de agosto de 1849. Cursa humanidades no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, onde bacharela-se em letras em 1865. Inicia o curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de S. Paulo (1866), indo concluí-lo na Faculdade de Direito do Recife, em 1870.

Em agosto de 1873 embarca para Bordéus, na França, retornando ao Rio de Janeiro (RJ) em setembro de 1874.

Em 1876, ingressa na carreira diplomática e em 26 de abril do mesmo ano é nomeado adido de legação brasileira em Washington (USA) e Londres. Com a morte de seu pai aos 19 de março de 1878, volta ao Brasil no mês seguinte.

É eleito deputado geral por Pernambuco na 17.^a legislatura (1879-1881).

Após viajar pela Europa, de 1881 a 1884, é novamente eleito, em 7 de junho de 1885, e de 1887 a 1889.

Aos 23 de abril de 1889, se casa com d. Evelina Torres Soares Ribeiro, filha de José Antônio Soares Ribeiro, Barão de Inoã (1886). Afasta-se da política por dez anos, dedicando-se totalmente aos estudos e a escrever. A partir de 1900 retorna, definitivamente, à diplomacia, chefiando várias missões diplomáticas, encerrando-as

como embaixador do Brasil em Washington, onde morre aos 17 de janeiro de 1910, com 60 anos de idade. Seu corpo, embalsamado, é repatriado para o Rio de Janeiro pelo cruzador *North Carolina*, escoltado pelo *Minas Gerais*, e daí para a cidade do Recife pelo vapor *Carlos Gomes*. Foi dos mais fervorosos abolicionistas, ao lado de Castro Alves, Rui Barbosa, José do Patrocínio, Joaquim Serra, e outros.

Quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, em 1897, foi seu primeiro Secretário cargo ocupado até sua morte, em 1910.

Bibliografia: *Camões e os Lusíadas* (estudos literários), Rio, Imperial Instituto Artístico, 1872; *Amour et Dieu*, Paris, 1874; *O Abolicionismo*, Londres, Abraham Kingdon, 1883; *Campanha Abolicionista no Recife* (Eleições de 1884), Rio, Leuzinger, 1885; *Eclipse do Abolicionismo*, Rio, Leuzinger, 1886; *Eleições Liberais e Eleições Conservadoras*, Rio, Leuzinger, 1886; *O Erro do Imperador*, Rio, Leuzinger, 1886; *Escravos!*, Rio, Leuzinger, 1886; *Porque continuo a Ser Monarquista*, Londres, Abraham Kindon & Newham, 1890; *Balmaceda* (biogr.), Rio, Leuzinger, 1895; *A Intervenção Estrangeira Durante A Revolta*, Rio, Leuzinger, 1896; *Um Estadista do Império* (Nabuco de Araújo), Rio, H. Garnier, 1897, 3 vols.; *Minha Formação* (mem.), Rio, H. Garnier, 1900; *Escritos e Discursos Literários*, Rio, H. Garnier, 1901; *Pensées Detachées et Souvenirs*, Paris, 1906; *Obras Completas*, ed. por Celso Cunha, Rio, 1947-1949, 14 volumes; *Discursos e Conferências – Nos Estados Unidos*, Rio, Benjamin Aguila, 1911; *Pages Choisies* (antol.), Paris, 1940, 230 pp.



Joh. Musso

DANTAS BARRETO

I.º SUCESSOR: DANTAS BABRETO – Teatrólogo, romancista, jornalista, ministro de Estado, senador, e mais que tudo, militar.

Emídio Dantas Barreto, filho de Manuel Joaquim de Moura Barreto, nasceu em Bom Conselho (PE), aos 22 de março de 1850. Em 1887, se casou com a senhorinha Demétria Guimarães Barreto, e tiveram os filhos Ismael, Wanda e Lucila.

Graças à gentileza e presteza dos guardiões dos valiosos registros da vida militar de tantas figuras dedicadas a esse mister, cuidadosamente preservados no Arquivo Histórico do Exército Brasileiro, no Palácio Duque de Caxias (antigo Ministério da Guerra), no Rio de Janeiro, a quem rendemos nossas homenagens pelos serviços prestados, podemos agora enriquecer esse verbete, divulgando sua longa e profícua vida militar, com 55 anos, 6 meses e 11 dias, iniciada como voluntário na Guerra do Paraguai, com apenas 15 anos, e encerrada como General de Divisão.

Em 20 de março de 1865, assenta praça como voluntário; em 25 de março de 1866, embarca com o 47.º Corpo de Voluntários da Pátria com destino à Campanha do Paraguai. A partir daí, começam as promoções: Em dezembro desse ano, dia 24, passa a Furriel; dia 25, a 1.º Sargento. Em 1.º de janeiro de 1867, é promovido a Sargento Quartel Mestre; a 7 de agosto de 1868, a Alferes em Comissão e integra o 3.º e o 4.º Batalhão de Infantaria. Em 20 de fevereiro de 1869, é promovido a Alferes, por atos de bravura praticados na Batalha de 11 de dezembro de 1868 (Avaí). Na Campanha do Paraguai (25-03-1866 a 01-03-1870), participou dos combates em Curuzu, Curupaiti, Estero Rojas, Tuiuti, Humaitá, Pequiciri, Arroio Itororó, Arroio Avaí, Lomas Valentina, Cerro

Leon, Villeta, Angustura, Assunção, Luque, Juqueri, Taquaral, Passo das Cainvas, Cordilheiras Pedrozas, Pirajá, Asenral, Paraguari, Barreiro Grande, Caguejuru, Piraju, Vila Rica, Vila de São Joaquim, Vila do Rosário, Itacuruí. Em 1870, comandou a Guarnição e Fronteira de Jaguarão. Comanda o 6. Batalhão de Infantaria. Cursa a Escola Militar da Corte (1872 e 1881), e a Escola Militar do Rio Grande do Sul, em 1882. Faz o curso de Formação de Oficial de Cavalaria e Infantaria, em 1878. Por estudo, é promovido a Tenente em 26 de abril de 1879, e a Capitão, em 19 de agosto de 1882. Em 1883, faz o Curso de Artilharia para Oficiais. Em 1884, assume o Comando das Armas da Província do Rio Grande do Sul; de 1886 a 1888, comanda Batalhões; em 1889, a Inspetoria dos Corpos de Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul. Em 7 de julho de 1890, é promovido a Major, por merecimento, e comanda nesse ano, o 2.º Batalhão de Infantaria. De 1891 a 1895, comandou vários Batalhões, em diversos lugares. Em 1897, comandou o 25.º Batalhão, na Campanha de Canudos (BA). De 1898 até 1908, continuou no comando de vários Batalhões. Em 1910-1911, foi Ministro da Guerra no Governo Hermes da Fonseca. De 1912 a 1915, foi Governador do Estado de Pernambuco; Senador da República, em 1916-1918. Promovido a General de Brigada em 24 de janeiro de 1906; a General de Divisão, aos 14 de novembro de 1910. Entrou em Reforma (aposentadoria do serviço militar), por Decreto de 9 de janeiro de 1918.

O General Dantas Barreto foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 10 de setembro de 1910, e recebido por Carlos de Laet. Tesoureiro na Diretoria de 1919-1920.

Faleceu no Rio de Janeiro, aos 8 de março de 1931.

Bibliografia: *Lucinda e Colette*, 1883; *A Condessa Hermínia* (drama), Pelotas, 1883; *Margarida Nobre* (rom.), 1886; *Última Expedição de Canudos*, Porto Alegre, 1898; *Acidentes de Guerra*, 1905; *Expedição a Mato Grosso*, 1907; *Impressões Militares*, 1910; *Discursos Políticos*, 1912; *Destruição de Canudos*, 1912; *Conspirações*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917; *Comentários*, 1922. O Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras encontra-se no volume II, pp. 197-208, dos “Discursos Acadêmicos” publicados pela ABL.

2.º SUCESSOR GREGÓRIO DA FONSECA – Poeta, biógrafo, engenheiro militar, funcionário público.

Gregório Porto da Fonseca nasceu em Cachoeira (RS), aos 17 de novembro de 1875.

Nada sabemos sobre sua escolaridade e filiação.

Quando era caixeiro em sua cidade natal, com apenas 15 anos de idade, já se entregava tanto à leitura dos poetas românticos e parnasianos, que à hora da sesta, ao supor-se sozinho, deleitava-se recitando versos de Olavo Bilac (1865-1918). Seu patrão, a tudo atento, ao ouvir tamanho “absurdo” de “ouvir estrelas”, naquela mente era motivo fortíssimo de despedi-lo por *justa causa*. E foi o que aconteceu imediatamente.

Depois de abandonar o comércio, vítima do que ocorrera, tão logo o pôde fazer, ingressa no Exército como recruta, passando, posteriormente, para a Escola Militar de Porto Alegre, onde torna-se amigo de Aníbal Teófilo (1873-1915),

Ao transferir-se para o Rio de Janeiro, convive com Olavo Bilac, causador, involuntário, de seu desemprego de caixeiro, e tornam-se grandes amigos. Encerrou sua carreira militar, como engenheiro, na graduação de tenente-coronel.

Foi Diretor da Secretaria da Presidência da República no governo de Getúlio Vargas (1883-1954), durante o período de 1930-34.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 16 de julho de 1931 foi recebido pelo seu conterrâneo Alcides Maya (1878-1944), em 29 de outubro de 1932. Foi Segundo-secretário em 1933.

Faleceu no Rio de Janeiro, aos 23 de abril de 1934.

Bibliografia: *Templo sem deuses* (poes.); *Duas Conferências* (“A estética das batalhas” e “O ciúme dos deuses”), Rio de Janeiro, 1914; *Vida e obra do Marechal Bento Ribeiro*, 1922; *Discurso de posse na Academia Brasileira Letras*, Rio de Janeiro, 1933; *Heroísmo e Arte* (obra póstuma), Rio de Janeiro, H. Antunes, 1936.

3.º SUCESSOR: LEVI CARNEIRO – Ensaísta, orador, conferencista, jurista, professor universitário, político.

Levi Fernandes Carneiro, filho de Francisco Fernandes Carneiro e d. Maria Josefina de Sousa Carneiro, nasceu aos 8 de agosto de 1882 na cidade de Niterói (RJ).

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi professor honorário da Faculdade de

Direito de Niterói, presidente da Associação Brasileira de Educação, Juiz da Corte Internacional de Justiça de Haia (Holanda), 1951-1954; membro de várias associações literárias e científicas, nacionais e estrangeiras. Foi, ainda, Deputado Federal pelo Rio de Janeiro.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 23 de julho de 1936 foi recebido em 7 de agosto de 1937 por Alcântara Machado. Foi Segundo-secretário em 1938, Primeiro-secretário em 1939, Secretário-geral em 1940, Presidente em 1941. Recebeu Elmano Cardim em 29 de setembro de 1950 e Afrânio Coutinho, em 20 de julho de 1962.

Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 5 de setembro de 1971.

Bibliografia: *Discurso de colação de grau; Do Judiciário Federal*, 1915; *A Nova Legislação da Infância*, 1930; *Federalismo e Judicialismo*, 1930; *Problemas Municipais*, 1931; *Pela Nova Constituição* (disc. parlamentares), 1936; *Conferências sobre a Constituição*, 1937; *O Livro de um Advogado* (mem.), 1943; *Na Academia* (discursos), 1943; *Dois aspectos da nova sociedade* (conf.), 1944; *O Direito Internacional e a Democracia*, 1945; *Discurso na Academia das Ciências de Lisboa*, 1948; *Recepção de Elmano Cardim* (disc.), 1950; *A Organização dos Municípios e do Distrito Federal*, 1953; *Pareceres do Consultor Geral da República*, 1954, 3 volumes; *Na Academia*, 2.^a Série 1954; *Discursos e Conferências*, 1954; *Dois Arautos da Democracia*, 1954; *Voto dos Analfabetos*, 1964; *Uma Experiência de Parlamentarismo*, 1965; *Em Defesa de Rui Barbosa*, 1967; *Pareceres do Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores*, 1967.

4.º SUCESSOR: OTÁVIO DE FARIA - Historiador, romancista, ensaísta.

Otávio de Faria, filho do escritor, advogado e industrial Alberto de Faria (1865-1931) e de d. Maria Teresa de Almeida Faria, nasceu aos 15 de outubro de 1908, no Rio de Janeiro. Curso os estudos primários e secundários no Colégio Santo Antônio Maria Zacarias, Ordem dos padres Barnabitas, de 1922 a 1926, e exames finais no Colégio Pedro II. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Escola Nacional de Direito (1927-1931), não seguindo a carreira advocatícia. Preferiu a participação no Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (CAJU), no qual ingressou mediante apresentação da tese “Desordem do Mundo Moderno”, aliando-se a trabalhos culturais e jurídicos do grupo formado por San Tiago Dantas, Antônio Gallotti, Gilson Amado, Américo J. Lacombe, Plínio Doyle, Almir de Andrade e outros. Suas primeiras colaborações literárias e políticas apareceram nos periódicos contemporâneos.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 13 de janeiro de 1972 foi recebido em 6 de junho do mesmo ano, por Adonias Filho.

Otávio de Faria faleceu no Rio de Janeiro, onde nascera, aos 17 de outubro de 1980, dois dias após o aniversário de 72 anos.

Bibliografia: *Maquiavel e o Brasil* (estudos políticos), Rio, 1931; *Destino e Socialismo*, Rio, 1933; *Dois Poetas* (Augusto Frederico e Vinicius de Moraes), Rio, 1935; *Mundo dos Mortos* (rom.), Rio, 1937, primeiro volume do ciclo de “Tragédia Burguesa”, obra programada para 20 volumes; *Cristo e César* (rom.), Rio, 1937; *Fronteiras da Santidade* (Pascal e Léon Bloy), Rio, 1939; *Os Caminhos da vida* (rom.), Rio, 1939,

2 vols.; *O Lodo das Ruas* (rom.), Rio, 1942, 2 vols.; *O Anjo de Pedra* (rom.), Rio, 1944; *Os Renegados* (rom.), Rio, 1947; *Judas, O Obscuro* (rom.), Rio, 1948; *Os Loucos* (rom.), Rio, 1952; *Significação do Far-West* (ens.), Rio, 1952; *Três Tragédias à Sombra da Cruz* (teatro), 1939; *Novelas de Masmorra* 1966; *O Senhor Mundo* (rom.), 1957; *O Retrato da Morte* (rom.), 1961; *Pequena introdução à História do Cinema*, S.Paulo, 1964; *Ângela ou as Areias do Mundo*, 1963; *A Sombra de Deus* (rom.), 1966; *O Cavaleiro da Virgem*, 1971; *O Indigno* (rom.), 1976.

5.º SUCESSOR: EDUARDO PORTELLA – Crítico literário, ensaísta, professor, conferencista.

Eduardo Matos Portella, filho de Henrique Portella e de d. Maria Diva Matos Portella, nasceu em Salvador (BA), aos 8 de outubro de 1932. Fez os primeiros estudos em Feira de Santana (BA) (1947-49) e os secundários no Recife (PE), onde se diplomou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, em 1955. Incentivado por Mauro Mota (1911-1984), iniciou-se como colaborador de crítica literária no *Diário de Pernambuco* conviveu com Gilberto Freyre (1900-1987), com Aníbal Fernandes, com Lucilo Varejão (1892-1965), entre outros literatos de Pernambuco. Participou do grupo de jovens intelectuais que fundou o Editorial Sagitário. Durante o curso de Direito, também fez estudos em instituições europeias de ensino superior. Em Madri, com Dámaso Alonso e Carlos Bousoño, estudou Filologia, Romanística, Crítica Literária e Estilística; com Xavier Zubiri e Julián Marias, Filosofia. Em Paris, frequentou as aulas de Bataillon, no Collège de France, também as aulas na

Sorbonne. Assistiu, ainda, a aulas de Giuseppe Ungaretti sobre Literatura Italiana, em Roma.

De volta ao Brasil, já com o curso de Direito concluído, muda-se para o Rio de Janeiro, onde, em 1956, é nomeado Técnico de Educação, do Ministério da Educação e Cultura. É nomeado Chefe de Gabinete do Secretário de Educação do então Estado da Guanabara, em 1960-1961; Diretor Executivo do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos da Presidência da República, em 1961-64; Diretor do Departamento de Cultura do Estado de Rio de Janeiro, em 1968-71; Diretor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1978; Ministro de Estado da Educação, Cultura e Esportes, em 1978-80 no Governo João Batista Figueiredo; Coordenador do Comitê Educação, Cultura e Comunicação – Comissão de Estudos Constitucionais da Presidência da República, em 1985-86; Secretário de Estado da Cultura, Rio de Janeiro, em 1987-88; Diretor Geral Adjunto da UNESCO, Paris, em 1988-93; Presidente da Conferência Geral da UNESCO, Paris, em 1998-99; Presidente da Fundação Biblioteca Nacional (Ministério da Cultura), 1996-2002.

Fundador e diretor da revista *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, e diretor cultural das edições Tempo Brasileiro, desde 1962. Presidente do Comitê Executivo do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe, 2002-

Professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1969; Professor titular de Teoria Literária, 1976; Professor Emérito da Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.

Pertence a diversas instituições culturais no país e no exterior; agraciado com vários prêmios e títulos honoríficos.

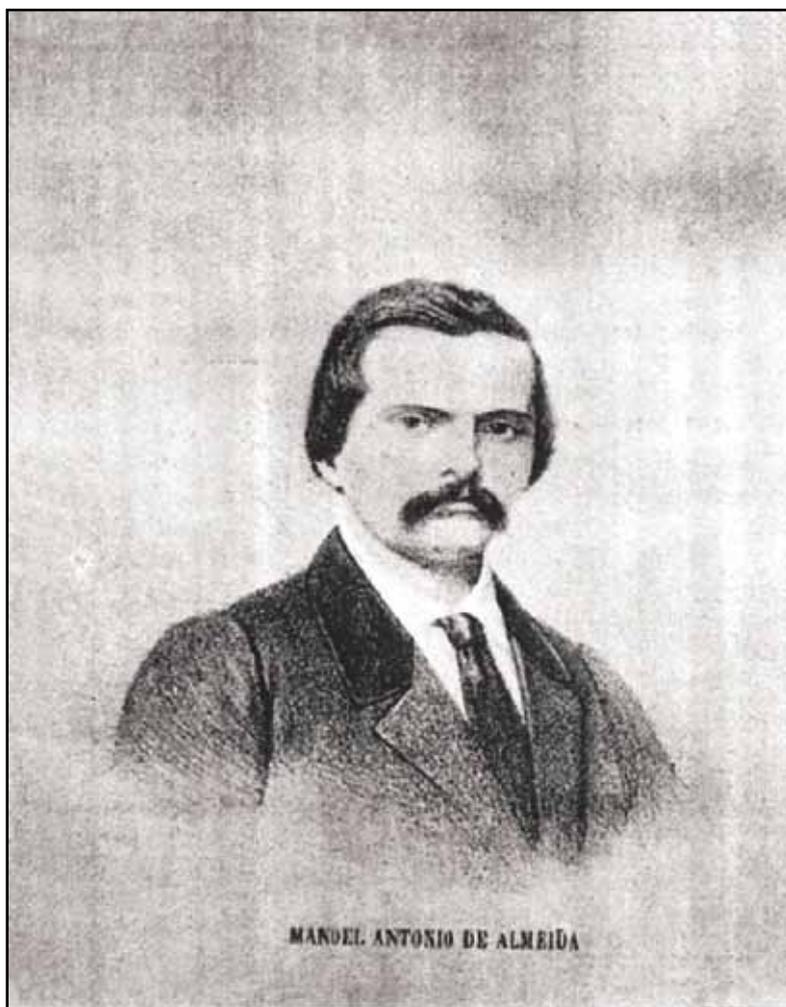
Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 19 de março de 1981 foi recebido em 18 de agosto do mesmo ano, por Afrânio Coutinho (1911-2000). Recebeu a Lygia Fagundes Telles (em 12 de maio de 1987), a Carlos Nejar (em 9 de maio de 1989), a Celso Furtado (1920-2004) (em 31 de outubro de 1997), a Cândido Mendes (em 12 de setembro de 1990), a João Ubaldo Ribeiro (em 8 de junho de 1994), a Ivan Junqueira (em 7 de julho de 2000), a Zélia Gattai (1916-2008) (em 21 de maio de 2002) e a Alfredo Bosi (em 30 de setembro de 2003).

Bibliografia: *Aspectos de La Poesia Brasileña Contemporánea* (tese apresentada nas I Jornadas de Lengua y Literatura Hispanoamericana, em Salamanca), Madrid: Guadalupe, 1953; *Dimensões I* (crít.lit.), Rio de Janeiro, 1958; *Dimensões II*, Rio de Janeiro, 1959; *José de Anchieta* (Antologia crítica), Rio de Janeiro, 1959; *África, Colonos e Cúmplices* (ens.), Rio de Janeiro, 1961; *Política Externa e Povo Livre* (ens.), S.Paulo, 1961; *Nota Prévia a Cruz e Souza*, Rio de Janeiro, 1961; *Literatura e Realidade Nacional* (ens.), Rio de Janeiro, 1963; *Dimensões III*, Rio de Janeiro, 1965; *Teoria da Comunicação Literária* (ens.), Rio de Janeiro, 1970; *Crítica Literária; Método e Ideologia* (tese), 1970; *Fundamento da Investigação Literária* (crít.), Rio de Janeiro, 1974; *O Paradoxo Romântico* (crít.), Rio de Janeiro, 1976; *Letra Viva da Universidade* (ens.), Rio de Janeiro, 1978; *Vanguarda e Cultura de Massa* (ens.), Rio de Janeiro, 1978; *Política de Educação e Cultura*, Rio de Janeiro, 1979; *Educação Brasileira: Opção Social*, Rio de Janeiro, 1980; *Educação e Estado*, Brasília (DF), MEC, 1980; *Retrato Falado da Educação Brasileira, Agente de Qualidade*, Fortaleza (CE), UFC, 1980; *Discursos Acadêmicos*, Bahia, 1981;

Participação e Espírito Público, Rio de Janeiro, ABL, 1981; *Confluências* (ens.), Rio de Janeiro, 1983; *Democracia Transitiva*, Rio de Janeiro, 1983; *O Intelectual e o Poder*, Rio de Janeiro, 1983; *Brasil à Vista*, Rio de Janeiro, 1985; *Ação Cultural e Diferença Nacional*, Rio de Janeiro, CFC, 1987; *Condicionantes Culturais da Educação*, S.Paulo, USP, 1992.

 MANUEL ANTÔNIO DE
ALMEIDA

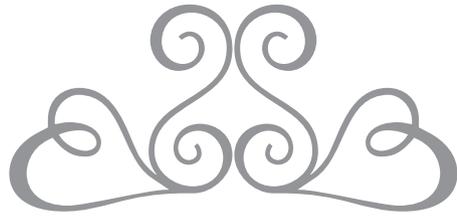
Cadeira n.º 28



Patrono da cadeira n.º 28

“Dificuldades quase intransponíveis lhe inçaram o caminho a seguir para a meta ambicionada. A custo as humanidades foram estudadas, interrompidas pela falta de meios, mas equilibrados estes transe dolorosos por inteligência sagaz e esforço desmedido, com que, em casa, à míngua do necessário, procurava suprir o que faltava, aquilo que lhe era negado pela fortuna para frequentar todas as aulas, Sofreu! Lutou! Venceu!”.

Luís Felipe Vieira Souto (1906-1964)
“Dous Românticos Brasileiros”, conferência,
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,
Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1931,
p. 105.



Síntese Cronológica





RUA DO PROPÓSITO, ladeada pelas ruas Cons. Zacarias e Pedro Ernesto, Gamboa, atual região portuária do Rio de Janeiro. Aí nasceu Manuel Antônio de Almeida (1831 - 1861)

SÍNTESE CRONOLÓGICA

1831

Aos 17 de novembro, numa daquelas casinhas simples da Rua do Propósito na Gamboa, atual região portuária do Rio de Janeiro, nasce Manuel Antônio de Almeida, segundo filho do casal Tenente Antônio de Almeida e Josefina Maria de Almeida. Desse casamento nasceram quatro filhos, sendo dois meninos (Claudino José e Manuel Antônio) e duas meninas (Eulália Josefina e Adélia Guilhermina).

Em data ainda não apurada, ocorre a morte do pai, e Maneco, como era chamado, dedica-se aos preparatórios no Colégio São Pedro de Alcântara, dirigido então pelo padre José Mendes Paiva.

1840

Nesse ano, sua família já morava nas proximidades da Igreja do Bom Jesus do Calvário na esquina da Rua da Vala (atual Uruguaiana) com a Rua do Sabão, posteriormente denominada General Câmara, e totalmente demolida para a abertura da Avenida Presidente Vargas.

1848

Em 1.º de abril, com a aprovação nos exames de Francês, Filosofia, Aritmética e Latim, exigidos para o ingresso na vida universitária, Manuel Antônio matricula-se na Faculdade de Medicina, transferida da Rua dos Barbonos (atual Evaristo da Veiga) para o Recolhimento das órfãs na Praia de Santa Luzia, nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia. Observe-se que as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, em 1832, foram transformadas em Faculdades de Medicina. A do Rio de Janeiro, nessa época, tinha como diretor o Lente Jubilado Doutor

José Martins da Cruz Jobim (1802-1878). Atualmente a Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, encontra-se instalada na ilha do Fundão.

1849

Início de sua vida literária com três poesias publicadas nesse ano: Em *Harpejos Poéticos ou Coleção de Poesias Modernas, de Diversos Autores*, coletânea publicada por F.V. da Cunha, Rio de Janeiro, Tip. Comercial de Soares & C.^a nas pp. 201-202: “A uma Jovem Espanhola” (*É tão mimosa e tão bela*), datada de 3 de maio; pp. 286-287: “O Morrer da Virgem” (*Já viste alguma vez ao romper d'alva*) datada de 20 de junho. No *Beija-Flor* – Jornal de Instrução e Recreio, impresso na tipografia de J. Villeneuve & C., Rio de Janeiro, Vol. I (1849-1850), n.º 23, de 8 de setembro, a poesia “Recordação (*Já viste branca rosa debruçada*)” sem data, que, pela sua ausência em qualquer coletânea pesquisada, estamos reproduzindo-a em fac-símile.

Aos 9 de novembro, presta o exame de primeiro ano, obtendo um “nemine discrepante” (sem que ninguém divergisse) da banca que era presidida por Francisco Freire Alemão (1797-1877), tendo como examinadores o médico e Bacharel em Ciências Francisco de Paula Cândido (1805-1864) e Francisco Gabriel da Rocha Freire.

1851

Escreve a poesia “Escuta” (*Escuta, virgem: tens um riso de anjo*), datada de “Rio – 1851”, impressa por Bethencourt da Silva (Francisco Joaquim B. da S., nascido aos 8 maio 1831, a bordo de um navio no trajeto Portugal-Brasil, e falecido no Rio de Janeiro, aos 6 de set. 1911), em sua introdução literária à edição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, de 1876, Vol. I, pp. IX e X.

No *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, de propriedade de Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto (1800-1885), de

13 de dezembro: “Civilização dos Indígenas”, crítica ao autor do *Memorial Orgânico* (Francisco Adolfo de Varnhagen, 1816-1878), publicado em Madri, a Primeira Parte em 1849 e a Segunda, em 1850, e reimpresso na revista *Guanabara*, Rio de Janeiro, Tomo I, 1851, anonimamente. Essa crítica foi reproduzida no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, aos 12 de fevereiro de 1852.

1852

Morte de sua mãe, em data a ser apurada.

Depois das poesias, vem a tradução de textos alheios. N’*A Tribuna Catholica*, publicada sob os auspícios de Sua Exc. Rev.^{ma} o Sr. Bispo-Capelão Conde de Irajá, D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo (1798-1863), redigida pelo cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876), Rio de Janeiro, o drama *Gondicar ou O Amor Cristão* – Episódio do Tempo das Cruzadas, escrito por Luiz Friedel. Traduzido do francês por Manuel Antônio de Almeida, ex-aluno do Colégio São Pedro d’Alcântara no Rio de Janeiro. A publicação dessa tradução se iniciou no n.º 25, de 1.º de fevereiro de 1852 e terminou no n.º 47 de 1.º de janeiro de 1853.

Já empregado no *Correio Mercantil*, inicia a publicação em folhetins, na 73.^a “Pacotilha”, do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de 27 de junho de 1852 até 31 de julho de 1853, em 48 capítulos.

1853

Publicação da poesia “Dize, Meu Anjo!...” (*Quando eu te vejo ao descair da tarde*) na *Miscelânea Poética ou Coleção de Poesias Diversas de Autores Escolhidos*, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal das Senhoras, 1853, pp. 90-91. Também esta poesia, não transcrita por Marques Rebelo e Bernardo de Mendonça, está aqui em fac-símile.

1854

Publicação em livro, do 1.º volume do romance *Memórias de um Sargento de Milícias* (o 2.º sairá em 1855), e vasta colaboração no *Correio Mercantil* (cf. “Publicações Esparsas” neste volume).

1855

Concluídos os exames do curso em 15 de novembro, é aprovado mais uma vez com um “nemine discrepante”.

Aos 20 de dezembro, “numa sala do edifício da Escola Militar [que à época ocupava o prédio no Largo de S. Francisco, posteriormente cedido à Escola Nacional de Engenharia], perante a Congregação da Faculdade, presidida por S.S. M.M. os Imperadores, sustenta a tese de doutoramento”, publicada no mesmo ano, pela Tip. de M. Barreto.

Publicação do Tomo II das *Memórias de um Sargento de Milícias*, atualmente com mais de 150 edições.

1857

Aos 25 de março, é indicado para diretor da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, fundada nesse dia, por iniciativa do coronel do exército espanhol d. José Amat, então exilado político.

Ainda nesse ano, por interferência do Cons. Sousa Franco (Bernardo de Sousa Franco, 1805-1875), é nomeado administrador da Tipografia Nacional, onde conhece e protege o tipógrafo Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A., 1839-1908).

1858

Aos 9 de janeiro, é inaugurado o Liceu de Artes e Ofícios, do Rio de Janeiro, com Manuel Antônio de Almeida fazendo parte da primeira diretoria, ocupando o cargo de secretário.

Observe-se que essa Instituição (o Liceu) tornou-se a escola profissional da Sociedade Propagadora das Belas-Artes, fundada aos 20 de janeiro de 1857, e dirigida desde sua fundação pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1911).

1859

Aos 30 de setembro, é nomeado ainda pelo Cons. Sousa Franco, na função de Segundo Oficial da Secretaria dos Negócios da Fazenda, com a remuneração anual de dois contos de Réis.

1860-1861

Tradução do romance histórico *O Rei dos Mendigos*, de Paul Féval (Paul Henri Corentin Féval 1817-1887), publicado pela tipografia do *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, em 4 volumes. As Partes Primeira e Segunda (vols. I e II), em 1860; As Terceira e Quarta (vols. III e IV), em 1861. Essa obra, que os bibliógrafos anteriores apontam em 6 volumes, foi por nós consultada, e está registrada à vista do exemplar. São 4 volumes, confirmados ao final do vol. IV: “FIM” da obra.

1861

Publicação do drama lírico *Dous Amores* (imitação do italiano Piave), com música da Condessa Rafaela de Rozwadowska, impresso na Tip. e Livraria de B. X. Pinto de Sousa, Rio de Janeiro.

A trágica morte de Manuel Antônio de Almeida, nesse ano, está assim relatada por Marques Rebelo, em *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, Rio de Janeiro, INL, 1943, pp. 102 e 105: “No dia 27 de novembro, uma quarta-feira, sai do Rio de Janeiro no vapor “Hermes”, da Companhia União Campista e Fidelista, que levava cerca de noventa pessoas entre passageiros e tripulação. Depois de

treze horas de viagem, às três da madrugada do dia 28, o “Hermes” chegava à enseada de Macaé, desembarcava três passageiros e uma hora mais tarde, prosseguindo a viagem para Campos, resvalava sobre uma pedra dos recifes conhecidos por Lages da Tábua. O comandante Ornelas, que ignorava esta pedra, tomou-a por um banco de areia e continuou a viagem, mas para evitar outro encontro possível, afastou-se da costa. O navio, porém, fez água na proa inundando rapidamente o rancho da equipagem e só aí o comandante percebeu o seu erro, como confessou em depoimento às autoridades marítimas. Procurou então aproar à praia para salvar os passageiros. Mas a cerca de duas milhas da terra, na altura da ilha de Sant’Ana, foi obrigado a parar às máquinas para evitar uma explosão. Os dois botes estavam prontos; no tumulto, o de estibordo fez-se em pedaços com doze pessoas. O de bombordo chegou a Macaé, com cinco tripulantes e sete passageiros. Vieram logo em auxílio do navio sinistrado – diz o “Macaense” de 1 de dezembro de 1861 – os patachos “Mercúrio” e “Dois Corações” e o iate “31 de Outubro”. Ao chegarem, algumas horas depois, do “Hermes” só aparecia a hélice. O mar estava agitado e sobre as vagas alguns náufragos tremiam agarrados aos mastros partidos ou equilibrados sobre canastras, capoeiras, tábuas de camarote. Trinta e sete passageiros morriam no sinistro. Entre eles Manuel Antônio de Almeida”.

Siglas e Abreviaturas



Utilizadas

SIGLAS E ABREVIATURAS
UTILIZADAS PARA
REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS
(ordem cronológica)

- SILVA, Inocêncio Francisco da (1810-1876) e ARANHA, Pedro Venceslau BRITO (1833-1911) – *Dicionário Bibliográfico Português* – Estudos de ... aplicáveis a Portugal e ao Brasil – Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 + 3 vols. Foi continuado e ampliado por BRITO ARANHA, a partir do Tomo X (1883). Reimpresso em edição fac-similar, em Lisboa, em 1972. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA encontra-se no Tomo 5.º (1860), pp. 360 e 469 e Tomo 16.º (1893), pp. 110/11.
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves SACRAMENTO (1827-1903) – *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tipografia (e) Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 volumes. (Reimpresso pelo Conselho Federal de Cultura, em edição fac-similar, em 1970). 6.º volume (1900), pp. 12-13.
- REBELO, Marques (pseud. de Edi Dias da Cruz, 1907-1973) – *Bibliografia de Manuel Antônio Almeida*, Rio de Janeiro, INL, 1951; *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, 2.ª edição (revista e acrescentada), São Paulo, Livraria Martins Editora, 1963.
- CARPEUX, Otto Maria (1900-1978) – *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951. A 2.ª edição é de 1955; a 3.ª, de 1964; a 4.ª de 1971.

MARINHO, Terezinha (T. M. de Albuquerque Cavalcanti, 1932-) – Prefácio, Cronologia Bibliográfica, Bibliografia e Introdução Crítico-filológica, às pp. 9 a 103 da edição crítica de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Rio de Janeiro, INL, 1969.

MENEZES, Raimundo (Álvaro) de (1903-1984) – *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*, São Paulo, Edição Saraiva, 1969, 5 volumes com paginação contínua. Vol. I, pp. 48-50. Na 2.^a edição revista, aumentada e atualizada (sem as ilustrações da ed. original), Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora. S/A., 1978, em um só volume, pp. 24-25.

LARA, Cecília de – Introdução (pp. XIII-XXXIX) e Bibliografia – “Edições de *Memórias de um Sargento de Milícias*” (pp. 344-364) da edição crítica de *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada por Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, em 1978.

PARA BIBLIOTECAS CONSULTADAS

- ABL – Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).
- AG – Biblioteca da “Coleção Adyr Guimarães”, na Faculdade de Letras, Cidade Universitária, Rio de Janeiro (RJ).
- BMA – Biblioteca Municipal “Mário de Andrade”, São Paulo (SP).
- BN – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).
- IEB – Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP, Cidade Universitária, São Paulo (SP).
- IHGB – Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro (RJ).
- ISL – Biblioteca particular de Israel Souza Lima, organizador deste trabalho, São Paulo (SP).
- RGPL – Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro (RJ).

Obras de Apoio



OBRAS DE APOIO

- AMORA, Antônio Soares (1917-1999) – “Manuel Antônio de Almeida – Um ‘Primitivo’”, Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, Ano I, n.º 28, 27 abr. 1957, p. 4; *Ib.*, n.º 64, II jan. 1958, p. 4; “O Romancista ‘Almeidino’”; *Ib.*, Ano III, n.º 147, 5 set. 1959, p. 4: “Um Escritor Saboroso”.
- _____. Introdução à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada pela Livraria Bertrand, Lisboa, (1961), pp. 7-17.
- _____. *A Literatura Brasileira – Volume II – O ROMANTISMO (1833-1838 e 1878-1881)*, S.Paulo, Editora Cultrix, 1967, pp. 230-240.
- ANDRADE, Mário de (1893-1945) – “Genealogia de um Sargento de Milícias”, *O Estado de S. Paulo*, S Paulo, 27 nov. 1940, p. 4; *Ib.*, 8 dez. 1940, p. 4: “Música do Sargento de Milícias”.
- _____. Introdução à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, pela Livraria Martins, São Paulo, 1941, pp. 5-19.
- _____. *Aspectos da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Americ-Edit., 1943, pp. 165-184.
- ASSIS, Machado de (Joaquim Maria M. de A., 1839-1908) – *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, II dez. 1861, nos “Comentários da Semana”, artigo de Machado lamenta a morte do amigo.

ATAÍDE, Vicente de (1941-) – Nota do Editor e Introdução à edição didática comentada e adaptada de *Memórias de um Sargento de Milícias*, pela Editora McGRAW-HILL do Brasil, 1975, pp. VII-XVIII.

AUTORES E LIVROS – Suplemento Literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, publicado semanalmente, sob a direção de Múcio Leão (1898-1969), Ano III, vol. IV, n.º 10, de 21 de março de 1943, número em parte dedicado a Manuel Antônio de Almeida, pp. 145-153.

AUTUORI, Luís (1903-) – *Os Quarenta Imortais* (Academia Brasileira de Letras), Rio de Janeiro, (Edição do Autor), 1945, pp. 282-283.

AYALA, Francisco – Prefácio à edição de *Memórias de um Sargento Milícias*, traduzido para o idioma espanhol, publicada em Buenos Aires, ARGOS, 1947, pp. 7-18.

AZEVEDO SOBRINHO, José Vicente (1875-1924) – *Efemérides da Academia Brasileira de Letras*, (Até 1920). Separata da *Revista da Academia*, Rio de Janeiro, Tip. do Anuário do Brasil, 1926, pp. 200 e 206; na edição das *Efemérides* (atualizada até 1940), publicada em 1942, pp. 239 e 246-47; na edição de 1972, pp. 84 e 87; na edição de 1997- Ano do I Centenário, pp. 107 e 111.

BARBOSA, Francisco de Assis (1914-1991) – “Romance, Novela e Conto no Brasil (1839-1949)”, na revista *Cultura*, Rio de Janeiro, Ano I, n.º 3, maio-agosto de 1949, pp. 193-242, com Separata. Manuel Antônio de Almeida, pp. 194 e 214.

- BRINCHES, Victor (V. Manuel Fernandes B.) – *Dicionário Bibliográfico Luso-Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura Brasil-Portugal, 1965, p. 301.
- BRUNO, Ernâni Silva (1912-) – “Um autor fora de classificação”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 nov. 1981 (150.º aniversário de nascimento), homenagem.
- CÂNDIDO, Antônio (A. C. de Melo e Sousa, 1918-) – “Dialética da Malandragem (Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)”, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, IEB, S. Paulo, n.º 8, 1970, pp. 67-89. Encontra-se reproduzido na tradução de Elvio Romero, publicada em Caracas (Venezuela), em 1977, pp. IX-XXXVII; na edição crítica por Cecília de Lara, 1978, pp. 317-342; em *O Discurso e a Cidade*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1993, pp. 19-54.
- CÂNDIDO, Antônio (e) CASTELLO, José Aderaldo (1921-2011) – *Presença da Literatura Brasileira – História e Antologia – Das origens ao realismo*, nova edição revista e ampliada, S.Paulo, 1985, pp. 209-217.
- CARVALHO, Reginaldo Pinto de – “Contribuição linguística das *Memórias*: Um estilo que valoriza o Português do Brasil na edição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, “Coleção Oficina Literária”, São Paulo, Selinunte Editora Ltda., 1990, pp. 121-125.
- CARVALHO, Ronald de (1893-1935) – *Pequena História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, F. Briguiet & Comp., Editores, 1919, pp. 257-258. Na 5.ª edição, última revista pelo autor, Rio de Janeiro, mesmos editores, 1935, pp. 257-258.

- CASTELLO, José Aderaldo (1921-2011) – *Aspectos do Romance Brasileiro*, Rio de Janeiro, MEC – Serviço de Documentação, 1961, pp. 28-36: “A Formação de Manuel Antônio de Almeida – Sua Obra de Ficção”. É a reunião de artigos publicados anteriormente no *Diário de São Paulo*, em 1949.
- _____. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*, S. Paulo, Edusp, 1999, 2 vols. Manuel Antônio de Almeida encontra-se no vol. I, pp. 223, 236, 238, 240, 403, 429 e 442; vol. II, pp. 497 e 562.
- COSTA, João – “Quando memória desta vida se consente”, prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias – Amigos do Livro – TV GUIA*, publicada em Lisboa, 1986, pp. 7-12.
- CERQUEIRA, Alves (Antônio A. C. 1883-1959) – “Literatura Indígena – Manuel Antônio de Almeida”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1927.
- COSTA, Carlos (C. Antônio de Paula C., 1844-) – *Catálogo da Exposição Médico-Brasileira* realizada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1883, publicado em 1884, Manuel Antônio de Almeida, acha-se à p. 34.
- COUTINHO, Afrânio (A. dos Santos C., 1911-2000) – Biografia e Introdução à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro (“Clássicos Brasileiros”, 448), publicada em 1967, às pp. (7-8), (13-19) e Notas, p.s.n.
- _____. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, direção de Afrânio Coutinho e J.(osé) Galante de Sousa (1913-1986), Rio de Janeiro, Ministério da Educação – FAE (Fundação de

Assistência ao Estudante), 1990, 2 vols., com paginação contínua. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA, vol. I, pp. 188-189. Na 2.^a edição revista, ampliada, atualizada e ilustrada sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho, São Paulo, Global; Rio de Janeiro, FBN/ABL, 2001, vol. I, p. 197.

DAMASCENO, Darci (D. D. dos Santos, 1922-1988) – “Afetividade linguística nas *Memórias de um Sargento de Milícias*”, *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, Dezembro de 1956.

_____. “Correspondência Inédita de Manuel Antônio de Almeida”, *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, INL, n.º 12, Ano III, Dezembro de 1958, pp. 197-211.

DANTAS, Pedro (pseud. de Prudente de Moraes Neto)

DÓRIA, Luís Gastão d’ESCRAGNOLLE (1869-1948) – “Manuel Antônio de Almeida”, in *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, de 28 de novembro de 1931 (homenagem pelo 70.º aniversário de sua morte).

FARACO, Carlos Alberto – Prefácio à edição didática, comentada e adaptada por Vicente Ataíde de *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada pela Editora McGraw-Hill do Brasil, 1975, p. IX-XI.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989) – “Manuel Antônio de Almeida e seus editores”, *Correio a Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1947.

FERREIRA, Félix (1848-1898) – *Ideia* – Revista Artística e Literária, Rio de Janeiro, 1869. N.º 1, pp. 1-32; n.º 2, pp. 33-64.

Às pp. 7-12 e 39-44, encontra-se um esboço biográfico de M.A. de Almeida, antecedido de seu retrato, e acompanhado de reprodução de trechos do artigo de Augusto Emílio Zaluar (1825-1882) publicado no *Diário do Rio Janeiro*, Rio de Janeiro, de 5 e 7 de fevereiro de 1862.

FREITAS, José Bezerra de (1896-1953) – *História da Literatura Brasileira* – Para o Curso Complementar, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo – Barcellos, Bertaso & C., 1939, p. 190.

_____. *Forma e Expressão no Romance Brasileiro*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, Editores, 1947, pp. 105-107.

FREITAS, Leopoldo de (1865-1940) – *Esboço Geral de Literatura*, São Paulo, Casa Vanorden, 1912, p. 109.

_____. *Literatura Nacional* – Curso do Instituto de Ciências e Letras, São Paulo, Magalhães, 1910, pp. 62-63.

FRIEIRO, Eduardo (1889-1982) – “Lazarillo de Tormes e Leonardo Pataca”, *Kriterion*, Belo Horizonte (MG), janeiro-junho de 1954, pp. 27-28.

FUSCO, Rosário (1910-1977) – *Vida Literária*, São Paulo, SEP (Soc. Editora Panorama), 1940, pp. 174 e 188.

GALERIA NACIONAL – *Vultos Proeminentes da História Brasileira*, 2.º fascículo, editado pelo “Jornal do Brasil”, Rio de Janeiro, 1931, p. 189.

GALVÃO, Walnice Nogueira – “Memórias de um Sargento de Milícias”, Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Ano IV, n.º 273, de 17 de março de 1962, p. 4.

- GAMA, Chichorro da (Antônio Carlos C. da G., 1862-1929) – *Através do Teatro Brasileiro* (Resenha de autores e de peças), Rio de Janeiro, Livraria Luso-Brasileira, 1907, p. 22.
- GIFFONI, O.(rsini) Carneiro (1912-1974) – *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro de Escritores Médicos* (1500-1899), São Paulo, Livraria Nobel S.A., 1972, pp. 21-22.
- GOMES, Eugênio (1897-1972) – “Sobre um romance” (*Memórias de um Sargento de Milícias*), Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, n.º 62, 28 dez. 1957, p. 4.
- _____. *Aspectos do Romance Brasileiro*, Salvador, Bahia, Aguiar & Sousa – Livraria Progresso Editora, 1958, pp. 55-76.
- GONÇALVES, Augusto de Freitas Lopes (1896-1968) – *Dicionário Histórico e Literário do Teatro no Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra, vol. 1, 1975; vol. 2, 1976; vol. 3, 1979; vol. 4, 1982. Manuel Antônio de Almeida, vol, I, pp. 108-109.
- GRIECO, Agrippino (1888-1973) – *Evolução da Prosa Brasileira*, Rio de Janeiro, Ariel, Editora Ltda., 1933, pp. 45-48.
- GUIMARÃES, Reginaldo (1915-) – *O Folclore na Ficção Brasileira – Roteiro das “Memórias de um Sargento de Milícias”*, Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra / Brasília, INL, 1977.
- HADDAD, Jamil Almansur (1914-1988) – Prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1954, pp. 7-13. Reproduzida nas edições seguintes.

- HOUAISS, Antonio (1915-1999) – “Manuel Antônio de Almeida”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1964.
- IANNONE, Carlos Alberto – Pesquisa sobre a vida e a obra de Manuel Antônio de Almeida, acompanhada de retrato e cronologia, às pp 7-19 e 21 da edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, coleção “Obras Imortais da nossa literatura”, vol. 18, S. Paulo, Editora Três, 1973.
- INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO – IPASE - “O Servidor Público – Homem de Letras” (sem declaração de autoria), Rio de Janeiro, 1956. Manuel Antônio de Almeida, pp. 16-21.
- Ivo, Lêdo (1924-) – *Teoria e Celebração* (ens.), S. Paulo, Livraria Duas Cidades / Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, pp. 29-36: “Manuel Antônio de Almeida e a Visão Cômica da Vida”.
- JAROCHE, Mamede Mustafa – *Sob o império da letra: imprensa e política no tempo das Memórias de um Sargento de Milícias*. (tese de doutorado). São Paulo, FFLCH / USP, 1997.
- _____. “Galhofa sem melancolia: As Memórias num mundo de luzias e saquaremas”. Prefácio à edição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo, Editorial Ateliê, 2000, pp. 13-59.
- LARA, Cecília de – Introdução à edição crítica de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Rio de Janeiro, Livros Técnico e Científicos, 1978, pp. XII-XXXIX.

- LIMA, Hermeto (1872-1947) – “Centenário de Manuel Antônio de Almeida”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, II de novembro de 1931.
- LUFT, Celso Pedro (1921-1995) – *Dicionário de Literatura da Portuguesa e Brasileira* – Enciclopédia do Curso Secundário, Porto Alegre, Editora Globo, 1967, pp. 10-11.
- LYS, Edmundo (nome literário de Antônio Gabriel de Barros Vale, 1899-) – Introdução à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica S.A., EDIÇÕES DE OURO n.º 448, 1964 pp. 7-12, datada de “Rio, novembro de 1963”.
- MACAHENSE – Jornal crítico, literário e noticioso, redigido pelo Dr. Velho da Silva (José Maria V. da S., 1811-1901), Macaé (RJ), 29 de novembro de 1861. Relato do naufrágio do vapor “Hermes” e a consequente morte de Manuel Antônio de Almeida.
- MACEDO, Joaquim Manuel de (1820-1882) – *Ano Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tip. e Lit. do Imperial Instituto Artístico, 1876, 3 vols. Manuel Antônio de Almeida, vol. 3, p. 413.
- MACHADO, Ubiratan – *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001, pp. 43, 46, 57, 70, 73, 140, 171, 172, 173, 188, 227, 230, 231, 240, 244 e 245.
- MAJOR, Manuel Antônio (1838-1873) – *O Guarany* – Folha Ilustrada, Literária, Artística, Noticiosa e Crítica, Rio de Janeiro, Ano I. n.º 1, 8 de janeiro de 1871: “Perfis Literários”.

- _____. *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, Rio do Janeiro, Tomo IV, de 1872: “Manuel Antônio de Almeida”.
- MARINHO, Terezinha – Prefácio à edição crítica de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969, pp. 9-10.
- MARQUES, Xavier (Francisco X. Ferreira M., 1861-1942) – “Centeário de Manuel Antônio de Almeida”, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, vol. XXXVII, dezembro de 1931, n.º 120, pp. 387-401.
- _____. *Letras Acadêmicas*, Rio de Janeiro, Renascença Editora, 1933, pp. 7-23: “O Tradicionalismo de Manuel Antônio de Almeida”; pp. 159-167: “Manuel de Almeida” (Patrono) – Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras.
- MARTINS, Mário R.(odrigues) de Deus (1903-1968) – *A Evolução da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, outubro, 1945, I.º volume, p. 75.
- MARTINS, Wilson (1921-2010) – *História da Inteligência Brasileira*, S. Paulo, Cultrix / EdUSP, 1977-78, em 7 volumes. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA vol. II (1794-1855), publicado em 1977, pp. 301, 406, 415, 476, 477, 478-486, 499 e 533.
- MAUL, Carlos (1889-1973) – “No Centenário da Morte de Manuel Antônio de Almeida” (conf.), na *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói (RJ), vol. XII – Agosto de 1961-1962, pp. 47-53.
- MEDEIROS, Maurício de (1885-1966) – *Homens Notáveis*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1964, pp. 37-54.

MENDES, Horácio Alves – *Esboço Crítico do Romantismo Brasileiro*, (Tese de concurso para professor catedrático de Literatura na Escola Normal), Rio de Janeiro, impresso nas oficinas do “Mundo Médico”, 1929, pp. 32-33.

LEITORES E LIVROS – Órgão da Liga Universitária Católica da Ação Católica Brasileira, Rio de Janeiro, n.º 16 – Ano IV – Abril-Junho de 1954, pp. 245-251: noticiário sobre a “Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*”, de Manuel Antônio de Almeida, na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Diretor Geral: Eugênio Gomes (1897-1972).

MENDONÇA, Bernardo de, org. – *Obra Dispersa* de Manuel Antônio de Almeida. Introdução, seleção e notas. Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 1991.

MENESES, Djacir (D. Lima M., 1907-1996) – *Evolução do Pensamento Literário no Brasil*, Rio de Janeiro, “Organização Simões”, 1954, pp. 174-177.

MENESES, Raimundo de (R. Álvaro de M., 1903-1984) – “Manuel Antônio de Almeida”, *O Estado de S.Paulo*, SP, 20 jun. 1948, p. 4.

MESQUITA, Samira Nahid – “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, Romances para estudo. Edição escolar, para alunos de 1.º e 2.º graus. Estudo dos capítulos I a 23 do Volume I, pp. 9-59; dos capítulos I a 25 do Volume II, pp. 60-116; Orientação didática, pp. 117-131. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

- MONIZ, Heitor (H. Ferrão M. de Aragão, 1906-) – *Vultos da Literatura Brasileira*, I.ª Série, Rio de Janeiro, Marisa, 1933, pp. 63-71.
- MONTENEGRO, Olívio (O. Bezerra M., 1896-1962) – *O Romance Brasileiro*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1938.
- MORAIS NETO, Prudente de (Francisco de Paula P. de M. N., 1904-1977. Pseudônimo: Pedro Dantas). – *O Romance Brasileiro*, Rio de Janeiro, Serviço de Cooperação Intercultural, M. R. E., n.º 3, 1939.
- MOTA FILHO, Cândido (1897-1977) – “O Romance e a Sociologia”, *Revista Brasileira* (publicada pela Academia Brasileira de Letras), Rio de Janeiro, Ano IX – Janeiro-Junho de 1959, N.ºs 25-26, pp. 23-35.
- NEGRÃO, Maria José da Trindade – *Manuel Antônio de Almeida – Trechos Escolhidos* (“Nossos Clássicos”, 88), Rio de Janeiro, AGIR, 1966.
- NEVES, Fernão (pseud. de Fernando Nery, 1885-1948) – *A Academia Brasileira de Letras – Notas e Documentos para a sua História* (1896-1940), Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira, 1940, p. 168.
- OLINTO, Antônio (A. O. Marques da Rocha, 1919-2009) – “Do Rio Posto em Romances”, prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias* publicada pela Editora Conquista, Rio de Janeiro, 1965, pp. 13-21.
- OLIVEIRA, José Osório de (1900-1964) – *História Breve da Literatura Brasileira*, Lisboa, Editorial “Inquérito” Ltda., 1939, pp.

57-60; na Nova edição, revista e aumentada, publicada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, em 1946, pp. 67-70; na Segunda edição brasileira, S. Paulo, Martins, 1956, pp. 72-74.

_____. “O Autor Deste Livro”, prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, Lisboa, Edições Ultramar, 1944, pp. V-XI.

OLIVEIRA, José Teixeira de, org. (-2004) – *Dicionário Brasileiro de Datas Históricas*, Prefácio do Prof. Affonso d’Escragnoille Taunay (1876-1958), 3.^a edição (refundida, ampliada e atualizada), Belo Horizonte (MG), Editora Itatiaia, 1992, pp. 709 e 723. Na 4.^a edição refundida, ampliada e atualizada até 31-12-2000, Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 2002, pp. 1147-48 e 1172.

PAIS, José Paulo (1926-1998) – *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, organizado e dirigido por José Paulo Pais e Massaud Moisés, São Paulo, Cultrix, 1967, pp. 23-24, em verbete de Antonio Soares Amora. Na 2.^a edição, revista, atualizada e ampliada por Massaud Moisés, São Paulo, Cultrix, 1980, pp. 30-31.

PEIXOTO, Afrânio (Júlio A. P., 1876-1947) – *Noções de História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1931, pp. 216-217.

_____. *Panorama da Literatura Brasileira*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940, pp. 298-301. (É o volume 2 da col. “Livros do Brasil”).

- PERDIGÃO, Henrique (H. Lopes P., 1880-1944) – *Dicionário Universal de Literatura* (Biobibliográfico e cronológico), 2.^a edição, ilustrada, Porto, Edições Lopes da Silva, 1940, p. 337. A 1.^a edição é de Barcelos, 1934.
- PEREIRA, Astrojildo (A. P. Duarte da Silva, 1890-1965) – “Romancistas da Cidade: Macedo, Manuel Antônio e Lima Barreto”, *Revista do Brasil*, Ano IV, 3.^a fase, n.º 35 – Dedicado ao Romance Brasileiro, maio de 1941, pp. 28-41. Texto reproduzido no volume *O Romance Brasileiro* (De 1752 a 1930), por diversos autores, com coordenação, notas e revisão por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910-1989), Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1952, pp. 39-53 e 267-268.
- PICCHIO, Luciana Stegagno (1920-2008) – *História da Literatura Brasileira* – Tradução de Pérola de Carvalho e Alice Kyoko, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1997. Manuel Antônio de Almeida encontra-se, nesta edição e na 2.^a edição revista e atualizada, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2004, pp. 205, 206, 207, 239, 257, 277, 540 e 715.
- PIMENTEL, Elpídio (1894-1971) – *Noções de Literatura* (Compêndio didático), Vitória (ES), Tip. do “Correio da Manhã”, 1918, p. 195.
- PITAN, Atalício – *Literatura Brasileira* (Resumo histórico), editado pelo Colégio Cruzeiro do Sul, Porto Alegre (RS), 1920, pp. 69-70.

PROENÇA, M.(anuel) Cavalcanti (1905-1966) – *Estudos Literários*, prefácio de Antonio Houaiss (1915-1999), Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971, pp. 163, 185, 186, 494, 495 e 557.

RABELO, Sílvio (S. da Mota R., 1899-1972) – “Manuel Antônio de Almeida”, in *Letras Brasileiras*, periódico literário dirigido por Heitor Moniz, Rio de Janeiro, n.º 20, dez. 1944, pp. 59-61.

REBELO, Marques (pseud. de Edi Dias da Cruz, 1907-1973) – *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, publicação do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, (Zélio Valverde imprimiu), 1943.

_____. Prefácio à edição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada pelo Instituto Nacional do Livro, na “Biblioteca Popular Brasileira”, vol. XIX, Rio de Janeiro, 1944, pp. IX-XIV.

Revista da Academia Brasileira Letras, Rio de Janeiro, vol. 37, Dezembro de 1931, n.º 120, pp. 387-401, por Xavier Marques.

Revista Popular – Noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, etc., Rio de Janeiro, B.L.Garnier, (1859-1862), tomo XII, p. 380.

RIBEIRO, João (J. Batista R. de Andrade, 1860-1934) - “Um Romancista Esquecido”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1931 e em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, no mesmo dia. No volume I das *Obras de João Ribeiro*, Edição da

Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, em 1952, às pp. 185-186.

RIBEIRO FILHO, J.(oão) de S.(ouza) (1915-) – *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas* (1565-1965), Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, 1965, p. 15.

RIO BRANCO, Barão do (José Maria da Silva Paranhos Júnior, 1845-1912) – *Efemérides Brasileiras*, edição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1918, pp. 539 e 556. Na edição publicada pelo Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946, pp. 538, 556 e 629.

ROCHA, Maurício – “A realidade vista pela ótica do riso”, Rio de Janeiro, “O Globo”, 2 de janeiro de 1992.

ROMERO, Sílvio (S. Vasconcelos da Silveira Ramos R., 1851-1914) – *História da Literatura Brasileira*, 3.^a edição, aumentada, organizada e prefaciada pelo seu filho Néelson Roméro (1890-1963), Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1943, em 5 volumes, Manuel Antônio de Almeida encontra-se no Tomo V, pp. 88-91.

ROMERO, Sílvio e RIBEIRO, João – *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, 2.^a edição refundida, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1909, pp. 294-299.

RÓNAI, Paul (1907-1992) – “Préface” às *Memoires d’un Sergent de la Milice*, traduit du portugais, datado “Rio de Janeiro, août 1943”, publicada no Rio de Janeiro, Atlantica Editora, 1944, pp. 5-12.

- ROSA, Francisco Otaviano de Almeida (1825-1889) – Artigo publicado no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 1861, noticiando o naufrágio do vapor “Hermes” e lamentando as mortes, entre as quais, a do amigo Manuel Antônio de Almeida.
- RUBENS, Carlos (Nome literário de José Hermógenes da Costa, 1890-1946) - “Manuel Antônio de Almeida”, in *O Bibliógrafo* – Revista de Informações Bibliográficas Rio de Janeiro, Novembro e Dezembro de 1931, p. 74.
- SALES, Herberto (1917-1999) – “Manuel Antônio de Almeida”, no *Anuário Brasileiro de Literatura*, N.ºs 7-8, para 1943-1944, referente 1942-1943, Rio de Janeiro, publicado pela Livraria Editora Zélio Valverde, 1944, pp. 248-251.
- SANTOS FILHO, Licurgo (L. de Castro S., 1910-1998) – *História da Medicina no Brasil*, São Paulo, 1947, 2 vols. Tomo 2.º, p. 328.
- SERPA, Phócion (1892-1963) – “Manuel Antônio de Almeida”, in *Revista Ibero-Americana*, Rio de Janeiro, Tomo IX, n.º 18, de maio de 1945.
- SERRONE, Cristina – “O Humor Romântico do Sargento de Milícias”, prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, São Paulo, Selinunte Editora Ltda., 1990, pp. 127-132.
- SILVA, Bethencourt da (Francisco Joaquim B. da S., 1831-1911) – Introdução à edição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, de 1876, Primeiro Volume, pp. I a XLVIII. Em *Dispersas*

e Bosquejos Artísticos, Rio de Janeiro, 1901, pp. 231-285, aparece revista e ligeiramente aumentada.

SILVA, Francisco Pereira da (F. das Chagas P. da S., 1918-1985) – Prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, em adaptação do romance para teatro, São Paulo, Editora Brasiliense, 1965, pp. V a VIII.

SINZIG, O.F.M., Frei Pedro (1876-1952) – *Através dos Romances* – Notas sobre 21.553 livros e 6.657 autores. 2.^a edição. Petrópolis (RJ), Edição de “Vozes de Petrópolis”, 1923, p. 53, v. 585.

SODERO, Francisco Carlos – Prefácio à edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada pelo Editor Folco Masucci, São Paulo, 1971, pp. 7-9.

SODRÉ, Néelson Werneck (1911-1999) – *História de Literatura Brasileira* (Seus fundamentos econômicos), São Paulo, Edições Cultura Brasileira S.A., 1938, pp. 147-151. Na 3.^a edição (integralmente refundida), Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960, pp. 212-215 e 233-234.

SOUSA, J.(osé) Galante de (1913-1986) – *O Teatro no Brasil*, Rio de Janeiro, INL, 1960, 2 vols. M.A. de Almeida, Tomo II, pp. 31-32.

SOUTO, Luiz Felipe Vieira (1906-1964) – “Dous Românticos Brasileiros”, (conferência) – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1931, pp. 95-118, com separata. Fora publicada anteriormente no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1931.

TINHORÃO, José Ramos – *A música popular no romance brasileiro*, Volume I – Século XVIII - Século XIX, Belo Horizonte (MG), Oficina de Livros, 1992, pp. 93-112: “Manuel Antônio de Almeida e o Romantismo realista-popular”, p. 229;

_____. *Os Romances em Folhetins no Brasil (1830 à atualidade)*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1994, p. 55.

TROTTA, Frederico (1899-) – *Poetas Cariocas em 400 Anos*, Rio de Janeiro, Casa Editora Vecchi Ltda., 1966, pp. 155-157.

VERÍSSIMO, José (J.V.Dias de Matos, 1857-1916) – *Estudos Brasileiros – Segunda Série (1889-1893)*, Rio de Janeiro, Laemmert & C., Editores, 1894, pp. 107-124: “Um velho romance brasileiro – *Memórias de um Sargento de Milícias*, por M. A. de Almeida”.

_____. *História da Literatura Brasileira (De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, 1.º Milheiro, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1916, pp. 283-285; no 3.º Milheiro, publicado em 1929, pp. 279-281.

VIEIRA, José (J. de Araújo V., 1880-1948) – “Manuel Antônio de Almeida, sua vida e sua obra”, in *O Mundo Literário – Mensário de literatura nacional e estrangeira*, dirigido por Pereira da Silva e Théo Filho, Rio de Janeiro, Ano III, vol. XXII, N.º 34, 5 fev. 1925, pp. 26-34. Ao final do estudo, a informação: “Manuel Antônio de Almeida está sepultado junto de Casimiro de Abreu, no cemitériosinho de S. João da Barra, sobre o mar que o matou”.

_____. “As Memórias de um Sargento de Milícias”, *Jornal do Commercio* Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1931 (Centenário de seu nascimento).

VÍTOR d’Almeida (Edgar Baiense d’A. e Brita e V., 1914-1983) – *Ad Immortalitatem* - Síntese histórica da Academia Brasileira de Letras. Separata do “Anuário Brasileiro de Literatura” de 1942. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1943, p. 50.

ZALUAR, Augusto Emilio (1825-1882) – *Diário do Rio Janeiro*, de 5 e 7 de fevereiro de 1862.

_____. *O Guarany*, Rio de Janeiro, 14, 21 e 28 de maio de 1871.



*Obras e
Opúsculos
Editados*

A MOLESTIA VULGARMENTE CHAMADA OPILAÇÃO SERÁ A CHLOROSE?

suas causas e tratamento.

DA CÍCUTA CONSIDERADA PHARMACOLOGICA E THERAPEUTICAMENTE.

HYDRORACHIS COM SPINA BIFIDA.

SERÁ MAIS CONVENIENTE QUE O ESCRIVÃO OU QUE O PRÓPRIO MÉDICO
ESCREVA O SEU RELATÓRIO SOBRE CORPO DE DELICTO OU QUALQUER
OUTRO ASSUMPTO MÉDICO-LEGAL?

OCORRER AS REGRAS QUE DEVEM PREZER À CONFEÇÃO DE UM RELATÓRIO?

THESE

APRESENTADA À FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO PARA
SER SUSTENTADA PERANTE ELLA

POR

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

AFIM DE OBTER O GRÁO DE DOUTOR EM MEDICINA.

RIO DE JANEIRO.

TYP. DE M. BARRETO, RUA DA QUITANDA N. 35.

1855.

OBRAS E OPÚSCULOS EDITADOS

A MOLESTIA VULGARMENTE CHAMADA OPILAÇÃO
SERÀ A CHLOROSE? / suas causas e tratamento. / DA CICUTA
CONSIDERADA PHARMACOLOGIA E THERAPEUTICA-
MENTE. / HYDRORACHIS COM SPINA BIFIDA. / SERÁ
MAIS CONVENIENTE QUE O ESCRIVÃO OU QUE O
PROPRIO MEDICO / ESCREVA O SEU RELATORIO SO-
BRE O CORPO DE DELICTO OU QUALQUER OUTRO
ASSUNPTO MEDICO-LEGAL? / QUAES AS REGRAS QUE
DEVEM PRESIDIR Á CONFECÇÃO DE UM RELATORIO?
/ [vinheta] / THESE / APRESENTADA Á FACULDADE DE
MEDICINA DO RIO DE JANEIRO PARA / SER SUSTEN-
TADA PERANTE ELLA / POR / MANOEL ANTONIO DE
ALMEIDA / AFIM DE OBTER O GRÁO DE DOUTOR EM
MEDICINA. / [vinheta] / RIO DE JANEIRO. / TYP. DE M.
BARRETO, RUA DA QUITANDA N. 55. / 1855.

16 p. 18,9 X 12,0 cm

f.f.r.: “THESE. /”; v.f.r.: Composição de Diretoria, Lentes
Catedráticos e Lentes Substitutos; pp. 5-14: desenvolvimento
da TESE; p. 15: “HIPPOCRATIS APHORISMI”; p. (16), o
“publique-se” da Diretoria.

Exemplares: BN - III - 17, 6, 16, N.º 4.

Registros: BLAKE, 6.º (1900), p. 13; REBELO (1943), pp. 67 e
71; (1951), pp. 12-13; (1963), pp. 139-140; MENEZES, (1969), I,
p. 49 e (1978), p. 25, datando-a de 1856.

MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS / POR
/ UM BRASILEIRO. / TOMO I. / [vinheta] / RIO DE JA-
NEIRO. / TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE MAXIMIANO
GOMES RIBEIRO / Rua do Sabão n. 114. / – / 1854.

142 p. 13,5 x 7,5 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE
MILICIAS. /”; pp. 5-10: cap. I – Origem, nascimento e batizado; pp. 11-19: cap. II – Primeiros infortúnios; pp. 21-26: cap. III – Despedida às travessuras; pp. 27-30: cap. IV – Fortuna; pp. 31-35: cap. V – O Vidigal; pp. 37-42: cap. VI – Primeira noite fora de casa; pp. 43-47: cap. VII – A comadre; pp. 49-52: cap. VIII – O pátio dos bichos; pp. 53-57: cap. IX – O “arranjei-me” do compadre; pp. 59-65: cap. X – Explicações; pp. 67-72: cap. XI – Progresso e atraso; pp. 73-77: cap. XII – Entrada para a escola; pp. 79-84: cape XIII – Mudança de vida; pp. 85-91: cap. XIV – Nova vingança e seu resultado; pp. 93-99: cap. XV – Estralada; pp. 101-104: cap. XVI – Sucesso do plano; pp. 105-113: cap. XVII – D. Maria; pp. 115-118: cap. XVIII – Amores; pp. 119-122: cap. XIX – Domingo do Espírito Santo; pp. 123-127: cap. XX – O fogo no campo; pp. 129-133: cap. XXI – Contrariedades; pp. 135-138: cap. XXII – Aliança; pp. 139-142: cap. XXIII – Declaração; p. 142, ao final do texto: “FIM DO PRIMEIRO VOLUME. /”.

MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS
/ POR / UM BRASILEIRO. / TOMO II. / [vinheta] /
RIO DE JANEIRO. / TIPOGRAPHIA BRASILIENSE DE
MAXIMIANO GOMES RIBEIRO / Rua do Sabão n. 114. / – /
1855.

160 p. 13,5 x 7,5 cm

MEMORIAS
DE
UM SARGENTO DE MILICIAS
POR
UM BRASILEIRO.
TOMO I.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE MAXIMIANO CONES RIBEIRO

Rua do Sabão n. 11A.

1854.

f.f.r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS. /”; pp. 5-10: cap. I – A comadre em exercício; pp. 11-16: cap. II – Trama; pp. 17-22: cap. III – Derrota; pp. 23-27: cap. IV – O mestre de reza; pp. 29-35: cap. V – Transtorno; pp. 37-42: cap. VI – Pior transtorno; pp. 43-47: cap. VII – Remédio aos males; pp. 49-53: cap. VIII – Novos amores; pp. 55-62: cap. IX – José Manuel triunfa; pp. 63-68: cap. X – O agregado; pp. 69-73: cap. XI – Malsinação; pp. 75-79: cap. XII – Triunfo completo de José Manuel; pp. 81-85: cap. XIII – Escapula; pp. 87-91: Cap. XIV: O Vidigal desapontado; pp. 93-96: cap. XV – Caldo entornado; pp. 97-101: cap. XVI – Ciúmes; pp. 103-106: cap. XVII – Fogo de palha; pp. 107-113: cap. XVIII – Represálias; pp. 115-120: cap. XIX – O granadeiro; pp. 121-130: cap. XX – Novas diabruras; pp. 131-135: cap. XXI - Descoberta; pp. 137-141: cap. XXII – Empenhos; pp. 143-148: cap. XXIII – As três em comissão; pp. 149-154: cap. XXIV – A morte é juiz; pp. 155-159: cap. XXV – Conclusão feliz; p. 159, ao final do texto: “FIM. /”; ao pé: “/ = / Rio de Janeiro. – Typ. BRASILIENSE – Rua do Sabão, 114. /”; p. (160), em branco.

Exemplares: BN-SOR - RGPL

Registros: SILVA, V (1860), p. 360, v. n.º 102; BLAKE, 6.º (1900), p. 13; CARPEAUX (1951), p. 120; REBELO (1943), p. III; (1951), p. 107-108; (1963), p. 133; MARINHO (1969), p. 15; MENEZES (1969), I, p. 49 e (1978), p. 25; LARA (1978), p. 344.

Este romance foi publicado anteriormente em folhetins no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, com o texto revisto e alterado para a publicação em livro, como já observara Marques Rebelo

na *Bibliografia* (1951), p. 107, v. n.º 38: “O texto não é o mesmo publicado no *Correio Mercantil*. Apresenta muitas emendas e a ordem e numeração dos capítulos é outra”, no que é seguido por Terezinha Marinho na primeira edição crítica da obra, em 1969, p. 44: “B [primeira edição em livro] apresenta profundas alterações em relação a A [Publicação no periódico], quer quanto à redação do romance, quer quanto à paragrafação, pontuação e ordem dos capítulos”.

Para o registro da publicação em folhetins, estamos transcrevendo o de Terezinha Marinho, 1969, pp. 45-46, aí acrescido das datas da publicação: 1852: 27 jun. – cap. I – Origem, nascimento e batizado; 4 jul. – cap. II – Primeiros infortúnios; 11 jul. – cap. III – Despedida às travessuras; 18 jul. – cap. IV – O Leonardo tomando fortuna, e V – Primeira noite fora de casa; (faltou o n.º VI na numeração, mas a sequência do texto não foi interrompida); 25 jul. – cap. VII – A comadre (e) VIII – O Vidigal; 1.º ago. – cap. IX – O – arranjei-me – do compadre (e) cap. X – O pátio dos bichos; 8 ago. – cap. XI – Explicações; 15 ago. – cap. XII – Progressos e atrasos (e) cap. XIII – Entrada para a escola; 22 ago. – cap. XII (numeração repetida) – Mudança de vida; 29 ago. – cap. XIII (numeração repetida) – Nova vingança e seu resultado; 12 set. – cap. XIV – Estralada; 19 set. – cap. XV – Sucesso do plano; 26 set. e 3 out. – cap. XVI e XVII – D. Maria; 11 out. – cap. XVIII – Amores; 17 out. – cap. XIX – Domingo de Espírito Santo; 24 out. – cap. XX – O fogo no Campo; 14 nov. – cap. XXI – Contrariedades (e) cap. XXII – Aliança; 21 nov. cap. XXI (numeração repetida) – Declaração; 5 dez. – cap. XXII (numeração repetida) – A comadre em exercício; 19 dez. – cap. XXIII – Trama (e) cap. XXIV – Derrota. 1853: 2 jan. – cap. XXV – O mestre de reza; 9 jan. – cap. XXVI – Transtôrno; 16 jan. – cap. XXVII – Peior transtôrno; (e) cap. XXVIII – Remédio aos males; 23 jan. – cap. XXX – Remédio

aos males (continuação); (faltou o n.º XXIX), mas a sequência do texto é normal; 30 jan. – cap. XXXI – José Manuel triunfa; 6 fev. – cap. XXXII – O agregado; 20 fev. – cap. XXXIII – Malsinação; (faltou o n.º XXXIV); 6 mar. – cap. XXXV – Triunfo completo de José Manoel; 13 mar. – cap. XXXVI – Escapula; 27 mar. – cap. XXXVII – O Vidigal desapontado; 3 abr. – cap. XXXVIII – Caldo entornado; 17 abr. – cap. XXXIX – Ciúmes (e) cap. XL – Fogo de palha; 24 abr. – cap. XLI – Represálias; 16 mai. – cap. XLII – O granadeiro; 22 mai. – cap. XLIII – Nova diabrura; 5 jun. – cap. XLIV – Novas diabruras; 19 jun. – cap. XLV – Descoberta; 26 jun. – cap. XLVI – Empenhos; 10 jul. – cap. XLVII – As três em comissão; 17 jul. – cap. XLVII (continuação) e cap. XLVIII – A morte é juiz; 24 jul. – cap. XLVIII (continuação); 31 jul. – cap. XLVIII (numeração repetida) – Conclusão feliz.

DOUS AMORES / DRAMA LYRICO EM TRES ACTOS / POESIA / (imitação do italiano de Piave) / PELO / Dr. Manoel Antonio de Almeida. / MUSICA DA / CONDESSA RAFAELA DE ROZWADOWSKA / [ornato] / RIO DE JANEIRO / TYP. E LIVRARIA DE B. X. PINTO DE SOUSA / Rua dos Ciganos ns. 43 e 45. / – / 1861.

60 p. II,3 x 7,6 cm

f.f.r.: “DOUS AMORES /”; p.s.n. (5), ao centro: “*O direito de propriedade da musica do drama lyrico / DOUS AMORES é reservado á condessa Rozwadowska, e / garantido por contracto passado entre ella e o empre-zario da Opera Nacional /*”; p.s.n. (7): “PERSONAGENS” (segue-se a lista dos personagens), tendo no verso a relação da equipe técnica responsável pela direção da peça; – DOUS AMORES – texto – Ato I, pp. 9-18; Ato II, pp. 19-33; Ato III, pp. 34-60; p. 60, ao final do texto: “FIM, /”.

DOUS AMORES

DRAMA LYRICO EM TRES ACTOS

POESIA

(imitação do italiano de Fiave)

PELO

Dr. Manoel Antonio de Almeida.

MUSICA DA

CONDESSA RAFAELA DE ROZWADOWSKA



RIO DE JANEIRO

Typ. e Livraria de B. X. Pinto de Sousa

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1861.

MEMORIAS
DE
UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR
FR. BRASILEIRO.

TOMO I.

PELOTAS.

TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES,

RUA DA IGHEJA N. 62.

1862.

Exemplares: BN-SOR – BMA-SLR

Registros: SILVA/ARANHA, XVI (1893), pp. II0/III, v. n.º 1871; BLAKE, 6.º (1900), p. 13; REBELO (1943), pp. II6-II7; (1951), pp. II5-II6, v. n.º 55; (1963), p. 140; MENEZES (1969), I, p. 48 e em (1978), p. 25.

MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS. / POR / UM BRASILEIRO. / TOMO I. / [vinheta] / PELOTAS. / TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES, / RUA DA IGREJA N. 62. / – / 1862.

140 p. 19 x 12

MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS. / POR / UM BRASILEIRO. / TOMO II. / [vinheta] / PELOTAS. / TYP. DO COMMERCIO DE JOAQUIM F. NUNES, / RUA DA IGREJA N. 62. / – / 1862.

156 p. 19 x 12 (apud Terezinha Marinho)

2.ª edição em livro, clandestina.

Registros: REBELO (1943), pp. III-II2: “É uma edição raríssima e dela não consta referência nas bibliografias. Por informação do livreiro-antiquário sr. Carlos Ribeiro, existe um exemplar em poder do sr. Procópio Ferreira”; (1951), p. 108, v. n.º 39: “Por informação do livreiro antiquário sr. Carlos Ribeiro, há um exemplar na Biblioteca Municipal de Porto Alegre, e outro na biblioteca do sr. Procópio Ferreira”; (1963), pp. 133-134, completa a informação anterior: “Em 1960 o exemplar em questão [de Procópio Ferreira, 1898-1979] foi adquirido pelo dr. Antônio Fernando de Bulhões Carvalho e oferecido ao autor deste trabalho”; MARINHO (1969), p. 15; LARA (1978), p. 344.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA. / = / IX. / MEMORIAS / DE /
UM SARGENTO DE MILICIAS. / POR / M. A. D'ALMEIDA.
/ [vinheta] / RIO DE JANEIRO. / TYPOGRAPHIA DO
DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO / Rua do Rosario n. 84. / – /
1863.

176 p. + 4 p.s.n. 13,7 x 7,7 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE
MILICIAS. /”; p.s.n. (5): “PRIMEIRA PARTE. /”; pp. 7-175:
cap. I a XXIII; p. 175, ao final do texto: “FIM DA PRIMEIRA
PARTE. /”; p. (176), em branco; 2 p.s.n. com “ADVERTÊNCIA”
do editor; p.s.n., com o verso em branco: ÍNDICE.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA. / = / X. / MEMORIAS / DE /
UM SARGENTO DE MILICIAS. / POR / M. A. D'ALMEIDA.
/ [vinheta] / RIO DE JANEIRO. / TYPOGRAPHIA DO DIA-
RIO DO RIO DE JANEIRO / Rua do Rosario n. 84. / – / 1863.

186 p. + Índice. 13,7 x 7,7 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE
MILICIAS. /”; p.s.n. (5): “SEGUNDA PARTE. /”; pp. 7-186:
cap. I a XXV; p. 186, ao final do texto: “FIM. /”; p.s.n., com o verso
em branco: ÍNDICE. Esta a primeira edição com autoria declarada.

Exemplares: BMA. – BN – ISL – RGPL

Registros: SILVA/ARANHA, XVI (1893), p. 110: “As *Memórias de um sargento de milicias* tiveram nova edição na *Bibliotheca Brasileira* do sr. Bocayuva. Formam os n.ºs IX e X de dezembro de 1862 e janeiro de 1863”; BLAKE, 6.º (1900), p. 13, por desconhecer a edição clandestina de Pelotas (1862), informa: “Teve 2.ª edição em

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

IX.

**MEMORIAS
DE
UM SARGENTO DE MILICIAS.**

**POR
M. A. D'ALMEIDA.**



**RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.**

1863.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

X.

MEMORIAS

DE

UM SARGENTO DE MILICIAS.

POR

M. A. D'ALMEIDA.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua de Rosário n. 84.

—
1863.

1862 a Bibliotheca Brasileira de Q. Bocayuva”; REBELO (1943), p. 112; (1951), p. 109; (1963), p. 134; CARPEAUX (1951), p. 120; MARINHO (1969), p. 15; LARA (1978), p. 345.

LEITURAS POPULARES / EDITOR – DIAS DA SILVA JUNIOR / – / MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS / (ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS) / POR / *M. A. de Almeida* / PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA / POR / Bethencourt da Silva / – / PRIMEIRO VOLUME / – / RIO DE JANEIRO / TIPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA – CARIOCA / 145 a 147 Rua Theophilo Ottoni 145 a 147 / – / 1876

3 fl. prel. + XLVIII + 152 p. 13,9 x 7,7 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS /”; p.s.n.: “A / BETHENCOURT DA SILVA, / Guilherme Bellegarde. / QUINTINO BOCAYUVA. / A ESTA TRINDADE INGENTE / Pelo fino quilate de amizade. / Pelo entusiasmo patriotico. / Pelo estremado amor ao trabalho. / DEDICA / O EDITOR / – /”; pp. I-XLVIII: “MANOEL ANTONIO D’ALMEIDA”, introdução de F. J. Bethencourt da Silva, sem data; pp. 3-152: cap. I a XXIII; p. 152, ao final do texto: “FIM DO PRIMEIRO VOLUME. /”.

LEITURAS POPULARES / EDITOR – DIAS DA SILVA JUNIOR / – / MENORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS / (ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS) / POR / *M. A. de Almeida* / PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA / POR / Bithencourt [*sic*] da Silva / – / SEGUNDO VOLUME / – / RIO DE JANEIRO / TYPOGRAPHIA

E LITHOGRAPHIA – CARIOCA / I35 e I45 Rua Theophilo
Ottoni I35 e I45 / – / 1876

(Numeração continuada do Primeiro Volume, de pp. 153-324).

f.f.r.: “MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS /”; pp. 157-323: cap. I a XXV; p. 323, ao final do texto: “FIM. /”; p. 324, em branco.

Esta é a 5.^a edição na ordem geral e a 4.^a em livro; a segunda com a declaração de autoria, e a primeira a usar o subtítulo de “Romance de costumes brasileiros” e a se acompanhar de uma introdução literária.

Exemplares: BN – ISL – RGPL

Registros: BLAKE, 6.º (1900), p. 13, indicando 3.^a edição; REBELO (1943), p. 112; (1951), p. 109, v. n.º 4I; (1963), p. 134; CARPEAUX (1951), p. 120; MARINHO (1969), p. 15; LARA (1978), p. 345.

MEMORIAS / DE UM / SARGENTO / DE / MILICIAS / (ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS) / POR / M. A. de Almeida / PRECEDIDO DE UMA INTRODUCÇÃO LITTERARIA / POR / Bithencourt da Silva / – / VOLUME PRIMEIRO / – / SEGUNDA EDIÇÃO [do editor] / Rio de Janeiro / DIAS DA SILVA JUNIOR / Typographo-Editor

3 fl. prel. + XLVIII + 152 p. 13,9 x 7,7 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE UM / SARGENTO / DE / MILICIAS /”; v.f.r., ao centro: “/ – / TYPOGRAPHIA –

LEITURAS POPULARES
EDITOR — DIAS DA SILVA JUNIOR

MEMÓRIAS

DE UM

SARGENTO DE MILÍCIAS

(ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS)

POR

M. A. de Almeida

PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA

POR

Bithencourt da Silva

SEGUNDO VOLUME

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA — CARIOCA

135 e 145 Rua Theophilo Ottoni 135 e 145

1876

CARIOCA / I45 a I47 Rua Theophilo Ottoni I45 a I47 / – /”;
 f.s.n., com o verso em branco: “A / BETHENCOURT DA SILVA.
 / Guilherme Bellegarde. / A ESTA TRINDADE INGENTE /
 Pelo fino quilate da amizade. / Pelo entusiasmo patriótico. / Pelo
 estremado amor ao trabalho. / DEDICA / O EDITOR / – /”; pp.
 I a XLVIII: “MANOEL ANTONIO D’ALMEIDA”, introdução
 de F. J. Bethencourt da Silva, sem data; pp. 3-152: cap. I a XXIII;
 p. 152, ao final do texto: “FIM DO PRIMEIRO VOLUME. /”.
 MEMORIAS / DE UM / SARGENTO / DE / MILICIAS /
 (ROMANCE DE COSTUMES BRASILEIROS) / POR / M. A.
de Almeida / PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LIT-
 TERARIA / POR / Bithencourt da Silva / – / VOLUME SEG-
 UNDO / – / SEGUNDA EDIÇÃO / Rio de Janeiro / DIAS DA
 SILVA JUNIOR / Typographo-Editor

(Numeração continuada do Primeiro Volume, de pp. 153-
 324).

f.f.r.: “MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE
 MILICIAS /”; v.f.r., ao centro: “/ – / TIPOGRAPHIA –
 CARIOCA / I45 a I47 Rua Theophilo Ottoni I45 a I47 / – /”;
 pp. 157-323: cap. I a XXV; p. 323, ao final do texto: “FIM. /”; p.
 324, em branco.

Esta edição é reimpressão da precedente.

Exemplares: BMA – BN – ISL

Registros: BLAKE, 6.º (1900), desconhecia esta edição; REBELO
 (1963), p. 134; MARINHO (1969), p. 25; LARA (1978), p. 356-357.

M. A. D’ALMEIDA / – / Memórias / DE UM / Sargento de
 Milícias / [logomarca eo editor] / RIO DE JANEIRO / Oficinas

da Livraria Moderna / DOMINGOS DE MAGALHÃES – EDITOR / 126 Rua do Lavradio 126
216 p. 14,3 x 8,4 cm

f. f. r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS /”; – PRIMEIRA PARTE – pp. 5-104: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE - pp. 105-214: cap. I a XXV; pp. s.n. (215-216): ÍNDICE.

Exemplares: ISL

Registros: BLAKE, 6.º (1900), data esta edição de 1898.

Esta a primeira edição da obra impressa pelo editor Domingos de Magalhães, que esteve nesse endereço de 1897 a 1900, e aí encerra suas atividades de Livreiro e Editor.

M. A. D'ALMEIDA / – / Memorias / DE UM / Sargento de Milicias / SEGUNDA EDIÇÃO [do editor] ILLUSTRADA / [logomarca do editor] / RIO DE JANEIRO / Officinas da Livraria Moderna / DOMINGOS DE MAGALHÃES – EDITOR-PROPRIETARIO / 126 Rua do Lavradio 126

214 p. num. + 2 p.s.n. + 8 ilustrações – 14,3 x 8,4 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE MILICIAS /”; v.f.f.r.: “COLLECÇÃO BRASILEIRA / Publicação mensal de originaes brasileiros / dos mais populares autores / Volumes com capa illustrada por Julião Machado, impressa a duas cores”. Publicados até então 6 volumes, sendo este o último; – PRIMEIRA PARTE – pp. 5-104: cap. I a XXIII; – SEGUNDA PARTE – pp. 105-214: cap. I a XXV 2 p.s.n., ÍNDICE.

MEMORIAS
DE UM
SARGENTO
DE
MILICIAS

(ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS)

POR

M. A. de Almeida

PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA

POR

Rithecourt da Silva

VOLUME PRIMEIRO

SEGUNDA EDIÇÃO

Rio de Janeiro

DIAS DA SILVA JUNIOR

Typographo-Editor

MEMORIAS
DE UM
SARGENTO
DE
MILICIAS

(ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS)

POR

M. A. de Almeida

PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA

POR

Hilbencourt da Silba

VOLUME SEGUNDO

SEGUNDA EDIÇÃO

Rio de Janeiro

DIAS DA SILVA JUNIOR
Typographo-Editor

“2.^a Edição” do editor

M. A. D'ALMEIDA

Memorias
DE UM
Sargento de Milicias



RIO DE JANEIRO
Officinas da Livraria Moderna
DOMINGOS DE MAGALHÃES—EDITOR
126 Rua do Lavradio 126

I.^a edição do editor Domingos de Magalhães (1898)

M. A. D'ALMEIDA

Memorias
DE UM
Sargento de Milicias

SEGUNDA EDIÇÃO ILLUSTRADA



RIO DE JANEIRO
Officinas da Livraria Moderna
DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR-PROPRIETARIO
126 Rua do Lavradio 126

2.^a edição do editor. A primeira ilustrada (1899)

M. A. D'ALMEIDA

Memorias

DE UM

Sargento de Milicias

SEGUNDA EDIÇÃO ILLUSTRADA



RIO DE JANEIRO

Officinas da Livraria Moderna

DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR-PROPRIETARIO
126 Rua do Lavradio 126

FRANCISCO ALVES — EDITOR

RUA DO OUVILOR, 134 | RUA S. BENTO, 20
RIO DE JANEIRO | S. PAULO

2.^a edição ilustrada, com nova folha de rosto

As oito ilustrações desta edição estão assim distribuídas: PRIMEIRA PARTE, entre as páginas 8-9 (“Canto dos Meirinhos”), 32-33 (“Leonardo-Pataca”), 64-65 (“Namoro a bordo”) e 96-97 (“Sargento de Milícias”); SEGUNDA PARTE, entre as páginas 128-129 (“És filho de uma pisadela”), 160-161 (“Ora, mestre, esta não está má!...”), 192-193 (“O Barbeiro”) e 212-213 (“José Manoel”).

Exemplares: BMA – BN – ISL – RGPL

Registros: REBELO (1943), p. 112; (1951), p. 110, v. n.º 42; (1963), p. 134, datando-a de “(1899?)”; MARINHO (1969), p. 25; LARA (1978), p. 357.

MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS / (ROMANCE DE COSTUMES BRASILEIROS) / POR / M. A. DE ALMEIDA / PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA / POR / JOSÉ VERÍSSIMO / da Academia Brasileira / – / H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR / 71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73 / RIO DE JANEIRO / | / 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 / PARIS / 1900

2 f. prel. + VIII p. + 286 p. 14,I x 8,2 cm

v.f.r.: “MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS /”; v.f.f.r., ao centro: “/ – / Ficam reservados todos os direitos de propriedade. / – /”; pp. I-VII: INTRODUÇÃO, por José Veríssimo, extraída dos *Estudos Brasileiros*, de 1893; p. VIII, em branco; – PRIMEIRA PARTE - pp. I-134: cap. I a XXIII; – SEGUNDA PARTE – pp. 135-284: cap. I a XXV; p. 284, ao final do texto: “FIM. /”; pp. 285-286: ÍNDICE; no colofão “/ – / Pariz, – Typ. GARNIER IRMÃOS, 6, rue des Saints-Pères / – /”.

MEMORIAS
DE UM
SARGENTO DE MILICIAS

(ROMANCE DE COSTUMES BRASILEIROS)

POR
M. A. DE ALMEIDA

PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA

POR
JOSE VERISSIMO
da Academia Brasileira

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1900

Exemplares: BN – ISL

Registros: REBELO (1943), pp. 112 e 115; (1951), p. 110/111; (1963), p. 135; CARPEAUX (1951), p. 120; MARINHO (1969), p. 16; LARA (1978), pp. 345-346.

MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS / (Romance de costumes brasileiros) / POR / M. A. DE ALMEIDA / Edição escoimada de vícios de forma / CIA. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO / PRAÇA DA SÉ, 34 – SÃO PAULO – 1925

236 p. + Índice. 14,3 x 9,0 cm

v.f.r., ao pé: “/ – / Off. da Cia. Graphico-Editoria Monteiro Lobato – S. Paulo – 1925 /”; 2 p.s.n. (3-4): NOTA DOS EDITORES; PRIMEIRA PARTE – pp. 5-113: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE - pp. – 115-235: cap. I a XXV; p. 235, ao final do texto: “FIM. /”; p. 236, em branco; 2 pp. finais, s.n.: ÍNDICE.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1943), p. 115, comenta: “a edição se diz ‘escoimada dos vícios de forma’, o que é um absurdo. O escritor que pela primeira vez escreveu como se fala no Brasil teve a sua obra inteiramente deturpada, quase irreconhecível”; (1951), pp. 111/112; (1963), p. 135; CARPEAUX (1951), p. 120; MARINHO (1969), pp. 16/17; LARA (1978), p. 346.

M. A. DE ALMEIDA / – / MEMORIAS / DE UM / Sargento de Milicias / (Romance de costumes brasileiros) / [ao lado da marca editorial, com as letras “JB”:] OFFICINAS GRAPHICAS / DO “JORNAL DO BRASIL” / RIO DE JANEIRO – 1927

160 p. 16,0 x 9,5 cm

PRIMEIRA PARTE – pp. 3-78: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 79-160: cap. I a XXV; p. 160, ao final do texto: “FIM. /”.

É o volume n.º 7 do Suplemento Romântico do “Jornal do Brasil”.

Exemplares: BMA – BN – ISL

Registros: REBELO (1943), p. 115: “Esta edição está cheia de erros, por ser reprodução da edição Garnier, de 1900”; (1951), p. 112; (1963), p. 135; MARINHO (1969), p. 17; LARA (1978), p. 346.

MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS / (ROMANCE DE COSTUMES BRASILEIROS) / POR / M. A. DE ALMEIDA / * / – / EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA S/A. / RUA CONSELHEIRO NEBIAS, N.º 255 – SÃO PAULO /
Telephones: 4-6262 Caixa Postal: 2715

4 f. prel. + XII p. + 320 p. 14,3 x 9,0 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE UM / SARGENTO DE MILICIAS /”; p.s.n., com NOTA DOS EDITORES; pp. I-XII: “A SEGUNDA GERAÇÃO ROMANTICA E AS ‘MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS’”, prefácio de Haroldo Paranhos, extraída da *História do Romantismo no Brasil*; – PRIMEIRA PARTE – pp. 1-147: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 149-316: cap. I a XXV; p. 316, ao final do texto: “FIM. /”; pp. 317-320: INDICE.

Esta edição foi impressa em 1937. A data, a exemplo de outras edições dessa Editora, encontra-se na lombada da brochura, ao pé.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1943), p. 115; (1951), p. 112; (1963), pp. 135/136; CARPEAUX (1951), p. 120; MARINHO (1969), p. 26; LARA (1978) pp. 357/358.

MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS – Publicado em folhetins no periódico “Dom Casmurro”, dirigido por Brício de Abreu (Luís Leopoldo B. de A., 1903-1970), Rio de Janeiro, em 1939, de 28 de janeiro a 6 de maio, extraída da edição ilustrada de Domingos de Magalhães.

Registros: REBELO (1943), p. 116; (1951), pp. 114/115; MARINHO (1969), p. 17; LARA (1978), p. 346.

BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA / I / Manuel Antônio de Almeida / Memórias de um / Sargento de Milícias / Introdução de Mário de Andrade. / Ilustrações de F. Acquarone. / [desenho-simbólico da tiragem especial desta coleção] / LIVRARIA MARTINS / RUA 15 DE NOVOEMBRO, 135 / SÃO PAULO

276 p. 17,8 x 12,6 cm – 20 il., em sépia e preto + 2 coloridas, por Acquarone, de página inteira + 2 b&p de abertura das Partes, também de página inteira + 2 b&p de abertura do Primeiro Capítulo de cada Parte (13,5 x 3cm).

f.f.r., “Memórias de um / Sargento de Milícias /”; v.f.f.r., ao centro: “Dêste volume, o primeiro da “Biblioteca de / Literatura Brasileira”, foram tirados 200 exem-/plares em papel vergé, numerados de 1 a 200, / e, 2.200 exemplares em papel buffon, numera-/dos de 201 a 2400. / [n.º do exemplar] /”; p. 5-19: INTRODUÇÃO, por Mário de Andrade; p. (21): acompanhados de um desenho, os dizeres: “Primeira Parte”/”; p. 23-139: cap.

I a XXIII; p. (141), acompanhados de um desenho, os dizeres: “Segunda Parte” /”; p. 143-273: cap. I a XXV; p. 273, ao final do texto, a palavra “FIM”; p.275-276: ÍNDICE; no colofão:” * / Trabalho composto e impresso / na / EMPRESA GRÁFICA DA “REVISTA DOS TRIBUNAIS” / à / rua Conde de Sarzedas, 38 – S. Paulo / para a / LIVRARIA MARTINS / rua 15 de novembro, 135 / em / janeiro de 1941 / * /”.

Todos os capítulos se iniciam com letras capitulares.

Nesta edição, na tiragem de 200 exemplares, as ilustrações coloridas acham-se entre a f.f.r. e a f.r. e à página 265; as em sépia e preto, de página inteira, às pp. 31, 42, 57, 65, 75, 87, 99, 109, 121, 137 (na Primeira Parte), e 145, 159, 171, 181, 193, 203, 219, 237, 253 e 271 (na Segunda Parte).

O exemplar consultado foi o n.º 2 da tiragem de 200 exemplares em papel vergé.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1943), pp. 115/116: “Ilustrações mediocríssimas de F. Acquarone. Esta edição está cheia de erros”; (1951), pp. 112/113; (1963), p. 136; CARPEAUX (1951), p. 120; MARINHO (1969), p. 17; LARA (1978), p. 346.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Memórias de / um Sargento / de Milícias / – / LIVRARIA MARTINS – SÃO PAULO
202 p. + Índice. 14,4 x 9,0 cm

f.f.r.: “/ – / Memórias de / um Sargento / de Milícias / – /”; PRIMEIRA PARTE – pp. 5-98: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 99-202: cap. I a XXV; 2 p. finais, s.n., com ÍNDICE;

no colofão: “* Este livro foi composto e impresso / nas oficinas da Empresa Gráfica da / “Revista dos Tribunais”, na rua Con-/de de Sarzedas, 38, em São Paulo, para / a Livraria Martins Editora, em Maio / de 1943. /”.

É o volume n.º 22 da “Coleção Excelsior”, dessa editora.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1943), p. 116; (1951), p. 113; (1963), p. 136; MARINHO (1969), p. 17; LARA (1978), pp. 346-347.

[Dentro de uma cercadura ornamental:] MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Memórias de / um Sargento / de Milícias / [sobre o mapa do Brasil, os famosos versos de Castro Alves, *d'O Livro e a América*: “Oh! Bendito o que semêa / Livros... livros à mão cheia... / ...”] / CLUBE DO LIVRO / SÃO PAULO / 1944

228 p. 15,2 x 9,9 cm

f.f.r.: “Memórias de / um Sargento / de Milícias / p. 5-6: NOTA EXPLICATIVA do “Clube do Livro”, datada de “S. Paulo, 1.º de janeiro do 1944”; – PRIMEIRA PARTE – p. 7-108: cap. I a XXIII; – SEGUNDA PARTE – p. 109-226: cap. I a XXV; p. 227-228: ÍNDICE; p. 228, ao pé “/ * / Êste trabalho foi composto e impresso / nas oficinas do / ESTABELECIMENTO GRÁFICO EUGÊNIO CUPOLO / à rua Seminário, 187 / em São Paulo / para o CLUBE DO LIVRO / no mês de Janeiro de 1944”.

Este é o volume n.º 7 das publicações mensais do CLUBE DO LIVRO, iniciadas em julho de 1943.

A NOTA EXPLICATIVA (p. 5-6), ao comentar o hábito frequente dos solecismos na obra, enaltece-a também, afirmando que esse procedimento intencional “não deslustra estas páginas tão naturais e fluentes como a alma simples do nosso povo, onde o autor foi buscar os motivos desta admirável crônica do Rio antigo”.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1951), pp. 113-114; (1963), p. 136; MARINHO (1969), p. 18; LARA (1978), p. 347.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE / INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO / BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA / XIX / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / POR MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / PREFÁCIO DE MARQUES REBELO / [logotipo do Instituto Nacional do Livro] / IMPRENSA NACIONAL / RIO DE JANEIRO – 1944

XIV + 286 p. + 2 p.s.n. 13,6 x 8,1 cm

f. de guarda em branco; f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; p.s.n. (VII): “MANUEL [sic] ANTÔNIO DE ALMEIDA /”. p. IX-XIV: Prefácio de Marques de Rebelo (A – Vida; B – Obras; C – Fontes de Estudo; D – Observações sobre “Memórias de um Sargento de Milícias”), sem data; p.s.n. (I): “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; p.s.n. (3): “PRIMEIRA PARTE /”; p. 5-139: cap. I a XXIII; – SEGUNDA PARTE – p. 141-284: cap. I a XXV; p. 285-286: ÍNDICE; p.s.n.: “EXPLICAÇÃO DA PRESENTE EDIÇÃO / O texto do presente volume foi organizado pelo senhor / Marques Rebelo, que seguiu rigorosamente o da 1.^a ed. das / ‘Memórias de um Sargento de Milícias’ publicada em dois vo- / lumes, em 1854/55 na Tipografia Brasiliense, de

Maximiliano / Gomes Ribeiro, à rua do Sabão 114, Rio de Janeiro / Utilizou-se a reprodução o exemplar da Biblioteca / Nacional. /”; p.final, s.n., ao centro: “/ 1944 / IMPRENSA NACIONAL / RIO DE JANEIRO – BRASIL

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1951), p. 114; (1963), p. 136; MARINHO (1969), pp. 17/18; LARA (1978), p. 347.

“Romances” / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / [marca editorial: cabeça de um elefante] / EDIÇÕES ULTRAMAR LIMITADA

XII + 252 p. + índice. 15,4 x 9,1 cm

verso da folha de guarda, ao alto: “*Desenho da capa / de Neves e Sousa / [ao pé:] /* Composto e impresso na EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. // Rua do Salitre, 155 //”; pp. V-XI: “O AUTOR DESTA LIVRO”, prefácio por José Osório de Oliveira (1900-1964), sem data; p. XII, em branco; p.s.n. (I): “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS //”; PRIMEIRA PARTE – pp. 3-120: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 121-252: cap. I a XXV; p. 251, ao final do texto: “FIM //”; p. 252, em branco; 2 p. finais, s.n.: ÍNDICE; no colofão “ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS 2 DIAS / DO MÊS DE NOVEMBRO DE 1944, / NAS / OFICINAS DA EDITORIAL IMPÉRIO LI-/MITADA, R. DO SALITRE, 155 – LISBOA. //”.

A data desta edição (1944) se encontra, também, na lombada da brochura, ao pé.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA
XIX

**MEMÓRIAS DE UM
SARGENTO DE MILÍCIAS**

POR MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

PREFÁCIO DE MARQUES REBELO



IMPrensa NACIONAL
RIO DE JANEIRO - 1944

Exemplares: ISL - RGPL

Registros: CARPEAUX (1951), p. 120; REBELO (1963), p. 136; MARINHO (1969), e 18; LARA (1978), p. 359.

MANOEL ANTONIO / DE ALMEIDA / Memórias / de um Sargento / de Milícias / [logomarca da editora] / NOSSO LIVRO Editora / RIO

292 p. + Índice. 14,7 x 9,9 cm

2 p.s.n.(3-4): PREFÁCIO da Editora, sem data; – PRIMEIRA PARTE – pp. 5-141: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 142-292: cap. I a XXV; 2 p. finais, s.n., com ÍNDICE; no colofão: “IMPRESSO POR / IRMÃOS DI GIORGIO & CIA / RUA DO LAVRADIO, 114 / RIO DE JANEIRO /”.

A data desta edição aparece somente na lombada da brochura: “Março / 1944”.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1951), p. 114; datando-a de 1944; (1963), p. 136, acrescenta à sua informação anterior, que o prefácio desta edição foi escrito por Josué Montello; MARINHO (1969), p. 18.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Memórias de / um Sargento / de Milícias / – / LIVRARIA MARTINS – SÃO PAULO
202 p. + índice. 14,4 x 9,0 cm

f.f.r.: “/ – / Memórias de / um Sargento / de Milícias / – /”; PRIMEIRA PARTE – pp. 5-98: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 99-202: cap. I a XXV; 2 p. finais, s.n., com ÍNDICE; no colofão: “Este livro foi composto e impresso / nas oficinas de Reis, Cardoso & / Botelho, à Rua Solon, 856 – São / Paulo, para a

Livraria Martins / Editôra, em junho de 1945.”

Esta edição, apesar de não constar a indicação, é a 2.^a ed. da “coleção Excelsior”, volume n.º 22, da Livraria Martins Editora. A primeira edição nessa coleção é de 1943.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 136, engana-se ao afirmar que esta edição é “idêntica à edição de 1941 da mesma editora”; MARINHO (1969), pp. 18/19; LARA (1978), p. 348.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS
DE / UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / 1949 / IRMÃOS
PONGETTI – Editores / RIO DE JANEIRO

242 p. 15,1 x 9,0 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS /”; PRIMEIRA PARTE – pp. 5-117: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 119-240: cap. I a XXV; pp. 241-242: ÍNDICE.

Este é o volume n.º 59 da coleção “AS 100 OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL”, publicada por Irmãos Pongetti – Editores, do Rio de Janeiro.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1951), p. 114; (1963), pp. 136/137; MARINHO (1969), p. 19; LARA (1978), p. 348.

– / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Memórias de um / Sargento de Milícias [Título em vermelho] / *Introdução de Mário de Andrade.* / *Ilustrações de F. Acquarone* / [desenho-símbolo da “Biblioteca de Literatura Brasileira”] / – / LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A. / RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 – SÃO PAULO

2 f. prel. + 286 p. 16,9 x 9,9 cm – 20 il. em branco e preto + I colorida, por Acquarone, de página inteira + 2 de abertura das Partes, também de página inteira + 2 de abertura do Primeiro Capítulo, de cada Parte (13,5 x 3 cm).

p.s.n. (ao centro): “BIBLIOTECA / DE / LITERATURA BRASILEIRA / [n.º do exemplar] /”; p.s.n. [ao alto]: “Biblioteca de Literatura Brasileira / IV /”; f.f.r. “Memórias de um / Sargento de Milícias /”; p. 5-20: INTRODUÇÃO, de Mário de Andrade; p. (21): acompanhados de um desenho, os dizeres: “Primeira Parte” /”; p. 23-146: cap. I a XXIII; p. (147): acompanhados de um desenho, os dizeres “Segunda Parte” /”; p. 149-284: cap. I a XXV; p. 285-286: ÍNDICE; no colofão: “/ * / Êste livro foi composto e impresso / na / EMPRÊ SA GRÁFICA DA “REVISTA DOS TRIBUNAIS” LTDA. / à / Rua Conde de Sarzedas, 38 – São Paulo, / para a / LIVRARIA MARTINS EDITÔRA S. A. / em / maio de 1952. / * /”.

Nesta edição, as ilustrações estão assim distribuídas: de página inteira, p. 21, 23, 147 e 149, antecedendo a Primeira Parte e abertura do primeiro capítulo (p. 21 e 23), uma antecedendo a folha de rosto, antecedendo a Segunda Parte e abertura do primeiro capítulo. No corpo da obra, encontram-se nas páginas 33, 43, 59, 69, 79, 91, 105, 115, 127, e 143 (na Primeira Parte); paginas 151, 169, 179, 191, 203, 213, 227, 247, 265 e 281 (na Segunda Parte).

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137; MARINHO (1969), p. 19; LARA (1978), p. 348.

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA / MEMORIAS / DE /
UM SARGENTO DE / MILICIAS / AGUAS-FORTES / DE /
DAREL / CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL / 1953

2 vols. de 312 pp. + 4 f.s.n., ao final, paginação continuada, com 59 águas-fortes originais de Darel, coloridas à mão. O texto, de 20,6 x 14,5 cm reproduz o da edição de 1854-1855. Tiragem única de 119 exemplares em papel Rives, iniciada em 9 de fevereiro de 1953 e terminada em 30 de outubro de 1954. As águas-fortes de 6,5 x 5,5 cm, no total de 48, abrem os capítulos; 10 de página inteira encontram-se às pp. 7, 22, 48, 84, 132, 160, 178, 212, 244 e 278; I de 7,5 x 11,5 cm, em página inumerada, encerra o texto.

f.f.r.: “MEMORIAS / DE / UM SARGENTO DE / MILICIAS /”; p.s.n. EXEMPLAR LETRA [...] / Impresso para [o ou a] / [.....] /‘ p.s.n. (9): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 11-154: cap. I a XXIII, que nesta edição possuem apenas os títulos sem a numeração original; p.s.n. (155): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 157-312: cap. I a XXV (somente o título sem a numeração original); p.s.n., seguinte à 312: vinheta de encerramento, em água-forte de Darel; com o verso em branco; 3 p.s.n., com o ÍNDICE; p.s.n. (colofão) “MEMORIAS DE UM SARGENTO / DE MILICIAS / de / MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA / Oitava das publicações da / Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil / e relativa ao ano de 1951 / Ilustrada com 69 aguas-fortes originais de / DAREL / coloridas à mão pelo artista / O texto que reproduz o da edição de 1854-1855 foi composto / à mão em Elzevir século XVII e impresso em prelos manuais / nas oficinas da GRÁFICA DE ARTES S.A. do Rio de Janeiro / sob a direção de Darel V. Lins por / Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini / Tiragem

única de cento e dezenove exemplares em papel Rives / Iniciada em 9 de Fevereiro de 1953 e terminada em / 30 de Outubro de 1954 / As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas / SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL / Comissão Executiva / S. A. I. e R. Dom Pedro de Orléans e Bragança / Raymundo Ottoni de Castro Maya – Cypriano Amoroso Costa / Ricardo Xavier da Silveira. /”.

Exemplares: BMA-SLR – BN-SOR – ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137; MARINHO (1969), pp. 19/20; LARA (1978), p. 349.

COLETÂNEA. / do *Magazine Digest* / O Brasil e o Mundo numa Revista / Rio de Janeiro / Ano III – N.º 36 – Setembro de 1954 – p.s.n. (II4): “Memórias de / um Sargento / de Milícias [acompanhada de ilustração] /”; p. II5: “Manuel Antônio de Almeida / Resumo de Raul Lima / [segue-se o texto resumido, acompanhado de algumas ilustrações de F. Acquarone, da edição de 1941 da Editora Martins, de S. Paulo, até à página 142] / p. 142, ao final do texto: “F. ACQUARONE / [nota biográfica] /”. (Francisco Acquarone, 1898-1954).

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137; MARINHO (1969), p. 20; LARA (1978), p. 363.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / COLEÇÃO SARAIVA / 77

220 p. 15,3 x 9,0 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / [ao pé:] Edição Saraiva /”; v.f.f.r., ao pé: “A RELAÇÃO DAS OBRAS PUBLICADAS NA “COLEÇÃO SARAIVA” / ENCONTRA-SE NO FIM DÊSTE VOLUME /”; pp. 5-6: ÍNDICE; p.s.n. (7): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 9-107: cap. I a XXIII; p.s.n. (109): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 111-219: cap. I a XXV; p. 220, em branco; no colofão: “/ * / Êste livro foi composto e impresso nas / oficinas gráficas de SARAIVA S.A., / à rua Sampson, 265, S. Paulo (Brasil), / em outubro de mil novecentos e cin-/quenta e quatro, ano do IV Centenário / da Fundação da Cidade de São Paulo. / * /”.

É o volume n.º 77 da “Coleção Saraiva”, iniciada em 1948. Reeditada em 1959.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1963), não registra esta edição; MARINHO (1969), p. 20; LARA (1978), p. 349.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / [logomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

240 p. 14,2 x 9,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIA /”; v.f.f.r., ao alto: “II/V-4” / [ao pé:] / “Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 2674 / [marca editorial, com desenho ilustrando a legenda “DO PINHEIRO AO LIVRO, UMA REALIZAÇÃO MELHORAMENTOS”] /”; pp. 5-6: ÍNDICE; pp. 7-13: PREFÁCIO, sem data, por Jamil Almansur Haddad (1914-1988); p.s.n. (15): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 17-120: cap. I a XXIII; p.s.n. (121): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 123-239: cap. I a XXV;

p. 240, em branco.

Esta é a I.^a edição da Melhoramentos, e o vol. n.º 7 da coleção “FICÇÃO NACIONAL”. A data aqui codificada é 1954. A Editora considera 1955, por ser o ano de sua distribuição às livrarias.

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1963), data esta edição de 1954, p. 137; MARINHO (1969), p. 21 e LARA (1978), p. 350, indicam 1955.

– / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Memórias / de um / Sargento de Milícias [título em vermelho] / *Introdução de* / MÁRIO DE ANDRADE / *Ilustrações de* / F. ACQUARONE / [desenho símbolo da coleção] / – / LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A. / RUA SÃO FRANCISCO, 77/81 – SÃO PAULO

2 f. prel. + 286 p. 17,2 x 9,9 cm

p.s.n., com o verso em branco: “BIBLIOTECA / DE / LITERATURA BRASILEIRA /”; p.s.n., com o verso em branco: “Biblioteca de Literatura Brasileira / IV /”; f.f.r.: “Memórias / de um / Sargento de Milícias / [n.º do exemplar] /”; ilustração multicolorida; pp. 5-20: INTRODUÇÃO, por Mário de Andrade; p.s.n. (21), acompanhados de um desenho: “Primeira Parte”; pp. 23-146: cap. I a XXIII; p.s.n. (147), acompanhados de um desenho: “Segunda Parte”; pp. 149-284: cap. I a XXV; p. 284, ao final do texto: “FIM /”; pp. 285-286: ÍNDICE; no colofão: “ * / ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO / NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA / ‘REVISTA DOS TRIBUNAIS’ LTDA., À RUA / CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, / PARA A / LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A., / EM 1955. / * /”.

Esta é uma reedição da edição de 1941 da mesma editora, agora impressa na cor sépia, e outra composição. As ilustrações de página inteira, aqui ocupam a páginas 33, 43, 59, 69, 79, 91, 104, 115, 127, 143 (na Primeira Parte), 151, 169, 179, 191, 203, 213, 227, 247, 265 e 281 (na Segunda Parte). Todos os capítulos se iniciam com letras capitulares.

Esta edição tem ainda a particularidade de encerrar o ciclo de publicações da obra no seu primeiro centenário. Estão aqui registradas, em Língua Portuguesa, 26 edições.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137; MARINHO (1969), p. 21; LARA (1978), pp. 349/50.

EM QUADRINHOS – Edição Maravilhosa – n.º 148 (Extra) – Ano IX – *Memórias de um / Sargento de Milícias / Romance Brasileiro* de MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Desenhos de Marcelo Monteiro / Maio 1957 – Nota biográfica sobre o autor e quadrinização do romance. Edição Maravilhosa (Revista Mensal) – Publicada pela Editôra Brasil-América Limitada. Direção de Adolfo Aizen. Escritórios, redação e oficinas em edifício próprio: Rua General Almério Moura, 302, São Cristóvão – Rio de Janeiro.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / 2.^a EDIÇÃO / [logomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

240 p. 14,2 x 9,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; v.f.r., ao alto: “5x-4/V-7” / [ao pé:] / “Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-02-057 / [marca editorial, com

desenho ilustrando a legenda “DO PINHEIRO AO LIVRO, UMA REALIZAÇÃO MELHORAMENTOS] /”; pp. 5-6: ÍNDICE; pp. 7-13: PREFÁCIO, por Jamil Almansur Haddad; p.s.n. (15): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 17-120: cap. I a XXIII; p.s.n. (121): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 123-239: cap. I a XXV; p. 240, em branco.

A data desta edição (1957), aqui codificada, foi gentilmente confirmada pela editora.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / PREFÁCIO DE / MARQUES REBÊLO / 1959 / IRMÃOS PONGETTI – Editores / RIO DE JANEIRO

X p. + 268 p. 16,0 x 10,0 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.f.r., ao centro: “Capa de JOSÉ MARIA /”; pp. V-IX: “O Autor e o Livro”, prefácio de Marques Rebêlo, sem data; p. X, em branco; PRIMEIRA PARTE – pp. 5-130: cap. I a XXIII (por erro tipográfico está “XII”); SEGUNDA PARTE – pp. 131-268: cap. I a XXV; p.s.n.: “ÍNDICE /”; 2 p.s.n., com o ÍNDICE.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137; MARINHO (1969), 21; LARA (1978), p. 350.

OBRAS-PRIMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / *por um brasileiro* / TEXTO CONFORME AS EDIÇÕES EM VIDA DO AUTOR, / INTRODUÇÃO, CRONOLOGIA E BIBLIOGRAFIA / DE ANTÔNIO SOARES AMORA / [logomarca da editora] / LIVRARIA BERTRAND

272 p. 15,0 x 9,0 cm

f. de guarda, em branco; f.f.r.: “MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r.: “*Desta edição fez-se uma tiragem de 1.000 exemplares / em especial Alfa.* [Na tiragem em papel especial: “*Tiragem de 1.000 exemplares em papel especial Alfa*”] / – / Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL / Rua Henrique de Paiva Couceiro – Venda Nova – Amadora /”; 8 p.s.n., com fac-símiles de f.r. e de ilustrações; pp. 7-17: INTRODUÇÃO, por António Soares Amora (da USP), sem data; pp. 19-23: CRONOLOGIA de Manuel António de Almeida; pp. 24-26: PRINCIPAIS EDIÇÕES de *Memórias de um Sargento de Milícias*; pp. 27-29: ESTUDOS SOBRE Manuel António de Almeida; pp. 30-31: OPERA OMNIA (Obras, Colaboração na imprensa e Traduções do Francês); p.s.n. (33): “VOLUME I /”; pp. 35-145: cap. I a XXIII; p.s.n. (147): “VOLUME II /”; pp. 149-269: cap. I a XXV; p. 269, ao final do texto: “FIM /”; pp. 271-272: ÍNDICE.

A data desta edição (1961), foi-nos fornecida, gentilmente, por carta, pelo Prof. Antônio Soares Amora (1917-1999).

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), pp. 137/138; MARINHO (1969), p. 26; LARA (1978), p. 359.

OBRAS-PRIMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / *por um brasileiro* / TRECHOS ESCOLHIDOS E COMENTADOS / PARA USO ESCOLAR / TEXTO CONFORME AS EDIÇÕES EM VIDA DO AUTOR. / INTRODUÇÃO, CRONOLOGIA E BIBLIOGRAFIA DE AN-/TÔNIO SOARES AMORA / [logomarca da editora] / LIVRARIA BERTRAND

154 p. 15,0 x 9,0 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; edição extraída da anterior, com trechos escolhidos do romance, publicada no mesmo ano (1961).

Exemplares: ISL

Registros; REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), pp. 26/27; LARA (1978), pp. 359/360.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / Prefácio de Jamil Almansur Haddad / 3.^a EDIÇÃO / [logomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

240 p. 14,2 x 9,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS /”; reimpressão da 2.^a edição, de 1957, alterando apenas o código editorial, que é “Ax-I/VI-I”. A data aqui codificada indica que a edição é de 1961, confirmada, gentilmente, pela Editora.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), p. 21; LARA (1978), p. 350.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / Prefácio de Jamil Almansur Haddad / 4.^a EDIÇÃO / [logomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

240 p. 14,2 x 9,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; reimpressão da 2.^a edição, de 1957, alterando apenas o código editorial, que é “Ux / VIII-1962”, indicando ser a edição de 1962.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), pp. 21/22; LARA (1978), p. 350.

(Dentro de uma cercadura:) MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE / MILÍCIAS / EDIÇÃO SARAIVA / SÃO PAULO

220 p. 14,9 x 9,0 cm

f.f.r.: “COLEÇÃO JABUTI / 42 / MEMÓRIA DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; v.f.f.r., ao pé: endereços da editora; pp. 5-6: ÍNDICE; p.s.n. (7): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 9-107: cap. I a XXIII; p.s.n. (109): “SEGUNDA PARTE /”; pp. III-219: cap. I a XXV; no colofão: “ * / Êste livro foi composto e impresso nas / oficinas gráficas de SARAIVA S.A., à / Rua

Sampson, 265, S Paulo (Brasil), / em outubro de mil novecentos e sessenta / e dois, e 48.º ano da fundação da nossa / organização. / * / (ao pé:) / * EDIÇÕES SARAIVA consignam, com in-/teira justiça, o estímulo à cultura e à difusão / do livro em nossa terra, que tem sido propor-/cionado pelo “PLANO DE AÇÃO” do GOVER-/NADOR CARVALHO PINTO. /”.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), P. 22; LARA (1978), p. 351.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA / RIO DE JANEIRO – 1962

302 p. + 4 p.s.n. 13,4 x 8,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.f.r., ao alto: “MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA / INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO / – / BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA / XIX /”; pp. 5-6: NOTA PRÉVIA, de Darcy Damasceno [1922-1988], sem data; pp. 7-30I: cap. I a XLVIII; p. 302, em branco; 2 p.s.n.: ÍNDICE; 2 p.s.n. com relação dos volumes já publicados na BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA; no colofão: “Composto e impresso / por / LINOGRÁFICA EDITORA LTDA. / Escritórios e Oficinas / Rua Bresser, 1281-1299 – Fone: 93-1332 / SÃO PAULO /”.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), p. 22; LARA (1978), p. 351.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / PREFÁCIO DE / MARQUES REBÊLO / Capa de JOSÉ MARIA / 1963 / IRMÃOS PONGETTI – Editôres / Rio de Janeiro

208 p. + Índice. 17,0 x 9,9 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS /”; pp. 5-7: “O Autor e o Livro”, prefácio de Marques Rebêlo, sem data (o mesmo da edição de 1959 dos mesmos editores); PRIMEIRA PARTE - pp. 9-104: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 105-208: cap. I a XXV; 2 pp. finais, s.n.: ÍNDICE.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), pp. 22/23; LARA (1978), p. 351.

Biblioteca Básica Brasileira / – / Manuel Antônio de Almeida / Memórias de / um Sargento / de Milícias / [título na cor verde] / Introdução de Mário de Andrade / 1963 / – / [logomarca, em verde] Editôra Universidade de Brasília

XXIV + 228 p. 18,4 x 11,2 cm

f.f.r.: “Memórias / de um Sargento / de Milícias /”; v.f.f.r.: reprodução da ficha catalográfica; pp. vii-viii: ÍNDICE; f.s.n.: NOTA DOS EDITORES; pp. ix-XXIV: INTRODUÇÃO, por Mário de Andrade, já publicada em 1941, pela Livraria Martins, de São Paulo; p.s.n. (I): “Memórias de / um Sargento / de Milícias /”; pp. 3-228: cap. I a 48; no colofão [logomarca] / “Êste livro foi executado nas oficinas da Empresa Gráfica / da ‘Revista dos Tribunais’ S. A., à Rua Conde de Sarzedas / n.º 38, para a Biblioteca Básica Brasileira da Editôra / Universidade de Brasília, em 1963./”.

OBRAS-PRIMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

MEMÓRIAS
DE UM
SARGENTO DE MILÍCIAS

por um brasileiro

TEXTO CONFORME AS EDIÇÕES EM VIDA DO AUTOR.
INTRODUÇÃO, CRONOLOGIA E BIBLIOGRAFIA
DE ANTÔNIO SOARES AMORA



LIVRARIA BERTRAND

Edição de 1961

OBRAS-PRIMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

MANUEL ANTÓNIO DE ALMEIDA

MEMÓRIAS
DE UM
SARGENTO DE MILÍCIAS

por um brasileiro

TRECHOS ESCOLHIDOS E COMENTADOS
PARA USO ESCOLAR

TEXTO CONFORME AS EDIÇÕES EM VIDA DO AUTOR.
INTRODUÇÃO, CRONOLOGIA E BIBLIOGRAFIA DE AN-
TÓNIO SOARES AMORA



LIVRARIA BERTRAND

Edição portuguesa, de 1961, sem data declarada

É o volume n.º 9 da Biblioteca Básica Brasileira.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 23; LARA (1978), pp. 351/352.

MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / TEXTO COMPLETO / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / *Introdução de* / EDMUNDO LYS / *Ilustrações de* / EDMUNDO RODRIGUES / Peça êste livro / pelo numero 448 / EDIÇÕES DE OURO

224 p. il. 14,0 x 8,3 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE / UM SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r., ao pé “MCMLXIV / Publicado e impresso por / *TECNOPRINT GRÁFICA S. A.* / RIO DE JANEIRO, GB /”; p.s.n. (5): classificação das edições; pp. 7-12: “MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA E AS “MEMÓRIAS”, introdução de Edmundo Lys (nome litérario de Antônio Gabriel de Barros Vale, 1899-), datada de “Rio, novembro de 1963”; PRIMEIRA PARTE – pp. 13-114: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 115-223: cap. I a XXV; p. (224), em branco.

As ilustrações ocupam as páginas 15, 25, 47, 69, 89, 113, 117, 131, 145, 193 e 221, num total de onze.

A data desta edição impressa em algarismos romanos é 1964.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 23; LARA (1978), p. 352.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE
UM SARGENTO / DE MILÍCIAS [título em vermelho] / BUP /
BIBLIOTECA UNIVERSAL POPULAR S. A.

268 p. 13,9 x 8,6 cm

p.s.n. (1), em branco; p.s.n. (2), ao centro: “*A produção deste livro de qualidade literária e / de grande valor cultural ou recreativo, mas de / preço acessível a tôdas as bôlsas, foi conse-/guida graças à colaboração de José Luiz de / Magalhães Lins, um banqueiro a serviço do / Brasil e dos interêsses nacionais. /*”; f.r.: “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; v.f.r.: BUP / BIBLIOTECA UNIVERSAL POPULAR / Vol. 34 / *Ficção Brasileira / Capa de / EUGÊNIO HIRSCH / BIBLIOTECA UNIVERSAL POPULAR S. A. / Rua 7 de Setembro, 97 – 3.º and. / RIO DE JANEIRO / 1964 / – / Impresso nos Estados Unidos do Brasil / Printed in the United States of Brazil /*”; p.s.n. (7-8): ÍNDICE; 4 p.s.n. (9-12): Apresentação, por Marques Rebêlo, sem data; pp. 13-268: cap. I a XLVIII; no colofão: “ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS DA / COMPANHIA GRÁFICA LUX, RUA FREI / CANECA, 224 – RIO DE JANEIRO, PARA A / BIBLIOTECA UNIVERSAL POPULAR, EM 1963. /”.

A data desta edição é 1964.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 23; LARA (1978), pp. 352/53.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE
UM / SARGENTO DE MILÍCIAS [título em vermelho] / PREFÁ-

CIO DE JAMIL ALMANSUR HADDAD / 5.^a Edição / [Ilogomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

224 p. 17,0 x 10,4 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r., ao alto: “Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel / Caixa Postal 8120, São Paulo / Ux / XI-1964 / [ao pé:] “Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-02-057 / [desenho editorial] /”; pp. 5-6: ÍNDICE; pp. 7-13: PREFÁCIO, por Jamil Almansur Haddad, s.d.; p.s.n. (15): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 17-113: cap. I a XXIII; p.s.n. (115): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 117-224: cap. I a XXV.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 24; LARA (1978), p. 353.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / Edições “O LIVREIRO” Ltda. / Rua Carneiro Leão, 267 / SÃO PAULO

204 p. + Índice. 17,1 x 9,8 cm

f. de guarda, em branco; f.r.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; p.s.n. (7): “MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA” [Nota biográfica /”; p.s.n. (9): “PRIMEIRA PARTE / pp. 11-99: cap. I a XXIII; p.s.n. (101): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 103-203: cap. I a XXV; p. 204, em branco; 2 p.s.n.: ÍNDICE; no colofão: “Impresso por / EDIÇÕES “O LIVREIRO” LTDA. / Rua Carneiro Leão, 267 / S Paulo. /”.

A data desta edição (1964), encontra-se, apenas na lombada e na capa da brochura.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 23; LARA (1978), p. 352.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / Portadas de / *Israel Cysneiros e Euridyce Bressane* / Ilustrações de / *Luiz Carlos Olivé Canabrava, Euridyce Pinto Bressane, Israel Cysneiros, Renato Silva e Washt Rodrigues* / Capa de / *Creusa Augusta de Oliveira* / Conquista

254 p. il. 18,5 x 12,6 cm

p.s.n. (1), em branco; p.s.n. (2): “COLEÇÃO TEMAS BRASILEIROS / Direção de Arthur Cezar Ferreira Reis / [relação dos 7 volumes publicados] / Conquista – Avenida 28 de Setembro, 174 – Rio de Janeiro – Brasil /”; p.s.n. (3): “TEMAS BRASILEIROS – VOLUME 6 / [portada em desenho de Israel Cysneiros] /”; p.s.n. (5): “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / [portada em desenho de Euridyce Bressane, datada de 1961] /”; p.s.n. (6): emblema do 4.º Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, seguido de desenho mostrando um conjunto de casas da época do Largo do Rocio, antigo Campo dos Ciganos, hoje Praça Tiradentes; 2 p.s.n. (8-9): resumo biográfico e justificativa do texto desta edição, acompanhados de desenhos; p.s.n. (10): reprodução do brasão das “Armas da cidade colonial /”; pp. 11-12: ÍNDICE; pp. 13-21: “DO RIO PÔSTO EM ROMANCE”, estudo de Antônio Olinto, datado “Rio, fevereiro de 1965”; pp. 23-254: cap. I a 48; no colofão precedida por um dístico “VERITATI HISTORIAE SEMPER FIDELIS”, ladeado pelas figuras de um Índigena e um Bandeirante, a indicação: “ESTA EDIÇÃO DE / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / DE / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO

/ DE FUNDAÇÃO DA CIDADE / DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO / ACABOU-SE DE IMPRIMIR [sic] NOS / ESTABELECIMENTOS GRÁFICOS BORSOI LTDA / PARA CONQUISTA EMPRÊSA DE PUBLICAÇÕES LTDA / EM MARÇO DE MIL NOVECENTOS E SESSENTA E CINCO /”.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 24; LARA (1978), p. 353.

(Dentro de uma cercadura:) MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE / MILÍCIAS / EDIÇÃO SARAIVA / SÃO PAULO

220 p. 14,9 x 8,9 cm

f.f.r.: “COLEÇÃO JABUTI / 42 / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; v.f.f.r., ao pé: “Saraiva S/A. Livreiros Editôres / [endereços] – SÃO PAULO /”; pp. 5-6: ÍNDICE; p.s.n. (7): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 9-107: cap. I a XXIII; p.s.n. (109): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 111-219: cap. I a XXV; no colofão: “ * / Êste livro foi composto e impresso nas / oficinas gráficas de SARAIVA S. A., à / Rua Sampson, 265, São Paulo (Brasil), / em agosto de mil novecentos e sessenta / e cinco, 51.º ano da fundação da / organização Saraiva. / * /”.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), não registra esta edição; LARA (1978), pp. 353/54.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS [título em vermelho] / PREFÁCIO DE JAMIL ALMANSUR HADDAD / 6.^a Edição / [logomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

224 p. 17,0 x 10,4 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r., ao alto: “Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel / Caixa Postal 8120, São Paulo / Mx / II-1967 / [ao pé:] Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-02-057 / [marca editorial]; pp. 5-6: ÍNDICE; pp. 7-13: PREFÁCIO de Jamil Almansur Haddad (das edições anteriores); p.s.n. (15): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 17-113: cap. I a XXIII; p.s.n. (115): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 117-224: cap. I a XXV.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), p. 24; LARA (1978), p. 354.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / (TEXTO DA EDIÇÃO CRÍTICA PRELIMINAR / DE 1962 DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO) / [logomarca] / EDITORA LETRAS E ARTES / RIO DE JANEIRO – GB

6 p.s.n. + 240 p. 16,9 x 10,3 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r.: “*montagem da capa* / PETRÚCIO LAGES / 1967 / – / *Reservados os direitos desta edição pela* / EDITORA LETRAS E ARTES LTDA. / Rua Paulino Fernandes, 17 / tel. 46-9905 /

RIO DE JANEIRO, GB / *Impresso no Brasil / Printed in Brazil /*; 2 p.s.n.: ÍNDICE; pp. I-239: cap. I a XLVIII; p. 240, em branco.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / Biografia, introdução e notas / AFRÂNIO COUTINHO / *Com ilustrações da época* / RIO DE JANEIRO / BRASIL

252 p. + 2 p.s.n. 14,8 x 8,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r.: “Direitos Reservados / As nossas edições reproduzem / *integralmente* os textos originais. / TECNOPRINT GRÁFICA S. A. / rua da proclamação, 109 – caixa postal 1880 – ZC-00 / rio de janeiro – brasil / MCMLXVII /”; p.s.n. (5): “*Conteúdo* / BIOGRAFIA / BIBLIOGRAFIA / INTRODUÇÃO / ÍNDICE / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / NOTAS AO TEXTO /”; p.s.n. (6): retrato de Manuel Antônio de Almeida; 2 p.s.n. (7-8): “MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA”, resumo biográfico, por Afrânio Coutinho (1911-2000); 2 p.s.n. (9-10): BIBLIOGRAFIA (sobre M.A. de Almeida); p.s.n. (11): fac-símile da f.r. da edição de 1863; p.s.n. (12): retrato e dados biográficos de Afrânio Coutinho; 7 p.s.n. (13-19): INTRODUÇÃO, por Afrânio Coutinho; 6 p.s.n. (20-25): reprodução de cartas e retrato de M.A. de Almeida, acompanhados de informações; 2 p.s.n. (27-28): ÍNDICE; p.s.n. (29): “MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; pp. 31-251: cap. I a XLVIII; p. (252), em branco; 2 p.s.n., com NOTAS de Afrânio Coutinho.

É o volume n.º 448 da coleção “CLÁSSICOS BRASILEIROS”, publicado em 1967 (MCMLXVII).

Exemplares: ISL

Registros: LARA (1978), p. 358.

(Dentro de uma cercadura) MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE / MILÍCIAS / EDIÇÃO SARAIVA / SÃO PAULO

220 p. 14,9 x 8,9 cm

f.f.r.: “COLEÇÃO JABUTI / 42 / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; v.f.f.r., ao pé: “Saraiva S/A. Livreiros Editores [endereços] – SÃO PAULO /”; pp. 5-6: ÍNDICE; p.s.n. (7): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 9-107: cap. I a XXIII; p.s.n. (109): “PRIMEIRA PARTE /” (observe-se o engano, pois deveria ser, e é, SEGUNDA PARTE); pp. III-219: cap. I a XXV; no colofão: “* / Ëste livro foi confeccionado / nas oficinas da / INDÚSTRIA GRÁFICA SARAIVA S. A. / à Rua Sampson, 265, São Paulo, / para / SARAIVA S.A. LIVREIROS EDITÔRES / em janeiro de 1968 / * /”.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS [título em vermelho] / PREFÁCIO DE JAMIL ALMANSUR HADDAD / 7.^a Edição / [logomarca da editora] / EDIÇÕES MELHORAMENTOS

224. p. 17,0 x 10,4 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /”; v.f.r., ao alto: “Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de papel / Caixa Postal 8120, São Paulo / Ax / VII-1968 / [ao pé:] Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-02-057 / [marca editorial] /”; pp. 5-6: ÍNDICE; pp. 7-13: PREFÁCIO; p.s.n. (15): “PRIMEIRA PARTE /”; pp. 17-113: cap. I a XXIII; p.s.n. (115): “SEGUNDA PARTE /”; pp. 117-224: cap. I a XXV.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / Memórias de um / Sargento de Milícias / [logomarca da editora] / ÁTICA

164 p. + Índice. 17,0 x 10,8 cm

f.f.r.: “Memórias de um Sargento de Milícias / [ao pé:] “SÉRIE BOM LIVRO /”; v.f.r., ao alto: “Revisão de Luciano Tasca / Capa de Eugenio Colonnese / [ao pé:] 1969 / – / EDITORA ÁTICA – Praça Carlos Gomes, 120 / Fones (PBX): 32-3436 – 33-2039 – 36-7892 – Caixa Postal 8656 / São Paulo /”; 2 p.s.n. (7-8): APRESENTAÇÃO, por Nelson Neto da Silva, sem data; pp. 9-163: cap. I a XLVIII; p. 164, em branco; 2 p.s.n.: ÍNDICE.

Esta é a 1.^a edição da editora Ática, publicada em 1969.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

COLEÇÃO CULTURA BRASILEIRA / EDIÇÕES CRÍTICAS / I / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS / Edição preparada por

TEREZINHA MARINHO / [logotipo do INL] / INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA / Rio de Janeiro – 1969

316 p. 17,8 x 11,8 cm

p.s.n. (2): “ALMEIDA, Manuel Antônio de, *Memórias de um sargento de / milícias*. Ed. preparada por Terezinha Marinho. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969, 316 p. il. 23,5 cm / (Col. cultura brasileira. Edições críticas, 1) / – / [reprodução da ficha catalográfica] /”; f.f.r.: “MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”; v.f.r., ao pé: “INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO / Diretor: UMBERTO PEREGRINO / SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES / Chefe: A. G. PEREIRA CALDAS /”; p.s.n. (7): “Ao meu irmão AFONSO / [ao pé:] O presente trabalho foi iniciado sob a / orientação do Prof. ANTÔNIO JOSÉ CHADIAK durante o curso de Especialização da Cadeira de / Língua Portuguesa, da então Faculdade Nacional de Filosofia (Universidade Federal do / Rio de Janeiro), em 1963, e terminado sob a / orientação do Prof. ANTÔNIO HOUAISS, durante / o I.º ano do Curso Superior de Crítica Textual, / patrocinado por este Instituto. Aos mestres, os / agradecimentos da aluna. /”; entre as pp. 8 e 9, fac-símile da f.r. da edição de Pelotas, Tomo I, 1862, e ilustração da edição de Domingos de Magalhães; pp. 9-10: PREFÁCIO; pp. 11-13: CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA; pp. 15-30: BIBLIOGRAFIA; pp. 31-103: INTRODUÇÃO CRÍTICO-FILOLÓGICA; p.s.n. (105): “MEMÓRIAS / DE / UM SARGENTO DE MILÍCIAS / TOMO I./”; pp. 107-205: cap. I a XXIII; ao final do texto: “FIM DO PRIMEIRO VOLUME”; p.s.n. (207): “MEMÓRIAS / DE / UM SARGENTO DE MILÍCIAS / TOMO II. /”; pp. 209-314: cap. I a XXV, com a indicação: “FIM”, acompanhados de

1460 notas de pé de página; no colofão: “Composto e impresso nas oficinas do / Sergraf da Fundação IBGE, em Lucas, / GB, Brasil – O. S. 616 – 1969 /”.

Esta é a primeira edição crítica da obra, e das mais importantes.

Exemplares: BN – ISL – RGPL

Registros: LARA (1978), pp. 354-355.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / *Reprodução da edição autorizada / do Instituto Nacional do Livro / por Darcy Damasceno / Biografia, introdução e notas / AFRÂNIO COUTINHO / Com ilustrações da época / EDIÇÕES DE OURO*

252 p. + 2 p.s.n. 14,8 x 8,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS / DE UM / SARGENTO DE MILÍCIAS /” v.f.r.: “Direitos Reservados / As nossas edições reproduzem / integralmente os textos originais / CATÁLOGO GERAL / peça para / Caixa Postal 1880 – ZC-00 Rio / – / TECNOPRINT GRÁFICA Editôra / rua da proclamação, 109 – caixa postal 1880 – zc-00 / rio de janeiro – brasil / MCMLXX /”; de p. 5 até à 252, reimpressão da edição de 1967; 2 p.s.n., com NOTAS de Afrânio Coutinho.

É o volume n.º 448 da coleção “CLÁSSICOS BRASILEIROS” publicado em 1970 (MCMLXX).

Exemplares: ISL

Registros: LARA (1978), p. 358, nas edições “sem data”.

COLEÇÃO CULTURA BRASILEIRA
EDIÇÕES CRÍTICAS

1

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

MEMÓRIAS
DE UM SARGENTO
DE MILÍCIAS

Edição preparada por TEREZINHA MARINHO



INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Rio de Janeiro - 1969

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE
UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / Edição didática preparada
por / ROLANDO MOREL PINTO / (da Escola de Comuni-
cações Culturais da USP) / Planejamento e supervisão da coleção:
/ MASSAUD MOISÉS / (da Faculdade de Filosofia, Letras e /
Ciências Humanas da USP) / [logomarca da editora] / EDITORA
CULTRIX / SÃO PAULO

240 p. 16,2 x 9,9 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS DE / UM SARGENTO DE MILÍCIAS
/ *edição didática* /”; v.f.r., ao pé: “MCMLXX / – / Direitos reservados
/ EDITORA CULTRIX LTDA. / Rua Conselheiro Furtado,
648, fone: 278-4811. S.Paulo / – / Impresso no Brasil / *Printed
in Brazil* /”; 2 p.s.n. (5-6): ÍNDICE; p. 7: NOTA PRELIMINAR,
por Massaud Moisés, datada “Universidade de São Paulo, 1967”;
pp. 9-22: INTRODUÇÃO, por Rolando Morel Pinto; pp. 23-
25: BIBLIOGRAFIA (Do Autor e Acerca do Autor); p.s.n. (27):
“MEMÓRIAS DE / UM SARGENTO DE MILÍCIAS /”;
p.s.n. (28), ao pé: “(Tôdas as notas de rodapé que aqui aparecem
/ foram preparadas especialmente para esta edição / Cultrix) /”;
PRIMEIRA PARTE – pp. 29-127: cap. I a XXIII; p. 127, ao final
do texto: QUESTIONÁRIO; SEGUNDA PARTE – pp. 128-231:
cap. I a XXV, acompanhados de notas de rodapé também na Primeira
Parte; pp. 231-232, ao final do texto: QUESTIONÁRIO FINAL;
pp. 233-236: GLOSSÁRIO; pp. 237-238: FICHA DE LEITURA
para o CURSO COLEGIAL; p. 239; FICHA DE LEITURA para
o CURSO GINASIAL; p. (240), ao centro: “ÊSTE LIVRO FOI
COMPOSTO E IMPRESSO / NAS OFICINAS DE / ARTES
GRÁFICAS BISORDI S. A. / À RUA SANTA CLARA, 54, /

SÃO PAULO, / PARA A / EDIPE, / ARTES GRÁFICAS, /
RUA DOMINGOS PAIVA, 60 / EM JANEIRO DE 1970. /”.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS / DE
UM / SARGENTO DE MILÍCIAS / *Reprodução da edição autori-
zada / do Instituto Nacional do Livro / por Darcy Damasceno / Biografia,
introdução e notas / AFRÂNIO COUTINHO / Com ilustrações da
época / EDIÇÕES DE OURO*

252 p. + 2 p.s.n. 14,8 x 8,5 cm

“CLÁSSICOS BRASILEIROS”, vol. 448.

Reimpressão da edição de 1967, agora publicada em 1971.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

OUTRAS EDIÇÕES DE “MEMÓRIAS DE UM SARGENTO
DE MILÍCIAS” CONSULTADAS:

- 1971 – Editora Ática, São Paulo, 2.^a edição 160 p.
1971 – Editor Folco Masucci, São Paulo, 142 p.
1972 – Edição Saraiva – “Coleção Jabuti”, São Paulo, 144 p.
1973 – Edições Melhoramentos, 8.^a edição, São Paulo, 218 p.
1973 – Editora Ática, São Paulo, 4.^a edição, 144 p.
1973 – Editora Três (“Obras Imortais”, 18), São Paulo, 250 p.
1974 – “Livros de Bolso Europa-América”, 81), s.l.p., 150 p.
1975 – Editora McGraw-Hill do Brasil (edição didática),
XVIII+388 p.
1975 – Editora Ática, São Paulo, 5.^a edição, 136 p.
1976 – Francisco Alves, Rio (“Romances para Estudo”), 132 p.
1976 – Editora Ática, São Paulo, 6.^a edição, 136 p.
1977 – Editora Ática, São Paulo, 7.^a edição, 136 p.
1977 – Editora Itatiaia, Belo Horizonte (MG), 290 p.
1978 – Livros Técnicos e Científicos, Rio, ed. crítica por
Cecília de Lara (“Biblioteca Universitária de Literatura
Brasileira”).
1978 – Editora Ática, São Paulo, 8.^a edição, 136 p.
1979 – Editora Ática, São Paulo, 9.^a edição, 136 p.
1980 – Círculo do Livro, São Paulo, 1.^a edição, 188 p.
1980 – Editora Egéria, São Paulo, 224 p.
1980 – Editora Ática, São Paulo, 10.^a edição, 136 p.
1982 – Editora Ática, São Paulo, 11.^a edição, 136 p.
1983 – Editora Ática, São Paulo, 12.^a edição, 136 p.
1984 – Editora Moderna, São Paulo, 1.^a edição, 232 p.

- 1985 – Editora Ática, São Paulo, 13.^a edição, 136 p.
- 1986 – Amigos do Livro Editores, Lisboa, 256 p.
- 1987 – Editora Moderna, São Paulo, 2.^a edição, 232 p.
- 1988 – Editora Moderna, São Paulo, (“Col. Travessias”), 96 p.
- 1988 – Círculo do Livro, São Paulo, 2.^a edição, 220 p. (N.º 15)
- 1988 – Editora Ática, São Paulo, 15.^a edição, 136 p.
- 1989 – Editora Ática, São Paulo, 16.^a edição, 136 p.
- 1990 – Selinunte Editora, São Paulo, 1.^a edição 132 p.
- 1990 – Círculo do Livro, São Paulo, (Ed. de Luxo, n.º 15), 220 p.
- 1990 – Editora Ática, São Paulo, 17.^a edição, 136 p.
- 1991 – Círculo do Livro, S.Paulo, (4.^a tir. Ed.de Luxo, n.º 15),
220 p.
- 1991 – Editora Ática, São Paulo, 18.^a edição, 136 p.
- 1991 – Editora Moderna, São Paulo, (“Col. Travessias”), 96 p.
- 1991 – Editora Ática, São Paulo, 19.^a edição, 136 p.
- 1992 – Editora Núcleo, São Paulo, 1.^a edição, 144 p.
- 1992 – Editora FTD, S.Paulo, (col. “Grandes Leituras”), 192 p.
- 1992 – Editora Ática, São Paulo, 20.^a edição, 136 p.
- 1993 – Editora FTD, S.Paulo, (“Grandes Leituras”), 2.^a edição,
192 p.
- 1993 – Círculo do Livro, S.Paulo, (6.^a tir. Ed.de Luxo, 18), 220 p.
- 1993 – Editora Ática, São Paulo, 21.^a edição, 136 p.
- 1994 – OBJETIVO (CERED), São Paulo, VI+204 p.
- 1994 – Editora Ática, São Paulo, 22.^a ed em novo projeto gráfico,
152 + 14 p. il.
- 1995 – Editora Ática, São Paulo, 23.^a edição, 152 + 14 p. il.
- 1995 – Editora Ática, São Paulo, 24.^a edição, 152 + 14 p. il.

- 1995 – Editora Cone Sul, São Paulo (“Letras Clássicas”), I.ª ed.,
104 p.
- 1995 – Editora Moderna, S.Paulo, (“Coleção Travessias”), 142 p.
- 1995 – Editora Moderna, S.Paulo, (“Coleção Travessias”), 142 p.
- 1996 – Editora FTD, S.Paulo, (col. “Grandes Leituras”), 3.ª ed.,
192 p.
- 1996 – OBJETIVO, São Paulo, nova impressão
- 1997 – OBJETIVO, São Paulo, nova impressão
- 1997 – L&PM Editores, Porto Alegre, (“Col. L&PM Pocket, 45),
220 p.
- 1997 – (“Biblioteca Publifolha”, vol. 17), S.Paulo, 192 p.
- 1997 – ESTADÃO/KLICK, S.Paulo (“Coleção ler é aprender”,
13), 178 p.
- 1998 – OBJETIVO, São Paulo, nova impressão
- 1999 - Martin Claret (“A Obra-Prima de Cada Autor”), SP, 192 p.
- 2000 – Ateliê Editorial, Cotia (SP), 414 p.
- 2000 – Editora Scipione, S.Paulo, (Série Reencontro), I.ª ed., 128 p.
- 2001 – Expressão e Cultura (“Col. Páginas Amarelas”), Rio, 312
p.
- 2001 – EDIOURO, Rio, col. “Super Prestígio”, 00576, 240 p.
- 2002 – Martin Claret (“A Obra-Prima de Cada Autor”, 25), SP,
192 p.
- 2002 – Novo Século Editora, Osasco (SP), 190 p.
- 2004 – Companhia Editora Nacional, São Paulo, I.ª edição, 224 p.
- 2005 – Companhia Editora Nacional, São Paulo, I.ª reimpressão,
224 p.
- 2005 – Avenida Gráfica e Editora, Jaraguá do Sul (SC), 2.ª ed., 160 p.

COM DATAS DESCONHECIDAS

- s.d. – Consórcio Editorial Brasileiro (col. “Obras Primas Inesquecíveis da Literatura Brasileira”), São Paulo, 206 p.
- s.d. – Edição Saraiva (“Coleção Jabuti”, 42), 4.^a tiragem, SP, 220 p.
- s.d. – Edição Saraiva (“Coleção Jabuti”, 42), 5.^a tiragem, SP, 220 p.
- s.d. – Editora Loqui, Rio de Janeiro, 222 p.
- s.d. – Edições de Ouro, Rio, (“Clássicos Brasileiros”, 448), 254 p.
- s.d. – Edições de Ouro (Tecnoprint Gráfica), Rio de Janeiro, 254 p.
- s.d. – Edições de Ouro (Editora Tecnoprint), Rio de Janeiro, 210 p.
- s.d. – EDIOURO / GRUPO COQUETEL, Rio de Janeiro, (N.º 10448), 128 p.

EDIÇÕES COLETIVAS:

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACKSON INC. / EDITÔRES / São Paulo – Rio de Janeiro – Pôrto Alegre / – 1947 –
 I f. prel. + VI p. + 422 p. + Índices. 15,4 x 9,5 cm

f.f.r.: “MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA /”; v.f.r., ao pé: “IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL /”; pp. III -V: Nota Biográfica (de Manuel Antônio de Almeida e de Bernardo Guimarães) p. VI, em branco; p.s.n. (I): “MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO / DE MILÍCIAS /”;

pp. 3-III: PRIMEIRA PARTE – cap. I a XXIII; pp. I13-236: SEGUNDA PARTE – cap. I a XXV; p. 236, ao final do texto: “FIM /”; pp. 237-42I: A ESCRAVA ISAURA, de Bernardo Guimarães; p. 422, em branco; 2 p.s.n.: ÍNDICE das duas obras; no colofão: “/ – / OFICINAS DA GRÁFICA EDITÔRA BRASILEIRA LTDA. / Linotipia – Estereotipia – Impressão – Encadernação / Rua Luís Gama, 185 – Telef. 3-4808 – São Paulo /”.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACKSON INC. / EDITÔRES / São Paulo – Rio de Janeiro – Pôrto Alegre

I f. prel. + VI p. + 422 p. + Índices. 15,4 x 9,5 cm

Até aos Índices é reimpressão da edição de 1947; no colofão: “Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Editôra Brasileira Ltda., / à rua Luís Gama 185, São Paulo, em 1950.”

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACKSON INC. / EDITÔRES / São Paulo – Rio de Janeiro – Pôrto Alegre

I f. prel. + VI p. + 422 p. + Índices. 15,4 x 9,5 cm

Da f.f.r. até aos Índices, é reimpressão da edição de 1947; no colofão: “Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Editora Brasileira Ltda., / à rua Luís Gama, 185, São Paulo, em 1952.”

Exemplares: BMA – ISL

Registros: REBELO (1963), p. 137; MARINHO (1969), p. 19; LARA (1978), p. 348.

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACKSON INC. / EDITÔRES / São Paulo – Rio de Janeiro – Pôrto Alegre

I f. prel. + VI p. + 422 p. + Índices. 15,4 x 9,5 cm

Da f.f.r. até aos Índices, é reimpressão da edição de 1947; v.f.r., ao pé: “Composto e impresso na Gráfica Editora Brasileira Ltda., à rua / Luís Gama, 185 – São Paulo, Brasil, em 1955.”

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACKSON INC. / EDITÔRES / São Paulo – Rio de Janeiro – Pôrto Alegre – Recife

I f. prel. + VI p. + 422 p. + Índices. 15,3 x 9,4 cm

Da f.f.r. até aos Índices, é reimpressão da edição de 1947; v f.r., ao pé: “Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua Luís Gama, 185. / São Paulo, Brasil, 1959. /”.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACKSON INC. / EDITÔRES / São Paulo – Rio de Janeiro – Pôrto Alegre – Recife

I f. prel. + VI p. + 422 p. + Índices. 15,4 x 9,5 cm

Da f.f.r. até aos índices, é reimpressão da edição de 1947; v.f.r., ao pé: “Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua Luís Gama, 185, / São Paulo, Brasil, 1963.”

Exemplares: BMA – ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

Grandes Romances Universais / Volume 15 / = / MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / BERNARDO GUIMARÃES / MEMÓRIAS / DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS / – / A ESCRAVA ISAURA / W. M. JACK INC. EDITÔRES / São Paulo - Rio de Janeiro – Pôrto Alegre

I f. prel. + VI p. + 424 p. 15,4 x 9,4 cm

Da f.f.r. até à p. 423, é reprodução da edição de 1947; p. 424, ao pé, dentro de um retângulo: “Composto e impresso na / Gráfica Editôra Brasileira, / São Paulo. /”.

Edição sem qualquer data.

Exemplares: ISL

Registros: Edição sem registro anterior.

Série / REVISÕES / Manuel Antônio de Almeida / OBRA / DISPERSA / Crítica, crônica, correspondência, teatro. / Antologia complementar, com testemunhos de contemporâneos / e juízos críticos pre-modernistas sobre / *Memórias de um Sargento de Milícias* / Introdução seleção e notas: / Bernardo de Mendonça / GRAPHIA
xxxviii + 2 fl. com retratos + 234 p. 18,5 x 11 cm

v.f.de guarda, ao pé: “GRAPHIA EDITORIAL / Rua da Quitanda, 194/403 – Centro / Rio de Janeiro – CEP 20091 – Tel.: (021) 263.8762 / Caixa Postal 033166 / Brasil / 1991 /”; v.f.r.: “pesquisa bibliográfica e edição / GRAPHIA PROJETOS DE COMUNICAÇÃO S/C LTDA. / projeto gráfico e capa / RENATA KÜHN / fotos e reproduções / ANTÔNIO AUGUSTO FONTES / [reprodução da ficha catalográfica] /”; 3 p. com SUMÁRIO; foto; pp. xi-xxxviii: “D’Almeida, Almeida, Almeidinha, A., Maneco, Um Brasileiro: mais um romance de costumes”, introdução de Bernardo de Mendonça; 2 fls. com retratos; p.s.n. (5): “I. / ANTOLOGIA DA DISPERSÃO / Crítica social / Crítica literária / Crônica / p.s.n. (6), ao pé “CONTRA A LINGUAGEM DOS CAPITÃES MORES / *Estréia na imprensa diária / na crítica a Varnhagem, / libelo antiescravocrata / 1851* /”; pp. 7-13: “CIVILIZAÇÃO DOS INDÍGENAS / Duas palavras ao autor do *Memorial Orgânico*”; pp. 14-17: “QUEM SÃO OS DONOS DA TERRA?”, Francisco Adolfo de Varnhagen; p. 18, ao pé “FECHANDO AS PÁGINAS MENORES / *Temas do cronista*: /

a voz, o nome, o riso as muletas / 1854 /”; pp. 19-23: “FISIOLOGIA DA VOZ”; pp. 24-26: “O NOME”; pp. 27-29: “O RISO”; pp. 30-31; “AS MULETAS DE SIXTO V”; p. 32, ao pé: “LIVROS EM REVISTA / A notícia e a crítica na corte do beija-mão / 1854-1856 /”; p. 33: “MENTIRAS NO FRONTISPÍCIO”; pp. 34-38: “COLOMBO: / A REDESCOBERTA DE UMA CALÚNIA”; pp. 39-43: “A AMBIÇÃO DE IDÉIAS: / CONVERSAS COM LAMARTINE”; pp. 44-48: “A POESIA COMO PENSAMENTO E SURPRESA”; pp. 49-53: “OS MANDÕES DE ALDEIA E A IDEALIZAÇÃO DA PERVERSIDADE”; pp. 54-60: “O TRABALHO E A CRÍTICA: A VAIDADE ENTRE ESPELHOS”; p. 61: fac-símile do *Correio Mercantil* de II/I2/1854; p. 62, ao pé: “O POETA, O VERSEJADOR E A MERCADRIA / A divertida polémica / com Francisco Muniz Barreto / repentista baiano / 1855-1856 /”; pp. 63-66: “A CRÍTICA: Bocage e o improviso”; pp. 67-77: “A RÉPLICA – A revista do Sr. Almeida”, por Francisco Muniz Barreto; pp. 78-84: “A TRÉPLICA – O templo do disparate”; p. 85: autógrafos; p. 86, ao pé: “JORNAIS E JORNALISTAS / ensaios sobre ética profissional e / liberdade de imprensa / 1857-1858 /”; pp. 87-90: “A INFORMAÇÃO CONTRA A TIRANIA”; pp. 91-92: “A INDEPENDÊNCIA DOS JORNAIS”; p. (93): “II / CORRESPONDÊNCIA / Maneco, na primeira / pessoa do singular /”; p. (94), ao pé: “O CERCO DOS CREDORES / Nas cartas a Quintino Bocaiúva, / Ramos Paz e José de Alencar, / contas, planos e confissões de devedor / 1859-1861 /”; pp. 95-112: transcrição de cartas; p. (113): “III. / O OLHAR DO PRÓXIMO / Manuel Antônio de Almeida, segundo o século XIX /”; p. (114), ao pé: “TESTEMUNHOS DE CONTEMPORÂNEOS / O impacto do naufrágio, os primeiros / perfis biográficos, os / planos (sempre adiados) / de edição das obras completas /”; pp. 115-116: “UM ANO EM DESESPERO”,

Grise
REVISOES

Manuel Antônio de Almeida

O B R A
DISPERSA

Crítica, crônica, correspondência, teatro.
Antologia complementar, com testemunhos de contemporâneos
e juízos críticos pré-modernistas sobre
Memórias de um Sargento de Milícias.

Introdução, seleção e notas:
Bernardo de Mendonça



Edição de 1991

Francisco Octaviano, 1861; pp. 117-119: “O COMANDANTE RELATA O NAUFRÁGIO”, *Correio Mercantil*, 1861; pp. 120-124 “A DESNECESSIDADE DO NOME”, Machado de Assis, 1861; pp. 125-126: “NA ROUPA, AS LETRAS INICIAIS”, *Diário do Rio de Janeiro*, 1861; pp. 127-139: “JORNALISMO E VERDADE: A ROTINA NA UTOPIA”, A. E. Zaluar, 1862; pp. 140-141: “O TIPO E O MÁRTIR”, Quintino Bocaiúva, 1863; p. 142: “A PIEDOSA RECORDAÇÃO”, Machado de Assis, 1863; pp. 143-144: “UM NOVATO NA CHEFIA”, Félix Ferreira, 1869; pp. 145-146: “O ELOGIO DOS PROTETORES”, Joaquim Manuel de Macedo, 1876; pp. 147-148: “O BURILADOR DE FRASES E A BOMBASTICIDADE RETUMBANTE” Bethencourt da Silva, 1876; pp. 149-153: fac-símiles; pp. 155-157: “ALMEIDINHA E O EXMO. SR. CONSELHEIRO”, Franklin Távora, 1876 p. 158: “GABOS EM DEMASIA”, Sílvio Romero, 1888; pp. 159-163: “SÓ LHE FALTA SER BEM ESCRITO”, José Veríssimo, 1900; p. 190: p. 164: “SEM RODEIOS NEM REBUÇOS”, Ronald de Carvalho 1919; pp. 165-168: “UM ROMANTICO NOS PARCÉIS DO REALISMO”, Xavier Marques, 1920; pp. 169-170: “LEITURAS PARTILHADAS” Lima Barreto, 1921; p. (171): “IV. / TEXTOS COMPLEMENTARES /”; p. (172), ao pé: “AS MUSAS DA INICIAÇÃO / “E tu serás / Impassível / Aos votos do Trovador?” /”; pp. 173-174: “A UMA ESPANHOLA” (poesia); pp. 175-176: “O MORRER DA VIRGEM” (poesia); p. 177: fac-símile; p. 178, ao pé: “VERSO E PROSA À CONVENIÊNCIA / [...] /”; pp. 179-180: “AMOR DE CRIANÇA” (poesia); pp. 181-182: “AS FLORES E OS PERFUMES – Lenda Oriental”; pp. 183-185: “UMA HISTÓRIA TRISTE”; p. 187: “RESPONDA ALGUÉM”; p. 188: “MULHER HONESTA, ARTISTA DE MERECIMENTO”; p. 189: “TEATRO LÍRICO: DOIS

PEDIDOS”; pp. 191-223: “DOIS AMORES” (texto do drama); p. 224, foto da Rua do Propósito, em 1991; p.s.n. (225): “V. / BIBLIOGRAFIA E FONTES /”; pp. 226-232: Bibliografia de e sobre Manuel Antônio de Almeida; pp. 232-233: “Procedimentos da Edição p. 234: ÍNDICE.

Exemplares: ISL

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA

MÉMOIRES

D'UN

SERGEANT DE LA MILICE

Traduit du portugais
par
PAUL RÔNAI



ATLANTICA EDITORA

RIO DE JANEIRO

Edição de 1944

TRADUÇÕES DE *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS*, consultadas:

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA / MÉMOIRES / D'UN / SERGENT DE LA MILICE / Traduit du portugais / par / PAUL RÓNAI / [logomarca da editora] / ATLANTICA EDITORA / RIO DE JANEIRO

226 p. 15,4 x 9,9 cm

f.f.r.: MÉMOIRES / D'UN SERGENT / DE LA MILICE /”; v.f.r., ao pé: “Copyright 1944 by ATLANTICA EDITORA – Rio de Janeiro /”; pp. 5-12: “PRÉFACE” de Paul Rónai (1907-1992), datado “Rio de Janeiro, août 1943”; p.s.n. (13): “PREMIÈRE PARTIE /”; pp. 15-113: cap. I a XXIII; p.s.n. (115): “SECONDE PARTIE /”; pp. 117-223: cap. I a XXV; pp. 225-226: “INDEX”; no colofão: “CET OUVRAGE A ÉTÉ IMPRIMÉ / EN 1944, SUE LES PRESSES DE / LA EMPRESA GRÁFICA ‘REVISTA / DOS TRIBUNAIS’ LTDA. À SÃO PAULO – POUR ATLANTICA / EDITORA – PR. GETULIO VAR-/ GAS, 2 RIO DE JANEIRO (BRÉSIL) /”.

Este volume faz parte da coleção “LES MAITRES DES LITTÉRATURES AMÉRICAINES”, conforme consta na capa da brochura da obra.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), p. 28; LARA (1978), p. 360.

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA / MEMORIAS / DE
UN SARGENTO / DE MILICIAS / ARGOS / BUENOS
AIRES

252 p. 16,1 x 9,5 cm

f.f.r.: “MEMORIAS / DE UN SARGENTO / DE
MILICIAS /”; v.f.r., ao alto: “OBRAS DE FICCIÓN /
SELECCIONADAS POR / LUIS M. BAUDIZONE – JOSÉ
LUIS ROMERO - JORGE ROMERO BREST / [ao pé:] / Título
del original brasileño / MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE
MILICIAS / *Traducido por* FRANCISCO AYALA / Queda hecho
el depósito que marca la ley N.º II.723 / Copyright by ARGOS,
S. A. EDITORIAL C. e I., Buenos Aires, 1947 /”; pp. 7-18:
PREFÁCIO de Francisco Ayala, sem data; p.s.n. (19): “PRIMERA
PARTE /”; pp. 21-128: cap. I a XXIII; p.s.n. (129): “SEGUNDA
PARTE /”; pp. 131-250: cap. I a XXV; pp. 251-252: ÍNDICE; no
colofão “DE ESTA EDICIÓN SE HAN IMPRESSO / APARTE
DE LOS EJEMPLARES QUE FOR-/MAN LA EDICIÓN
CORRIENTE: 30 EJEM-/PLARES FUERA DE COMERCIO
PARA LOS / COLABORADORES Y 50 EJEMPLARES ES-/
PECIALES NUMERADOS DEL I AL L EN / PAPEL CON
MARCA DE AGUA EXTRA / STRONG. / [ao pé:] / ESTE
LIBRO SE TERMINÓ DE IMPRIMIR EN LA IMPRENTA
LÓPEZ, / PERÚ, 666, BUENOS AIRES, EL DÌA 31 DE
ENERO DE 1947 /”.

Exemplares: ISL

Registros: REBELO (1963), p. 133; MARINHO (1969), p. 28;
LARA (1978), p. 360.

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA / IL SERGENTE /
DELLE MILIZIE [título em vermelho] / FRATELLI BOCCA
EDITORI

250 p. 15,2 x 9,5 cm

f. de guarda, em branco; f.f.r., ao alto: “BIBLIOTECA
MONDIALE BOCCA / SCRITTORI BRASILIANI / 3 /”;
v.f.r., ao alto: “TITOLO ORIGINALE: / AS MEMORIAS
DUM SARGENTO DE MILICIAS / TRADUZIONE
DAL PORTOGHESE DI / CESARE RIVELLI / [ao pé:]
/ STAMPATO IN ITALIA – PRINTED IN ITALY /
COPYRIGHT BY FRATELLI BOCCA EDITORI – MILANO-
ROMA /”; p.s.n. (7): “PARTE PRIMA /”; pp. 9-123: cap. I a
XXIII; p.s.n. (125): “PARTE SECONDA /”; pp. 127-248: cap. I a
XXV; p. 248, ao final do texto: “FINE /”; pp. 249-250: ÍNDICE;
no colofão: “FINITO DI STAMPARE IL 25 MARZO / 1954
NELLO STABILIMENTO TIPO-/GRA-/ FICO ‘PLINIANA’
IN SELCI UMBRO /”.

Exemplares: BMA

Registros: REBELO (1963), p. 138; MARINHO (1969), pp.
28/29; LARA (1978), pp. 360/61.

Memoirs / of a Militia / Sergeant / by / Manuel Antônio de
Almeida / Translated from the Portuguese / by / Linton L. Barrett
/ PAN AMERICAN UNION / General Secretariat, Organization
of American States / Washington, D.C., 1959

xvi + 244 p. 17,1 x 9,2 cm

2.^a capa: “Manuel Antônio de Almeida / Memoirs of a Militia / Sergeant /”; f.f.r.: “Memoirs / of a Militia / Sergeant /”; v.f.f.r., ao pé: “UNESCO COLLECTION OF REPRESENTATIVE WORKS: / LATIN AMERICAN SERIES. PUBLISHED WITH / THE COOPERATION OF THE / ORGANIZATION OF AMERICAN STATES. /”; v.f.r., ao pé: “copyright, 1959, by the / Organization of American States. / In compliance with the regulations / of UNESCO, / This translation has been revised / by Henry Hare Carter. /”; pp. vii-xvi: INTRODUCTION, por Wililam Rex Crawford – University of Pennsylvania (seguida de 5) NOTES; pp. I-II7: Chapter I (a) Chapter XXIII; p.s.n. (119): “PART TWO /”; pp. 121-244: Chapter I (a) Chapter XXV; p. 244, ao final do texto: “THE END /”; no colofão “The printing of this book / was completed on Sep. 12, 1959, / in the shops of the “Editorial / Estela”, Querétaro 181-B, Mé-/xico 7, D. F. This impression / consisted of 2,000 copies in the / composition of wich the Me-/dieval and Bodoni types were / employed. The ilustrations and / the title pages are the work of / José I, Bermúdez; the dust jack-/et was designed by Haroldo / Fonseca./”.

Exemplares: Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

Registros: REBELO (1963), pp. 138/139; MARINHO (1969), p. 29; LARA (1978), p. 361.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / *Pameti / Policejníbo Serzanta* / – Státní nakladatelství / krásné literatury, hudby a umení / Praha 1960

Tradução para o Checo. Não vimos exemplar. Está registrada por REBELO (1963), p. 139; MARINHO (1969), p. 29/30, à vista do exemplar; LARA (1978), pp. 361/62.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA / *Uspomene / Milicijskog / Narednika / S Portugalskoga preveo / Josip Tabak / 1962 / Matica Hrvatska / Zagreb*

Tradução para o servocroata (Iugoslávia) – Não vimos exemplar. Está registrada por REBELO (1963), p. 139; MARINHO (1969), p. 30, à vista do exemplar; LARA (1978), p. 362.

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA / MEMORIAS / DE UN SARGENTO / DE MILICIAS / *Prólogo y Notas / ANTONIO CANDIDO / Cronología / LAURA DE CAMPOS VERGUEIRA / Traducción / ELVIO ROMERO / BIBLIOTECA [logotipo] AYACUCHO*

XXXVIII + 234 p. + índice. 18,4 x 11,8 cm

f. de guarda, em branco; p.s.n. (3), ao centro, o logotipo da “Biblioteca Ayacucho”; p.s.n. (4), ao centro: “COMISION EDITORA / José Ramón Medina (Presidente) / Ramón Escovar Salom, / Miguel Otero Silva, / Angel Rama, / Oscar Sambrano Urdaneta, / Oswaldo Trejo, / Rarmón J. Velásquez. /”; f.f.r.: “MEMORIAS DE UN SARGENTO / DE MILICIAS/”; v.f.r., ao pé: “© de esta edición / BIBLIOTECA AYACUCHO / Apartado Postal 14413 / Caracas –101– Venezuela / Derechos reservados / conforme a la ley / | / Diseño – Juan Fresán / Impreso en Venezuela / *Prited in Venezuela* /”; pp. IX a XXXVII: “DIALECTICA DEL MALANDRINAJE (Caracterización de las *Memórias de um Sargento de Milicias*)”, prólogo e notas por Antônio Cândido; p. XXXVIII, em branco; p. (I), ao centro: “MEMORIAS DE UN SARGENTO / DE MILICIAS /”; PRIMEIRA PARTE – pp. 3-93: cap. I a XXIII; SEGUNDA PARTE – pp. 95-193: cap. I a XXV; pp. 195-229: CRONOLOGIA; pp. 231-234: BIBLIOGRAFIA (de e

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

MEMORIAS
DE UN SARGENTO
DE MILICIAS

ARGOS
BUENOS AIRES

Edição argentina, de 1947

M e m o i r s of a Militia S e r g e a n t

by

Manuel Antônio de Almeida

Translated from the Portuguese

by

Linton L. Barrett

PAN AMERICAN UNION

General Secretariat, Organization of American States

Washington, D. C., 1959

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA

MEMORIAS
DE UN SARGENTO
DE MILICIAS

Prólogo y Notas

ANTONIO CANDIDO

Cronología

LAURA DE CAMPOS VERGUEIRA

Traducción

ELVIO ROMERO

BIBLIOTECA



AYACUCHO

Edição venezuelana, de 1977

LA CIVILTÀ CATTOLICA

Beatus populus, cuius Deus est Dominus
(Ps. 145, 15)

ANNO 106° - 1955 - VOL. I

DIREZ. - AMMINISTRAZ. : VIA DI PORTA PINCIANA, 1 - ROMA (130)

MARIO BONZI. — *Cartigli*. Savona, Liguria, 1953, in-16°, pp. 32. L. 200. Edizione numerata di 500 esemplari.

Perché l'autore, acuto critico d'arte di indiscussa autorità, massime nella pittura (a lui debitrice di non poche scoperte e attribuzioni) abbia ridotte a settanta le sue innumerevoli riflessioni sull'arte in due capitoli posti sotto il segno di Michelangelo il primo, di G. Savonarola il secondo (incisioni di H. Gagarardo), non è difficile arguirlo. La profondità e severità del contenuto di ognuna di esse e la lapidaria concisione della frase che le condensa mostrano che il critico è qui anche artista nella classica tradizione latina del *brevitas esse laboro*. Quanto all'*obscurus fio*, con cui la brevità confina, non se ne preoccupa. Se non è esaurita la generazione che sa pen-

sare, egli è certo, e noi con lui, che meditando sui *cartigli* delle sue affermazioni molti si arricchiranno della sua opera sapientia.

Il lettore lo presenterà dai pochi saggi seguenti: *La bellezza è legge della creazione* (I, 4); *L'arte non esagera mai* (I, 5); *I grandi pittori spiritualizzano sempre il colore, come i grandi scrittori spiritualizzano i vocaboli* (I, 20); *Saper scegliere è saggezza, ed è arte* (II, 3); *Il Caravaggio fu più attore che pittore, più atleta che poeta* (II, 32); *Non le opere nuove son grandi, ma le grandi son nuove* (II, 37); *L'arte negra s'è fatta bianca. La foresta ci attende* (II, 39).

ANGELO PEREGO. — *Il re tonante*. Poemetto epico per ragazzi. Milano, Galdini, 1954, in-8°, pp. 112. L. 450.

Nel presente diluviare della narrativa fantastica, che a poco a poco va facendo strage della cosiddetta letteratura per ragazzi, dobbiamo salutare come eroi quegli scrittori che ancora insistono su quest'ultima come più formativa e atta a raggiungere il traguardo dell'arte. Tra simili scrittori si allinea senz'altro l'autore di questo poemetto, il quale, una volta concepito il nucleo d'una bella fiaba medievale, prende a svolgerla in dieci canti fatti di sestine d'ottonari, che da

capo a fondo trascinano con la musicalità i giovani lettori e li invogliano a quella mnemonica oggi così trascurata.

Se l'editore avesse intercalato agli episodi le belle illustrazioni a colori che sa darci la tecnica moderna, *Il re tonante* sarebbe riuscito un eccellente libro dono, ricco com'è di personaggi ai quali i ragazzi facilmente si affezionano, d'interesse che la vicenda riesce a destare e di sentimenti che raggiungono il cuore per educarlo e renderlo migliore.

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA. — *Il sergente delle milizie*. Milano, Boccia, 1954, in-16°, pp. 248. L. 1.400.

Il sergente delle milizie, pubblicato nella collana brasiliana, è uno di quei libri che sembrano nati sotto la stella del successo tardivo. Quando apparve per la prima volta a Rio de Janeiro, passò praticamente inosservato; ed è ancora più di un secolo perché ad esso ed all'autore, Manoel Antonio de Almeida, si rivolgesse l'attenzione della critica e del pubblico. Ma oggi, *Il sergente delle milizie* trionfa, e non soltanto nella patria di origine. Anche l'estero l'ha scoperto; molti lettori di varie nazionalità traggono diletto da questo piccolo capolavoro, ancora miracolosamente fresco, nel quale si rispecchia il volto gaio, sentimentale, ingenuo e talvolta picareccio, della capitale brasiliana al tempo di *el Rey*, e si presentano nel modo più divertente costumi, credenze, personag-

gi di un'epoca ormai sommersa.

Un critico parigino, parlando di Manoel Antonio de Almeida, lo ha definito « l'Anatole France del Brasile ». E sono molti i punti di contatto fra il francese e lo scrittore brasiliano. A quest'ultimo, tuttavia, mancò il tempo per dar prova della stessa fecondità di Anatole France. La sua vita, purtroppo, non fu se non una corta avventura: nato nel 1831, si laureò in medicina e subito dopo si dedicò al giornalismo; nel 1861 a soli trent'anni perì in un naufragio.

Vi sono, nei libri, gustosi sprazzi umoristici, genialità senza risparmio, qualche battuta piuttosto volgaruocia, qualche descrizione un po' rievocante di cerimonie religiose, che richiedono lettori di sufficiente formazione ed equilibrio morali.

Leitura

Entrevista em Praga um Tradutor de "Gabriela"

GUIDO ARAÚJO

Num pequeno restaurante do bairro mais antigo de Praga, encontramos-nos frequentemente com Zdeněk Hampejz, amigo e admirador do Brasil. É ele tradutor e professor de português. O nome de Hampejz não é desconhecido do público brasileiro afeito às letras pois não faz muito esteve no Brasil participando do 4.º Colóquio Luso-Brasileiro realizado na Bahia. Nos seus dez anos de estudo do nosso idioma muito tem feito para divulgar a nossa cultura na pequenina e bela Tchecoslováquia.

O que nos reúne cada quinta-feira não é o desejo apenas de um bate-papo entre alguns espíritos de audaciosa corveia "diteses" ou xicaras de café; alto mais que banalidades tratamos nesses encontros. Fizemos um acêrdo de ajuda mútua. Em troca de algumas explicações sobre aspectos difíceis do idioma tcheco (que neste momento aprendemos), ajudamos-lhe na tradução de "Gabriela, Cravo e Canela", que o nosso caro Jorge Amado dotou de tantas expressões populares e regionais. Os tradutores, por mais que conheçam o idioma e a obra de Jorge, ficam desesperados com as dificuldades com se deparam a cada instante.

Num desses encontros habituais, lembramos de fazer algumas perguntas ao amigo tcheco para os nossos leitores.

— Como será o lançamento em tcheco do último romance de Jorge Amado? — foi a primeira pergunta que lhe fizemos.

— "Gabriela" disse-nos — terá o seu título original um pouco alterado. Por sugestão do próprio autor e de sua esposa, d. Zélia Amado, o romance chamar-se-á em tcheco "Mulan Gabrielka" ("A Mulata Gabriela"). Sairá ainda este ano com uma tiragem de 120 mil exemplares, superando assim as edições existentes do livro no Brasil. O livro será publicado numa coleção muito popular e penetrará em todas as camadas da população através de 120 mil subscretores.

— Diga-nos, esta tiragem é normal para um livro traduzido?

— Naturalmente que não. Isto é o comum para um romance tcheco. Mas como Jorge é o escritor estrangeiro mais traduzido na Tchecoslováquia (13 livros), não é de admirar que seja quase tão conhecido como um escritor nosso.

— Treze livros traduzidos são na realidade muita coisa. Podia dizer-me quais foram?

— Excelso "País do Carnaval", "Cataná", "Bahia de Todos os Santos" e "O Amor do Soldado" — todos os demais. Poucos escritores estrangeiros tiveram aqui uma aceitação tão formidável.

— Quais são os outros livros de Jorge traduzidos por você?

— Até agora, além de "Gabriela", traduzi: "Terras do Sem Fim", "ABC de Castro Alves" e "O Mundo da Paz".

— Pelo visto, você já deve estar acostumado com o estilo e o modo de narrar do Jorge...

— Sim, e por isso consegui traduzir "Gabriela" num tempo bastante curto: três meses. Porém, se não fosse o Guido que me ajudou a resolver tantos problemas...

— Haveria outro Guido. Não fale não! Diga-nos antes se considera justa a grande aceitação que vem tendo o último romance de Jorge Amado no Brasil?

— Justíssima! Considero este livro o melhor d'ele. Pela evocação tão viva do ambiente brasileiro, pela criação de um novo tipo literário que é Gabriela e pelo humorismo e otimismo que aí estão mais acentuados do que em outras obras do escritor. Também gosto mais das cenas líricas em "Gabriela" do que nos livros anteriores de Jorge Amado.

— Quais, além de Jorge, os autores brasileiros que você traduziu para o tcheco?

— Manuel Antônio de Almeida, cujas "Memórias de um Sargento de Milícias" acabam de ser lançadas numa edição de 13 mil exemplares; "Os Escravos", de Castro Alves, e o drama "Gonzaga" do mesmo autor. Mas o maior número de minhas traduções são de autores portugueses, em particular Camões e Eça de Queiroz.

— Hampejz, para encerrar suas declarações, diga-nos alguma coisa sobre sua atividade filológica com relação ao Brasil.

— Em janeiro último, saí a "Gramática Portuguesa" na qual procurei dar prioridade ao linguajar do povo brasileiro. Fazia muita falta um livro tal para os tchecos que desejam aprender o português. Atualmente existe um grande interesse por parte dos nossos no aprendizado da língua de vocês. Pensando nisso, preparo também um dicionário português-tcheco e outros livros de cunho didático — concluiu o tradutor de "Gabriela".

*Adaptação para Teatro,
Cinema e
Televisão*



ADAPTAÇÃO PARA TEATRO, CINEMA E TELEVISÃO

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

ADAPTAÇÃO PARA TEATRO

Marques Rebelo (1951), p. 115, v. n.º 54, observa que “Em 1931, por ocasião do centenário de nascimento de Manuel Antônio de Almeida, foi anunciada uma opereta de Antônio Guimarães, teatrólogo português, há muitos anos domiciliado no Brasil, extraída do romance. A peça entrou em ensaios no teatro João Caetano, mas por não apurado motivo, não foi representada. (Informação devida ao senhor Abadie Faria Rosa, Diretor do Serviço Nacional de Teatro)”.

memórias de um / sargento de milícias / manuel antônio de
almeida / peça em 3 atos e 6 quadros / – / adaptação para teatro
/ francisco pereira da silva / prefacio / francisco pereira da silva /
Brasiliense de Bólso / série teatro universal / direção e organização
/ sábató magaldi / volume 15 / EDITORA BRASILIENSE /
barão de itapetininga, 93 / são paulo – brasil
VIII + 88 p. 13,5 x 9,1 cm

f.f.r., em branco; v.f.f.r., ao pé: “capa e planejamento gráfico
/ hans hauderschild / revisão ortográfica / eduardo sucupira filho
/”; pp. V-VIII: PREFÁCIO de Francisco Pereira da Silva (1918-
1985), datado de “Rio, out. 56.”/”; p.s.n. (I): “PERSONAGENS
/ – / LEONARDO, COMADRE / PADRINHO / VIZINHA
/ DONA MARIA / JOSÉ MANUEL / VIDINHA / VIDIGAL

/ LUISINHA / MÃE DE VIDINHA / 1.º PRIMO / 2.º PRIMO / TOMÁS DA SÉ / MOÇA / FREGUÊS / GRANADEIROS, MUCAMAS, ETC. / Ação – Rio-de-Janeiro sob a regência de D. João VI. /”; pp. 3-27: ATO I; pp. 29-58: ATO II; pp. 59-84: ATO III; p. 85: NOTAS; p. 87: “... *Memórias de um Sargento de Milícias*, nesta adapta-ção de Francisco Pereira da Silva, foi apresentado pela / primeira vez no Teatro “Maison de France” do Rio-de-Janeiro, em outubro de 1956, no desempenho do Tea-tro Nacional de Comédia (elenco mantido pelo Serviço / Nacional de Teatro), sob a direção de João Bethencourt, / com cenários e figurinos de Anísio Medeiros, direção da / parte musical a cargo de Glória Maria da Fonseca Costa, / e a seguinte distribuição dos papéis: [segue-se a relação dos personagens e os respectivos intérpretes]; p. 88, em branco; no colofão, após o logotipo da impressora: “Êste livro / foi composto / e impresso na / GRÁFICA / URUPÊS / Rua Pires do Rio, 338 / Fone 92-3807 / S Paulo – Brasil / 1965. /”.

Como se vê pelo registro, a representação é de 1956 e a publicação da adaptação, de 1965.

Exemplares: ISL

Registros: MARINHO (1969), pp. 27/28; LARA (1978), pp. 362/363.

Esta adaptação foi representada, também, no Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB), Rua Três Rios, 252, em São Paulo, a partir de maio de 1970, dentro das programações do Serviço Social da Indústria (SESI) – Departamento Regional de São Paulo, com a seguinte ficha técnica: Adaptação de Francisco Pereira da Silva; Direção de Osmar Rodrigues Cruz; Cenários e figurinos de Bassano Vaccarini; Direção Musical de Claudio Petraglia; Assistente de Direção Ruy Nogueira; Execução do Cenário: Arquimedes Ribeiro;

Execução dos Figurinos: Nieta Junqueira; Assistente de Produção: Alessandro Memmo; Diretor de cena: Claudino Martinuzzo; Administração e Programa: Marco Antônio. Elenco: Adolfo Machado, Nize Silva, Ruthineia de Moraes, Gibe, Lucia Mello, Bruna Fernandes, Marcos Granado, João José Pompeo, Ubiratan Júnior, Silvana Lopes, Ezequiel Neves, Lino Sérgio, Siloé Pretto, Eugenia Waldmann, Libero Ripoli, Therezinha Cubana, Benedita Silva, Antonio Reche, Orlando Miranda e Paulo Celso.

Millôr Fernandes / Músicas de Carlos Lyra / VIDIGAL: / Memórias de um / Sargento de Milícias / Inspirado no romance de / Manuel Antônio de Almeida. / L&PM / EDITORES

151 p. com texto + 17 p. com partitura musical. 17,5 x 9,0 cm

v.f.r.: “Coleção Teatro Millôr Fernandes / Volume 10 / capa: Millôr Fernandes / revisão: Suely Bastos / FICHA CATALOGRÁFICA / © de Millôr Fernandes 1981 / Todos os direitos desta edição reservados à / L&PM Editores Ltda. – Rua Nova Iorque, 306 / Porto Alegre – 90.000 / Rio Grande do Sul / Outono de 1981 / Impresso no Brasil /”; p.s.n. (5): “Este espetáculo, em versão um pouco diferente, foi repre-/sentado pela primeira vez, ao ar livre, no Largo-do-Boticário / Rio de Janeiro, em junho de 1966, sob a direção de Geraldo / Queiroz. / [segue-se o ELENCO, com a relação dos personagens e intérpretes, continuada na página seguinte] /”; pp. 7-76: ATO I (14 quadros); pp. 77-149: ATO II (15 quadros); p. 149, ao final do texto: “FIM /”; p.s.n. (151): “Partituras das músicas que / fazem parte do espetáculo. / músicas: Carlos Lyra / letras: Millôr Fernandes /”; 17 pp. finais, com as partituras musicais.

Exemplares: ISL - BMA

Registros: Edição sem registro anterior.

memórias de um sargento de milícias

manuel antônio de almeida
peça em 3 atos e 6 quadros

adaptação para teatro
francisco pereira da silva

prefácio
francisco pereira da silva

Brasiliense de Bóiso

série teatro universal
direção e organização
sábato magaldi
volume 15

EDITORA BRASILIENSE
barão de Itapetininga, 93
são paulo - brasil

TEATRO POPULAR DO SESI
APRESENTA
NO TEATRO DE ARTE ISRAELITA BRASILEIRO
A partir de maio de 1970

DE MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA
e adaptação de **FRANCISCO PEREIRA DA SILVA**

**“MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE
MILÍCIAS”**

Uma realização do
SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA - SESI
DEPARTAMENTO REGIONAL DE SÃO PAULO

DIVISÃO DE PROMOÇÃO SOCIAL
SUBDIVISÃO DE TEATRO E CINEMA

Millôr Fernandes

Músicas de Carlos Lyra

**VIDIGAL:
Memórias de um
Sargento de Milícias**

Inspirado no romance de
Manuel Antônio de Almeida.



Edição de 1981

ANÚNCIO DE NOVA ADAPTAÇÃO E REPRESENTAÇÃO, em São Paulo

Memórias de um Sargento de Milícias – Adaptação e direção de José Paulo Rosa, cenografia e iluminação de Sérgio Roque. Com Regina Pessoa, Rafael Burgath, Zhé Gomes, Marcos Ferraz e elenco. Teatro Lucas Pardo Filho, Rua Gravataí, 47 – Consolação. Telefone 62-9403 – Domingo, às 20h e Segunda, às 21h. R\$20,00. R\$10,00 nos postos da Campanha de Popularização do Teatro. Até dezembro 97.

AUDIOLIVRO - Gravação em fita cassette

Áudio / Literatura / Pré-Bicho / MELHORAMENTOS / | / Memórias / de um Sargento / de Milícias / Manoel Antonio de Almeida / Audio-livro – Memórias de um Sargento de Milícias / Manoel Antonio de Almeida / © 1995 José Luiz Pereira Amzalak e Geraldo Chacon / © 1995 Cia. Melhoramentos de São Paulo / Caixa Postal 8120 – CEP 01065-970 – São Paulo – SP – Brasil / CGC 60.730.348/0001-66. / Adaptação das obras para audiolivro: / José Luiz Pereira Amzalak e Geraldo Chacon / Edição de áudio, sonorização, trilha e masterização: Estúdios EGG / Programa Visual: F. Profissionais Comunicação / 777.000.555 Proibida a reprodução. Todos os direitos reservados. ISBN 85-06-02243-6 /”

TRANSCRIÇÃO EM BRAILLE

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS – pelo Instituto Padre Chico (Eneida M. Chaves) – São Paulo (SP), 1976.

SAMBA-ENREDO

Letra e música de Martinho da Vila (cf. Cecília de Lara, 1978, p. 364): Não conseguimos confirmar essa informação.

O que apuramos, no verbete de Paulinho da Viola (Paulo César Batista de Faria, 1942-) na *Enciclopédia da Música Brasileira Erudita, Folclórica e Popular*, São Paulo, ART Editora Ltda., 1977, Vol. II, p. 591, é que *Memórias de um Sargento de Milícias*, foi composto por Paulinho para enredo da G.R.E.S. da Portela, em 1966.



Audio Literatura
Pré-Bicho

A Fita do Vestibular

OM
MELHORAMENTOS

Memórias de um Sargento de Milícias

Manoel Antonio de Almeida

Audiolivro **Memórias de um Sargento de Milícias** 
Manoel Antonio de Almeida

©1995 José Luiz Pereira Amzalak e Geraldo Chacon
©1995 Cia. Melhoramentos de São Paulo
Caixa Postal 8120 - CEP 01065-970 - São Paulo - SP - Brasil
CGC 60.730.348/0001-66
Adaptação das obras para audiolivro:
José Luiz Pereira Amzalak e Geraldo Chacon
Edição de áudio, sonorização, trilha e masterização: Estúdios EGG
Programação Visual: F. Profissionais de Comunicação

777.000.555 Proibida a reprodução. Todos os direitos reservados. ISBN 85-06-02243-6

*Textos Esparsos
em Outras Obras,
Antologias e
Periódicos*



TEXTOS ESPARSOS EM ANTOLOGIAS E PERIÓDICOS

PUBLICAÇÕES ESPARSAS

Juntamos às nossas pesquisas, a de Marques Rebelo (1943, 1951 e 1963), e as contribuições de Cecília de Lara (1978) e de Bernardo de Mendonça (1991).

I – POESIA

Na coletânea *Harpejos Poéticos, ou Coleção de Poesias Modernas, de Diversos Autores*, publicada por F. V. da Cunha, Rio de Janeiro, Tipografia Comercial de Soares & C.^a 1849, 312 pp. + Índice, pp. 201-202: “A uma Jovem Espanhola” (*És tão mimosa e tão bela, / Como a estrela*), poesia datada de 3 de maio de 1849; no mesmo volume, pp. 286-287: “O Morrer da Virgem” (*Já viste alguma vez ao romper d'alva / Da lua que se esconde no ocidente*), poesia datada do 20 de junho de 1849; ambas assinadas por M. A. d'Almeida. Essas duas poesias encontram-se reproduzidas por Marques Rebelo na *Bibliografia de Manuel Antônio de Almeida*, publicada em 1951, pp. 25-28 e na *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, 2.^a edição revista, de 1963, p. 21; por Bernardo de Mendonça, *Obra Dispersa*, 1991, pp. 173-174 e 175-176.

N' *O Beija-flor* – Jornal de Instrução e Recreio, Rio de Janeiro, vol. I (1849-1850), n.º 23, de 8 de setembro de 1849, p. 8, a poesia “Recordação” (*Já viste branca rosa debruçada / Na margem dum ribeiro*),

sem data impressa, e aqui reproduzida em fac-símile. Sem registro anterior.

Na edição de *Memórias de um Sargento de Milícias*, precedida de uma introdução literária por Bethencourt da Silva, editada por Dias da Silva Júnior (Manuel Francisco D. da S. J., 1840-1901), em 1876, vol. I, pp. IX e X, datada aí “Rio – 1851”, a poesia “Escuta!” (*Escuta, virgem: tens um riso de anjo, / Que infunde n’alma singular quebranto*). Essa edição das *Memórias* foi reimpressa, sem data, com nova folha de rosto indicando “Segunda Edição”.

Essa poesia encontra-se reproduzida por Marques Rebelo (Edi Dias da Cruz, 1907-1973), na *Vida e Obra*, de 1943, pp. 22 e 25; na 2.^a edição revista, de 1963, pp. 22-23; na *Bibliografia*, de 1951, pp. 13-14 e por Bernardo de Mendonça, 1991, p. 148.

Na *Miscelânea Poética ou Coleção de Poesias Diversas de Autores Escolhidos*, Rio de Janeiro, Tip. do Jornal das Senhoras, 1853, pp. 90-91, a poesia “Dize, Meu Anjo!... (*Quando eu te vejo ao descair da tarde*), sem data, ass. M. A. d’Almeida. Por desconhecermos registro anterior, estamos reproduzindo-a em fac-símile.

No *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1854, a poesia “Amor de Criança” (*Era um amor de criança / Puro como a luz! Que amor!*) Encontra-se reproduzida na BIBLIOTECA BRASILEIRA – I – *Lírica Nacional*, Rio de Janeiro, Tip. do Diário do Rio de Janeiro, 1862, pp. 68-69. A BIBLIOTECA BRASILEIRA (1862-1863), foi fundada por Quintino Bocaiúva (1836-1912), e publicou oito obras, sendo a sétima a reedição das *Memórias de um Sargento de Milícias*, em 2 volumes, 1862-1863; na *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, por Marques Rebelo, 1943, pp. 62 e 65; na 2.^a edição revista, de 1963, p. 64; em *Obra Dispersa*, 1991, por Bernardo de Mendonça, p. 179.



O BEIJA-FLOR,

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

VOL. I.

SABBAO 7 DE ABRIL DE 1849.

N. 1.

O BEIJA-FLOR.

Como teu corpo tão pequenino e tão lindo, com tuas cores variadas e límpidas, semelhando pedras preciosas, esvoa, esvoa, BEIJA-FLOR.

Dize-nos os íntimos segredos dessas flores que te roubas quando estás fora sem teus afilhados estranhos, quando estás encantada sobre os alicerces da tua América, sobre a influencia do solitário que te aviva as cores.

Quando se te roubão o nome para o darem a um papel, se tintas negras te fazem semelhante se a tuas cores variadas, se sob o mesmo sol que te illumina, os escriptores que te invocão, ambicionão que seus escriptos vagueem por ahi tão bem recebidos pelas suas flores, como tu es pelas tuas, mimoso BEIJA-FLOR!

Pequeno e humilde, de instrucção e recreio, e mais de recreio que de instrucção, nasce este papel; não promette muito, mas se elle ao menos tiver o poder de distrahir, não faz de certo um mal.

Se no meio das lutas encarnizadas de irmãos, quando a discórdia pretender sentar-se, com um riso de sarcasmo sobre as ruínas das cidades, fór elle a campear gelada do Châteaubriand tirar um pensamento e levar a esses homens, afogados pela tina do vício do christianismo, as palavras do nosso Deus, cumpre uma missão.

Quando suas paginas forem abertas ao tímido e joven poeta, que no canto de uma alcova, solitario, e em vigílias passa horas revelando sómente a quatro paredes suas os pensamentos primitivos de sua alma a desenvolver-se; se o BEIJA-FLOR o puder animar imprimindo alguns de seus pensamentos; se elle tiver a felicidade de ser acreditado quando disser ao joven: « caminha, » ganha uma gloria, faz um bem consideravel.

Se o BEIJA-FLOR fór alegre, se elle não consentir que haja uma só elegante triste no seu tocador ou no seu boudoir, sem que immediatamente corra a distrahi-la contando-lhe muitas cousas,

O BEIJA-FLOR - Jornal de Instrução e Recreio

Rio de Janeiro

ANO I - Volume I (1849-1850)

Nº 23 - 8 de Setembro de 1849, pág. 8:

—

RECORDAÇÃO.

Já viste branca rosa debruçada
Na margem d'um ribeiro
No espelho revendo-se tranquilla
Das fugitivas aguas?
E de repente v'ir o noto frado
Que a pobrezinha joga na corrente,
Cujas vagas a levão como em brinco
Te qu'uma mais veloz, encapellada.
A desditosa envolve e submerge?
Tal foi a sorte d'Ella!
Candida rosa tão fragrante e linda!
Anjo innocente de auri-brancas azas
Cabio lá do alto céo no-mar do mundo!
As tormentas da sorte
Oppôz o fraco esforço; mas embalde!
Veio a vaga da morte e furibunda
A desditosa lá levou consigo....
Com ella foi tambem minha ventura!

M. A. DE ALMEIDA.

II – PROSA

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 13 dez. 1851: “Civilização dos Indígenas” – Duas palavras ao autor do Memorial Orgânico (Francisco Adolfo de Varnhagen, 1816-1878), publicado em Madri, a Primeira Parte em 1849 e a Segunda, em 1850, e reimpresso na revista *Guanabara*, Rio de Janeiro, Tomo I, 1851, anonimamente. Essa crítica foi reproduzida no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, aos 12 de fevereiro de 1852.

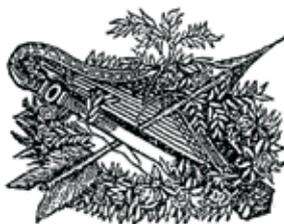
De 27 de junho de 1852 até 31 de julho de 1853, no suplemento “Pacotilha”, foi publicado em folhetim o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, cap. I a XLVIII, anonimamente.

9 jan. 1854: “Responda Alguém”; 9 jul. 1854, no suplemento “Páginas Menores”: “Fisiologia da voz” (crôn.); 30 jul. 1854: “O Nome” (crôn.); 13 ago. 1854: “O Riso” (crôn.); 27 ago. 1854: “As Flores e os Perfumes” – Lenda Oriental (crôn.); 3 set. 1854: “As Muletas de Sixto V” (crôn.); 24 set. 1854: “Uma História Triste” (crôn.); 11 dez. 1854: “Revista Bibliográfica” (crítica); 4 jan. 1855: “Revista Bibliográfica” (crítica); 4 jun. 1855: “Revista Bibliográfica” (crítica); 18 jun. 1855: “Revista Bibliográfica” (crítica); 2 mar. 1856: “Revista Bibliográfica” (crítica); 8 jun. 1856: “Teatro de São Januário” (Deolinda Pinto da Silveira); 20 jul. 1856: “Revista Bibliográfica” (crítica); 5 ago. 1856: “Teatro Lírico (crítica teatral); 7 out. 1856: “Revista Bibliográfica” (crít.).

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 12 fev. 1852: “Civilização dos Indígenas” (transcrição).

O Parabyba, de Petrópolis (RJ), 2 dez. 1857: “Zaluar”; 12 dez. 1858: “A Independência dos Jornais”.

MISCELLANEA POETICA
OU
COLLEÇÃO
DE
POESIAS DIVERSAS
DE
AUTORES ESCOLHIDOS.



RIO DE JANEIRO

TYP. DO JORNAL DAS SENHORAS, RUA DO CAÑO N. 165

—
1853

90

MISCELLANEA

Vai-se a magna princeza.
 Apaixonados da artista,
 Abaixaí todos a crista ;
 Vai o maior dos portentos,
 Deus lhe dê propicios ventos.
Vento de pópa lhe assista.

(Do Mercantil,.)



DIZE, MEU ANJO!....

Quando eu te vejo ao descair da tarde,
 Sosinha e muda no retiro teu,
 Firmado o rosto sobre a mão mimosa,
 Horas inteiras a olhar p'ra o céu,
 Em que é que pensas enlevada assim?!
 — Dizê, meu anjo,
 Pensas em mim?

Quando cansada do scismar profundo
 Teus lindos olhos cerras docemente,
 E vem as auras a trazer-te o somno
 E dormes a sonhar sonho innocente
 Em que os anginhos vem brincar contigo,
 — Dize, meu anjo,
 Sonhas commigo?

POETICA

91

Quando envolvida em languida tristeza,
 Arfando o peito em leve anciedade,
 Soltas um *ai* que vae voando terno,
 Cortando os ares a dizer—saudade...
 Sentir tão triste que te punge assim,
 — Dize, meu anjo,
 Será por mim?

Nos teus pensares de um amor ignoto,
 No doce gozo de um sonhar dourado,
 No arroubo místico de um suspiro ancioso,
 Não tens um *ai* que dês ao desgraçado
 Scismar ou sonho que te falle em mim?
 — Dize, meu anjo,
 Amás-me emfim?

M. A. D'ALMEIDA,



CANÇÃO CONCILIATORIA

PELO

POETA VASSOURENSE,

—

I.

Eia, sus, rapasiada!
 Leve o diabo a tristeza:
 Cara alegre, gambia tesa,
 E vamos á patuscada.

III – TRADUÇÃO

A Tribuna Catbolica, publicada sob os auspícios de Sua Exc. Rev.^{ma} o Sr. Bispo--Capelão-Mór Conde de Irajá, D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo (1798-1863), redigida por Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825-1876), Rio de Janeiro: “Gondicar ou o Amor do Cristão” – Episódio do tempo das Cruzadas, por Luiz Friedel, traduzido do francês por Manuel Antônio de Almeida, ex-aluno do Colégio S. Pedro de Alcântara. Publicado aí em folhetins nos seguintes n.ºs 25, de 1.º fev. 1852; 26, 15 fev.; 27, 1.º mar.; 29, 1.º abr.; 30, 15 abr.; 31, 1.º mai.; 32, 15 mai.; 34, 15 jun.; 35, 1.º jul.; 36, 15 jul.; 37, 1.º ago.; 38, 15 ago.; 40, 15 set.; 41, 1.º out.; 42, 15 out.; 43, 1.º nov.; 44, 15 nov.; 46, 15 dez. 1852; 47, 1.º jan. 1853.

Textos Vertidos para



Outros Idiomas

TEXTOS VERTIDOS PARA OUTROS IDIOMAS

VICTOR ORBAN [1868-1946] / – / LITTÉRATURE / BRÉSILIENNE / – / Préface de M. de OLIVEIRA LIMA / DE L'ACADÉMIE BRÉSILIENNE / – / FRONTISPICE D'ANTONIO PARREIRAS / – / [epígrafe] / Lello & Irmão, Éditeurs / 144, RUA DAS CARMELITAS / PORTO / | / H. Garnier, Éditeur / 109, RUA DO OUVIDOR / RIO DE JANEIRO / GARNIER FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS / 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 / PARIS

P. (106): “ÉCOUTE” trecho do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, precedido de pequena nota biográfica.

Edição sem data declarada, mas de 1910.

Esta obra existe também com a substituição da folha de rosto para: VICTOR ORBAN / – / ANTHOLOGIE FRANÇAISE / DES / ÉCRIVAINS BRÉSILIENS / Prosateurs et Poètes / depuis les origines jusqu'à nos jours / [o restante da folha de rosto igual à edição de 1910]. Na “Deuxième Édition, Revue et Augmentée”, de 1914, mesma matéria às pp. 119-120.

VICTOR ORBAN / – / POÉSIE / BRÉSILIENNE / PRÉFACE DE MARIO DE PIMENTEL BRANDÃO / – / ÉDITION DU CENTENAIRE / DE L'INDÉPENDANCE DU BRÉSIL. / [gravura] / PARIS / LIBRAIRIE GARNIER FRÈRES / 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 / – / 1922

Pp. 65-66: “ÉCOUT” (reprodução das edições anteriores), precedida de nova nota biográfica.

VICTOR ORBAN

LITTÉRATURE BRÉSILIENNE

Préface de M. de OLIVEIRA LIMA

DE L'ACADÉMIE BRÉSILIENNE

CONTISPICE D'ANTONIO FERREIRAS

Antônio de Oliveira Lima

La littérature brésilienne peut être considérée à bon droit comme vraiment nationale : en cette qualité, elle a sa place marquée dans l'ensemble des littératures du monde civilisé; enfin, ces derniers temps surtout, elle a produit, dans les principaux genres, des œuvres dignes de l'attention des lettrés.

FERDINAND WOLF.

Lello & Irmão, Éditeurs
144, RUA DAS CARMELITAS
PORTO

H. Garnier, Éditeur
109, RUA DO OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

GARNIER FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

Né à Rio-de-Janeiro en 1851 ; il a péri, très jeune, dans un naufrage. Poète et prosateur. Quelques-unes de ses poésies, d'un sentimentalisme peut-être excessif, ont eu leur heure de célébrité. On lui doit aussi un volume en prose : *Mémoires d'un sergent de milice*, nouvelle historique, que l'on cite souvent comme l'une des meilleures productions de ce genre au Brésil.

ÉCOUTE

- » Ecoute, vierge : ton sourire est un sourire d'ange,
 - » il exerce sur mon âme un singulier sortilège ; il est
 - » beau comme un songe répandant un doux parfum de
 - » rose dans nos sommeils d'enfant.
 - » Ecoute encore : ton regard caressant, miroir ingénu
 - » de ton âme candide, ressemble au lac tranquille et pur
 - » qui, dans son sein, recèle des perles lumineuses.
 - » Mais je crains pour mon âme le dangereux pouvoir
 - » de ton sourire angélique ; je ne veux pas que tu m'en-
 - » veloppes de la délicieuse caresse de tes beaux yeux.
 - » Car un seul de tes doux sourires, un seul de tes
 - » troublants regards pourrait me rendre fou, délirant,
 - » éperdu, et je mourrais d'un tel excès de bonheur.
 - » Je ne veux pas non plus de la rose fortunée que tu
 - » caresses amoureusement sous tes doigts, que tu portes
 - » distraitemment à tes lèvres et que tu parfumes de tes
 - » doux baisers.
 - » Je désire seulement qu'une fois dans la vie tu pro-
 - » nonces mon nom ; que tu me donnes, déjà fanée, la
 - » triste fleur pâlie que tu arraches de tes cheveux et que
 - » tu jettes au vent...
 - » Je désire seulement que tu passes un jour près de
 - » mon tombeau ; que tu y lises mon nom... et que tu
 - » dises : il m'a aimée ! — Et cela seul me suffira ; je ne
 - » souhaite pas d'autre récompense à mon immense
 - » amour. »
-



*Obras de
Outros
Autores
Traduzidas*

O REI DOS MENDIGOS

ROMANCE HISTORICO

POR

PAULO FÉVAL

TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ

pelo Dr. M. A. de Almeida

PRIMEIRA PARTE



RIO DE JANEIRO

Typographia do COMMERIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55

—
1860

PRIMEIRA PARTE

O DUQUE E O MENDIGO

I

UMA NOITE EM SEVILHA

Apezar da supremacia concedida por Felippe II a Madrid, Sevilha era sempre a cidade real. Residia, é verdade, a cõrte na nova capital, que desde os fins do reinado de Carlos V impunha seu nome aos actos da diplomacia peninsular; mas Sevilha era sempre para o bom povo hespanhol a cidade real. As mesquitas transformadas em basilicas, o palacio mourisco, com que só o de Alhambra rivallisa, aquelles campos fecundos e embalsamados, aquelle magnifico rio, e sobretudo as glorias de seu passado, desafiavão com facil vantagem, o pobre e arido cõmor; hahhado por um riacho lamacento, onde superpunhõ-se os pretenciosos casebres madrilhenos, como o mendigo de Castella, que alza o seu incorrigivel orgulho dentre os farrapos do capote esburacado.

Não era por certo de Madrid que se pudera cantar desde Bilbao até Tarifa, a africana, desde Valença até Lisboa, capital de um reino nascente, aquella conhecida cantiga:

*Quien no ha visto a Sevilla
No ha visto a maravilla.*

Felippe IV gostava de Sevilha. Uma vez por anno ao menos as ricas tapessarias del Alcazar espanavão a pœira para festejar o soberano bem-vindo. Aquelle principe, tão desgraçado quanto fraco, tinha já perdido

OBRAS DE OUTROS AUTORES TRADUZIDAS

O REI DOS MENDIGOS / ROMANCE HISTORICO / POR
/ PAULO FÉVAL / TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ /
pelo. Dr. M. A. de Almeida / PRIMEIRA PARTE [vinheta] RIO
DE JANEIRO / Typographia do CORREIO MERCANTIL, rua
da Quitanda n. 55 / – / 1860

186 p. 14,5 x 9,5 cm

f.f.r.: “O REIDOS DOS MENDIGOS / – /”; – PRIMEIRA
PARTE: O DUQUE E O MENDIGO – pp. 5-17: cap. I – Uma
noite em Sevilha; pp. 19-31: cap. II – A Praça de Jerusalém; pp. 33-
47: cap. III – Mendigagem; pp. 49-61: cap. IV – O adro de Santo
Ildefonso; pp. 63-77: cap. V – Entre duas missas; pp. 79-92: cap. VI
– Ramiro de Mendoza; pp. 93-105: cap. VII – O pátio dos Castros;
pp. 107-122: cap. VIII – Três homens de Estado; pp. 123-137: cap.
IX – Estêvão; pp. 139-149: cap. X.– A sesta; pp. 151-164: cap. XI
– Sansão e os Filisteus; pp. 165-186: cap. XII – O cão de Ulisses;
pp. 186, ao final do texto: “FIM DA PRIMEIRA PARTE / [ao
pé:] / – / Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n.
55 /”.

O REI DOS MENDIGOS / ROMANCE HISTORICO / POR
/ PAULO FÉVAL / TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ /
pelo Dr. M. A. de Almeida / SEGUNDA PARTE / [vinheta] /
RIO DE JANEIRO / Typographia do CORREIO MERCANTIL,
rua da Quitanda n. 55 / – / 1860

204 p. 14,5 x 9,5 cm

f.f.r.: “O REI DOS MENDIGOS / – /”; – SEGUNDA PARTE: OS MEDINA CELI – pp. 6-16: cap. I – Ao lusco-fusco; pp. 17-26: cap. II – A câmara dos sortilégios; pp. 27-40: cap. III – Aventuras de Bobazon; pp. 41-53: cap.IV – O Maragut; pp. 55-69: cap. V – Dança de corda; pp. 71-85: cap. VI – Precioso trem; pp. 87-103: cap. VII – Mãe e filha; pp.105-120: cap. VIII – A porta secreta; pp. 121-135: cap. IX – Reparação de honra; pp. 137-153: cap. X – Trasdoblo em casa do Rei; pp. 155-172: cap. XI – O arco de Ulisses; pp. 173-186: cap. XII – A porta secreta; pp. 187-203: cap. XIII – Entrevista dupla; pp. 203, ao final do texto: “FIM DA SEGUNDA PARTE. / [ao pé:] / – / Ty. [sic] do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55 /”; p. (204), em branco.

O REI DOS MENDIGOS / ROMANCE HISTORICO / POR / PAULO FÉVAL / TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ / pelo Dr. M. A. de Almeida / TERCEIRA PARTE / [vinheta] / RIO DE JANEIRO / Typographia do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55/ – / 1861.

184 p. 14,5 x 9,5 cm

f.f.r.: “O REI DOS MENDIGOS / – /”; TERCEIRA PARTE: A CASA DE PILATOS – pp. 5-15: cap. I – Os validos do Rei; pp. 17-30: cap.II. – Hussein, o negro; pp. 31-45: cap. III – O Maragut; pp. 47-57: cap. IV – O lar do Conde-Duque; pp. 59-71: cap. V – Aventuras de Bobazon; pp. 73-79: cap. VI – A grandeza; pp. 81-98: cap. VII – Às armas; pp. 99-117: cap. VIII – O pátio do Alcazar; pp. 119-130: cap. IX – O funeral; pp. 131-145: cap. X – Preparativos de assédio; pp.147-170: cap. XI – A filha do ouvidor; pp. 171-183: cap. XII – As duas portas do corredor; p. 183, ao final do texto: “FIM DA TERCEIRA PARTE / [ao pé:] / – / Typ. do

CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55. /”; p. (184)
em branco.

O REI DOS MENDIGOS / ROMANCE HISTORICO / POR
/ PAULO FÉVAL / TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ /
pelo Dr. M. A. de Almeida / QUARTA PARTE / [vinheta] / RIO
DE JANEIRO / Typographia do CORREIO MERCANTIL, rua
da Quitanda n. 55 / – / 1861

238 p. 14,5 x 9,5 cm

f.f.r.: “O REI DOS MENDIGOS / – /”; – QUARTA
PARTE: (sem título) – pp. 5-14: cap. I – Aída e Gabriela; pp. 15-
26: cap. II – Talião; pp. 27-36: cap. III – O medalhão de Mendoza;
pp. 37-55; cap. IV – A filha de Olivares; pp. 57-68: cap. V – O
segredo Moncada; pp. 69-81: cap. VI – Sultão Yusufo; pp. 83-105:
cap. VII – A hospedaria de Mestre Colombo; pp. 107-123: cap.
VIII – A câmara da Marquesa; pp. 125-133: cap. IX – Tristezas
de Bobazon; pp. 135-150: cap. X – Antecâmara do Rei; pp. 151-
159: cap. XI – O toucador do Rei; pp. 161-172: cap. XII – Irmãos
de armas; pp. 173-180: cap. XIII – A morte do Leão; pp. 181-
194: cap. XIV – O ouvidor Pedro Gil; pp. 195-201: cap. XV – As
predições de Mograb; pp. 201-226: cap. XVI – O ouvidor Pedro
Gil; pp. 226-238; EPÍLOGO – Duas Reclusas; p. 238, ao final do
texto: “FIM /”.

Exemplares: para este registro foi consultado o exemplar
que, à época, pertencia ao livreiro antiquário Aristóteles Alencar,
de São Paulo, numa deferência pessoal, e incomum no seu ramo de
atividade.

Registros: BLAKE, 6.º (1900), p. 13: “*O rei dos mendigos*: romance
histórico de Paulo Féval; traduzido. Rio de Janeiro, 1861, 6 vols. in-

8.º”; REBELO (1951), p. 117, v. n.º 57: “O Rei dos Mendigos – De Paulo Féval. Tradução de Manuel Antônio de Almeida. Seis volumes. 1861. Não se conhece nenhum exemplar. Consta da bibliografia de Sacramento Blake”; na bibliografia que acompanha a 2.ª edição de *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*, revista e aumentada, publicada em 1963, à p. 141, altera o registro anterior: “O Rei dos Mendigos. Romance histórico por Paulo Féval. Traduzido para o português pelo Dr. M. A. de Almeida. [.....] Seis volumes. Exemplar na coleção Adir Guimarães, Rio de Janeiro”; MENEZES (1978), p. 25, repete Blake. Reafirmamos que essa obra foi publicada em quatro volumes e não seis como os registros anteriores informavam. Inclusive, a quarta e última parte se encerra com o capítulo “EPÍLOGO – Duas reclusas”, seguido da indicação “FIM”.

O REI DOS MENDIGOS

ROMANCE HISTORICO

POR

PAULO FEVAL

TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ

pelo Dr. M. A. de Almeida

SEGUNDA PARTE

RIO DE JANEIRO

Typographia do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55

—
1860

SEGUNDA PARTE

OS MEDINA CELI

I

AO LUSCO-FUSCO

Era um pateo estreito e fundo como um poço. Duas casas altas e engraçadas rodeavam-o de todos os lados, unindo-se uma á outra. Os andares das casas erão cercados de varandas de madeira em fórma de rotula, onde se enroscilhavão trepadeiras de flôres amarellas e vermelhas, cujos cipós e folhas erão mirrados pelo calor, mostrando apenas nas extremidades alguns rebolões verdes e algumas corolas brilhantes como lagrimas de foguetes.

Nas lojas da primeira casa, desde o fim da sexta até a meia-noite, rangia a ruína de um serralheiro, cuja forja mandava ao longe nuvens de fumaça. Era incessantemente daquelle antro o canto dos cyclopes; offegava o fole; batia as limas, mordendo o ferro; os malhos cadenciavão as pancadas secas e repetidas. Tudo isto se ouvia, mas nada se via dos andares superiores; nem os pastores da Scília podem ouvir nas gargantas do Etna o ruído mysterioso das forjas de Vulcano.

Á segunda casa era uma hospedaria; tinha na frente, que dava para a rua das Cavallariças, a cabeça de S. João Baptista, que fizera vir agua á boca do nosso amigo Bobazon quando este acordára de seu somno na noite antecedente. A hospedaria de S. João Baptista tinha alguma reputação em Sevilha :

O REI DOS MENDIGOS

ROMANCE HISTORICO

POR

F A U L O S E N A L

TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ

pelo Dr. M. A. de Almeida

TERCEIRA PARTE



RIO DE JANEIRO

Typographia do COMMERIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55

1861

TERCEIRA PARTE**A CASA DE PILATOS****I****OS VALIDOS DO REI**

Embaixo do retrato de Carlos V, na camera do rei, um linda papagaio verde e rubro coçava o bico na sua gaiola de pào, mostrando a lingua cylindrica e regougando o eterno estribilho:

— Felippe é grande... é grande Felippe!

Dous outros mais pequenos, e sem duvida menos adiantados nas graças reaes, partilhavão uma gaiola vizinha.

Emfim vião-se ainda mais cinco papagaios, cuidadosamente empalhados debaixo de suas respectivas redomas de vidro.

Tal é a sorte dos validos: e assim passão as glorias deste mundo!

Um tãculo!... e ainda nem todos os validos que morrem teem um asylo tão decente como os finados papagaios do rei Felippe, nem um epitaphio tão alambicado. O jazigo funebre, onde repousavão os restos daquellas aves politicas, era de preciosa madeira esplendidamente erculpida. Cada um de seus compartimentos, em numero de cinco, sustentava um máusuléo de architectura nobre e simples, donde partia uma haste, na qual se via empoleirado o animal embalsamado.

O REI DOS MENDIGOS

ROMANCE HISTORICO

POR

PAULO FENVA

TRADUZIDO PARA O PORTUGUEZ

pelo Dr. M. A. de Almeida

QUARTA PARTE



RIO DE JANEIRO

Typographia do Commercio Mercantil, rua da Quitanda n. 55

1861

QUARTA PARTE

I

AÍDDA E GABRIELLA

Os últimos raios da lua passavam através das trepadeiras floridas que formavam um como docel diaphano sobre as janellas de Aídda. Não havia outra luz no quarto. Apenas um fraco lampejo entrava do quarto vizinho pela porta entre-aberta.

Aídda estava meio deitada sobre uma pilha de almofadas, e Gabriella achava-se de joelhos junto della.

Era pouco mais ou menos a hora em que o bom duque montava a cavallo e atravessava a galope a porta da casa de Pilatos.

Rumorejava ao longe a tempestade do lado das montanhas. A não ser a voz surda do forneão, a noite estava silenciosa e muda.

Quando uma nuvem, vagando no céu, passava por diante do crescente, o quarto de Aídda achava-se de repente mergulhado em uma completa escuridão. O lampejo que partia do quarto vizinho augmentava-se então e desenhava no tapete um largo lequo. Continuava a nuvem seu caminho para o horizonte, descobrindo a lua, e o lampejo empallidecia.

De tempos a tempos partia do quarto onde havia luz um fraco gemido. Por intervallos ainda mais longos ouvia-se um suspiro da parte opposta ao aposento de Aídda. Havia ainda daquelle lado uma porta escondida nas sombras.

— 238 —

O conde duque publicou o seu *Nisandro*, que não serviu senão para eternisar-lhe o desterro.

Elsonor de Toledo manteve toda a vida o luto de sua casa, tão cheia de gloria e de ventura.

Em Sevilha o povo esperou por muito tempo a volta do feiticeiro Moghrab, que adivinhára o nome do successor do conde-duque.

Quanto a Estevão, seu reinado foi illustre, quasi tanto como o do grande *Gofedado*. Reconciliou a antiga com a nova escola. Succedeu-lhe o sabio Picaros, na idade de 300 annos. Ainda estava moço, e quando lhe parecia bebia a sua meia duzia de garrafas de Alicante.

Depois d'elle subia ao throno Maravedi, que foi o ultimo rei dos mendigos andaluzes.

Assim morrem as cousas mais bellas deste mundo.

Só o que não morre são as sandazes verdadeiras.

A tres leguas de Sevilha, nas margens do Guadalquivir, pôde-se ainda hoje admirar uma bella quinta de estylo antigo, que tem o nome singular de Pepino. E no fundo da Estremadura, o vasto e magnifico castello de Migalha eleva suas torres no lugar mesmo onde cahiu em ruinas a casa do velho Mendoza. D. Torribio Bobazon de la Cocheta y Mamarochada, contador-mór e thesoureiro do rei, consagrou por aquelles dous monumentos sua gratidão para com os humilhes instrumentos de sua immensa fortuna.

FIM

Fac-símile



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

COLEÇÃO B 1
Bibliografia
VII

BIBLIOGRAFIA
DE
MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

POR
MARQUES REBÊLO



DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1961

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

edição crítica de
CECÍLIA DE LARA



Leitura

Entrevista em Praga

um Tradutor de

"Gabriela"

GUIDO ARAÚJO

Num pequeno restaurante do bairro mais antigo de Praga, encontramos-nos frequentemente com Zdeněk Hamejs, amigo e admirador do Brasil. É o tradutor e professor de português. O nome de Hamejs não é desconhecido do público brasileiro afeito às letras pois não faz muito esteve no Brasil participando do 4º Colóquio Lusófono Brasileiro realizado na Bahia. Nos seus dez anos de estada do nosso idioma muito tem feito para divulgar a nossa cultura na pequena e bela Tchecoslováquia.

O que nos reúne cada quinta-feira não é o desejo apenas de um bate-papo entre alguns copos de autêntica cerveja "melken" ou xcaras de café; algo mais que banalidades tratamos nesses encontros. Fizemos um acordo de ajuda mútua. Em troca de algumas explicações sobre aspectos difíceis do idioma tcheco (que neste momento aprendemos), ajudamos-lhe na tradução de "Gabriela, Cravo e Canela", que o nosso caro Jorge Amado dotou de tantas expressões populares e regionais. Os tradutores, por mais que conheçam o idioma e a obra de Jorge, ficam desesperados com as dificuldades com se deparam a cada instante.

Num desses encontros habituais, lembramos de fazer algumas perguntas ao amigo tcheco para os nossos leitores.

— Como será o lançamento em tcheco do último romance de Jorge Amado? — foi a primeira pergunta que lhe fizemos.

— "Gabriela" disse-nos — terá o seu título original um pouco alterado. Por sugestão do próprio autor e de sua esposa, d. Zélia Amado, o romance chamar-se-á em tcheco "Mulanika Gabriela" ("A Mulata Gabriela"). Sairá ainda este ano com uma tiragem de 120 mil exemplares, superando assim as edições existentes do livro no Brasil. O livro será publicado numa coleção muito popular e penetrará em todas as camadas da população através de 120 mil subscritores.

— Diga-nos, esta tiragem é normal para um livro traduzido?

— Naturalmente que não. Isto é o comum para um romance tcheco. Mas como Jorge é o escritor estrangeiro mais traduzido na Tchecoslováquia (13 livros), não é de admirar que seja quase tão conhecido como um escritor nosso.

— Treze livros traduzidos são na realidade muita coisa. Podia dizer-me quais foram?

— Exceto "País do Carnaval", "Caran", "Bahia de Todos os Santos" e "O Amor do Soldado" — todos os demais. Poucos escritores estrangeiros tiveram aqui uma aceitação tão formidável.

— Quais são os outros livros de Jorge traduzidos por você?

— Até agora, além de "Gabriela", traduzi: "Terras do Sem Fim", "ABC de Castro Alves" e "O Mundo da Paz".

— Pelo visto, você já deve estar acostumado com o estilo e o modo de narrar do Jorge...

— Sim, e por isso consegui traduzir "Gabriela" num tempo bastante curto: três meses. Porém, se não fosse o Guido que me ajudou a resolver tantos problemas...

— Haveria outro Guido. Não fale, não! Digamos antes se considera justa a grande aceitação que vem tendo o último romance de Jorge Amado no Brasil?

— Justíssima! Considero este livro o melhor dele. Pela evocação tão viva do ambiente brasileiro, pela criação de um novo tipo literário que é Gabriela e pelo humorismo e otimismo que aí estão mais acentuados do que em outras obras do escritor. Também gosto mais das cenas líricas em "Gabriela" do que nos livros anteriores de Jorge Amado.

— Quais, além de Jorge, os autores brasileiros que você traduziu para o tcheco?

— Manuel Antônio de Almeida, cujas "Memórias de um Sargento de Milícias" acabam de ser lançadas numa edição de 13 mil exemplares; "Os Escravos", de Castro Alves, e o drama "Gonzaga" do mesmo autor. Mas o maior número de minhas traduções são de autores portugueses, em particular Camões e Eça de Queiroz.

— Hamejs, para encerrar suas declarações, diga-nos alguma coisa sobre sua atividade filológica com relação ao Brasil.

— Em janeiro último, saiu a "Gramática Portuguesa" na qual procurei dar prioridade ao linguajar do povo brasileiro. Fazia muita falta um livro tal para os tchecos que desejam aprender o português. Atualmente existe um grande interesse por parte dos nossos no aprendizado da língua de vocês. Pensando nisso, preparo também um dicionário português-tcheco e outros livros de ensino didático — concito o tradutor de "Gabriela".



D. NARCISA DE VILLAR

LEGENDA

DO TEMPO COLONIAL

PELA INDYGENA DO YPIRANGA



RIO DE JANEIRO

TYPOG. DE F. DE PAULA BRITO

ERAÇA DA CONSTITUIÇÃO

—
1859.

Fortuna Crítica



FORTUNA CRÍTICA

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

O escritor carioca era a simplicidade em narração e em estilo. Não enchia frases, nem procurava comover. Observava, estudava e escrevia. A sua observação foi penetrante e foi segura.

Surpreendeu com notável argúcia as cenas da sociedade colonial e tirando daí os seus personagens fez o seu romance como quem contava uma história real e verdadeira.

Não há fantasia. Não há exaltação.

Manuel Antônio conduz a intriga com uma naturalidade, com uma singeleza, com uma espontaneidade que encantam a gente. Descreve os seus tipos com uma tão perfeita segurança que é como se os tivéssemos materializados diante de nós.

Manuel Antônio de Almeida, sem preocupações de linguagem e usando sempre de um vocabulário perfeitamente acessível à compreensão de todos, escapou, por uma questão de momento, de ser o romancista, por excelência popular, entre os seus contemporâneos.

Pertencia a uma família muito modesta. Seus pais morreram cedo e ele se viu, muito jovem ainda, com os encargos pesados de chefe de família. Em 1850, com 19 anos, matricula-se na Escola de Cirurgia. Pobre, ele luta cada vez mais com dificuldades mais ingentes. Mas não esmorece e continua a batalhar, perseverando no estudo e no trabalho. Tinha uma capacidade formidável de aprender as coisas de momento. O em que muitos demorariam horas, ele levava segundos.

Por volta de 1852, levado por Alves Branco [Joaquim Alves Branco Moniz Barreto, 1800-1885], entra para a redação do *Correio Mercantil*.

Atravessava, então, o país uma fase de calma política. No governo o gabinete Costa Carvalho – Eusébio de Queirós finalizava os seus dias, caminhando-se na transição para o ministério Itaboraí. Manuel Antônio era, porém, inteiramente estranho à política. Seu mundo era outro e as competições políticas não o interessavam. Assim, no *Correio Mercantil*, dedicar-se-á, de preferência, à crítica literária. Uma dessas produz no momento um grande ruído. Manuel Antônio analisara com certa acrimônia o último livro de Muniz Barreto, o *Repentista*. O poeta baiano responderá com energia e com azedume. Manuel Antônio treplica num artigo duro, que terminava asperamente: “A distância dá coragem ao mais covarde, e anima esse heroísmo da insolência, que muitos tomarão por força de ânimo, e que não passa de baixeza de educação”.

Mas os tempos vão passando. Em 1854 aparecem as *Memórias de um Sargento de Milícias*, que haviam sido, antes, publicadas em rodapé na *Pacotilha*.

Em 1855 Manuel Antônio cola o grau de médico apresentando para o seu doutoramento três teses. A luta pela existência era, porém, uma coisa séria. Ao mesmo tempo exercia em outros misteres a sua atividade. Retraído, simples, modesto, não estava na massa de seu sangue andar pelas antecâmaras dos ministérios pedindo favores e solicitando empregos.

Mas Manuel Antônio tinha amigos que o protegiam. Assim foi nomeado para a Secretaria da Fazenda; passa, depois, a administrador da Imprensa Nacional e, por último, a diretor da Ópera Nacional. Na Imprensa, Manuel Antônio travará conhecimento com Machado de Assis que, na humildade de uma caixa de tipógrafo, preparava-se, ainda, para ser, em futuro não distante, uma das glórias mais legítimas da literatura brasileira.

Chega, afinal, o ano de 1861. Manuel Antônio tem 30 anos. Continuava apertado com dificuldades financeiras as mais prementes. E já desanimava. A 28 de novembro, seguindo para Campos, no vapor “Hermes”, despedia-se de Bethencourt da Silva, dizendo-lhe com tristeza: “É a primeira vez que embarco, mas parece que será a última. A meu despeito sinto que alguma coisa de atroz me tira o ânimo e me desperta desordenadas e incoerentes ideias. Se sou feliz, não sei!... Persegue-me, porém, um poder oculto, uma força estranha que me desfolha sempre as rosas mais gentis de minha vida”.

E Manuel Antônio adivinhava... Porque dois dias depois o “Hermes” naufragava e ele perecia no naufrágio.

HEITOR MONIZ de Aragão (1906-) –
Vultos da Literatura Brasileira
 (I.ª Série), 1933, pp. 66-71.

Fundador



e

Sucessores





From the MSSD

INGLEZ DE SOUZA

FUNDADOR E SUCESSORES

FUNDADOR: INGLÊS DE SOUSA – Advogado, Professor de Direito Comercial, Deputado Federal, Banqueiro, Jornalista, Romancista.

Herculano Marcos Inglês de Sousa, filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de D. Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês de Sousa, nasceu em Óbidos, então província do Pará, aos 28 de dezembro de 1853. Em 1864, é matriculado no colégio de Sotero dos Reis (1800-1871) em São Luís do Maranhão, para concluir os primeiros estudos iniciados em Belém. Em 1870, depois dos estudos preparatórios, matricula-se na Faculdade de Direito do Recife (1872), onde cursou até o 4.º ano, transfere-se para São Paulo (SP), e cola grau de bacharel em 1876. Em 1878, casa-se com d. Carlota Emília Peixoto, sobrinha-neta de José Bonifácio (1763-1838), o Patriarca. Funda o *Diário de Santos* e a *Tribuna Liberal*. Foi secretário da Relação de São Paulo; Deputado à Assembleia Provincial; elabora o projeto de criação da Escola Normal, de São Paulo. Em 1881, funda a *Ilustração Paulista*, e é nomeado Presidente da Província de Sergipe. Em 1882, é eleito Presidente do Espírito Santo; ainda nesse ano, retorna a Santos (SP). Em 1890, funda o Banco de Melhoramentos de São Paulo. Em 1892, muda-se, em definitivo, para o Rio de Janeiro, onde abre escritório de advocacia, destaca-se, e é convidado para professor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, na cátedra de Direito Comercial.

Na fundação da Academia Brasileira de Letras, foi o redator do projeto dos Estatutos, e seu primeiro Tesoureiro, até 1906.

Em 1902, é nomeado diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Em 1908, é o presidente do Instituto da Ordem dos Advogados e do 2.º Congresso Jurídico Brasileiro.

Inglês de Sousa morreu no Rio de Janeiro, aos 6 de setembro de 1918. Foi sepultado no Cemitério de São João Batista.

Bibliografia: *História de Pescador* – Cena da vida do Amazonas, São Paulo, “Tribuna Liberal”, 1876; *O Cacauleta* (rom.), Santos, “Diário de Santos”, 1876; *O Coronel Sangrado* (rom.), Santos, 1877; *O Missionário* (rom.), escrito em 1888, Santos, 1891, todos publicados sob o pseudônimo de Luiz Dolzani; *Contos Amazônicos*, Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1893; *Títulos ao Portador*, 1898, e *Projeto de Código Comercial* e de *Código de Direito Privado*, 1903, obras jurídicas.

I.º SUCESSOR: XAVIER MARQUES – Poeta, contista, romancista, ensaísta, filólogo, jornalista, parlamentar.

Francisco Xavier Ferreira Marques, filho de Vicente Ferreira Avelino Marques e de d. Florinda Marques, nasceu na Ilha de Itaparica (BA), aos 3 de dezembro de 1861. Sua mãe morreu quando Francisco ainda era menino, e ele foi criado pela tia materna. Depois dos estudos primários, toma aulas de Francês e Latim, e aprofunda seus conhecimentos na língua portuguesa. Em 1882, vai para Salvador com o Cônego Bernardino de Sousa, que passa a orientar seus estudos. Lecionava em escolas, e paralelamente, exercia as funções de censor em aulas. Em 1885, integra a redação do *Jornal de Notícias*, até 1891. A partir daí, até 1896, é colaborador do *Diário da Bahia*. Foi oficial da secretaria da Câmara dos Deputados. Quando

da fundação da Academia de Letras da Bahia, em 1917, foi um dos fundadores, escolhendo para patrono de sua cadeira, a de n.º 33, o poeta Castro Alves (1847-1871). Em 1918, esteve no Rio de Janeiro, por pouco tempo. Em 1921, eleito deputado federal pelo Partido Republicano Democrático, muda-se para o Rio de Janeiro, e colabora nos jornais *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *A Tribuna* e *Revista da Semana*.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 24 de julho de 1919, é recebido aos 17 de setembro de 1920, por Goulart de Andrade (1881-1936). Em 1923, é Primeiro-secretário, e em 1935, a partir de outubro, em substituição a Fernando Magalhães (1878-1944), Tesoureiro.

Faleceu em Salvador (BA), aos 30 de outubro de 1942.

Bibliografia: *Temas e Variações* (poes.), Salvador, 1884; *Simplex Histórias* (contos), 1886; *Uma Família Baiana* (rom.), Salvador (BA), 1888; *Melo Morais Filho* (estudo bibliográfico), 1889; *Insulares* (1885-1895), (poes.), Salvador, “Diário da Bahia”, 1896; *Boto & C.* (rom.), Salvador (BA), 1897; *Jana & Joel* (rom.), 1899; *Holocausto* (rom.), Rio de Janeiro, H.Garnier, 1900; *Pindorama* (rom.), Salvador (BA), 1900; *Praieiros* (*Maria Rosa* e *O Arpoador*) (novela), Salvador (BA), 1902; *O Sargento Pedro* (rom.), 1902; *Vida de Castro Alves* (biogr.), Salvador (BA), 1911, com 2.^a edição em 1924; *A Arte de Escrever* (Teoria do estilo), Rio de Janeiro, F. Alves, 1913; *Dois Filósofos Brasileiros* (ens.), S. Paulo, 1916; *A Boa Madrasta* (rom.), Rio de Janeiro, Castilho, 1919; *A Cidade Encantada* (contos), Salvador (BA), Catilina, 1919; *Parecer* S.Paulo, “Diário Oficial” 1921; *O Feiticeiro* (reedição de *Boto & C.*), Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922; *A Noiva do Golfinho* (novela); *Ensaio Histórico Sobre a Independência*, Rio de Janeiro, F. Alves, 1924; *As*

Voltas da Estrada (rom.), Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1931; *Letras Acadêmicas* (ens.), Rio de Janeiro, Renascença, 1933; *Cultura da Língua Nacional*, (fil.), Salvador (BA), 1933; *Terras Mortas* (contos), Rio de Janeiro, José Olympio, 1936; *Ensaaios* (publ. póst.) Rio de Janeiro, ABL, 1944, 2 vols.

2.º SUCESSOR: MENOTTI DEL PICCHIA – Poeta, cronista, ensaísta, romancista, jornalista, redator, tabelião, político.

Paulo Menotti Del Picchia, filho de Luís Del Picchia e d. Corina Del Picchia, nasceu em São Paulo, SP, aos 20 de março de 1892. Fez os estudos ginasiais em Campinas (SP), e bacharelou-se em Ciências e Letras em Pouso Alegre (MG), onde fundou o jornal *O Mandu*. Cursou, ainda, a Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Durante o curso escreveu seus primeiros versos, publicados em 1913, com o título de *Poemas do vício e da virtude*, pela revista “A Vida Moderna”. Em Itapira (SP), advogou e foi agricultor. Também aí, dirigiu o jornal *Cidade de Itapira*, fundou o jornal político *O Grito*, e escreveu os poemas *Juca Mulato*, publicado nessa cidade, em 1917, e *Moisés* (poema bíblico), publicado em São Paulo no mesmo ano.

Muda-se para Santos (SP), e dirige *A Tribuna*. Retorna a São Paulo e assume as funções de diretor e redator principal de vários jornais, entre os quais, *A Gazeta*, *Correio Paulistano* e *O Anbanguera*. Funda o jornal *A Noite*, edição paulista, e torna-se proprietário da *União Jornalística Brasileira*, das revistas *A Cigarra* e *Nossa Revista*. Com Cassiano Ricardo (1895-1974), dirige os mensários em rotogravura *São Paulo* e *Brasil Novo*. Dirigiu, ainda, o semanário *O Planalto* e a revista *O Papel*. Colaborou por vários anos no *Diário da*

Noite, acobertado pelo pseudônimo “Helios”. Foi participante ativo do movimento “Semana de Arte Moderna”. Foi o primeiro diretor do Monte Socorro do Estado de São Paulo, e primeiro diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado de São Paulo; deputado estadual em duas legislaturas; membro da Constituinte do Estado; tabelião do 20.º Ofício da Capital paulistana; Deputado Federal pelo Estado de São Paulo em três legislaturas.

Na Academia Paulista de Letras foi eleito em substituição a José Feliciano de Oliveira (1868-1962), ocupando a cadeira n.º 40, que tem como patrono José Bonifácio, o Patriarca (1763-1838).

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1.º de abril de 1943, foi recebido em 20 de dezembro do mesmo ano, por Cassiano Ricardo. Recebeu Luís Viana Filho (1908-1990) em 15 de abril de 1955.

Faleceu em São Paulo, capital, aos 23 de agosto de 1988.

Bibliografia: *Poemas do Vício e da Virtude*, S. Paulo, “A Vida Moderna 1913; *Moisés* (poema bíblico), S.Paulo, “Revista dos Tribunais”, 1917; *Juca Mulato* (poema), Itapira (SP), Casa Paladini, 1917; *Flama e Argila* (rom.), S.Paulo, “O Livro”, 1920; *Máscaras* (poema), S.Paulo, Tip. Piratininga, 1920; *O Pão de Moloch* (crôn.), S.Paulo, Tip. Piratininga, 1921; *Lais* (rom.), S.Paulo, Casa Mayença, 1921; *A Angústia de Dom João* (poes.), S.Paulo, Casa Mayença, 1922; 2.ª edição S.Paulo, Monteiro Lobato, 1925; *O Homem e a Morte* (tragédia cerebral), S.Paulo, Monteiro Lobato, 1922; *A Mulher que Pecou* (novela), S.Paulo, Monteiro Lobato, 1922; *Dente de Ouro* (rom.), S. Paulo, Monteiro Lobato, 1923; *O Nariz de Cleópatra* (crôn.), S.Paulo, Monteiro Lobato, 1923; *O Crime Daquela Noite...* (novela), S. Paulo, Monteiro Lobato, 1924; *Chuva de Pedras* (poes.), S.Paulo,

Ed. Hélios, 1925; *O Amor de Dulcineia* (poema), S.Paulo, C.E.N., 1926; *A Outra Perna do Saci* (conf.), S.Paulo, “Bons Livros’ 1926; *Toda Nua* (contos), S.Paulo, 168 p.; *O Curupira e o Carão* (ens.), em colaboração com Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, S.Paulo, Ed. Hélios, 1927; *Poemas de Amor*, S.Paulo, C.E.N., 1927, 60 p.; *República dos Estados Unidos do Brasil* (poemas), S.Paulo, Ed. Hélios, 1928; *Tesouro de Cavendish* (rom. hist.), em colaboração com Alfredo Ellis Júnior, S. Paulo, C.E.N., 1928; *O Governo Júlio Prestes e o Ensino Primário* (disc.), S.Paulo, Edição do Autor, 1930; *A República 3.000*, S.Paulo, 1930; *A Revolução Paulista*, S.Paulo, 1932; *A Tormenta* (rom.), S.Paulo, 1932; *O Despertar de São Paulo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933; *Jesus* (trag. sacra), S.Paulo, 1933; *Pelo Divórcio* (ens.), S.Paulo, Tip. Piratininga, 1933; *Poemas*, S.Paulo, C.E.N., 188 p.; *Soluções Nacionais*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1935; *Bandeira* (ens.), S.Paulo, ed. do autor, 1936, 12 p.; *Kalum, o Mistério do Sertão* (rom.), Porto Alegre (RS), Globo, 1936; *Recepção na Academia Paulista Letras* (disc.), S.Paulo, “Revista dos Tribunais”, 1936; *Cummunká* (rom.), Rio de Janeiro, José Olympio, 1938; *Salomé* (rom.), S.Paulo, “Revista dos Tribunais”, 1940; *Contos*, Rio de Janeiro, “A Noite”, 1946; *Novelas*, Rio de Janeiro, “A Noite”, 1946; *Poemas*, Rio de Janeiro, “A Noite”, 1946; *A Filha do Inca* (rom.), S.Paulo, Saraiva, 1949; *Recepção na Academia Brasileira de Letras* (disc.), S.Paulo, 1944; *Panorama do Romance Brasileiro* (aula), S.Paulo, 36 p.; *Miguel Osório* (disc.), 1956; *L’Amore di Dulcinea* (trad.), S.Paulo, 1956, 32 p.; *O Árbitro e outros Contos*, S.Paulo, Martins, 1958; *Poesias – Seleção*, S.Paulo, Martins, 1958. Em 1958 a Livraria Martins Editora, de S.Paulo, reeditou a obra de Menotti Del Picchia. *Sob o Signo de Polínia* (ens.), Rio de Janeiro, Dep. de Imprensa Nacional, 1959; *O Nacionalismo e a “Semana de Arte Moderna”* (disc.), Brasília, DF, 1962; *Assis Chateaubriand e Sua Obra* (disc.), Famalicão, Portugal, 1967, 16 p.; *Depoimento – O Homem*

e a Morte – A Outra Perna do Saci, S. Paulo, Martins, 1968; *O Deus Sem Rosto* (poes.), S.Paulo, Martins, 1968; *A Longa Viagem – 1.ª Etapa* (mem.), S.Paulo, Martins, 1970; *A Longa Viagem – 2.ª Etapa* (mem.), S.Paulo, Martins, 1972; *A Fronteira* (drama), S.Paulo, ed. da A.P.L., 1973; *Seleção em Prosa e Verso* (Antologia), Rio de Janeiro, José Olympio, 1974; *Entardecer* (poes.), S.Paulo, Círculo do Livro, 1978. Edições sem data: *João Peralta e o Pé de Moleque no País das Formigas* (lit. inf. juv.), S.Paulo, Melhoramentos, 116 p.; *Kalum, o Sangrento* (rom.), S.Paulo, “Gazeta”, 112. p.; *A Tragédia de Zilda* (rom.), S.Paulo, C.E.N., 194 p.

3.º SUCESSOR: OSCAR DIAS CORRÊA – Político, Ministro de Estado, Professor universitário, romancista, conferencista, contista.

Oscar Dias Corrêa filho de Manuel Dias Corrêa e d. Maria da Fonseca Corrêa nasceu em Itaúna (MG), em 1.º de fevereiro de 1921. Fez o curso primário no Grupo Escolar Dr. Augusto Gonçalves, na cidade natal; o ginásial no Ginásio Mineiro (hoje Colégio Estadual) de Belo Horizonte. Em 1935, ganhou concurso de oratória com discurso sobre “A paz no Chaco” (publicado no jornal *Minas Gerais*, Belo Horizonte, de 29 de agosto de 1935). Após o curso pré-jurídico, fez o de bacharelado na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (hoje UFMG); sai vitorioso no Concurso Nacional de Monografias e no Concurso Nacional de Oratória, promovidos, em 1943 pelo Instituto dos Advogados do Brasil.

Em 1946, é nomeado Oficial de Gabinete do Secretário de Finanças do Estado de Minas Gerais. Em 1947, eleito, assume o mandato de deputado à Assembleia Legislativa do Estado,

reelegendo-se para a legislatura seguinte (1951-1955). Em seu último ano de mandato é eleito deputado federal, sendo reeleito nas legislaturas de 1959-1963 e 1963-1967. Em 1989 é nomeado Ministro de Estado da Justiça do Governo José Sarney.

No magistério foi professor catedrático de Economia da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (hoje UFMG), em 1951. Em 1957, professor catedrático de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, interino desde 1968, e efetivado em 1971, onde foi vice-diretor (1971-1976), e diretor (1976-1980) da Faculdade de Direito da UERJ. Em 1999 foi inaugurada aí, uma sala com o seu nome.

Na magistratura, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, em 1982.

Pertenceu a várias instituições culturais do país.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 6 de abril de 1989, foi recebido em 20 de julho do mesmo ano, pelo seu coestaduanu Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), ocupante da cadeira n.º 25.

Oscar Dias Corrêa faleceu a cidade do Rio de Janeiro (RJ), aos 30 de novembro de 2005.

Bibliografia: *Aspectos da Racionalização Econômica*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1949; *Economia Política*. Introdução. Conceitos Fundamentais, Belo Horizonte, 1951; *Introdução Crítica à Economia Política*, Rio de Janeiro, Forense, 1957; *Economia Política*. Tradução de *Économie politique*, de Henri Guitton, Rio de Janeiro, 1959, 4 vols.;

Brasília (rom.), Rio de Janeiro, Record, 1968; *A Constituição de 1967. Contribuição Crítica*, Rio de Janeiro, Forense, 1969; *A Constituição da República Federativa do Brasil – Texto da EC I/69 com observações e notas*, Rio de Janeiro, Editora Alba, 1970; *A Defesa do Estado de Direito e a Emergência Constitucional*, Rio de Janeiro, Presença, 1980; *De Beca, Borla e Capelo – Perfis* (em colaboração com Nicola Falabella), Belo Horizonte, Editora Comunicação; *Vultos e Retratos* (coletânea de discursos acadêmicos e conferências sobre vários autores), Brasília, DF, Gráfica do Senado, 1986; *A Crise da Constituição, a Constituinte e o Supremo Tribunal Federal*, S.Paulo, Revista dos Tribunais, 1986; *O Supremo Tribunal Federal, Corte Constitucional do Brasil*, Rio de Janeiro, Forense, 1987; *Manuel Dias Corrêa Um Brasileiro Nascido em Portugal*, Rio de Janeiro, Forense, 1987; *Vozes de Minas* (Ensaio sobre Bilac Pinto, Haroldo Valladão e Milton Campos), Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988; *Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras* (Manoel Antônio de Almeida, Inglês de Sousa, Xavier Marques e Menotti del Picchia), Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990; *A Constituição de 1988. Contribuição Crítica*, Rio de Janeiro, Forense, 1991; *O Sistema Político-econômico do Futuro: o Societarismo*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1994; *Poemas* (com Geraldo Vidigal, Ives Gandra, Miguel Reale e Saulo Ramos), São Paulo, Editora LTr, 1995 (pp. 79-III); “A influência da Constituição Portuguesa na Constituição Brasileira de 1988”. In *Perspectivas Constitucionais. 20 anos da Constituição portuguesa de 1976*. Coimbra Editora, 1997; *Dois Visões da Política Mineira. Depoimento* (com outros), Belo Horizonte, BDMG Cultural, 1997; *Meus Versos dos Outros – Tradução de poetas italianos*, Rio de Janeiro, ABL, 1999; *Memórias Políticas* (Coleção de Memórias), 2000, 2 vols.; *Quase Ficção* (contos), Rio de Janeiro, ABL, 2003; *Viagem com Dante*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

4.º SUCESSOR: DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Professor catedrático, poeta, crítico literário, ensaísta.

Domício Proença Filho, nasceu no Rio de Janeiro, aos 25 de janeiro de 1936. Filho do enfermeiro Domício Proença e da funcionária pública federal Maria de Lourdes Proença.

Viveu sua infância e adolescência na Ilha de Paquetá, onde fez o curso primário na Escola Joaquim Manuel de Macedo. O curso ginásial e o clássico, no Colégio Pedro II – Internato. Em 1957, torna-se bacharel e licenciado em Letras Neolatinas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com curso de especialização em Língua e Literatura Espanhola (1958). É Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (1974). Na Faculdade de Ciências e Letras Santa Úrsula, foi Professor de Língua e Literatura Espanhola (1960-1964); de Didática Especial de Espanhol (1960-1964); de Literatura Hispano-Americana (1960-1964); de Língua Portuguesa (1964-1971); de Didática da Língua Portuguesa (1964-1971). Na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Professor de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa no Curso de Jornalismo (1964-1968). No Colégio Pedro II: Professor de Português e de Espanhol (1957-1971). Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Professor de Literatura Brasileira (1964-1968). No Colégio Andrews: Professor de Literatura Brasileira (1970-1986). Na Universidade de Colônia, Alemanha: Professor Titular Convidado (*gastprofessor*) – Literatura Brasileira (1972). Na Universidade de Tübingen, Alemanha: Professor Titular Convidado (*gastprofessor*) – Literatura Brasileira, 2001.

Foi Secretário Geral do Conselho Estadual de Cultura do antigo Estado da Guanabara (1968-1972); Assistente do Secretário de Estado de Educação do antigo Estado da Guanabara (1972-1975); Assistente do Diretor do Departamento Geral de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1975-1979); Subsecretário Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1979-1981).

Pertence a diversas instituições culturais e acumula vários prêmios e distinções por serviços prestados à Cultura, à Educação e à Literatura.

Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 23 de março de 2005 e recebido em 28 de julho de 2006, por Evanildo Bechara.

Bibliografia: *Estilos de Época na Literatura – Através dos textos comentados (parad.)*, Rio de Janeiro, Edix Gráf. 1967; *Manual de Estilo da Enciclopédia Século XX* (circulação interna), 1969; *Português*, Rio de Janeiro, Liceu, 1969-1970, 4 vols.; *Língua Portuguesa, Literatura Nacional e a Reforma do Ensino*, Rio de Janeiro, Liceu, 1974; *Um Romance de Adonias Filho (Uma leitura de Corpo Vivo)*. Tese de Livre-Docência Rio de Janeiro, 1974 (mimeo).; *Português e Literatura*, Rio de Janeiro, Liceu, 1974; *Comunicação em Português*, S. Paulo, Ática, 1979, 4 vols.; *O Cerco Agreste* (poes.), Belo Horizonte, Comunicação 1979; *Dionísio Esfarelado (Quilombo dos Palmares)*, Rio de Janeiro, Achiamé 1984; *Oratório dos Inconfidentes* (FACES do Verbo), Rio de Janeiro, Leo Christiano Ed. 1989; *Breves Estórias de Vera Cruz das Almas*, Rio de Janeiro, Fractal, 1991; *Estórias da Mitologia – O Cotidiano dos Deuses*, Rio de Janeiro, Leviatã, 1995; *Capitu – Memórias Póstumas* (rom.), Rio de Janeiro, Artium, 1998; *A Linguagem Literária* (paradidática) S.Paulo,

Ática, 1999; *Pós-Modernismo e Literatura* (paradidática), S.Paulo, Ática, 1998; *Eu, Zeus*. Narrativa ficcional, S.Paulo, Global, 2000; *Nós, as Deusas do Olimpo*, S.Paulo, Global, 2000; *Os Deuses, menos o Pai*, S.Paulo, Global, 2000; *Noções de Gramática da Língua Portuguesa*, S.Paulo, Editora do Brasil, 2003; *Por Dentro das Palavras da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 2003; *Língua Portuguesa, Comunicação, Cultura*, S.Paulo, Editora do Brasil, 2004, 4 vols.; *Estórias da Mitologia I. Eu, Zeus, o senhor do Olimpo* (que os romanos chamam Júpiter), S.Paulo, Global, 2005; *Capitù. – Mémoire posthume*, 2006.